

O Caso Da Avenida Paulista

Alfredo Tadeu

2013

PRÓLOGO

Mais um dia de trabalho estava encerrado. Tinha sido um dia muito movimentado.

Dezenove horas. Estava mais que na hora de pôr um ponto final naquele dia estafante, ir em busca de uma choperia e deixar a deliciosa e refrescante cerveja descer pela garganta e esquecer-se dos problemas daquele dia e da semana. E o dia seguinte era Sábado... Prenúncio de um belo e gostoso final de semana. Apenas mais um telefonema e a noite estaria aguardando. Também, Marlene não iria recusar-se a tomar uma cerveja e deleitar-se com as delícias servidas na 'Choperia Cabana', principalmente, o seu prato predileto: frutos do mar.

Nessa noite, só queria companhia feminina, e bem podia ser Marlene, ou a beleza fugaz de Cristina, que apesar de ser uma chata daria para quebrar a rotina.

Telefonema feito, encontro marcado. Marlene era uma graça e excelente companhia, muito culta e inteligente, congratulou-se.

Naquele momento não tinha nem cabeça para pensar no lar nem em Elaine, mesmo que depois batesse um pequeno sentimento de culpa, coisa que logo passava. Amava Elaine. Estavam juntos há dezoito anos e foi com ela que iniciou uma nova vida que os presenteou com um lindo casal de filhos: Carla, peralta com seus doze anos. O que será quando chegar aos

dezoito? É bom nem pensar! - questionou-se. Mais calmo é o Pedro, creio que é por ser o segundo e estar com sete anos. Um lindo casal... Bem, não posso deixar a minha consciência me sabotar nesta noite, determinou-se. Seria apenas um encontro rápido com Marlene e, logo, estaria em casa. Sabia que só veria os filhos no sábado, pois, quando chegasse em casa ambos já estariam dormindo.

Marlene estava radiante. Entrou na choperia. Cabeça erguida, olhos atentos procuravam o seu par. Que se alegrou ao vê-la buscando-o; e deixou que ela continuasse assim por uns momentos. Na verdade, isso o fazia sentir-se um adolescente, apesar dos seus quarenta e oito anos, a completar dali a dez dias. A beleza e a juventude de Marlene injetavam-lhe vida nova. Aquele corpo bronzeado, com formas bem delineadas, bem distribuídos em 1,70m de altura, dentro de um justo vestido do tipo tubinho, com os seios a saltarem protuberantes, rígidos e bem formados e rosto emoldurado por cabelos castanhos claros que lhe caíam até aos ombros. Aqueles vinte e três anos fizeram-no esquecer imediatamente todos os revezes da semana e aquele dia estafante. É, vale a pena investir em Marlene, mesmo que seja por poucas horas... - justificou-se E ela estava ali para a sua satisfação. Era o que importava. Dizem que a vida é curta e somente se começa a vivê-la após os quarenta. Se assim é, eu estou na fase infantil, com o conhecimento do adulto. Ora, tenho de aproveitar...

Eram vinte e duas horas quando deixaram o local. Mas iriam passar pelo apartamento dela e gozar o resto da noite.

Meia noite. Satisfeito com a noitada e consigo mesmo, deixou o ninho da bela Marlene. Sabia que estaria em casa lá pela uma hora da manhã. A estrada estaria livre e a bela e tumultuada cidade de São Paulo, ficaria para segunda-feira.

Ao entrar no carro ainda podia sentir o toque de Marlene, seu perfume suave, sua risada gostosa e discreta. Mas tinha que voltar à realidade. Sabia que em casa não havia preocupação, pois, no mínimo, uma vez por semana e normalmente às sextas-feiras, faziam um *happy hour*; e depois, estava dentro do horário.

Seguiu pelas ruas com cautela redobrada. São Paulo é extremamente perigosa à noite. Pior, naquele horário: meia noite e dez. Ninguém respeita semáforo. Se está verde deve-se ter mais cautela, pois outro pode cruzar o vermelho com uma velocidade muito maior do que aquela com que se cruza o verde. Um

verdadeiro pânico de assalto dominava os cidadãos. Lembrou-se de Maurício, coisa incrível!

Assaltado por duas vezes e no mesmo lugar... Com seus pensamentos a flutuarem entrou na Avenida Paulista; vinha da Vila Mariana, pegou a faixa em direção à Rua da Consolação. Parou no vermelho. Deu uma olhada sobre o prédio do MASP, à sua direita, admirando-lhe o belo estilo arquitetônico.

Perdido em suas divagações, descuidado... Ouviram-se dois estampidos. Semáforo ainda estava vermelho. Súbito, sentiu a cabeça queimar, estourar. Presentiu em si a morte. Sabia que havia chegado o fim. Não conseguia entender, sua consciência estava indo, indo... A agonia dominou-o. Ainda percebeu que o carro guinou, pulou alguma coisa. Queria falar. Não conseguia. Ouvia as pessoas dizerem “já está morto...” Mas não entendia, sentia-se ir...

Capítulo I

Elaine acordou em sobressalto. A campainha do telefone era irritante e assustadora. O relógio digital marcava três e trinta e cinco da manhã. Moveu-se instintivamente para o lado buscando o marido... O seu coração quase paralisou.

Estava só... O telefone tocava freneticamente, o som amplificado no silêncio da madrugada. Más notícias atravessaram seu cérebro em frações de segundo. Mesmo sem querer crer no pior, com as mãos trêmulas pegou o aparelho telefônico.

– Alô!

Do outro lado, uma voz feminina respondeu, questionando: - Por gentileza, é da casa do senhor Roberto Souza Aguiar?

– Sim! - respondeu Elaine. - Sou a esposa dele. Com quem estou falando? O que aconteceu com Roberto?

– Dona Elaine – ouviu do outro lado a voz feminina, calma e firme -, aqui é do Hospital das Clínicas. Do Pronto Socorro. Seu marido sofreu um sério acidente.

Encontramos seu telefone nos documentos pessoais dele. Necessitamos, com urgência, da sua presença.

A respiração tornou-se ofegante, não conseguia articular uma palavra sequer.

Conseguiu sentar-se na pequena poltrona que ficava ao lado do aparelho de telefone. Ela sentiu as forças lhe fugirem. Foi tomada de uma tontura, a angústia parecia querer destruí-la e levá-la dali como em um passe de mágica. A sala parecia estar rodando a sua volta.

Do outro lado, a voz insistia: - Alô? Alô?... Dona Elaine, a senhora está me ouvindo? A senhora está bem? Por favor, responda?

Elaine, esboçando uma reação, finalmente conseguiu responder: - Sim... Estou ouvindo.

Sua respiração era tão ofegante que até do outro lado da linha podia ser ouvida. E, desse lado, aquela voz tentou confortá-la; era alguém com experiência nesse tipo de relações públicas. Algo que ninguém gosta de fazer, mas que tem de ser.

Foram minutos de espanto, tensão. Meio recuperada, Elaine tentou de todas as maneiras saber do estado de seu marido e como foi que ocorreu o acidente. Porém, a sua interlocutora tinha ordens expressas de não adiantar nada ao telefone, os parentes mais próximos tinham que se dirigir ao local para obterem as demais informações. Era praxe. O hospital evitava um mal maior para os parentes com o choque de informações brutais. Elaine tomou nota do endereço e do nome com quem deveria falar e adiantou que iria ligar para amigos para que a acompanhassem.

– E vou demorar mais de uma hora para chegar, pois, há mais de treze anos que deixei São Paulo para residir no interior! - avisou.

O silêncio tomou conta da casa.

Ainda em estado de choque, levantou-se e foi em direção à cozinha. Encheu de água um copo grande e sorveu o líquido como se fosse um bálsamo para a dor que sentia, que lhe percorria a alma. Não tinha ferimento algum no corpo, mas a sua alma parecia ter recebido um golpe bem fundo. A incerteza sobre o que havia ocorrido com Roberto piorava a situação a cada instante que passava. Em seu pensamento as interrogações eram tantas e tamanhas que pareciam implodir. ‘Estará Roberto morto? Estará ferido e corre risco de vida? Como foi o acidente? Mas, o que aconteceu, mesmo?’... Parecia enlouquecer. E irritou-se com a pessoa que lhe transmitiu a notícia. ‘Ora, por que ela não me disse tudo?!’ Ao menos o sofrimento não seria tão lancinante, tão feroz. Como é difícil a incerteza de alguma coisa, principalmente de um ente querido.

Elaine queria acreditar que o assunto não era tão grave e que em breve Roberto estaria em casa. ‘Deve ser um procedimento padrão do Hospital’, opinou para si mesma, já movida por pensamentos mais positivos. Mais refeita do choque pensou: ‘Marcos pode me acompanhar! E pegou o telefone, pensando ainda, ‘...E Cleuza, pode ficar com Carla e Pedro’.

Os segundos que se passaram da discagem até que Marcos atendeu o telefone foram angustiantes. Instantes em que o tempo parece que não passa e os segundos transformam-se em minutos e os minutos em horas.

Ele atendeu com a voz pastosa, sonolenta. ‘Que aconteceu?!’, questionou-se.

Faltavam dez minutos para as quatro horas da manhã. Marcos ouviu o relato e prontificou-se a atendê-la.

Elaine, como que um robô, dirigiu-se ao quarto das crianças. Dormiam o sono dos inocentes. A beleza da vida na flor da idade. A paz invadiu Elaine ao ouvir a respiração serena dos seus filhos, que viviam um universo alheio à triste realidade exterior.

Os sons que o silêncio nos oferece em situações tão estranhas, como o sufoco da angústia do não saber o que se passa com quem amamos, são tão sublimes que sejam a pacificar o espírito.

Quase de um pulo, Elaine foi para o seu quarto e buscou desordenadamente algumas peças de roupa. 'Em alguns minutos Marcos e Cleuza chegam aqui', pensou. Teria que se aprontar o mais brevemente possível. Quis acordar os filhos, mas desistiu da idéia. De que adiantaria acordá-los? Nada iria mudar aquela situação. Optou por deixá-los dormindo. Cleuza tomaria conta deles e lhes daria a notícia mais isenta de emoção ou, até mesmo, já estaria de volta quando acordassem. Era sábado e não tinham aulas, por isso acordavam mais tarde, geralmente por volta das nove e trinta, ou dez horas. Questionou-se quanto ao tempo que levaria para chegar em São Paulo. Saindo às quatro da manhã deveria estar no hospital por volta das cinco horas e, para resolver o ocorrido, não demoraria mais de uma ou duas horas; portanto, poderia ser que estivesse de volta bem antes e, aí, encontraria os filhos ainda dormindo. Quando entrou no carro de Marcos, Elaine deixou a esposa dele, Cleuza, tomando conta da casa e de Carla e Pedro.

A cabeça de Elaine experimentava um verdadeiro tormento. Os pensamentos estavam desordenados. Não obedeciam ao comando e trafegavam em velocidade incompatível com a que a sua natureza estava acostumada. Era um torvelinho, mas conseguiu dizer:

– Marcos, por favor, ligue este carro e vamo-nos com urgência.

Marcos, compreensivo, olhou-a e aconselhou: - Elaine, procure acalmar-se, nós já estamos em movimento!

Foi quando a realidade tomou conta dos pensamentos de Elaine. Vivia um momento muito delicado. Não se conteve: o chorou irrompeu, lavou-lhe o rosto.

Um choro convulsivo, desesperador. A realidade foi entrando sem pedir licença, sem aviso, sem prudência, foi invadindo a intimidade daquela mulher fragilizada.

Realidade dura e cruel. Com o veículo voando no asfalto, o choro e os soluços foram diminuindo na velocidade contrária, lentamente. Finalmente, aquietou-se. O velocímetro do carro marcava cento e sessenta quilômetros por hora. A estrada estava vazia.

A madrugada era iluminada por uma lua cheia que invadia o interior do veículo.

O tempo, a hora, o dia, o que interessa isso neste instante?! Sobressaltou-se Elaine, de volta à realidade.

– Marcos, por favor – disse -, diminua a velocidade. Já ocorreu um acidente com Roberto, não sabemos o que de verdade aconteceu, e de nada adianta estarmos viajando a uma velocidade destas. Por favor, Marcos, vamos mais devagar...

O amigo aliviou o pé do acelerador e o veículo passou a rodar mais suavemente.

Marcos estava habituado a dirigir pela Rodovia Castelo Branco, considerada por ele como uma rodovia segura, além de que contava com três pistas de mão única e, regra geral, principalmente quando vazia e desprovida dos vigilantes da estrada, e seus radares escondidos, podia desenvolver com segurança aquela velocidade; dirigia um ‘Audi’, que é tido como um dos carros mais seguros, entre os importados. Mas a situação era delicada e achou por bem dar ouvidos à amiga.

Olhou para o lado e viu Elaine de olhos fechados, a cabeça confortavelmente no encosto, em repouso. Notou que a sua respiração já estava voltando à normalidade.

Pensou em dizer alguma coisa, mas instintivamente resolveu calar-se. De que adiantariam as palavras? Nem ao menos saberia o que falar naquele momento. Tudo era incerteza, incógnita. Sabia-se e tinha-se a certeza que Roberto havia sofrido um grave acidente e encontrava no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas. Nada mais.

Então, restava-lhes esperar.

O silêncio instalou-se no veículo. Prenúncio de más notícias?...

Os ponteiros do relógio marcavam cinco horas e cinco minutos da manhã quando o ‘Audi’ entrou no estacionamento do Pronto Socorro.

Elaine desceu rapidamente do veículo e Marcos gritou: - Elaine, espere!. Deixe-me acompanhá-la.

Ela aguardou que ele terminasse de fechar a porta do carro e, juntos, dirigiu-se a uma das portarias do hospital. Após o breve relato de um atendente na recepção, seguiram para uma das salas de atendimento a urgências no Pronto Socorro.

Seguiram por um calçamento ladeado de flores de jardins e um belo gramado verdejante, que parecia muito mais bonito à luz da lua. Um tranqüilizante natural.

Um verdadeiro presente de Deus às almas humanas que ali estavam em busca de informações sobre entes mui queridos. Ali, definitivamente, não era um lugar de risos e de alegria, como não o é qualquer hospital: a dor e a angústia têm ali moradia efêmera, ou não. Elaine deixou os pensamentos vagarem sobre aquele cenário, buscando instintivamente um reconforto, como que um freio para a ansiedade que crescia a cada segundo. Aquele pequeno trecho parecia muito mais longo do que era... E o tempo parecia parado, os passos não progrediam. Elaine agarrou-se ao braço de Marcos. Buscava agora o ombro amigo. Seu corpo estava trêmulo, suas mãos tremiam e transpiravam; o coração, inquieto, parecia quer saltar do corpo. Foi assim que adentraram aquele local bem iluminado, de paredes brancas, tentativa inútil de transmitir paz.

- Moça - falou ela com voz indecisa, para a atendente -, por favor, eu quero informação sobre o meu marido... O nome dele é Roberto Souza de Aguiar. Eu recebi um telefonema dizendo que deu entrada neste Pronto Socorro, que foi um acidente... - Elaine falava atropelando as palavras, nervosa, diante da aparente distância da funcionária. E continuou: - Moça, eu sou a esposa dele! Por favor, preciso saber a seu respeito.

A atendente, que estava ao telefone, limitou-se a olhar para Elaine e seu companheiro com toda a calma, e limitou-se a fazer um gesto, o que os dois entenderam como 'aguardem um pouco'. A atendente parecia ser uma funcionária preparada, ou acostumada, às situações de emergência. Mas para Elaine, aquele gesto lhe pareceu uma provocação e um acinte. Pareceu-lhe que a moça a tratou com desprezo, algo incompatível para a função que exercia ali.

A alma de Elaine quase implodia. Logo a ira tomou conta daquela mulher que, com o coração nas mãos, queria saber do marido acidentado.

– Moça! – gritou, já histérica. - Você quer deixar esse telefone e me atender imediatamente! Eu vim até aqui há esta hora... Porque o hospital ligou para minha casa avisando que o meu marido havia sofrido um acidente e que havia sido internado aqui e, agora, você não quer me atender?

Marcos segurou o braço de Elaine, pedindo que ela se acalmasse. Logo depois a moça desligou o telefone. Com um largo e sincero sorriso, disse:

– Pois não senhora? A senhora me perdoe, é que estava atendendo a mãe de um garoto de quinze anos que sofreu um acidente de moto e acabou de falecer...

Tentava dar-lhe uma palavra de conforto. Sei que as pessoas que aqui vêm a esta hora somente o fazem por um motivo muito grave. Bem? Em que posso atendê-la ?

– Recebi um telefonema. - Falou Elaine, quase engolindo em seco. - A pessoa me disse que meu marido sofreu um acidente. O nome dele é Roberto Souza de Aguiar.

– Por gentileza, a senhora aguarde um momento. Vou verificar.

A atendente falou com alguém no telefone interno e retornou ao balcão. Estava com uma expressão séria, e disse: - Olhe, a senhora vai aguardar um momento que a doutora Sílvia, médica plantonista responsável por este turno, já estará aqui para atendê-la.

Elaine empalideceu...

Olhou para Marcos, que lhe estendeu o braço; dirigiram-se as poltronas ao lado e sentaram-se. Marcos, que até então nada falara sobre o assunto, buscando conforto para si e mais no intuito de confortar a sua amiga, arriscou:

– Elaine, talvez não seja o pior, pois caso fosse a atendente já nos teria dito e não seria necessário sermos atendidos por essa médica!

– Ora, vamos aguardar. Já estamos aqui. Espero que você tenha razão.

Novamente o silêncio se fez presente entre ambos. Um silêncio somente quebrado pelo abrir e fechar de portas e pelo toque do telefone, e este, chegava a ser irritante.

Elaine, conseguindo pensar naquele ambiente, chegou a sentir-se culpada por ter gritado com a atendente. Observou a sua movimentação para atender as chamadas em meio ao som de sirenes e de macas adentrando no corredor, de pessoas chegando

apressadas, de choro, choro e gemidos. Meu Deus! Quanta dor e quanta tragédia devem existir neste mundo hospitalar... Este não é o meu mundo. Só conheço aquele da felicidade em que dei à luz Carla e Pedro. Esta é outra situação, outra realidade. Podia ver a dor no rosto das pessoas. Podia ver a preocupação das enfermeiras, médicos. Dor. Muita dor. Os seus pensamentos foram interrompidos pela entrada de uma mulher, aparentando trinta ou trinta e cinco anos, cabelos negros em corte *Chanel*, não mais do que um metro e sessenta e cinco, rosto sério e compenetrado. O coração de Elaine bateu mais forte quando aquela figura feminina, vestida com um conjunto de blusa e saia impecavelmente branco, com uma voz suave, mas segura, perguntou à atendente: - Quem é a esposa de Roberto Souza de

Aguiar?

- Doutora Sílvia?! - adiantou-se Elaine a resposta dela.

- Sim.

- Eu sou a esposa de Roberto. Meu nome é Elaine e este é um amigo nosso,

Marcos. O que ocorreu com meu marido?

- A senhora pode me acompanhar até à minha sala? Precisamos conversar - disse a médica apontado para uma porta.

Marcos sentiu a pressão da mão de Elaine. Percebeu, como ela, que o caso não era tão simples.

Apoiando o braço de Elaine no seu, Marcos fez com que seguissem a médica por um largo corredor até adentraram uma sala onde ela lhes pediu que se sentassem. A sala era pequena e desprovida de qualquer luxo ou beleza. A mesa da cor de imbuía e as cadeiras pretas destacavam-se naquele ambiente branco como a neve. Por um relógio na parede ficaram sabendo que faltavam dez minutos para as seis da manhã.

Elaine espantou-se, não tinha dado conta do tempo.

A plantonista sentou-se, retirou um estetoscópio que trazia pendurado no pescoço, deixou-o sobre a mesa e, colocando ambos os braços apoiados no tampo, entrelaçou as mãos.

- Elaine, infelizmente tenho que ir direto ao assunto - disse ela em tom ameno, mas decidido. - Seu marido foi atingido por dois tiros na cabeça, em um farol na Avenida Paulista, próximo ao prédio do MASP. Chegou a ser socorrido e deu entrada com vida. Quem ligou para a senhora fui eu. Porém, não poderia ter lhe adiantado nenhuma posição, pois até aquele momento ainda ele estava com vida. O seu marido entrou em morte cerebral às

quatro e meia da manhã e faleceu às cinco horas. Infelizmente, não foi possível salvar-lhe a vida.

Ela não podia ou não queria acreditar no que estava ouvindo. Olhou para Marcos, sentiu-se detida em si mesma, não conseguia pronunciar qualquer palavra.

– Hei! – A doutora Sílvia deu um pulo.

Elaine sentiu-se estátua de pedra. E desabou sobre Marcos...

– Precisamos de ajuda, doutora! – gritou Marcos, aflito.

A médica saiu correndo da sala, segundos depois voltou acompanhada de um enfermeiro. Ajudados por Marcos, colocaram Elaine sobre uma maca e levaram-na para uma sala de atendimento.

Quarenta minutos depois, ela sentava-se numa poltrona ao lado de Marcos.

Tinha ingerido um tranqüilizante. – Dentro de uns cinco ou dez minutos ela estará melhor! – avisou a plantonista. Passado o trauma inicial, Elaine pediu a Marcos que ligasse para sua casa e avisasse Cleuza sobre o ocorrido e que iriam demorar-se mais do que o previsto. Ele procurou o seu celular e ao tentar fazer a ligação o aparelho anunciou, insensível, que a carga da bateria estava baixa. – Ai...! – Ainda chegou a praguejar entredentes, para si mesmo. Na hora em que mais preciso me deixa na mão... - disse para si com aquela vontade de arremessar o aparelho contra a parede. O que não passou despercebido à doutora Sílvia, habituada que estava a conviver com estas situações-limite, e disse: - Por favor, me acompanhe. Use o telefone de minha sala. Basta apenas digitar o zero para obter linha direta. Após o senhor venha falar comigo para que seja possível tratar da remoção do corpo.

Procurarei ajudá-los no que for possível. Como é um caso de assassinato, o corpo será levado para o IML para que seja feita a devida autópsia. Ora, é bom avisar que a demora vai além do normal...!

Marcos ouviu-a e agradeceu a gentileza. Dirigiu-se à sala para telefonar.

Detestava ser o portador de más notícias. Sentia-se infeliz com a situação e, naquele instante, mais ainda: teria que contar sobre o ocorrido para a esposa. Mas era necessário. Teria que ficar por muitas horas ainda no local. O telefone foi mais longo do que ele esperava. Cleuza começou a chorar do outro lado da linha e, inutilmente, Marcos tentou acalmá-la. Até que teve que ser um

pouco rude com a esposa, dizendo-lhe que tinha que desligar, pois Elaine poderia estar precisando dele. Livrou-se daquele momento embaraçoso e difícil.

Ao retornar ao quarto onde Elaine descansava, deparou-se com dois homens, um estava dentro do quarto e o outro na porta, trancando completamente a passagem.

Percebeu que os homens não faziam parte do corpo clínico do hospital. O homem que estava à porta, media quase um metro e noventa e altura, trajava uma calça jeans, de porte atlético avantajado, camisa azul escura solta sobre a cintura, cabelos curtos e de uma cor que chegava ao tom avermelhado.

– Quem é o senhor? O que deseja aqui? – Quis o homenzarrão saber quando

Marcos pediu licença para entrar. Quase um interrogatório.

Quando ia responder, ouviu-se Elaine gritar do quarto: - É o meu amigo Marcos!

Ele está comigo!

Marcos ingressou no quarto, aí pôde observar melhor o outro homem que estava junto de Elaine. Trajava um terno cinza escuro, cinqüenta. Com um sorriso estampado, estendeu a mão:

– Bom dia! Eu sou o doutor Geraldo de Assis, delegado titular da 29ª DP, da região onde o ocorreu o atentado e, neste tipo de casos, nós temos um procedimento policial a seguir: tomamos conhecimento da presença de parentes do falecido. Por isso viemos ao encontro de dona Elaine, vamos elaborar o relatório final e gostaríamos da presença dela na delegacia.

Marcos, apertando a mão que lhe era estendida, mas descontente com a situação, disse:

– Doutor, esta é uma situação delicada para a minha amiga Elaine. E ela acabou de tomar um sedativo para reagir ao choque... Puxa, ela acabou de ficar viúva e os senhores já estão sobre ela pedindo a sua presença da delegacia para depor!?. O que isso vai mudar em relação ao fato de que seu marido está morto e que nada vai trazê-lo de volta à vida?!. Pelo amor de Deus, doutor, dê-nos um tempo para respirar no meio deste momento difícil... Temos que nos preocupar, doutor, com a liberação do corpo - e, aqui sim, vamos necessitar da vossa ajuda para uma liberação mais rápida. É que devemos levar o corpo para a cidade onde morava o falecido. Ele será enterrado lá e não aqui na Capital...

O delegado, um policial bem ambientado a tais circunstâncias e reações psicológicas, voltou-se para Marcos e, com voz calma, transmitindo confiança, adiantou:

– Não tem com o que se preocupar. Entendemos a situação. Estamos aqui para ajudá-los no que nos for possível. Alguém da família teria que comparecer à delegacia para efetuar a liberação do corpo. Como fomos informados que a esposa dele estava aqui, pensamos em até mesmo abreviar a situação. Ou seja: ela já seria ouvida e o corpo liberado. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Estamos vendo a situação de dona Elaine. Bom, façamos o seguinte: O senhor nos acompanha e, junto com a doutora Sílvia, que é minha amiga pessoal e me pediu a gentileza de auxiliá-los, vamos providenciar a liberação do corpo.

Marcos estava curioso sobre o que na verdade e de fato havia ocorrido, mas não queria pedir ao delegado, informação mais detalhada na frente de Elaine.

Aproveitando então a cordialidade do policial, demonstrou o desejo de tomar um café. Também, eram quase sete horas da manhã e estava em completo jejum.

Perguntou ao delegado onde tinha uma cantina mais próxima e convidou os dois homens para um cafezinho.

O delegado – “Ah, este aqui é o investigador Luiz, mais conhecido como Luizão” apresentou o delegado – e o investigador, seguiram Marcos na direção de uma cantina próxima do hospital. Elaine ficou aos cuidados de uma enfermeira.

Caminharam em silêncio até à cantina. Naquele horário poderiam escolher a mesa que desejassem, pois, a cantina estava vazia e as mesas aguardavam os fregueses, cada qual carregando a sua dor, a sua frustração, a sua angústia. Foram recebidos por uma garçonete, que os cumprimentou com um largo sorriso:

– Bom dia, doutor Geraldo! Há quanto tempo não o vejo...! O Senhor vai querer o cafezinho de sempre?

O delegado meneou a cabeça confirmando a pergunta da garçonete e Marcos fez também o seu pedido acompanhado de Luizão; sentaram-se numa mesa próxima a uma janela que dava para observar um lindo jardim sob os primeiros raios de sol.

A ansiedade não deixou Marcos sorver o primeiro gole de café, queria saber tudo.

E foi despejando perguntas, qual interrogatório. Foram invertidos os papéis com os policiais sendo interrogados.

– Delegado, por favor, me conte o que de fato ocorreu. Como Roberto foi morto?

O assassino já foi preso? A que horas aconteceu? E o carro de Roberto, onde está?

O que devemos fazer para liberar o veículo?

Marcos falava apressadamente quando o delegado levantando a mão esquerda, a palma da mão voltada para baixo, e a direita com seus dedos tocando a palma da mão esquerda, fez aquele gesto tradicional utilizado em jogos de basquete ou vôlei, que indica um pedido de tempo; e, além do gesto, foi dizendo: - Calma! Calma! Dá um tempo...

Marcos calou-se, ficou observando o rosto daquele homem, os seus cabelos grisalhos e um sorriso afável e cortês. O doutor Geraldo continuou:

– Meu amigo. Permita-me que o trate assim...

– ...Sim.

– Nós fomos acionados por volta da meia noite e meia. O telefonema foi anônimo e dava conta que um homem, dentro de um veículo ‘Vectra’ azul, modelo novo, havia sido baleado na Avenida Paulista, próximo ao Museu de Arte de São Paulo (MASP). Conhece o MASP? – quis saber o delegado, mas nem o deixou responder:

– É um prédio muito bonito e de uma arquitetura impressionante. Artistas plásticos e pintores do Brasil e do Mundo expõem as suas obras ali. É o que se pode considerar um dos belos pontos turísticos e centro cultural da cidade de São Paulo. Marcos, já começou a ficar impaciente. O cara deixou a história que lhe interessava e passou a descrever um museu. Ora, o que me interessa saber de um museu, nesta hora da manhã e neste momento delicado...?! Droga! - pensava. Um dos meus melhores amigos morto e este doutor da Polícia me falando das belezas do museu... Marcos insatisfeito interrompeu a divagação do policial: - Por gentileza, o senhor poderia voltar aos fatos do caso? A respeito do museu, creio, terei muito tempo para conhecê-lo. O que me interessa é o ocorrido com meu amigo Roberto.

– Desculpe, amigo! Eu posso parecer um pouco insensível, mas é que o MASP sempre me atrai, e quando começo a falar dele, esqueço tudo. Mil desculpas. Mas, vamos voltar ao que lhe interessa: - Eu e Luizão chegamos ao local, minutos após, e já estava lá uma viatura de resgate do corpo de Bombeiros. Os bombeiros já tinham prestado os primeiros socorros. Seu amigo

ainda estava vivo. Respirava com muita dificuldade. O veículo havia atravessado a avenida e subiu o calçamento com as duas rodas, mas sem bater ou causar prejuízos. Já havia uma grande aglomeração no local. Coisa comum numa situação como esta. Logo chamamos a equipe responsável pela perícia técnica e providenciamos o isolamento do local, precisávamos de evidências sobre o que, na verdade, tinha ocorrido. Seu amigo foi medicado e transportado para o Hospital das Clínicas naquela viatura do Corpo de Bombeiros.

Parando um pouco o assunto, o delegado deu vazão à sua forma peculiar de tratar as coisas e os seres. Era dele. Interrompia um assunto para chamar... Começou a contar a Marcos sobre a garra e dedicação dos homens que servem no Corpo de Bombeiros. “Acho até, meu amigo, que fiz a opção errada na vida!”, afirmou, dando a entender que deveria ter ido para a Corporação dos Bombeiros, mas, não gostava de usar fardas, e talvez isso o tenha impedido.

Marcos agitava-se na cadeira, irrequieto. Lá está o cara saindo do caso, outra vez, e agora com recalçamentos, desejos não realizados. Que tenho eu a ver com o seu sonho secreto de ser bombeiro?!... Eu também admiro os homens do Corpo de Bombeiros, gente que arrisca a própria vida para salvar outras vidas, e não sei se eu teria coragem para isso. E deu-se conta, espantado consigo mesmo, que acabara de entrar na ‘conversa’ dele!

– Doutor Geraldo – disse, quase fugindo de si mesmo -, a perícia chegou ao local antes ou depois de Roberto ser socorrido? O local foi fotografado?

– Sim! O pessoal da perícia estava próximo e chegou ao local, minutos após. Os bombeiros estavam fazendo os preparativos para tirá-lo do veículo quando os policiais da perícia técnica providenciaram várias fotos do local. Você poderá vê-las em breve, pois serão parte integrante do inquérito policial.

Marcos olhou para aqueles homens na sua frente, e, sem conter a indignação, esbravejou:

– Droga! Perder um amigo numa tentativa de assalto é um verdadeiro absurdo. Não é mais possível suportar tamanha violência. Eu e minha esposa, já deixamos a cidade de São Paulo e fomos para o interior para fugir desta violência urbana. Quando não se morre em acidente de trânsito, morre-se nas mãos de pivetes que ficam assaltando por migalhas, por causa de um

relógio, de uns trocados. E tudo isso para alimentar outra rede de crime, que é droga das drogas. Está impossível conviver em São Paulo. Confesso a vocês que eu não suportava mais este terror que nos cerca sem hora. Até mesmo para levar e buscar meus filhos da escola existia a preocupação. E até mesmo na garagem do prédio. É um absurdo. E os nossos governantes parecem insensíveis a tudo isto. É revoltante...

Marcos percebeu a troca de olhares entre o delegado e o investigador Luizão. Aí, parou de falar.

O seu pensamento alçou voou.

Estava acostumado a enfrentar grandes reuniões de negócios e para isso tinha desenvolvido uma habilidade muito peculiar, qual exímio jogador de cartas: reconhecia no rosto dos outros a menor mudança de comportamento. Nos negócios e nos jogos não havia muita diferença. Em jogo vale o dinheiro. Muito dinheiro.

Marcos percebeu a mudança facial do doutor Geraldo e a sutil troca de olhares entre ele e Luizão. Alguma coisa está errada, pensou.

Não teria sido uma tentativa de assalto? Estariam os policiais escondendo algum detalhe? Sabiam eles algo que parecia tão lógico e infelizmente tinha se tornado corriqueiro numa cidade como São Paulo, onde sempre se vê nos noticiários a morte de pessoas em semáforos, vítimas de tentativa de assalto? O que estaria ocorrendo?

Qual era a desconfiança dos policiais em relação a este caso? Será que a tensão a que tinha se submetido estaria atrapalhando os seus reflexos? Será que tinha mesmo visto a sutil mudança no rosto de ambos policiais?

Marcos não se conteve e questionou: - Foi tentativa de assalto ou não?

- Marcos! - disse Luizão, entrando na conversa. - Por enquanto tudo leva a crer que tenha sido uma tentativa de assalto, a vítima reagiu e foi baleada por duas vezes.

Bem, os senhores me desculpem. Mas não foi isso que vi em seus rostos. Creio que, com o devido respeito, os senhores estão me ocultando alguma coisa. - Colocou

Marcos as cartas na mesa.

- Olha, tudo o que dissermos a você agora será um dado vago, nada pode ser conclusivo a respeito do caso. Até o presente

o que temos em mãos é uma tentativa frustrada de assalto que terminou na morte de seu amigo! - Asseverou o grandalhão.

Sabia, em seu íntimo, que eles estavam escondendo alguma coisa ou tinham relevantes motivos para desconfiar que não havia sido apenas mais uma tentativa de assalto que terminou em morte. Os pensamentos transbordavam na mente de

Marcos que, com sutileza e com as malícias que utilizava para extrair informações em reuniões de negócios, arriscou:

- Claro! É óbvio! Mesmo que tivessem vocês a mínima desconfiança de que o crime não foi por mera tentativa de assalto, não iriam trazer à tona. Mas o que me causou bastante estranheza, foi à presença dos senhores aqui no hospital e ainda mais nesta hora da manhã. Se fosse apenas mais uma tentativa de assalto com vítima fatal, com certeza o procedimento seria outro. Então, contem-me? O que leva os senhores a pensar diferentemente?

O delegado passou as mãos sobre o cabelo grisalho, buscando acertá-los sobre a cabeça. Já havia passado o tempo de cortá-lo e eles apresentavam-se rebeldes, lançou um olhar bastante significativo para Luizão. Que, sustentando o olhar de seu chefe, colocou ambas as mãos sobre a mesa envolvendo a xícara de café, brincou com o pequeno talher, como se tivesse recebido um sinal facial de seu superior assentindo para contar as suspeitas de ambos de que aquele caso, não poderia ser simplesmente arquivado na delegacia como uma tentativa de assalto com vítima fatal. Já bastava a quantidade de casos que estavam engavetados em várias delegacias sem solução, onde no local do boletim de ocorrências apenas constava o nome completo da vítima e um carimbo grande e da cor vermelha “PARA AVERIGUAÇÃO”. Estes boletins de ocorrências, na maioria, acabavam no arquivo. Raros eram os casos em que, por mero acaso, a Polícia chegava a uma solução. Não – e Luizão sabia disso -, aquele não era mais um caso para acabar assim. Alguns detalhes não combinavam com as características dos demais casos semelhantes. Era um caso que teria que ser investigado e o instinto policial falava mais alto.

Quebrando o seu breve silêncio, aparentando grande cautela no falar, Luizão foi dizendo: - Caro Marcos, o que lhe vamos falar neste momento a respeito do assunto, queremos esclarecer e deixar bem explicado que são apenas suposições. Hipóteses.

Mera e simples teoria sobre o fato. Se preciso for negaremos tudo. E, lembre-se, são dois contra um, será a sua palavra contra a nossa!...

– Entendo. - Concordou Marcos.

– Bem, quando chegamos ao local, passamos a fazer algumas perguntas e anotar alguns nomes. Isto é, das pessoas que estavam no local. Você sabe o quando é difícil o trabalho policial em casos deste tipo. Na hora do evento muitos podem ter visto até mesmo a cor da meia do assassino, mas daí em se apresentar e dizer o que viu é outra história.

Marcos assentiu com gesto de cabeça e Luizão continuou.

– Enquanto o doutor Geraldo diligenciava junto ao veículo, dirigi-me a algumas pessoas que estavam reunidas em um pequeno grupo. Jovens entre vinte e vinte e cinco anos, um bandinho de seis ou oito pessoas. Quando me apresentei se dispersaram rapidamente, mas ficou um rapaz, cujo nome não posso revelar agora, que deve ter mais do que vinte ou vinte e um anos de idade, ele dispôs-se a falar comigo... Apesar de uma primeira negativa . Ele me disse que não havia visto nada e que somente após o veículo ter invadido a calçada é que eles se aproximaram e viram o homem ao volante sangrando, e chamaram a policia. Mas insisti com ele e finalmente acabou por me dizer que tinha visto um veículo da cor branca, parecendo ser um carro do tipo Gol ou Pólo, tinha a certeza que era da marca 'Volkswagen' e a impressão que, após este veículo parar no semáforo e paralelo ao da vítima, que estava na faixa do meio, ele viu a porta deste carro abrir e o passageiro descer e virar para o carro da vítima, e logo voltou ao carro branco, que saiu fazendo 'cantar' os pneus.

Abismado, Marcos ouvia a narrativa de Luizão. Mesmo assim não ousava ainda crer que Roberto havia sido assassinado friamente. Meu Deus! Como esta cidade tornou-se violenta e insensível! A vida humana não vale mais nada?

Interrompendo os pensamentos de Marcos, o delegado lançou mais um pedaço de madeira na fogueira: - E tem mais!

– Tem mais, ainda?! – Quase se indignou Marcos.

– Sim. Esta história que Luizão lhe contou é apenas a ponta do iceberg. Eu lhe faço um pergunta: Quantas vezes você já leu nos jornais ou ouviu em noticiários que em uma tentativa de assalto desse tipo os assassinos perderam tempo em atirar por duas vezes consecutivas, e que o alvo foi a cabeça? Hein? Quantas vezes?

Marcos olhou para aqueles policiais totalmente aturdido. Meu Jesus? De onde eles estavam tirando aquelas conclusões. Ao que sabia Roberto não tinha inimigos declarados. É certo que tinha, há tempos atrás, realizado negócios que desagradaram a algumas pessoas. Mas daí a ser motivo para crime... Um verdadeiro abismo.

– Olhe, doutor Geraldo – Marcos colocou as mãos no rosto, como que buscando afastar o cansaço que começava a dominá-lo, mas também para aliviar a tensão do momento -, essa é uma observação que foge à minha realidade diária. Mas creio que não foge à sua realidade. Tenho que concordar com o senhor. Nos raros casos que li ou tomei conhecimento, sempre a vítima foi morta com apenas um tiro.

– O que não é este caso! - disse Luizão. - Seu amigo foi morto com dois tiros fatais. Quem queria a morte dele, queria também a certeza de que ele iria morrer.

Uma outra testemunha também lembrou a presença de um carro branco parado ao lado do carro da vítima. É o que iremos tentar investigar e, para isso, precisamos contar com a sua ajuda.

Marcos, sem muita convicção, assentiu afirmativamente com um gesto de cabeça e ouviu o doutor Geraldo asseverar: - Vamos, em primeiro lugar, repetir nossas recomendações anteriores: você não ouviu esta conversa e, para todos os efeitos, seu amigo foi realmente vítima de uma tentativa de assalto. Por outro lado, vamos necessitar de informações sobre o passado dele. O que me diz?

Marcos pressentiu que a coisa iria esquentar. Após ouvir aquele breve relato, passou da dúvida para a certeza. Aqueles homens sabiam do que estavam falando.

A experiência policial era nata neles. Podia-se, como se diz na gíria, sentir o ‘faro de polícia’. E se Roberto foi assassinado, “como eu, empresário, poderei ajudar a Polícia?”, questionou-se. Sentiu-se a entrar numa pequena enrascada. Sabia que aquela situação lhe iria tomar muito tempo e gerar muita tensão. O que fazer?

Roberto tinha sido um bom amigo. Tinha que considerar também que iria ajudá-los por causa dos filhos de Roberto, mesmo que tivessem de vir à tona alguns podres da sua vida. Sim, e ele sabia de alguns. Mas se ele conhecia alguns, obviamente existiriam outros. Por outro lado, e a hipótese estava ainda de pé,

o crime poderia ter ocorrido por uma simples discussão de trânsito.

– Sim! Estou à disposição dos senhores em tudo o que me for possível – disse, finalmente, convicto de poder ajudar, assim, a família do amigo.

Olhou o relógio, estavam na cantina há quase quarenta minutos.

– Agora, senhores, queiram me dar licença, é que tenho que ir ver como está

Elaine! - Enfiou a mão no bolso, tirou um cartão e passou-o ao delegado, dizendo: - Qualquer novidade o senhor pode me ligar. Estarei à sua disposição no que der e vier. Se as suspeitas dos senhores forem reais, pegaremos os que tiraram a vida a Roberto!

Ele pegou o cartão e leu: 'MC Importação e Exportação - Marcos Alcântara - Presidente'. E, ato contínuo, entregou a Marcos o cartão pessoal onde, antes, anotou o telefone da delegacia de que era o titular: '29ª. DP - Divisão de Homicídios'.

Ali, Marcos despediu-se dos policiais, mas sabia que em breve iria vê-los novamente.

Já no hospital, caminhou pelo longo corredor que levava à sala onde estava Elaine. O hospital estava tomado por uma movimentação mais densa. Aquilo era

um verdadeiro inferno. O que lhe lembrou a conversa do delegado... Chegou sentir-se perturbado com a aquela conversa. Não tinha tempo para pensar nisso. Tinha que ajudar Elaine a vencer a grande burocracia para a liberação do corpo de Roberto e também de seu carro. O carro pode ficar para segunda-feira, o mais importante agora é cuidar de Elaine e da liberação do corpo, pensou. Encontrou-a sentada num sofá, cabeça apoiada com um travesseiro, os olhos fechados. Elaine, ao perceber a presença de alguém do quarto, abriu os olhos, ainda sonolenta. Também, pudera, acabara de tomar uma dose de sedativo. Ele, mesmo sem o querer, observou como ela estava bonita, independentemente da situação: os cabelos loiros e bem cuidados soltos nos ombros e emoldurando aquele rosto angelical que escondia os quarenta anos; a boca pareceu-lhe mais sensual... No todo, um corpo de fazer inveja a qualquer adolescente, bem distribuído em 1,73 de altura e, naquela posição de descanso, deixava à mostra as belas e bem torneadas pernas... Uma súbita sensualidade em meio aos téticos acontecimentos.

– Oh, Marcos, é você! Mas, por Deus, onde você estava?

Marcos, ao ouvir a voz de Elaine, voltou à realidade. Sentiu repulsa pelos pensamentos. Que droga! Isto não é hora pensamentos deste tipo invadirem a minha mente. Porra! Já vi Elaine em minúsculos biquínis e nem por isso havia lhe faltado com respeito. Mesmo em pensamentos. E não será agora! - ralhou consigo mesmo.

– Fui juntamente com os policiais até a cantina para tomarmos um café e aguardar a sua recuperação - disse. - Vejo que você ainda está um tanto zozna.

– É o efeito dos sedativos. Mas sinto-me melhor – disse ela, e logo perguntou: - E agora? Que iremos fazer? Disseram-me que tenho de fazer o reconhecimento do corpo e tratar dos papéis de liberação. A doutora Sílvia já me trouxe alguns documentos. Estão aí, sobre a mesa.

– Olha, façamos o seguinte: vamos ao local onde está o corpo e você fará o reconhecimento. A partir daí deixe comigo, que cuidarei do resto.

Marcos estendeu sua mão direita para Elaine ajudando-a levantar-se. Apoiada no seu braço, ela deixou-se conduzir para fora do quarto.

Não tinham a menor dúvida de que o corpo que lhe iram mostrar era de Roberto.

Mas estavam obrigados a passar por esse difícil momento. Pior, para Elaine.

Vencida essa burocracia, ela poderia descansar mais um pouco até a liberação definitiva do corpo.

Enquanto caminhavam pelos corredores, ela deu-se conta do horário.

– Marcos, já passa das oito horas! Como será que Cleuza estará se virando com as crianças? Será que já acordaram? Deus meu, como contar para as crianças? Apesar de que Roberto não passava muito tempo com elas, mas elas o amavam. E tanto Carla como Pedro chegavam a ficar acordados até altas horas apenas para aguardar a chegada do pai, e olha, contentavam-se em abraçá-lo, beijá-lo, e logo iam para suas camas. E agora, o que fazer?

– Elaine - disse Marcos, com uma voz que naquele momento buscava transmitir tranquilidade -, você não está sozinha. Eu e Cleuza vamos ajudar no que for necessário. Além de que você tem seus pais, que também ajudarão.

– Sei, eu sei! Mas você e Cleuza não estarão todo o tempo comigo. Vocês têm a vossa vida e os filhos para cuidarem. E ainda mais: não sei nada dos negócios de

Roberto. Na verdade, meu amigo, nem sei o que irei fazer.

– Fique calma. Conheço um pouco dos negócios de Roberto. E há os funcionários, alguns eram de extrema confiança de Roberto! - afirmou Marcos, buscando um tom de voz que levasse calma e paz. Ele pensou em contar o que os policiais lhe haviam dito. Mas calou-se. Definitivamente, não era o momento. Acabavam de entrar na sala onde jazia um corpo sobre uma estrutura de metal. Ele estava coberto com um grande lençol, que um dia já havia sido considerado branco...

O médico legista aproximou-se, estendeu a mão e cumprimentou-os, como se estivessem chegando a uma festa ou outro lugar que não aquele. Foi incisivo e frio.

– Bom dia! A senhora é a esposa do falecido?

– Sim!- respondeu Elaine. Tremia. O chão parecia querer sumir embaixo de seu corpo. Buscou apoio no braço de Marcos e, ao mesmo tempo, soltava a mão daquele médico.

– Por favor, siga-me.

Andaram mais meia dúzia de passos para ficarem ao lado do corpo. Foi então que perceberam que o corpo estava completamente nu. O médico, mantendo a sua frieza, levantou o lençol. Lá estava o rosto de Roberto...

Ao vê-lo, ela virou o rosto imediatamente escondendo-se no peito de Marcos. As lágrimas soltaram-se em meio a soluços.

O médico olhava aquela cena como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Totalmente insensível, questionou diretamente: - É ele? É seu marido?

– Sim...

– Então, por gentileza, assine aqui - disse o médico entregando-lhe uns papéis. Era o relatório de reconhecimento e juntamente com ele o relatório da autópsia.

– Escute, é possível obter uma cópia do relatório da autópsia?- quis saber Marcos.

A resposta foi curta e rápida: - Não. Isto o senhor poderá obter quando for encaminhado para compor o inquérito policial, junto à delegacia responsável. Se for só isso, com licença...

E deixou-os.

Marcos abraçou Elaine como um irmão abraça outro. Era um momento extremamente difícil. Mas outras normas burocráticas tinham que ser vencidas.

Assim, encaminharam-se para fora daquele recinto que, acima de tudo, causava calafrios.

Levou Elaine até o carro, acomodou-a confortavelmente e saiu para terminar de cuidar dos documentos de liberação.

Após uma hora e trinta, Marcos retornou ao seu carro e encontrou Elaine cochilando. Suavemente tocou em ombro. Elaine esboçou um sorriso amargo.

– Elaine! Tudo concluído. O corpo de Roberto está liberado. Devemos agradecer a grande ajuda daquela médica e do delegado. Foram de grande valia. Sem eles ainda não teríamos conseguido. O carro funerário fará o traslado do corpo até à nossa cidade. Nós iremos à frente para cuidar da documentação para o enterro.

Elaine olhou para o painel do carro. O relógio digital marcava nove horas e quarenta e cinco minutos. Puxa, pensou, há quase seis horas que tinham saído de sua casa. Carla e Pedro já deveriam estar acordados, estranhando a presença de Cleuza e a falta da mãe. Bem. Paciência. A vida é assim. Deus irá me ajudar. Confio nisso.

Envolta em seus pensamentos, não percebeu que o carro já estava na saída do hospital. Estavam voltando para casa. Sem a presença de Roberto. Ainda dando mostras dos efeitos dos sedativos, ajeitou-se no banco. Marcos, a fim de acomodá-la melhor, estacionou o veículo: com simples toques nos botões fez com que o banco dianteiro se transformasse em confortável poltrona. Arrumou os cintos de segurança face à nova posição do banco e Elaine fechou os olhos. Quem sabe, ao abri-los, tudo não passava de um terrível pesadelo...

O carro circulou pela Avenida Rebouças na direção das vias de acesso para a saída da cidade de São Paulo. O trânsito, naquela hora já apresentava um tráfego intenso, mas lento e cadenciado. Marcos parou antes da faixa de pedestre. A sinaleira determinava a parada obrigatória: vermelho. Marcos deu-se conta das incontáveis vezes que já havia parado em razão de uma sinalização obrigatória. Mas aquela lhe parecia diferente. Veio-lhe à mente que, por uma simples parada num semáforo, em estrita obediência à legislação de trânsito, acabara de perder um amigo.

Fez-se ouvir um buzinaço tremendo.

Marcos “acordou”... Foi quando observou que o semáforo estava com a cor verde liberando a passagem. Como este mundo é irônico, pensou, um segundo de atraso e as pessoas, insensíveis a tudo, logo apertam histericamente as buzinas, como se isso fosse resolver todos os seus problemas. Engatou a primeira marcha e o carro avançou lentamente, enquanto os demais veículos o ultrapassavam. Buscou a tranqüilidade da faixa do meio. Pensou em Cleuza e nas crianças, cujas imagens lhe invadiram o ser.

A alguns quilômetros dali, Cleuza não conseguia mais esconder a sua angústia. As crianças já haviam acordado há mais de uma hora. Preparou-lhes o café da manhã.

Que comeram com gosto. A empregada não havia chegado até àquele momento, o que lhe dificultou um pouco a ação de ‘mãe’ emprestada. Ainda não tinha dito uma palavra às crianças a respeito do ocorrido. Entretanto, Carla já lhe havia perguntado uma ou duas vezes sobre o paradeiro da mãe e do pai. Pedro ainda não tinha se dado conta do que realmente estava ocorrendo, perguntou apenas uma vez e aquietou-se.

Cleuza começava a desesperar, sentia o tempo pesando. ‘E Marcos que não liga...!’, resmungou, angustiada, quando se viu a sós na cozinha. A intuição feminina lhe dizia que, em breve, estariam de volta em casa. Tinha que controlar a sua ansiedade e distrair as crianças. A falta da mãe era o que deixava as crianças impacientes, ela, pelo que Cleuza pôde perceber, nunca estivera ausente daquela maneira. Resignou-se com a situação e procurou envolver-se com pequenas tarefas caseiras, buscou também envolver Carla, que a ajudou na limpeza superficial da cozinha.

Marcos, ainda envolto em seus pensamentos, distraiu-se e por questões de segundos não abalroou a traseira do veículo que, na sua frente, havia metido o pé no freio bruscamente... Estavam perto de um semáforo, que passava do amarelo para o vermelho. A última e nefasta visão que tinha tido de Roberto pulou no seu cérebro.

Mas recusou envolver-se com essa visão, preferiu pensar em Roberto quando ainda vivo, e muito vivo, principalmente no que dizia respeito a negócios e mulheres.

Desde que conhecera Roberto há mais de vinte anos ele era uma figura... Não havia mudado muito. E era muito vaidoso. Vivia sempre implicando com os primeiros cabelos brancos que teimosamente lhe apareceram nas fronteiras. Eram poucos, mas incomodavam-no. Três dias por semana, ele levantava as cinco da

manhã para realizar seus exercícios de manutenção física. Coisa sagrada. Por isso, apesar de ser um quarentão, tinha aparência jovem. Muitos não acreditavam que estava chegando aos cinquenta anos de idade. Nos últimos cinco ou seis anos ele havia praticamente deixado a bebida; só bebia nos finais de semana e pouco. Quando conheceu

Roberto, ele bebia, e muito.

O ‘Audi’ já estava próximo das vias de acesso para a saída de São Paulo. Marcos discutiu com seus botões se retornaria pela Avenida Castelo Branco ou se pegaria a Rodovia Raposo Tavares. Decidiu-se pela ‘Raposo’, porque a ‘Castelo’ deveria estar lotada, principalmente até o pedágio, enquanto a outra via ainda estaria mais tranqüila; fazia tempo que não circulava por ali naquele horário.

Olhou para seu lado direito e observou que Elaine tinha começado a cochilar. Era melhor. Ela iria precisar de muitas forças para agüentar o resto do dia e os seguintes.

O relógio do carro marcava exatamente dez horas da manhã. Marcos calculou que em cinquenta ou cinquenta e cinco minutos estaria na casa de Elaine; apenas

cinquenta e cinco quilômetros o separava da cidade que há doze anos escolhera para fixar sua residência. Lembrou-se que fora o próprio Roberto que o induzira a mudar-se de São Paulo, pois ele já vivia na cidade de São Pedro - uma pequena, mas aconchegante cidade do interior paulista. É! – pensou - Foi assim que ele deixou São Paulo e após muita insistência de Roberto. Afinal, a distância entre São Pedro e São Paulo era muito pequena e as vias de acesso eram rápidas, além da violência que se instalou em São Paulo foi determinante. Obviamente, a cidade que escolhera para viver tinha os seus prós e os seus contra, mas sabia que havia feito uma boa escolha. Assim, entre um pensamento e outro, o amigo voltou-lhe à mente.

Porém, bloqueou imediatamente a imagem do necrotério, onde a pele morena de Roberto estava pálida e no seu rosto não mais viu o sorriso, que chegava às vezes de orelha a orelha; queria lembrar-se dele como o conhecera e não daquela forma. E quase sem dar conta disso, já estava na entrada da cidade. Mais alguns minutos e estaria com a esposa e os filhos. Vinha aí uma parte difícil. Ter que contar para as crianças sobre o ocorrido. Parou o carro na entrada do condomínio. Olhou o portal e pensou como a vida lhe tinha sido boa até àquela data. Havia adquirido uma bela

residência num dos condomínios mais valorizados da cidade. O porteiro, ao reconhecer o carro, fez um gesto de cumprimento ao mesmo tempo em que acionava o portão automático. Morava a apenas cinco casas da casa de Roberto.

Pensava nisso quando estacionou o veículo em frente à casa de Roberto.

Delicadamente colocou as mãos no ombro esquerdo de Elaine e a chamou: -

Elaine! Elaine! Acorde. Acabamos de chegar. Você está bem?

- Sim! - Respondeu ela. E disse: - E agora tenho de comunicar às crianças. Não sei como elas irão reagir. Tenho que respirar fundo e buscar dentro de mim as forças que ainda me restam.

Suspirou profundamente, precisava de mais oxigênio para seus pulmões e também para dar uma melhor refrigeração ao cérebro. Sentia-se melhor, refeita do efeito dos sedativos. O breve sono revigorou-lhe as forças.

Ela saiu do carro. Olhou para a sua casa. E em volta. Lembrou-se de quando se mudaram para aquela bela casa. Ela era filha de família humilde, seu pai tinha sido operário e estava aposentado, e sua mãe havia se dedicado a casa e à família. A sorte lhe havia sorrido quando conheceu Roberto, que tinha nascido numa família de posses; teve uma criação de primeira, cursou as melhores escolas e possuía em seu curriculum, além dos diplomas de administrador de empresas e economia, outros cursos de especialização, e ainda teve a oportunidade de passar confortavelmente um ano aprimorando seus conhecimentos de inglês nos Estados Unidos, e oito meses na Inglaterra. É. Ele falava fluentemente o inglês, arranhava também o francês e o espanhol. Elaine foi interrompida em suas divagações pela voz de Cleuza:

- Marcos. Elaine. Vocês estão bem? Marcos, você deixou-me ansiosa. Por que não telefonou? - E voltando-se para Elaine: - E você? Como está se sentindo? Olha, já não sabia mais o que fazer ou falar para as crianças.

Cleuza foi falando ao mesmo tempo em que caminhava pela calçada de pedras de granito de encontro a Marcos e Elaine. Estendeu seus braços para Elaine e em completo silêncio abraçou-a, murmurou-lhe alguma coisa no ouvido. Ficaram assim por alguns instantes. Foi quando Carla e Pedro correram para a mãe

obrigando-a se desvencilhar do abraço da amiga para lhes dar atenção. As crianças estavam com os olhos irrequietos, queriam saber por que a mãe desapareceu repentinamente, e por que ela estava chorando.

O momento a seguir foi difícil para todos os envolvidos.

Elaine tirou forças, sabe Deus de onde. Abraçou as crianças e com as mãos em seus ombros levou-as para casa. Ali seria o local para contar o ocorrido e porque ela os havia deixado aos cuidados de 'tia' Cleuza. Era assim que Carla e Pedro tratavam Cleuza. Era sempre tio pra cá e tia pra lá. Sem rodeios, mas omitindo parte da história, Elaine contou sobre o falecimento de Roberto. Disse a Pedro que ele estava com papai do céu e que nunca mais iria estar com eles. Mas que sabia que ele estava vivendo nos céus e que sempre estaria presente nos corações de todos os que ele amava. O choro foi inevitável. Carla saiu correndo para o quarto. Pedro abraçou-se a Elaine num choro convulsivo. Marcos não resistiu; as lágrimas grossas escorreram-lhe pela face. Cleuza foi em socorro de Carla, sem poder conter as lágrimas. O choro era de dor. Dor pela perda de uma pessoa amiga, dor pelo que as crianças estavam sofrendo.

Marcos, disfarçando as lágrimas, falou: - Elaine, você fica aqui com as crianças que vou cuidar dos documentos necessários para o ... - Não terminou a frase. As lágrimas voltaram a correr e a presença de Pedro deixou-o mais inibido. A custo, continuou: - Devemos também avisar os amigos mais próximos. Fique calma, vou cuidar de tudo.

E deixou a casa. Precisava respirar ar puro, livre de poluição. A leve brisa que soprava, constante, fez-lhe bem, sentiu-a como se bálsamo fosse.

Logo, cuidou de tudo.

Todas as pessoas mais próximas a ele e ao falecido foram avisadas. O irmão mais novo de Roberto, Paulo, estava no exterior. Não daria tempo de chegar ao velório e nem ao enterro. Chorou muito ao telefone. Incrível... Roberto havia perdido a mãe, cinco anos atrás, vítima de um câncer, que em menos de três meses depois de ter sido detectado a levou para Deus. Nem todo o dinheiro que possuíam teria sido suficiente para salva-la. O pai tinha falecido há dois anos, vítima de um grave acidente de trânsito: uma carreta chocou-se de frente com o carro em que ele viajava para Minas Gerais.

Elaine fez questão que Roberto fosse enterrado na terra que havia escolhido para viver.

O velório e o enterro transcorreram dentro da normalidade, exceto por um pequeno problema: a Imprensa, escrita e falada, fez-se presente. O corpo havia chegado por volta da hora do almoço. Pelo meio da tarde apareceram dois carros de reportagem: duas equipes de televisão. Chegaram e logo focalizaram câmaras e luzes, os repórteres com suas 'armas' em punho... Elaine era o alvo. Marcos, com a ajuda de alguns amigos influentes conseguiu impedir o assédio daqueles profissionais da Comunicação que buscavam maiores informações sobre um caso que, sabiam, aumentava no noticiário os índices de audiência das respectivas emissoras. Quanto mais sangue e dor, melhor. Faziam o seu trabalho. Não tinham local apropriado, eram os registradores do fato... O assassinato de Roberto teria proporções maiores do que pensara Marcos. É só o começo. Conseguiram a muito custo impedir a Imprensa de fazer imagens do velório, das crianças e de Elaine.

Marcos e seus amigos acreditaram que o problema estava resolvido. O enterro foi realizado com a maciça presença de amigos. Roberto havia conquistado muitas amizades na cidade, como também tinha feito alguns inimigos. Só não sabiam quantos e onde estavam.

Elaine foi juntamente com as crianças e Cleuza para o carro de Marcos. Ao chegarem próximo à entrada do condomínio, foram novamente surpreendidos pelos repórteres.

– Nossa, Elaine, como esses caras fuçam tudo! Impressionante! Pensei que tudo estivesse resolvido e eis que estão aqui. Vou resolver isso de uma vez por todas! - Disse Marcos, revoltado com aquela situação e também cansado, pois estava acordado desde a madrugada e ainda não havia parado um segundo. Estava cansado e estressado com tudo aquilo.

– Marcos, vá com calma. O pior já passou. Se você perder a calma dará o que eles mais querem: bagunça. Por favor, vá com calma... - Pediu Elaine.

– Isso, Marcos. Não perca a calma. Não vai valer a pena se desgastar mais do você já está – opinou Cleuza.

Ele estacionou o veículo a uma distância de trinta metros dos veículos das emissoras dirigiu-se aos repórteres: - Por Deus! O que vocês desejam? Já não basta o sofrimento da família e vocês bagunçando, ainda por cima!? Com todo o respeito, estão

parecendo abutres. O corpo ainda está fresco e vocês já estão em cima.

Olhem, sei e compreendo que é o vosso trabalho, ganham para isso. Mas quero pedir, en-ca-re-ci-da-mente que deixem a viúva em paz.

Procurava mostrar serenidade. Mas a simples visão daquelas pessoas conseguiu irritá-lo e a ira incendiou-lhe a alma.

Entretanto, um dos repórteres, falou: - Calma, amigo! Estamos aqui em busca de informações. É somente isso. Como o senhor bem disse é o nosso trabalho. Serão apenas algumas perguntas e iremos embora.

Marcos foi taxativo e não deixou margens para segundas interpretações com um lacônico e expressivo: - Não!!! - e encerrou a conversa. Dirigiu-se à guarita do condomínio e solicitou que lhe fosse aberto o portão. Voltou para o carro e arrancou em velocidade; de imediato, os seguranças do condomínio impediram a entrada da Imprensa.

Mas ele sabia que não estava terminado. Lembrou-se da conversa com o doutor Geraldo e o investigador Luizão.

CAPÍTULO II

A noite iria ser longa.

Marcos já havia conversado com Cleuza. Deveriam dormir com Elaine e as crianças. A casa tinha quartos de sobra. Ele sempre discutiu o assunto com Roberto e nunca encontrou uma explicação para que a casa tivesse seis quartos, todos suítes, mas Roberto sempre dava de ombros e dizia que poderia receber hóspedes e não queria que eles dormissem no chão. Esse era o Roberto. Brincava com as mais variadas situações. Bem, estava decidido. Pernoitariam ali. Elaine e as crianças necessitavam da presença deles. Além de que, dentro em pouco, os amigos que ali estavam, em solidariedade, em breve se retirariam cada qual para a sua casa. Ficava a dor da solidão, o sentimento incompreensível do abandono.

A ampla sala, com suas divisórias e ambientes bem definidos encontrava-se rica e detalhadamente mobiliada. Algumas pessoas haviam se acomodadas em um belo e luxuoso sofá que tomava literalmente todo um canto da sala. Sem dúvida, cabiam ali umas dez pessoas bem instaladas; para fechar o ambiente, uma poltrona tipo 'papai', de couro e cor creme, que se destacava. Foi ali que ficou Elaine. Ela precisava descansar. Cleuza pegou Carla e Pedro e os levou para os quartos; havia pedido a seus filhos, que eram quase da mesma idade, para ficarem com eles. Cada uma das crianças foi para seus quartos. Felipe ficou com Pedro. Felipe iria completar nove anos, dentro de cinco meses; Ana ficou com Carla. Eram amigas, apesar da diferença de idade. Ana estava perto de completar dezesseis anos. Felipe e

Pedro resolveram jogar um pouco de vídeo game. Eram feras no assunto. Tinham até mesmo um caderno para cada um para marcar os placares. Rara era à tarde em que ambos não se encontravam para jogar vídeo game. Carla, por sua vez, ainda estava bastante chocada com o sucedido, mas sabia que tinha forças para superar aquela situação e ainda mais com sua amiga ao lado dando-lhe apoio. Momentos em que a amizade se fortalece ainda mais, principalmente entre jovens. Era o caso de ambas. Após conversarem a respeito do assunto, Ana incentivou a amiga a ligar a TV. Poderiam procurar um programa para ficarem distraídas. No entanto, Ana estava interessada em saber se a TV

iria anunciar o fato. Tinha visto as equipes de reportagem. Ela era só curiosidade...

Carla acatou o incentivo da amiga. Era melhor procurarem um entretenimento. Se não nos canais tradicionais, poderiam encontrar um bom programa nos canais pagos. Ana, com o controle remoto nas mãos começou a dar voltas pela telinha. Ela adorava fazer isso. Quando mais jovem, acreditava que poderia até mesmo dar uma ‘pane’ no registro de audiência, e mais tarde veio, a saber, que isso não era possível, mas que ainda era interessante brincar com o controle remoto, isso era.

Passava das vinte horas, um famoso jornal nacional, com sua tradicional vinheta, estaria invadindo os lares e a vida de milhões de pessoas com notícias que, na maioria das reportagens, falava de violência, morte, aumento de preços... Raramente ouvia-se o repórter dar uma boa notícia, daquelas realmente agradáveis aos ouvidos.

Mas ainda era jovem e o que realmente lhe preocupava era a onda crescente de violência, e sempre agradecia a Deus por seus pais terem buscado o sossego e a segurança de uma cidade do interior. Portanto, pouco assistia aos jornais. Mas aquele dia sentia a necessidade de fazê-lo. A curiosidade impeliu-a. E deu, propositadamente, uma parada maior no canal daquele jornal nacional. A abertura causou um grande impacto em Carla. O repórter abriu o programa de sua forma tradicional, dando destaque às manchetes do dia:

“Empresário é assassinado na Avenida Paulista em mais uma tentativa de assalto...”, ouviram.

Carla deu um pulo do local onde estava. Correu ofegante em direção à sala.

– Mãe! Mãe! – gritou - Liguem a televisão. O jornal vai falar do pa..p...pai... – e começou a chorar. Um choro amargo, triste que comoveu todos os presentes na sala.

Marcos levantou-se se dirigindo ao ambiente onde estava um aparelho de TV, que mais parecia a tela de um cinema, e ligou-o. Sabia muito bem a qual jornal nacional se referira a jovem. Estarrecidos, viram e ouviram a matéria. O repórter fazia menção de que a viúva havia recusado dar entrevista. Mostrou a entrada do condomínio, parte da cidade e, para a grande surpresa de Elaine, apareceu o doutor Geraldo, o delegado que ela havia conhecido no hospital. Ele estava sendo entrevistado sobre o caso. Como este caso tomou tamanha proporção..., escandalizou-

se Elaine. Mas não estava em condições de avaliar qualquer situação.

Naquele momento, o que mais queria era descansar. Um bom banho e um pouco de repouso ajudariam a colocar o corpo, a mente e o espírito no lugar. Teria muito a fazer. Seu marido tinha muitos negócios e era acionista de várias empresas. Iria necessitar de muita ajuda. Nunca tinha tido a preocupação de conhecer os negócios de seu marido. E ele, por sua vez, mantinha quase todos os negócios fora do lar. Ele sabia muito bem fazer essa divisão. Era impressionante. Quando ele atravessava a porta de casa, deixava lá fora todos os problemas; possuía um botão liga-e-desliga.

Fazia isso com a maior facilidade. Os amigos mais íntimos sabiam desta facilidade dele desligar-se toda vez que entrava em casa. Pediu licença as pessoas amigas que ali estavam e dirigiu-se para seu quarto. Preparou a banheira e entrou naquela água aquecida na temperatura que gostava. Nem muito quente, nem muito fria. Deixou a porta somente com a fechadura. Foi um delicado pedido de Cleuza, preocupada com a condição de Elaine.

Marcos aproveitou e chamou Ana para um canto da casa. Percebera que a idéia de assistir ao noticiário fora dela, e estava preocupado. A reprimenda foi severa. Ana deu-se conta, aí, do mal psicológico que causara à amiga e a todos, naquela casa.

Restava-lhe pedir perdão e resignar-se. Havia aprendido uma dura lição.

Elaine acordou, abriu os olhos com dificuldade e sentiu a cabeça pesada; olhou para o relógio que ficava sobre o criado-mudo, os pontos luminosos diziam 'oito horas'. Sentou-se na cama, calçou os chinelos, como fazia todas as manhãs. Ainda demorou a perceber que aquele era um dia diferente. Olhou em volta da enorme cama de casal, mandada fazer sobre medida. Aquele pedaço... Onde antes ficava Roberto, estava vazio e frio. O enorme quarto parecia pequeno para suportar a grande dor que sentia. Esforçou-se para colocar-se em pé, dirigiu-se ao banheiro. A água ainda estava na banheira. Esquecera de soltar até mesmo aquela água. Abriu lentamente a torneira com água fria deixando-a escorrer à vontade.

Olhou-se no espelho e, imediatamente, desviou o olhar. - Esta não sou eu! – murmurou, quase com espanto. Levou as mãos à água e, fazendo concha, levou-a ao rosto. O que repetiu várias vezes. Queria acordar e desejava que tudo o que havia se passado

na noite anterior tivesse sido apenas um pesadelo. Olhou-se novamente no espelho. – Não, não foi um pesadelo, é um pesadelo! – disse para si mesma ao tomar contato com a realidade, definitivamente. Levou a escova aos cabelos e começou a pentear-se vagarosamente, fazia em si mesma um carinho, um afago.

Vestiu-se com um roupão e decidiu-se sair do quarto. Queria ver seus filhos.

Dirigiu-se primeiro ao quarto de Carla e em seguida ao de Pedro. Ambos dormiam o sono dos anjos.

Já no corredor, enquanto dirigia-se à cozinha, pensou: E agora? Que fazer? Por onde começar? Não conheço nada dos negócios de Roberto. Terei que me socorrer de Marcos. Ao menos no início. Sei que não será fácil.

Ainda envolta em seus pensamentos, sentiu um delicioso aroma de café que saía da cozinha. Aquele o aroma de café chegou-lhe com um cântico, e mesmo baixo percebeu nele a voz de Marta.

Oh! Bom Deus! Ainda bem que Marta veio neste dia para nos ajudar!... - agradeceu - Viu a empregada, que costumava chamar de ‘secretária do lar’. Era da família. Estava ali há onze anos.

– Bom dia, Marta! Se é que podemos chamar de um bom dia - disse Elaine, cumprimentando.

– Bom dia, dona Elaine - respondeu Marta, com os braços abertos para abraçar a patroa a quem queria como a uma filha. Choraram. Não eram necessárias palavras.

O silêncio sincero é muitas das vezes melhor e mais valioso do que mil palavras.

Marta sabia e podia avaliar o que Elaine estava sentindo. Havia ficado viúva há cerca de três anos e meio, após trinta e dois anos de casamento. Conduziu Elaine para o seu local preferido na mesa. Depois de colocar a xícara de café, sentou-se ao lado de Elaine. Apenas observava enquanto ela tomava o café. Marta conhecia muito bem os gostos de sua patroa e sabia também que não gostava de ser chamada da patroa. Por isso, sempre a tratava apenas pelo primeiro nome; nos primeiros tempos sentia-se mal, pois, em outras casas onde tinha trabalhado ela havia aprendido que patrão é patrão e empregado é empregado. Mas com Elaine era diferente: era uma pessoa humana como poucos que já havia encontrado. Marta sentia que era muito mais do que uma simples empregada doméstica naquele lar.

Afinal, praticamente tinha presenciado o crescimento de Carla e vira o nascimento de Pedro. Conhecia todos os detalhes da vida familiar de Elaine e Roberto. E apesar de não manter um contato mais próximo, considerava Roberto um bom patrão. Era testemunha de que o casal salvo as pequenas querelas, tinha e mantinha um bom relacionamento.

– Por favor, sirva-me mais uma xícara de café. Preciso energizar a minha cabeça – pediu Elaine, interrompendo os pensamentos dela.

Marta levantou-se para atender o pedido de Elaine. E ela, com o olhar vago, passou a observar aquela mulher cinquentona, de cabelo pretos, bem cuidados e presos por um lenço. Pareceu-lhe mais bonita naquela manhã. Vestia uma saia azul, que lhe cobria até as canelas e uma blusa branca. Roupas simples. Mas Marta sempre vestia-se com esmero e com cuidado. Marta não devia ter mais do que um metro e sessenta e dois de altura. Mas muito ativa, fantástica, sempre pronta para atender e sempre com um sorriso estampado no rosto, além de uma resposta para tudo. A criatividade era-lhe nata. Elaine sentia orgulho de Marta, pois suas conhecidas e amigas viviam dizendo que queriam ter a mesma sorte: uma empregada como Marta. E lembrou-se de Roberto. Ele implicava com Marta pelo fato de ela andar pela casa cantando e recitando cânticos e hinos evangélicos. Era a única queixa, mas ele dizia que “isso influencia as crianças e vai contra os nossos princípios católicos”, pois, vez ou outra, ele ouvia as crianças cantando ‘aquilo’.

– Pronto – era Marta -, aí está mais um cafezinho. Aguarde que estou terminando de fazer uns pãezinhos. Sei que tem muita gente hoje que vai acordar com fome. E a senhora, por sua vez, tem que comer. Vai lhe trazer mais forças e vai sentir-se melhor.

Elaine conseguiu esboçar um pequeno sorriso em agradecimento à preocupação de Marta, e perguntou-lhe: - Marta, quando vinha para cá, você estava a cantarolar um dos seus hinos. Mas não consegui entender nada. Que música você estava cantando?

– Ah, dona Elaine. É apenas um hino que se canta em minha igreja. É um hino simples, pequeno, mas muito bonito. É um hino de louvor a Deus.

– Cante um pedacinho para mim, por favor...

– Bem, se a senhora acha que isso vai ajudá-la, vou cantar um pedaço – e começou a cantar em voz baixa.

*“Deus está aqui. Aleluia!
Tão certo como o ar que eu respiro!
Tão certo como a manhã que se levanta.
Tão certo que eu possa falar e Ele pode me ouvir.”*

Subitamente, ela parou. - E por aí vai, dona Elaine. Pode ter certeza. Deus está aqui neste momento. E é somente Ele quem poderá lhe dar o conforto para a alma, neste momento.

Marta ainda falava quando Marcos e Cleuza entraram, atraídos também pelo aroma de café que espalhara-se deliciosamente pela casa.

Tinham muito a conversar naquele dia e nos que se seguiriam. Os pais de Elaine entraram logo em seguida. As crianças acordariam mais tarde. Bem melhor, assim os adultos poderiam conversar mais calmamente.

Elaine comeu os pãezinhos e logo pediu licença a todos para sair, queria tomar uma ducha e vestir-se mais apropriadamente. Ao passar por Marta, abraçou-a e disse-lhe: - Você tem razão, Marta. Deus realmente está aqui. Com certeza, você é e será nestes momentos um dos seus instrumentos. Sei que posso contar com a sua ajuda. Muito obrigado por enquanto.

Marta apenas sorriu e acompanhou com o olhar a saída de Elaine.

Os demais comiam em silêncio a primeira refeição da manhã. Teriam muito tempo para conversar sobre o assunto. Teriam muitas coisas a fazer e, naquele momento, o melhor era cuidar do corpo, alimentando-o com energias, para servir de suporte para o que estaria por vir.

Capítulo III

Antoniel acabara de acordar. Abriu os olhos e observou o quarto ainda na penumbra. Não necessitava buscar as horas no relógio. Tinha certeza de que os ponteiros não marcavam ainda as sete horas da manhã. Há muitos anos acordava sempre e invariavelmente no mesmo horário. Entre as seis e sete horas. Não importava o horário em que fosse deitar e muito menos ainda o dia da semana.

Remexeu-se na cama, observou a esposa que, a seu lado, dormia.

Levantou-se lentamente para não despertar a mulher, pois sabia que se ela acordasse naquela hora... E era Domingo! Passaria o dia inteiro de mau humor. Isso era uma verdadeira desgraça. Tinha que evitar tal confronto dominical. Pé ante pé, na penumbra do quarto, dirigiu-se ao guarda-roupa, pegou sua cueca, um par de meias, calça jeans e uma camiseta polo azul abriu a porta com cuidado... Ouviu-se um som estranho. - Maldita porta! Tem que fazer barulho toda a manhã!- resmungou. Mas a mulher não acordou. Tinha que dar um jeito naquele barulho.

Colocaria um óleo antiferrugem, daqueles que desengripam. Fazia mais de uma semana que havia prometido a si mesmo cuidar daquele pequeno problema doméstico. Mas que droga, lembrava-se dele só pela manhã, quando no silêncio ele se amplificava desmedidamente. – Hoje eu trato de você, barulhinho besta! – continuou resmungando entredentes. Ninguém acordou. E ele deu entrada no banheiro. Era um ritual matinal. O ‘trono’ estava à sua disposição. Gostava de acordar antes de todos na casa. Infelizmente, a casa tinha um só banheiro e, incrível, parecia que todos queriam utilizá-lo no mesmo horário... Uma espécie de ‘0800’, essa linha telefônica sempre ocupada! Como um raio, lembrou-se da casa onde moraram até um ano atrás. Lá não existiram problemas com banheiros.

Sobravam. Mais do que depressa abandonou este pensamento. Isso atormentava-o ultimamente. Não o banheiro, nem os banheiros. Toda uma situação. Respirou fundo. Mandou aquele insistente pensamento embora. Pegou uma revista de quadrinhos e começou a ler. Adorava revistas em quadrinhos, principalmente da

Mônica e do Cebolinha, mas o que mais gostava mesmo era das histórias do Chico Bento. Puxou a descarga. Tomou um longo e demorado banho. Gostava dos

domingos porque podia demorar-se mais no banho matinal. Deixou o banheiro, passou pela cozinha e abriu a porta dos fundos dando de cara com o sol que despontava. A temperatura estava gostosa. Era uma manhã adorável. Do quintal podia ouvir os passarinhos cantando. Sabia que eles estavam numa gaiola, o seu vizinho tinha vários canários do reino, pintassilgos, canários da terra e outros, eles davam um verdadeiro show de música pela manhã e muitas vezes durante o dia.

Faltavam quinze minutos para as oito horas. Como fazia todos os finais de semana, principalmente naquele ano, resolveu ir buscar o jornal em sua banca predileta.

Pegou as chaves do carro e foi em direção à garagem. Meticuloso, antes de ligar o motor olhou o nível do óleo. Era um carro com mais de dez anos de uso, o que exigia um cuidado adicional; a falta de óleo no motor poderia travá-lo e não teria condições financeiras para arcar com tal prejuízo, naquele momento. Portanto, era preferível perder um pouco de tempo e assegurar-se de que tudo estava em ordem.

Fazia apenas dois meses que havia conseguido comprar aquele veículo. - Tudo em ordem! - murmurou. Engatou uma ré, manobrou e saiu em direção à cidade.

Antes da banca de jornal, resolveu parar na padaria do seu Antônio. Estacionou o veículo, entrou e dirigiu-se ao balconista, um velho conhecido seu e falou: - Hei,

Zé! Tudo bem?!

- Tudo! - respondeu o balconista. - E aí, o que vai hoje, seu Niel? - perguntou ele tratando Antoniel por Niel, como era conhecido entre os amigos. - Vai um cafezinho? Puro ou com leite?

- Hoje vou tomar um purinho. Mas vê se me serve no copo. Não gosto de café em xícara.

- Ok!

- E aí, Zé? Alguma novidade? - quis saber.

- Não! - respondeu Zé. - A única você já sabe, é que o seu time perdeu de novo! - Brincou o balconista, sabedor que Niel era um fanático torcedor do São Paulo.

- Ora, perde-se hoje, mas ganha-se amanhã. - Retrucou Antoniel. Terminou de

tomar o café e pediu: - Zé, dá um maço de 'Free'.

O balconista dirigiu-se à prateleira onde estavam os cigarros e pegou o maço

solicitado por Niel, e disse: - Puxa, seu Niel, você já havia deixado de fumar...

Fumar não faz bem à saúde e você, que já foi fumante, sabe muito bem da diferença. Pô, gosto muito da sua amizade e, sinceramente, preferia quando você não fumava.

Antoniél fez uma careta. Não gostou da observação. Mas sabia que ele estava com a razão.

- Olha - disse, tentando se justificar -, no fundo eu sei que você tem razão. Mas por favor, simplesmente me venda o cigarro e não me queira dar uma lição de moral. Não neste dia. É um domingo de sol maravilhoso e hoje até estou me sentindo melhor. E para finalizar, pára de me encher o saco...!

O balconista deu de ombros e falou: - Bem, o problema é seu. Se quer fumar, fume. Mas sei que você vai conseguir parar novamente e livrar-se desta droga. Antoniél pagou a conta e voltou para o carro. Sentia-se culpado por ter retornado ao vício do cigarro. Ficou sem fumar por mais de sete anos, mas os problemas avolumaram-se, pareciam insolúveis... As recordações de um ano atrás eram bem mais prazerosas do que a realidade que vivia naquele momento. Um ano atrás circulava pela cidade com um belo carro importado, sem contar os outros dois carros nacionais semi-novos que ficavam na garagem à sua disposição ou da esposa.

As lembranças tinham um lado positivo e outro negativo. Por um lado, conseguira manter-se vivo e, por outro, sabia que se perdesse o controle ficaria à mercê da loucura. Tinha chegado perto disso. Mas isso era história do passado. E ainda com os pensamentos fluando, estacionou o veículo a meio fio, próximo da banca de jornal.

-Bom dia, Niel! - cumprimento o homem da banca. - O que lhe aconteceu que não veio marcar seu ponto de ontem? Olha, não sei se você vai querer, mas eu guardei o jornal de ontem.

- Bom dia, Mário. Ontem tive uns pequenos imprevistos e por isso não passei para pegar o jornal. Mas agradeço a atenção. Claro, você não vai ficar no prejuízo: vou levar o de ontem também.

Enquanto pagava os jornais, aproximou-se um antigo conhecido: - Nossa, Antoniel – disse ele -, o que lhe aconteceu? Você engordou? Nem parece o mesmo Antoniel que eu conheci há dois anos atrás! A vida tá boa, hein?

Lembrou-se dele, era Edgar.

Que não sabia o que havia ocorrido com Antoniel. Não sabia que Antoniel havia estado fora da cidade a trabalho, que retornara há pouco mais de vinte dias. Já fazia mais de dois anos que ambos não se encontravam.

Antoniel amargurou-se com a observação feita por Edgar e simplesmente

respondeu: - É, Edgar, a minha vida está muito boa!

E dizendo isso foi logo se despedindo, não queria e nem tinha por que prolongar aquela conversa. E que interesse poderia ter Edgar em sua vida? Mentira, sim, mentiu quando disse que a vida estava boa. Tanto que o tom da voz demonstrava ironia. Mas talvez Edgar nem tivesse percebido. Ele vivia uma outra realidade. E além do que, era apenas e tão-somente um conhecido. Não tinha com ele uma relação mais íntima. Por isso, aquela resposta era mais do que suficiente. Deixou imediatamente o local e voltou ao carro, amargurado. Para espairecer, rodou pelas ruas da cidade.

Quando estacionou o carro em casa, apanhou os jornais e ficou olhando longamente para a casa... Os pensamentos tomaram-no. Em prece silenciosa e consigo mesmo, agradeceu a Deus por ter ao menos salvo aquela casa. Não era uma mansão, mas servia de teto para sua família, que procurava adaptar-se à nova e inusitada situação, com o novo bairro e a nova vizinhança. Estavam ali há pouco mais de um ano. Nesse momento praguejou entredentes contra a má-sorte e amaldiçoou o seu ex-sócio. A lembrança já lhe embaralhou o estômago. Perdeu muitas noites de sono pensando em ‘como matar o desgraçado’. E ao lembrar-se dele a vontade ainda persistia. Tinha motivos, muitos motivos. Mas um lado seu o fazia aquietar-se. Também, questionava-se se aqueles motivos eram suficientes para justificar sujar suas mãos com o sangue daquele larápio... Nas últimas semanas estava conseguindo a duras penas evitar tais pensamentos, mas era impossível evitá-los totalmente. O tempo seria o remédio. Sabia disso e contava com isso.

Entrou na casa e foi direto para a cozinha. A cena lhe trouxe a realidade imediata: a mulher e as duas filhas, sentadas à mesa, já tinham iniciado o café da manhã. Foi aí que se deu conta

das horas. A esposa limitou-se a olhá-lo e suas filhas o agradeceram com um cumprimento quase que ao mesmo tempo: - Oiíí pai, bom dia!

Sente-se com a gente. O café está ótimo.

- Bom dia, filhas. O que aconteceu? Caíram da cama? Hoje é domingo e normalmente vocês ficam na cama quase até à hora do almoço!

- É. Mas hoje nós iremos até o sítio do tio João. Não se lembra? Você prometeu! - disse Andreia.

- É isso aí, pai - confirmou Cristina, a outra filha. - Você fez uma promessa e promessa é dívida!

Até àquele momento a esposa limitou-se a comer e a olhar. Seu olhar dizia tudo.

Em vinte anos de convivência um olhar significava mil palavras.

- Anto - começou ela -, meu irmão acabou de ligar, confirmei a nossa presença.

Ele esteve aqui na semana passada e nos convidou e você disse que nós iríamos. Eu fiquei preocupada com sua saída. Pensei que tivesse esquecido o compromisso. Se não formos, com certeza ele ficará chateado. Tanto que ligou para confirmar, dizendo que já estaria preparando a churrasqueira e já havia comprado a costela que você tanto gosta.

Antoniél sentou-se. Esboçou um sorriso forçado. Mesmo a contragosto, olhou para sua mulher e as filhas. Com a cabeça confirmou a ida até o sítio de seu cunhado. "É! - pensou - Será bom para espairecer um pouco a cabeça.

- Eu não esqueci o compromisso, Carmem - disse, finalmente, voltando-se para a esposa.

Sentia-se mal em mentir, mas a verdade é que nem por um momento lembrou do compromisso assumido. Lembrou-se do dia em que seu cunhado esteve em sua casa, que havia bebido muito e... Mas se era para a alegria geral, então que fosse.

Tomou juntamente com a família o café da manhã e começou a preparar-se para percorrer os trinta e cinco quilômetros que separava a sua casa da de seu cunhado.

Todos já estavam dentro do carro, quando Antoniél lembrou-se dos jornais e falou apressadamente para Carmem: - Aguardem somente mais um pouco. Vou buscar os jornais. Assim, após o almoço, pegarei um canto do sítio e poderei ler com tranquilidade.

Ninguém respondeu. Em poucos minutos retornou com os jornais dobrados e os deu a Cristina que os colocou na parte traseira do veículo.

Foi uma viagem sem problemas.

As três mulheres de sua vida desceram, enquanto cuidava de trancar o carro. Não que isso fosse necessário, estavam num sítio e não haveria qualquer perigo. Era aquela sua cautela... As três seguiram à sua frente. Em completo devaneio, observou a sua esposa. Ainda estava muito bonita. Mesmo tendo passado dos quarenta, conservava-se ainda com uma aparência jovem. No último ano tinha se abatido e envelhecido mais rapidamente, como ele.. Mas parecia ter suportado melhor o problema. Andava graciosa no meio de suas meninas. Meninas!, ora, já estavam maiores que a mãe. Carmem tinha um metro e sessenta e cinco. Observando-as, viu que tinham ultrapassado a altura da mãe. Cristina havia completado dezessete anos de idade e Andreia iria completar quinze. Nossa, como o tempo passa... Lembrou-se, então, dos jornais. Voltou ao carro para pegá-los e carregou-os debaixo do braço dirigindo-se a passos largos para varanda larga da casa-sede do sítio.

Os cunhados estavam de braços abertos para todos. João havia sido mais que cunhado, tinha-o como irmão. Foi seu socorro mais presente na hora do desespero.

Sim, estava feliz por poder compartilhar aquele momento. A tempestade estava passando e, com certeza, o sol iria brilhar de novo. Mas desta vez vamos saber aproveitar, pensou.

Mas o passado estaria de volta, qual fantasma. Um novo drama far-se-ia presente.

Todo o ódio, toda a mágoa, a lembrança dos momentos de humilhação e amargura seriam revigorados.

O almoço iria ficar pronto em uma hora ou uma hora e meia. Antoniel encaminhou-se para a cozinha, localizou a tigela com os limões, escolheu o maior limão taiti, tirou-lhe a casca, calmamente, picou e colocou-o na coqueteleira, juntou açúcar e gelo picado, vodka, e agitou a mistura por uns cinco minutos; e pronto, eis a bebida que apreciava nos finais de semana. Uma gostosa caipirinha de vodka.

Pegou pequenos copos e levou-os à varanda servindo todos que apreciavam a bebida. Pegou também uma garrafa de cerveja bem gelada. A conversa girava sobre os acontecimentos da semana e o que se estava projetando para o futuro. O almoço

transcorreu harmoniosamente. O sítio era muito grande e todos resolveram arriar os cavalos e fazer um passeio.

– Carmem – disse -, vai você com as meninas. Prefiro ficar e dormir um pouco.

– Ora, Anto – respondeu ela tratando-o com aquele íntimo ‘Anto’ -, vai fazer bem para você um passeio a cavalo!

– Olha, bebi um pouco demais. É melhor que eu fique e durma um pouco. Assim, quando vocês voltarem, já terei descansado o suficiente e não teremos problemas com a volta. - Justificou.

Carmem, dando de ombros, falou: - Você tem razão. Durma e fique em paz.

De um dos cantos da varanda, Antoniel ficou observando cavaleiros e amazonas partirem em direção a uma das estradas vicinais dentro da propriedade. Entrou na casa e procurou os jornais: - Agora posso ter um pouco de paz para ler os jornais- murmurou. Logo, acomodou-se no sofá de couro, e decidiu-se a começar a leitura pelo jornal do dia anterior. Mas não chegara ao meio do jornal e sono tomou-lhe os sentidos, o jornal caindo pelo assoalho da sala.

Já o sol estava se colocando atrás do monte, quando a turma retornou. Haviam cavalgado por quase três horas. Ao chegarem à casa-sede, Marcelo, Cristina e

Andreia, incumbiram-se de levar os cavalos para as cocheiras. Marcelo era um dos

filhos de João. Um jovem prestes a entrar na idade adulta. Trabalhava lado a lado

com pai e acabara de entrar na universidade. Seu sonho era tornar-se veterinário.

Seu lado profissional iria colaborar muito com trabalho no sítio. O irmão, Paulo, mais velho, já estava no segundo ano de Agronomia, e Daniela, a caçula, ainda estava no primeiro ano do colegial. Carmem, juntamente com seu irmão João e sua cunhada Nice, cujo nome na verdade era Eunice, mas ninguém a chamava assim, ficaram na frente da casa, observando os três se distanciarem. O passeio, além de extremamente agradável, tinha deixado Carmem bastante exausta. Há uns meses que não montava.

– Com licença, estou com muita sede e vou entrar. – Disse ela.

– Claro, tem água na geladeira. Pode pegar. Nós vamos aproveitar um pouco aqui fora e acompanharmos este lindo pôr-do-sol! - disse Nice.

Carmem subiu três degraus e atravessou a ampla varanda para ingressar na ampla sala. Ela gostava daquela casa. Ela tinha um ar diferente. A altura das paredes lembrava em muito as construções antigas e dava um ar de nostalgia ao ambiente.

Lembrou-se que o irmão fez questão de construir aquela casa em estilo colonial e um de seus desejos era que o pé direito fosse alto. Ao olhar para o sofá, viu Antoniel dormindo. Sem fazer barulho, recolheu os jornais e, ali, quase que ajoelhada, olhou para o homem com quem se casara há vinte anos. Não era o mesmo homem, estava mais gordo, a barriga saliente não combinava com a estatura mediana; o rosto apresentava as marcas dos anos, e mais o sofrimento dos últimos meses. Sua pele estava ressecada, talvez pelo trabalho que vinha desenvolvendo nos últimos tempos. Antes ela era clara e serena, o sorriso sempre estava presente e sua face, não importava o que acontecesse; seus olhos brilhavam e o deixava ainda mais bonito. Mas, o brilho foi-se. Os cabelos brancos estavam aparecendo mais e mais. Não era em função da idade. Antoniel estava indo em direção aos quarenta e cinco. Era um homem ainda jovem e tinha muito vigor. As recordações flutuavam na mente de Carmem. Sabia que ele não era nenhum santo, principalmente quando se tratava de um rabo de saia, mas por outro lado, ele sempre a respeitou e se por acaso ele tivesse pulado a cerca com outras, nunca tivera plena certeza disso.

Lembrou-se de uma sirigaita que há cerca de uns três anos atrás havia dado em cima dele... O que tinha era a certeza, em seu coração, que vinte anos depois ainda o amava. Admirava-o pela sua vontade e entusiasmo com que fazia as coisas. Apesar de tudo o que havia ocorrido, ele voltara a ser o mesmo Antoniel de antes. Um lutador, um batalhador. Podia até ouvi-lo dizer “Nós vamos vencer! Nós vamos conseguir tudo de novo e muito melhor!”. Foi, pensou, a maldita hora em que ele se envolveu com aquele homem. Recusava-se a dizer seu nome. Fosse aonde fosse, queria apagar de sua mente até mesmo o dia em que aquele crápula entrou na vida deles. - Mas, Deus é justo – murmurou -, um dia ele irá pagar por todo o mal que fez à nossa família!...

Mas o mais importante era o fato de que a família estava preservada. E nenhum mal poderia destruir o amor que os unia. Agradeceu a Deus pela compreensão e apoio que Cristina e

Andreia tinham dado ao pai e ainda estavam dando. Era uma família que vivia um momento muito difícil.

Ainda com esses pensamentos, Carmem buscou água; sorveu o líquido lentamente sentindo aquela sensação gostosa de algo lhe refrescando a alma. Nisso, ouviu um amontado de vozes e risadas. Era a turma de jovens retornando a casa.

O que acordou Antoniel. Levantou-se, foi até o banheiro e lavou o rosto. Logo deu um pulo à cozinha: - E aí? Tem um café esperto para me ajudar a acordar? E como é que foi o passeio? - disse, a olhar no relógio. Seis horas da tarde. E observou: - Nossa, como dormi, pensei que era mais cedo!

- O passeio foi maravilhoso. Nós fomos até à barragem. Demos uma olhada no

local que João está preparando para iniciar o projeto de piscicultura. Você deveria ter ido, com certeza teria adorado. - Disse Carmem.

- E isso aí, pai. Você perdeu um passeio eletrizante. Eu, Andreia e Marcelo, fomos até o pasto onde estão sendo montados novos piquetes para os animais e ali deixamos os cavalos correrem soltos. Foi marcante. E isso aí. Chocante... -

Confirmou Cristina que, logo perguntou: - E agora, pai? Vamos embora?

- Calma, acabei de acordar e você acabou de chegar de um passeio que, como você mesma disse, foi "cho-can-te". Ora, por que a pressa?

- Ora, você sabe que eu tenho um compromisso. Eu disse pro Maurício que estaria em casa por volta das sete e trinta e já são seis horas. Ele vai ficar me esperando.

Ele não gosta de esperar.

- Filha, filha - apressou-se Carmem a pacificar. - Você acredita que o Maurício não vai te esperar? Você está brincando. Ele carrega até um vagão por você. Afinal, não é em qualquer esquina que ele vai achar uma jovem tão bonita e elegante como você!

- É isso aí - falou Marcelo. - Se estivesse no lugar dele esperaria... Ansioso!

A jovem apaixonada abriu um sorriso e, em silêncio, acatou a observação do primo e de sua mãe.

- Está bem. Está bem.- Falou Antoniel, um pouco enfadado com aquela história.

Na verdade tinha ciúmes de Maurício. – Tudo bem, vamos embora!

Despediram-se de João e Nice com a promessa de retornarem dentro de quinze ou vinte dias. Carmem pegou os jornais, mas foi Antoniel que os carregou para o carro.

Ao entrarem em casa, Cristina foi a primeira a correr para tomar conta do banheiro. Tinha um compromisso e não queria atrasos. Os outros que esperassem.

Afinal já estava de namoro há cinco meses e queria continuar assim, não queria dar e nem ser motivos para as brigas de namoro. Maurício era um gato e acima de tudo era estudioso e não tinha vícios. Havia ingressado na faculdade de engenharia, estava no primeiro ano. Era um bom ‘partido’. Andreia iria também. Estava de paquera com um primo de Maurício, por isso, tinha que ser rápida, pois a irmã, logo, logo, estaria esmurrando a porta do banheiro.

Enquanto isso, Carmem foi diretamente para a cozinha. – Uma pizza vai cair bem! – disse, enquanto caminhava. A massa semi pronta estava na geladeira, o resto era fácil. Antoniel sentou-se num sofá e ligou a televisão através do controle remoto, passeou pela tela em busca de algo interessante para assistir. Mas era Domingo, dia em que era difícil de conseguir um programa interessante. Deixou-a ligada, sem se importar com o canal. Era apenas para quebrar a monotonia da sala.

Pegou o jornal de sábado, quando terminou a leitura pegou o outro jornal, de notícias mais recentes. Ajeitou o jornal e começou a ler as manchetes estampadas na primeira página: “Gasolina terá novo aumento de 8,5 %”, “Congresso avalia amanhã a cassação do mandato do Deputado J. Pinto”, “São Paulo vence o clássico contra o Palmeiras”, “O Movimento do MST, invade Fazenda no Pará”, “Mais uma chacina em São Paulo, seis mortos”, “Mais uma vítima do estuprador da zona leste”, “Empresário é assassinado na Avenida Paulista em mais uma tentativa de assalto”...

“Meu Deus!” – pensou - Não sei por que ainda leio jornal... É só má notícia. É aumento pra cá, é aumento pra lá; violência aqui, violência ali. Corrupção em todos os níveis. Ah, uma boa notícia: a vitória do tricolor. Mesmo indignado com as manchetes, iniciou a leitura. Tinha o hábito de ler sobre tudo, assim conseguia manter-se informado sobre os mais variados assuntos. Gostava de saber sobre muitas coisas e o jornal também tinha muita

informação útil e boa. Uma seção que ele gostava de ler era a das colunas policiais, às vezes as notícias repugnavam-no pelo crescente número de atos violentos. Ninguém mais sentia-se seguro. Leu atentamente a matéria sobre mais uma chacina, seis membros de uma mesma família haviam sido friamente assassinados e a polícia desconfiava que o crime havia ocorrido por um acerto de contas entre gangues da região – motivo: drogas.

Horrorizou-se com a matéria de mais uma jovem de dezesseis anos estuprada na zona leste quando retornava do colégio por um louco que segundo as fontes policiais já havia atacado mais de cinco jovens naquela região, mas suspeitavam que após sua prisão muitas outras vítimas deveriam aparecer. No último quarto de página, uma extensa matéria sobre o assassinato do empresário na Avenida Paulista.

Antes de começar a ler, Antoniel pensou: nem mesmo a Avenida Paulista se salva nesta onda de violência... Era raro ler sobre um caso que tivesse como palco a famosa Avenida Paulista. A matéria vinha acompanhada com uma foto de falecido e, no rodapé: "Empresário é assassinado com dois tiros na cabeça". Olhou a foto, pareceu-lhe familiar e... Ouviu Carmem chamá-lo para a cozinha: - A pizza está na mesa!

- Já estou indo... - Respondeu.

Voltou a sua atenção para a matéria e começou a ler. Não conseguia acreditar no que os seus olhos estavam lendo. Leu e releu o início da matéria.

"O empresário Roberto de Souza Aguiar, 47, foi morto na madrugada de sábado, no farol da Avenida Paulista. Foi atingido na cabeça por dois tiros e seu carro foi parar em cima da calçada, em baixo da marquise do MASP - Museu de Arte Moderna de São Paulo. A polícia trabalha com três hipóteses: tentativa de assalto - o empresário teria tentado fugir ao assalto e foi baleado pelo assaltante; uma discussão de trânsito; e a última, mesmo improvável, mas não descartada pelo

Doutor Geraldo de Assis, delegado titular da 29ª. DP - Divisão de Homicídios -, que atendeu a ocorrência, um possível crime encomendado. A vítima foi socorrida

ao Hospital das Clínicas, vindo a falecer por volta das três horas da madrugada. O empresário residia no interior, na cidade de São Pedro, e era bastante conhecido no mundo dos negócios na Capital. Seu enterro, ocorreu na cidade em que morava com a mulher e os filhos. Notou-se a presença de

muitos políticos importantes e vários homens de negócios. A família, desolada, recusou-se a dar entrevistas.”

A voz não saía. Antoniel não sabia se gritava de felicidade ou ...

Estava em estado de choque com a matéria. Os pensamentos bombardeavam-no intermitentemente. ‘Deus existe. Deus existe’, gritava para si mesmo. Alguém havia feito o que ele teve vontade de fazer.

– Anto! Anto! – ouviu Carmem, de novo. - Venha. Depois esfria e eu não vou esquentar de novo.

Com o jornal nas mãos entrou esbaforido na cozinha, a voz saindo meio entrecortada: - Car... Car ... Carmem!

– Que foi Anto! – assustou-se ela. - Parece que viu um fantasma. Acalme-se e diga logo. Não fique aí gaguejando. O que foi?

– Isto, Carmem! – e estendeu-lhe a folha de jornal. - Leia esta matéria e diga-me que não estou sonhando.

Cristina e Andreia, perturbadas pela confusão, entraram a perguntar: - O que foi?

Por que tanto alarido?

Carmem começou a ler a matéria e, vagarosamente, sem tirar os olhos do jornal, foi sentando-se. O seu rosto apresentou uma palidez desconcertante. As meninas deixaram suas cadeiras e uma de cada lado, sobre os ombros da mãe, procuravam ansiosas o que havia de importante naquele jornal. E a mãe, sem dizer uma única palavra, apontou com o dedo para a matéria que relatava o assassinato do empresário na Avenida Paulista.

O silêncio tomou conta do ambiente.

As três continuaram a ler a matéria, quase não acreditando no que estavam lendo.

Antoniél sentou-se em seu lugar predileto e ficou a observá-las. Era um momento de expectativa.

– Aí, seu filho da p... – Cristina interrompeu aquele silêncio. - Teve o que merecia.

Não fomos nós que fizemos. Mas devemos mandar uma carta de agradecimento para quem mandou este filho da p... para o inferno, que é o lugar dele!

Carmem olhou para a filha. Tinha vontade de usar a mesma expressão e até outras. Mas havia ensinado as filhas a não falarem palavrão e imediatamente a repreendeu: - Por favor, filha, não use

estes termos. Não usamos falar palavrão aqui em casa. Eu canso de lhes ensinar isso.

– Mas, mãe!, É aquele desgraçado... Veja o que ele fez para o papai. Merecia já ter morrido há mais de um ano. Mas não importa o tempo. O que importa é que ele está morto. Morto! - gritou Cristina, levantando os braços para cima e rodopiando na cozinha. - Não vai enganar a mais ninguém!

Antoniél observava. Suas mãos apoiavam a cabeça, por baixo do queixo, os cotovelos apoiados sob a mesa. Não sentia vontade de falar naquele momento. As recordações traspassavam sua mente numa velocidade louca. Os sentimentos estavam todos embaralhados. Precisava respirar.

Lá fora soou uma buzina. Cristina olhou para Andreia, que também permanecera calada, e esta trocou um olhar com o pai. Carinhosamente abraçou sua cabeça, beijou-lhe as faces e terminou com um beijo doce e suave na testa. - Papai, eu te amo. Adoro você. Não deixe que isso lhe perturbe agora. Não se esqueça. Eu te amo. - Beijou-o novamente e saiu na direção da porta da sala. Cristina, aproximou-se de seu pai, acariciou-lhe os cabelos e deu-lhe um beijo na face esquerda: - Pai, o meu gato está me esperando. Não se preocupe. Voltamos logo. Até mais.

A mãe acompanhou-as até a calçada, deu um adeus com as mãos e retornou para casa. Sentou-se ao lado de Antoniél. Pegou em suas mãos e permaneceram em silêncio, cúmplices.

Carmem soltou carinhosamente as mãos de seu marido, levantou-se e voltou ao fogão, para reaquecer a pizza. Com o tumulto tinha esfriado completamente e ela não gostava de comer pizza fria. Ainda em silêncio, trocou os pratos que estavam sobre a mesa por dois de porcelana chinesa; do armário retirou talheres de prata; na sala buscou dois copos de cristal; e, lá do fundo da pia, retirou uma garrafa de vinho italiano, que há muito estava guardado para um momento especial. – Este é o momento... – murmurou ela, sem que o marido percebesse. Mas ele notou a movimentação, porém, ficou quieto. Em sua mente estavam as recordações de tempos em que na sua mesa estavam sempre bons vinhos, talheres e guarnições de primeira, além de excelente comida. Havia conseguido preservar algumas peças, inclusive a própria mesa, na qual iria ser servido o jantar naquele momento. Já voltava a respirar com tranquilidade. Apreendera com a vida que em momentos difíceis é melhor calar-se, esperar e depois de muito raciocinar, aí sim, abrir a boca e expressar seus sentimentos

e emoções. No fundo não conseguia ainda avaliar muito bem o que estava sentindo em relação ao que lhe foi trazido por aquela matéria do jornal. Sim, aquele homem tinha lhe feito muito mal. Tinha lhe tirado muita coisa.

– Bem, hoje podemos nos dar o luxo de beber esta garrafa de vinho e comeremos esta pizza... Antes que esfrie novamente.

– Tudo bem, Carmem, você venceu! Vamos beber e comer! – disse ele, finalmente.

Comeram e beberam em silêncio.

– Anto! – mais uma vez ela quebrou o silêncio. - Hum, fazia tempo que não comíamos assim. Que tal fazermos uma coisa que há muito tempo também não fazemos?

– E o que é que não fazemos há muito tempo?! – espantou-se ele.

– Ora, na outra casa nós entrávamos juntos naquela enorme banheira. Eh, nós não temos uma banheira aqui, mas um dia teremos novamente. E enquanto isso, temos um chuveiro.

Levantando-se da cadeira, e sem aguardar a resposta, puxou-o pela mão, quase derrubando a cadeira. Ele deixou-se conduzir docilmente. Despiram-se na porta do banheiro e amaram-se como há muito tempo não faziam. Parecia o primeiro encontro. O primeiro dia. O amor que os unia fortaleceu-se face aos problemas.

Antoniél não conseguiu conciliar o sono. Levantou-se várias vezes na madrugada e foi para o quintal para fumar. Desde que voltara vício cultivara o hábito de não fumar dentro da casa. Com isso evitava duas coisas: fumar demais e o cheiro de cigarro dentro da casa, o que incomodava Carmem e as meninas. Estava inquieto.

Não conseguia descobrir o quê da inquietação que lhe sobrepujava o espírito. Não tinha nada a ver com a morte de Roberto, mas sentia um perigo no ar e não conseguia distinguir o que era.

Finalmente, pensou ao ver o dia. O que não estava era com coragem para enfrentar uma viagem até o Paraguai. – Vou de ônibus, na quinta-feira. Aproveito para resolver algumas pendências, e pronto - murmurou.. Ainda tinha um pouco de mercadoria para entregar e algumas cobranças a fazer.

Carmem ainda dormia. Resolveu preparar o café da manhã. Na padaria, comprou os sagrados pãezinhos de cada dia. Preparou um suco de laranja e o café ao seu gosto. Arrumou a mesa com as

guarnições correspondentes. Gostava, vez por outra, de preparar uma surpresa. Pegou uma caneca pequena, era a sua predileta, encheu-a com café quente e forte. Gostava assim. Saiu para o quintal, sorveu lentamente o líquido e acendeu um cigarro; sentou-se na poltrona que ali tinha colocado para esse fim. Esperaria que todos acordassem. Queria tomar o café da manhã com toda a família. Adorava quando estavam todos à mesa. Era um momento muito importante.

Conversavam sobre vários assuntos, colocavam-se as fofocas em dia. Mas ultimamente essas ocasiões estavam muito dispersas. Prometeu para si mesmo as que iria retomar.

Eram sete e trinta da manhã quando Carmem, surpresa, encontrou a mesa arrumada. Sorriu. Gostava de pequenas surpresas. Mas a surpresa maior era a que

Antoniél não tinha saído para a viagem. Estranhou o fato. Antes mesmo sair à procura dele, ouviu: - Bom dia! A mesa do café está pronta madame! Espero que esteja do seu gosto.

- Oh! Obrigada pela surpresa. Mas estou mais interessada em saber por que você não dormiu e, também, por que não foi viajar?

- Não sei, querida. A insônia tomou conta de mim. Não conseguia tirar a morte de Roberto da cabeça. Alguma coisa está me incomodando neste assunto. E quanto à viagem, resolvi deixar para quinta-feira. Vai ser mais proveitosa.

- Ora, Anto. Ele está morto e enterrado e você não tem nada a ver com essa história. Talvez ele reagiu a um assalto e acabou sendo atingido. Infelizmente, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro vivem um caso atrás do outro. Quantas pessoas já foram mortas em sinais de trânsito? Ele não foi o primeiro e nem será o último. Infelizmente.

- Certo, querida. Mas o jornal, segundo o delegado de polícia, dá três versões para o crime. Por que motivo ele falaria sobre três hipóteses, se fosse realmente uma tentativa de assalto?! E outra coisa a se observar é o local onde o Roberto foi morto.

Foi na Avenida Paulista. Lá não é comum acontecer um crime deste tipo. E muito menos se tem conta de assalto em semáforos naquela região...

- Isso pode ter sido uma simples coincidência. Foi ele, como poderia ter sido outro qualquer. Esses bandidos não escolhem a pessoa, fazem o que querem. E outra: ele não é mais seu sócio há mais de um ano.

– Mesmo assim, sinto-me inquieto e não sei qual é a razão.

Ela sentou-se e servia-se de suco quando um pensamento cortou sua mente: será que o caso tem alguma coisa a ver com aquelas ligações estranhas?... Tomou um gole, estranhando-se.

– Anto – disse, decidindo discutir o assunto - você se lembra daquelas ligações estranhas que ouvimos há um ou dois meses atrás? Como era mesmo o nome das pessoas? Foram umas quatro ou cinco ligações. Recorda-se?

Ele coçou a cabeça. Sentou-se em seu lugar predileto à mesa. Olhou profundamente para sua mulher, e soltou: - É isso! As ligações! Nós até achamos a conversa estranha! Creio que faz uns quarenta e cinco dias, não mais. Os homens falavam de um serviço a ser feito. Usaram uns termos estranhos.

– É, mas me lembro bem que o nome Roberto foi citado várias vezes. Será o mesmo?

– Se for é muita coincidência. Mas faz sentido. Vou tentar buscar em minha memória a maior parte da conversa e anotar. E você faça o mesmo.

– Está bem!

As filhas entraram na cozinha e o assunto foi dado por encerrado, no momento.

Capítulo IV

O telefone na casa de Elaine não parou de tocar a manhã inteira. Eram amigos, conhecidos, pessoas ligadas aos negócios de Roberto, que não puderam estar no velório e nem no enterro, ligavam para justificar a ausência e prestar as condolências à viúva.

Marcos e Cleuza, juntamente com os pais de Elaine, conseguiram convencê-la a passar uns dias na casa de praia. O que lhe revigoraria as forças. Mas deveria levar os filhos... E Marta. Marcos comprometeu-se a levá-los na segunda-feira, logo na primeira hora da manhã. E, na volta, iria averiguar os negócios de Roberto.

Roberto havia comprado uma casa no Guarujá. Se é que podia chamar aquilo de casa. Na verdade era uma mansão de enorme e Elaine tinha sido contra a compra. Já moravam numa casa que todos chamavam de mansão. Tinham que manter empregados para tudo. Além de Marta, mais três empregadas e o jardineiro, que também tinha como função manter as piscinas limpas. A casa localizava-se, também, em um condomínio de alto padrão. Roberto preferia os condomínios, pois sempre dizia que ali podia-se viver em segurança. Uma verdade relativa. Mas, apenas para entrar no condomínio era uma verdadeira maratona de apresentação de documentos. Fora isso ninguém entrava sem permissão. E a ronda de patrulhamento interna era constante.

Quando já estavam na Rodovia dos Imigrantes, Elaine, absorta em seus pensamentos, vendo a paisagem verdejante que ia mudando de tonalidades, recordou-se da primeira vez que tinha ido à praia com Roberto. Foi no começo do namoro. Passaram uma semana como se estivessem em lua-de-mel. Havia mentido para sua mãe dizendo que iria com as amigas do colégio. E, naquele momento, estava indo sem Roberto. Restava-lhe a sua lembrança. Quase que podia sentir a mão dele fazendo carícias, procurando cada curva de seu corpo, fazendo-a sentir arrepios aqui e acolá. Tudo isso parecia real. Mas o tempo dizia outra coisa. Esteve casada por dezoito anos. Namorara apenas um ano e, logo, estava casada. O tempo não conseguiria destruir os momentos maravilhosos que viveram juntos.

Ao entrarem na casa, Marta já foi à frente abrindo as portas e as janelas para ventilar. O vento soprava suave. A manhã estava brilhante, linda, cheia de vida.

Não demorou muito para Marcos despedir-se de Elaine e das crianças. Falou qualquer coisa reservadamente com Marta e partiu.

Tinha muita coisa a fazer. Precisava planejar. Afinal, Marcos tinha compromissos com a sua própria empresa, agendados na semana passada. Alguns poderiam ser adiados, mas, outros eram de fundamental importância. Lembrou-se do carregamento que deveria estar chegando no Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Resolveu traçar mentalmente um itinerário. Passaria em seu escritório, resolveria os assuntos mais urgentes. Deixaria sua secretária Kelly incumbida de resolver os de menor importância e, dali, iria direto para o escritório de Roberto. Lá resolveria o que fazer. Não tinha conhecimentos dos negócios dele, mas os funcionários deveriam estar habilitados para auxiliá-lo nas decisões de menor vulto. As empresas de Roberto não poderiam parar. Com as metas já traçadas mentalmente, relaxou e voltou toda a sua atenção para o trânsito.

Olhou o relógio. Já passava das onze. O trânsito estava um inferno e totalmente parado, chegaria na Avenida Faria Lima lá pelo meio dia. – Droga! - resmungou.

Não daria tempo para conversar com Kelly, que saía pontualmente para almoçar.

Procurou afoitamente o telefone celular, ao menos poderia comunicar e pedir para que ela aguardasse a sua chegada. Vasculhou o carro. – Porra, onde está o celular?!

– atrapalhou-se. Não era do seu feitio, mas vez ou outra um palavrão escapava de sua boca. - E esqueci o telefone na casa de Elaine... – deu-se conta. Mas, com um pouco de sorte, conseguiria chegar antes da hora do almoço. Conhecia muito bem

São Paulo. Sabia que naquele horário o que tinha a fazer era ter paciência e esperar.

De nada adiantaria buscar um atalho. Faltavam dez minutos para ao meio dia quando entrou no elevador do prédio. Apertou o botão número nove e, em segundos, já estava na porta de seu escritório. Um conjunto de cinco salas onde, sob o seu comando, trabalhavam doze funcionários. Dirigiu-se para seu escritório e logo foi chamando Kelly. Com um sorriso no rosto, mas sem

disfarçar o descontentamento por ser chamada exatamente naquela hora, ela atendeu o chamado. Sabia que ficaria sem almoço, teria que contentar-se com um lanche, e ali mesmo no ambiente de trabalho.

Marcos, sem perda de tempo, foi dando as instruções para Kelly. Explicou o motivo. Chamou também o Fernando, a quem deu instruções específicas para casos variados, que tinham necessidade de um atendimento personalizado. Era a primeira remessa de produtos que estava chegando do Japão. Fernando era uma espécie de coringa, dentro da empresa. Por isso mesmo, ocupava o cargo de gerente. Já estava com Marcos há mais de oito anos. Era competente. Marcos sentia-se mais tranquilo, delegando tarefas diversas para aquele funcionário, que normalmente eram tratadas por ele. Mas nessa semana, percebeu, teria que se desdobrar. Fez uma rápida reunião com os demais funcionários, explicou a todos a pequena mudança que iria ocorrer naquela semana, e liberou-os para o almoço. Ele, Fernando e Kelly continuaram em reunião mais reservada.

Tomadas as providências iniciais, dirigiu-se ao escritório de onde Roberto, comandava seus negócios. - Ainda bem que é próximo de nós! – exclamara ao despedir-se dos funcionários. Quando entrou no prédio, na Avenida Ipiranga, pegou o elevador e acionou o botão do décimo quinto andar. Há uns dois ou três meses que não punha os pés ali. Por onde começar...?, questionou-se. Até onde tinha conhecimento, sabia que Roberto possuía três empresas, que atuavam em diversos segmentos do mercado. Uma delas atuava no mercado financeiro, era uma empresa de 'factoring'; a outra, na verdade, era uma pequena rede de lojas de confecção, que mantinha também 'grife' de criação do próprio Roberto e contava doze unidades espalhadas pelos maiores e principais 'shoppings' de São Paulo, com público-alvo na Classe A. Essa era uma das obsessões de Roberto. Adorava roupas de 'grife' e aquela rede de lojas, que tinha apenas quatro anos, estava em franca expansão, principalmente após o falecimento de seu pai, de quem herdou uma pequena fortuna e... o senhor Antônio, seu pai, deixou um seguro de vida substancial: com esse dinheiro, Roberto expandiu as lojas. "É a minha menina dos olhos!", como costumava dizer. A terceira empresa e, principal, era uma cadeia de lojas de móveis e eletrodomésticos. Marcos não sabia ao certo o número de lojas. Calculava que já tivessem superado o número de vinte unidades, a maioria delas

espalhadas cuidadosamente pelo interior paulista e uma no Rio de Janeiro, outra no Estado do Paraná, em Curitiba. A empresa tinha mais de dez anos de mercado e estava consolidada. – Eh... - , aí, Marcos lembrou-se da conversa que tinha tido com Roberto, há mais de dez anos, quando foi convidado para ser um dos sócios da empresa. Nessa época também estava iniciando seu próprio negócio de importação e exportação. Intimamente, agradeceu a Deus por ter recusado aquele convite.

Roberto havia sido um bom amigo. Mas, para negócios, tinha um faro muito apurado, era um oportunista de marca maior, e esse era o grande defeito de Roberto.

Quando tratava-se de negócios, ele não respeitava absolutamente nada, nem amizade. Detestava perder, mas por outro lado, pouco se incomodava de perder um amigo deste que com isso garantisse o seu dinheiro. Era o lado de Roberto que talvez Elaine desconhecesse. O nome de Antoniel, veio-lhe a mente. Sentiu pena. - Como Roberto pôde fazer aquilo com Antoniel...! - lamuriou-se. Conhecera Antoniel num churrasco em casa de Roberto. Isso foi logo depois que ambos tornaram-se sócios. É, Roberto não deixava por menos: deixou o sócio à beira da miséria, enquanto ele prosperou a olhos vistos.

– Pois não senhor? O que o senhor deseja? – ouviu uma mulher perguntar.

– Ah, boa tarde! – disse, meio assustado. Estava, de fato, mergulhado em seus pensamentos. - Eu sou Marcos Alcântara. Eu sou amigo pessoal do senhor Roberto.

Estou aqui a pedido de sua esposa Elaine. Gostaria de conversar com o senhor Carlos, o diretor financeiro.

– Sim senhor. Por gentileza, o senhor aguarde apenas um instante que vou anunciá-lo.

Uma porta se abriu e Carlos entrou na recepção, já tecendo comentários: - Boa tarde, senhor Marcos. Que fato lamentável, hein? Mas vamos lá. Entre, por favor.

Carlos o conduziu diretamente à sala de Roberto. Ao entrar, Marcos, que já estava acostumado a escritórios luxuosos, ficou surpreso: Roberto havia remodelado e trocado todos os móveis. A sala estava rica e finamente decorada. A mesa de trabalho em aço e cristal jateado, num dos cantos duas poltronas em couro marrom, uma mesa de centro que seguia o mesmo estilo da mesa de trabalho; um pequeno tapete persa emprestava àquele canto da sala um visual bonito; as estantes, também em aço e

crystal jateado. Em outro canto, combinando com o ambiente, descia do teto uma linda e enorme samambaia e, em outro, um vaso de peperômia. Na mesa de centro, um lindo arranjo com flores variadas e um porta-retrato com a foto de

Elaine com os filhos.

– Então? – quis saber Carlos. - O que vamos fazer agora? Os funcionários se mostraram um pouco ansiosos com o acontecido e estão preocupados. Não sabem o que vai acontecer daqui para frente. O senhor Roberto dominava todos os setores, ele era centralizador. Ele mantinha o controle acionário da empresa de móveis e eletrodomésticos. Era detentor de noventa e nove por cento das quotas sociais da rede de lojas de confecção; seu irmão, que está no exterior, responde pelo um por cento. Esta empresa é por quotas de sociedade limitada. A empresa de 'factoring' segue o mesmo padrão comercial, com a diferença de que é sociedade civil. E tem a outra...

– Carlos – interrompeu Marcos -, antes de qualquer atitude, é necessário que façamos uma reunião. Eu sei muito bem a composição legal das empresas em questão. Não é isso que vim saber!

– Tudo bem, com certeza é o mais acertado a fazer neste momento. Aguarde aqui que vou mandar preparar a sala de reunião e convocar os outros gerentes de setor.

Carlos preparava-se para sair da sala, quando Marcos, segurando-o pelo braço, perguntou: - Espere um pouco. Você falou que existe outra empresa? Que empresa é essa?

– É uma empresa madeireira. O senhor Roberto adquiriu essa empresa de um pessoal do Mato Grosso do Sul, há seis ou sete meses atrás. O senhor não sabia?

– Ora – ele mostrou-se um tanto incrédulo -, mas por que Roberto iria comprar uma madeireira? Esse não é o ramo dele...

– Bem ao que eu saiba, ele pretendia investir na fabricação de móveis rústicos.

Quería atingir um outro nicho do mercado que está em alta. Ao menos foi isto que ele me passou. Os projetos devem estar arquivados no arquivo dele. O senhor sabe como ele tratava seus negócios pessoais. Nós só tomávamos conhecimento quando o negócio já estava concretizado. Mas não se preocupe. Nós lhe daremos todas as informações. Pedirei que o Chefe da Contabilidade participe desta reunião. Assim, o senhor poderá fazer as perguntas que achar necessárias.

Carlos saiu e Marcos acomodou-se na poltrona.

“Uma madeira... Onde Roberto estava com a cabeça? Móveis rústicos? Droga!

Agora terei que viajar para o Mato Grosso do Sul e saber como está a madeira.” - pensou.

- Com licença, senhor Marcos - era a secretária. - A sala de reunião já está pronta e o senhor Carlos pediu-me para conduzi-lo até lá. Por favor, me acompanhe.

Marcos levantou-se e seguiu a jovem e bela mulher por um corredor acarpetado, as paredes pintadas com um tom de azul marinho leve; observou os quadros com pinturas de diversos artistas plásticos, alguns totalmente desconhecidos para ele, que não era muito ligado em artes plásticas, Roberto sim, gostava, e há muito adquiria obras de pintores desconhecidos. Lembrou-se de lhe ter perguntado por que comprava obras de pintores desconhecidos, e dele ouvira: “Um dia destes, qualquer um pode vir a ser famoso. Já imaginou quanto poderá valer um desses quadros? Assim como *Van Gogh* tornou-se famoso após a sua morte, e seus quadros hoje valem milhões de dólares, isto também pode acontecer a qualquer um destes pintores. Na vida, caro Marcos, tudo pode acontecer!”

Na sala de reunião estavam todos os diretores; da área financeira, da área comercial, da área operacional, dos recursos humanos, do departamento jurídico, da contabilidade. A mesa enorme, de mogno, comportava umas doze ou quinze pessoas. Pôde, nitidamente, saber qual era o lugar que ocupava Roberto nas reuniões. Uma cadeira, luxuosa, de espaldar alto, em couro preto e madeira, destacava-se das demais e estava numa das pontas da mesa, de costas para a imensa janela que fazia a vez de parede e de onde era possível observar o movimento intenso da cidade de São Paulo.

Marcos foi conduzido por Carlos e ocupou o lugar de Roberto à mesa. Pensou em recusar, mas sabia de antemão que seria um gesto inútil. Tinha que assumir seu lugar, naquele momento. Era importante para Elaine. Não foi grosseiro e nem havia arrogância em sua voz, quando cumprimentou a todos com um simples: - Boa tarde, senhores!

Marcos não conhecia a todos, mantivera pequenos contatos com Carlos, que era o diretor financeiro, e Paulo, o diretor comercial. Com os demais foram encontros esporádicos em festividades de fim de ano. Tinha conhecimento, isso sim, de que

todos aqueles que ali estavam sentados trabalhavam para Roberto há uns longos anos. Não era necessário dar explicações sobre os quês da sua presença ali. Mesmo assim, perdeu alguns preciosos minutos para explicar a sua função e como deveriam transcorrer os negócios até que, finalmente, Elaine assumisse o controle total das empresas. Marcos podia perceber a ansiedade nos olhos das pessoas. Era um sentimento evidente. Não sabiam como iam ficar as coisas e muito menos que rumo tomariam... Viu no seu relógio que já passava das cinco da tarde. Está mais do que na hora de pôr um ponto final nesta reunião, decidiu para si mesmo. Afinal, era apenas uma reunião preambular. Haveria necessidade de outras reuniões e, possivelmente, com a presença de Elaine. Quis e solicitou que os diretores dos departamentos lhe apresentassem um relatório pormenorizado do andamento dos negócios de cada uma das empresas. – Até à próxima sexta-feira, as cinco da tarde pediu. Ninguém questionou e muito menos se atreveu a pedir um prazo maior.

Somente trocaram olhares, que demonstravam preocupação em fornecer relatórios detalhados em tão pouco espaço de tempo. Enfim, estavam ali para cumprir ordens.

Recebiam para isso.

Marcos e Carlos retornaram à sala que antes era ocupada por Roberto.

– Senhor Marcos – disse Carlos -, li no jornal a matéria a respeito do assassinato de Roberto e lá, o delegado titular da homicídios, deixa entender que não foi apenas uma tentativa de assalto. Por que será que ele suspeita que o motivo do crime tenha sido outro que não a tentativa frustrada de assalto?

– Bem - respondeu Marcos -, ele tem lá as suas razões. Talvez seja aquilo que chamamos no jargão de intuição policial. Talvez alguns dos elementos de investigação inicial tenham dado a ele motivos para crer que não tenha ocorrido apenas uma tentativa de assalto. Também lhe fiz a mesma pergunta. Entretanto, ele não quis responder. Creio que deverá esperar o laudo da autópsia e o laudo da balística. Mas, ao que eu saiba, Roberto não tinha inimigos...

– Olhe – interrompeu o outro - eu não me apressaria a dizer isso. Não interprete o que vou lhe dizer como uma crítica ao falecido. Mas é que nos últimos meses ele realizou vários negócios duvidosos, deixou muita gente descontente que, a meu ver, tem motivos de sobra para querer vê-lo morto.

– O que você está querendo dizer com isso, Carlos?
– Bem, senhor Marcos, poderá tirar suas próprias conclusões quando ler os relatórios.

– Isso tem a ver com o negócio da madeireira?
– Creio que sim. Por isso, aconselho o senhor a ser cuidadoso.- Carlos mostrava-se perfeito conhecedor dos negócios de Roberto. - Estarei à sua disposição para maiores explicações. Nós tentamos avisar o senhor Roberto que o negócio era arriscado, mas, como o senhor bem o conhecia, não quis dar ouvidos. Mas tem também o seu antigo sócio. Como era mesmo o nome dele?

– Antoniell! - respondeu Marcos. E continuou: Antoniell Lima Barreto. Mas ele não seria capaz de uma coisa deste tipo. Se fosse, teria feito logo no primeiro mês em que descobriu que Roberto lhe havia aplicado um grande golpe. Não. Não creio que ele tenha algo a ver com isso. Pelo que conheço e sei, ele é um homem extremamente honrado e honesto. Foi inocente demais ao confiar abertamente em Roberto. Bem, vamos deixar a polícia investigar e devemos deixar esta conversa entre estas quatro paredes, senão, corremos o risco de efetuarmos julgamentos precipitados e acabar prejudicando inocentes. Pode ser que tenha sido apenas uma tentativa de assalto e ele reagiu e acabou sendo atingido na tentativa de fuga... – E assim, Marcos colocou um ponto final na conversa. Tinha muito mais o que fazer.

Deveria retornar à sua empresa e verificar o andamento dos seus negócios.

A semana voou.

Deu-se conta disso, quando Kelly entrou na sala no fim da tarde e colocou sobre a mesa uma grande quantidade de envelopes pardos.

– O que é isso, Kelly?

– O garoto disse que era da empresa ‘R. S. Móveis e Eletrodomésticos’, e pediu para entregar pessoalmente.

Tinha pedido os relatórios para a sexta-feira e ali estavam eles. Teria o fim de semana para analisá-los com calma. Lembrou-se de Elaine. Ficou de buscá-la no domingo. As crianças não podiam perder mais uma semana de aula. Iria aproveitar e levar Cleuza e seus filhos, determinou-se. Seria melhor alugar uma ‘van’. Assim acomodaria a todos confortavelmente. Ligou para a casa, pediu que Cleuza preparasse todas as coisas. Depois, ligou para a locadora de veículos solicitando uma ‘van’.

Quando deixou o escritório já estava com o veículo.

Em uma hora e meia estava em casa. Tomou um rápido banho, colocou as malas no veículo e partiram para o litoral paulista. Levou também a pasta com os documentos. Teria tempo de analisá-los.

Foram recebidos por Marta e pelas crianças.

– E Elaine? Como ela está? - perguntou Marcos.

– Oh! Graças a Deus ela está bem. Está conseguindo superar o trauma. É claro que vai durar mais tempo, né, seu Marcos... Agora, ela está tomando banho. Acabou de entrar.

– Melhor assim - falou Cleuza. - Afinal ela é uma mulher inteligente. Ela tem até formação universitária. Não é Marcos?

– É verdade. Ela terminou o curso de pós-graduação em Psicologia há dois ou três anos. Mas nunca exerceu a profissão. Roberto sempre disse que não havia necessidade dela trabalhar, preferia que ela cuidasse pessoalmente das crianças.

Meia hora depois, entrou Elaine. Ela vestia uma saída de banho, toda colorida e colada ao corpo. Está deslumbrante, observou Marcos. Com certeza vão aparecer muitos pretendentes para tentar ocupar o lugar de Roberto. Era uma mulher elegante, culta, com um corpo escultural. Vestida do jeito que estava, ninguém seria capaz de acertar a sua idade. E o fator mais preponderante: era a herdeira dos bens de Roberto. Sorte de quem conseguisse conquistá-la. Não era páreo fácil. Mas muitos oportunistas sabiam que os primeiros meses seriam fatais. O tempo em que, invariavelmente, as viúvas necessitam de consolo. Muitas conseguem superar e equilibrarem-se emocionalmente, safam-se das investidas dos oportunistas de plantão. Seria o caso de Elaine, talvez. Marcos, por cautela, pediria a Cleuza que tivesse uma conversa com ela a esse respeito. Pensou em usar até mesmo Marta, que na sua simplicidade, poderia ser muito útil naqueles momentos.

Marta havia preparado um jantar delicioso: arroz com frutos do mar, à base de vôngole com as conchas, mexilhões com as conchas, camarão, e condimentos especiais. Era um prato típico da cozinha litorânea portuguesa. E, um segundo prato, de generosas postas de cação ao molho verde. Tudo isso regado com delicioso vinho francês das melhores safras. Roberto mantinha não só naquela casa, como nas outras, sua pequena adega particular. Adorava tomar vinhos de qualidade.

Convencionaram, ali, não comentar sobre trabalho, e, muito menos assuntos que envolvessem a morte de Roberto. Deixariam os comentários para a volta a casa.

CAPITULO V

Antoniél estacionou seu veículo a meio-fio, na Avenida Santo Estevão, ao lado da Praça da Independência. A poucos metros avistou o ônibus estacionado. O relógio marcava dez para as sete da noite. Estava no horário. O ônibus era sempre pontual.

Desceu do veículo, pegou uma bolsa de mão com uma muda de roupa e duas grandes sacolas de nylon. Odiava aquele momento. Desde que havia começado com aquilo. Mas, novamente resignou-se. Carmem estava ao seu lado. Beijou-a delicadamente nos lábios. Despediu-se sem dizer nada e seguiu em direção ao ônibus. Já havia um pequeno aglomerado de pessoas na calçada. Aguardavam o motorista abrir as portas e conversavam animadamente. Nas rodinhas que se formavam, falavam de tudo: futebol, religião, política e, como não podia deixar de ser, sobre mulheres. Naquelas viagens tinha aumentado, também, o número de mulheres. Ao todo, naquela quinta-feira, eram quarenta e dois passageiros.

Raramente o ônibus viajava incompleto. Partia regularmente à segunda-feira para retornar na noite de quarta-feira; e no final de semana aproveitavam mais, pois, havia um pernoite e o retorno ficava para domingo à tarde. Antes de subir no ônibus, olhou em direção à esposa. Lá estava ela, observando. Fez um aceno de despedida e Carmem retribuiu.

Instalou-se em uma das últimas poltronas. Não gostava de viajar na frente e nem no meio do ônibus. Era uma cisma à toa. Mas preferia assim. Iria passar a noite inteira viajando. Deveriam chegar no Paraguai por volta das sete horas da manhã.

Era a segunda viagem daquele mês. Já havia travado conhecimento com muitos lojistas paraguaios, mais na Ciudad Del Este, que faz divisa com a cidade brasileira de Foz do Iguaçu. Já era bem conhecido, também, dos passageiros, e foi cumprimentando alguns dos companheiros e colegas de profissão. Havia gente nova, para quem simplesmente sorriu. Sua poltrona era, o que se pode dizer, cativa.

Já fazia quase um ano que estava viajando. Em média, de duas a três viagens por mês. Sentia-se no direito de ter a sua poltrona preferida e... Reservada. Sempre do lado direito do motorista e na janela. Normalmente procurava dormir. Mas aquela

sabia, seria uma viagem diferente. A conversa com Carmem a respeito da morte de seu ex-sócio não lhe dava tréguas. Iria aproveitar aquele tempo, totalmente ocioso, para buscar na sua memória as conversas telefônicas que havia interceptado.

O burburinho da conversa dentro do ônibus era intenso. Fixou seus olhos na paisagem já conhecida sua. Ainda estava claro. Podia ver o acostamento, as árvores, as cores que se alternavam do verde escuro para o verde claro; do marrom escuro para um amarelo ocre. Mais alguns minutos e o manto escuro da noite cobriria tudo.

Se desse sorte, poderia contar com a luz do luar e também observar as estrelas. Não sabia se era época de lua cheia ou lua nova. Também, o que importava? Enquanto o ônibus avançava no asfalto, o burburinho foi diminuindo lenta e paulatinamente.

Em breve somente poderia ouvir alguns roncões e a respiração de seus companheiros de viagem.

Deixou vagar seus pensamentos, começou a recordar os velhos tempos. Fechou os olhos e se permitiu voltar ao tempo de criança. Nunca havia sido muito bom em guardar nomes, mas recordava-se muito bem do chão de terra batida. Incrível.

Conseguia lembrar-se de quando seus pais deixaram a fazenda Santa Teresa, que ficava no norte de Minas Gerais, e mudaram-se para a cidade de São Pedro. Ia completar sete anos, sua irmã Lúcia, estava com onze. É! Faz mais de três anos que não vejo a minha irmã, registrou. Podia até mesmo ver papai acertando os detalhes de seu novo emprego: um emprego de caseiro numa chácara. Tinha que percorrer cinco quilômetros para frequentar a escola e quando chovia, principalmente de manhã, adeus escola. Não ia à escola para não tomar chuva, mas sempre dava um jeito de sair de fininho e brincar na enxurrada que descia barrenta pela canaleta de cimento à beira da estrada. Sabia que iria receber um castigo de sua mãe. Mas até que valia a pena. A brincadeira de quebrar pião nos círculos desenhados no chão de terra batida. Um dos divertimentos que mais gostava era a brincadeira de atira facas.

O que fazia escondido. Não havia mãe nem pai que permitisse tal coisa, pois, faca na mão de criança é um perigo. Mas para ele não existia perigo algum. Aquele divertimento infantil era-lhe muito prazeroso, que estar com uma faca bem pontiaguda e ir contra a proibição dos pais... Marcado um ponto no chão de terra batida, cada um dos participantes atirava a faca e riscava no chão

objetivando fechar o adversário, que não poderia cruzar a sua linha; quando não havia mais lugar para marcar mais um estava fora do jogo e, também, se a faca não fincasse no chão perdia a vez. Demorou a apreender. Mas tornou-se campeão de atira-faca. A infância durou pouco. Tinha que ajudar na manutenção da casa. Sua irmã já estava trabalhando com a mãe nos afazeres domésticos e na limpeza da casa da patroa.

Começara a cursar o ginásio. Mais longe, ainda. Andava seis quilômetros para pegar o ônibus que o deixava a cinquenta metros do Ginásio. Foi nesse período que começou a trabalhar. Estava com doze anos. O patrão do pai tinha-lhe dado permissão para que vendesse os produtos excedentes do pomar. O valor obtido com a venda seria dividido meio a meio. Voltava da escola e preparava uma sacola com limões taiti, limões rosa, laranja e mexerica. Saía de porta em porta, vendendo aqui e acolá. Foi a sua grande faculdade. A universidade da vida. Ao terminar o segundo grau não teve oportunidade de seguir para a universidade. Queria ser médico veterinário. Gostava de animais. A vida levou-o para outra direção, e de vida teve como instrutores seu pai e sua mãe. Podia até ouvi-lo dizer “Antoniél, se quiser crescer na vida, seja honesto e trabalhador. Somente assim você será respeitado.

Respeite os outros que os outros também te respeitarão”. No fundo, até que ele tinha razão, raciocinou. Mas o mundo era diferente. As pessoas que conviviam fora do mundo do pai eram muito diferentes do que ele podia imaginar: havia, sim, pessoas boas, mas em contrapartida muita gente má e sem qualquer escrúpulo. E logo, na sua mente, surgiu o nome e a figura sorridente de Roberto. Resolveu apagar imediatamente aquela imagem. Era o mal em pessoa. - Por culpa dele estou agora neste ônibus e levando a vida que levo! - murmurou. Abriu os olhos. O ônibus estava totalmente às escuras. Acendeu a luz do teto para olhar no relógio. Já passava das cinco da manhã. Mais duas horas e pouco, estaria no destino.

Preciso dormir, pensou. O dia vai ser cheio. Estou com uma lista enorme. Terei que correr muito para conseguir completar a lista de pedidos. Hum, o perigo vai ser na volta. Já passei com muito mais mercadorias pela fronteira e pela polícia aduaneira... Mas sempre havia uma ponta de preocupação. Odiava aquele trabalho.

Já teria abandonado se tivesse conseguido um emprego. Mas com idade acima dos quarenta, parecia impossível.

Encontraria uma forma e talvez voltasse ao início de sua vida de negócios. Conhecia muito bem o ramo de móveis. Finalmente, adormeceu. Quando acordou com o barulho de seus companheiros, já todos despertados e falando em voz alta, olhou pela janela do ônibus.

– Nossa! Já estamos atravessando a Ponte da Amizade – murmurou.

Tinham deixado a fronteira brasileira para trás e estavam entrando no Paraguai.

Verificou as horas. Eram sete e quinze da manhã. O dia prometia ser quente. Não só pelo trabalho, também pelo calor infernal que fazia ali naquela época do ano. Era fim de janeiro. Muitos de seus pedidos ainda eram para presentes do final do ano que passara. Os preços estavam mais convidativos após as festividades.

– E aí? Dormiu bem? – quis saber o seu companheiro de viagem, com voz pastosa.

– Pois eu dormi como uma criança, cheguei até sonhar que estava à beira de uma represa pescando enormes tilápias.

– É, dormi um pouco, não estava conseguindo conciliar o sono – respondeu Antoniel. Voltou a olhar pela janela e pensou naquele “dormi como uma criança”.

Até parece! Só se fosse como um leitão pequeno. Hum, tive a impressão que estava um porco ao meu lado, de tanto que roncava. Realmente, teve que cutucá-lo várias vezes...

– Tem muitos pedidos para hoje? – quis saber o outro.

– Sim! A lista é grande. Vou ter que correr muito. E você sabe como vai ser a volta? Será que já está tudo acertado?

– Não temos certeza ainda. Vamos ficar sabendo apenas algumas horas antes da partida. Caso tenha algum problema, vamos ter que deixar algumas mercadorias na casa de sempre. Mais despesas. Mas vamos fazer o quê?

– Que droga! Toda a viagem é a mesma coisa: nunca temos certeza de nada. Já perdi quase oitocentos dólares, há três meses. Sim, disseram-nos que tudo estava *okay* e na passagem haviam mudado o turno e fomos pegos. Ainda bem que ficaram somente com a mercadoria. Mas isto é um saco.

– Bem, pelo menos agora temos um local seguro para deixarmos as mercadorias, caso não tenhamos a certeza de que a nossa passagem esteja devidamente acertada.

– É, vamos lá! O que fazer? É a vida que temos no momento.

A conversa foi encerrada. Os companheiros e colegas de profissão já estavam deixando o interior do ônibus. Havia uma ansiedade enorme em todos eles.

Antoniél foi um dos últimos a descer, seus companheiros já haviam sumido no meio da multidão. Era sempre assim. O ônibus mal acabava de parar e todos desapareciam por completo. Cada um queria que a sua fonte de fornecedores não fosse descoberta pelos outros. Ninguém contava quem eram seus fornecedores. Era um segredo pessoal guardado a sete chaves. Recordou-se Antoniél das primeiras viagens. Como sofreu... Teve que usar todos os seus conhecimentos de vendedor e de artimanhas para ir extraíndo de um e de outro pequenas informações de fornecedores de perfumes, cigarros, aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos, computadores, brinquedos, mercadorias diversas e muitas vezes falsificadas.

Demorou, mas ganhou seu estilo. Já tinha a rota delineada em sua mente, sabia com precisão as ruas e becos onde deveria buscar as mercadorias e também a qualidade de cada uma delas. Havia perdido dinheiro no começo com mercadorias de péssima qualidade. Naquele momento tudo era diferente: ele determinava o que queria. O ônibus deixava o estacionamento e ele olhou para a pequena praça: a sujeira era marca registrada do local, barracas de camelôs sendo montadas com uma rapidez impressionante... É, em minutos, pensou, parte da calçada de ambos os lados da avenida tornar-se-ia uma grande feira. Ali podia-se comprar de tudo. Desde um simples lápis a uma metralhadora. E drogas. Parecia outro mundo. E, realmente era outro mundo.

- Eu não pertencço a este mundo!- exclamou para si mesmo. Decidiu não correr, o que desse para fazer, faria. O que não desse... “ah, que se dane!”.

Determinou-se em dar um jeito na vida e deixar aquele ‘emprego’.

Atravessou calmamente a avenida e entrou num pequeno bar para tomar um café.

O ambiente não era nada aconselhável, a higiene do local era precária e percebia-se que não recebia uma limpeza adequada há muito tempo. O balcão, em madeira, era pegajoso. Mas, resignou-se. Era apenas um pequeno café. Não teria coragem de comer qualquer coisa ali, nem que estivesse a morrer de inanição e

aquele fosse o último e único local... O estômago recusava-se, mas, mesmo assim, pediu um café.

Foi servido por uma mulher paraguaia, que vestia um shorts apertado e uma blusa com um decote que mostrava parte de seus enormes seios, uma vestimenta não compatível com a idade e nem a gordura; os cabelos pretos, grossos e fartos, que lhe caíam sobre os ombros eram a imagem da decadência do próprio lugar. Ela colocou o copo sob o balcão e lhe abriu um sorriso, que mostrou a falta de dentes e de uma escova... Tomou o café e saiu dali o mais rápido possível.

Ao atravessar a avenida observou a modificação. Centenas de barracas e guarda-sóis coloridos estavam armados, para os carros e transeuntes ficou disponível uma pequena passagem. Sem contar com os vendedores ambulantes. E eram crianças, adolescentes, mulheres e homens de todas as idades, que não possuíam ponto fixo, vendendo qualquer quinquilharia. Antoniel iniciou a sua rotina. Desceu a avenida principal e na segunda travessa pegou à esquerda, esgueirou-se por entre as barracas, caminhou duas quadras e entrou numa pequena rua paralela à principal.

Ali o ambiente era outro. Não havia barracas e poucas lojas com vitrines funcionavam naquela rua. Caminhou mais duas quadras e o visual tinha mudado totalmente: era uma rua estritamente residencial, com exceção de alguns pequenos bares e pequenas lojas de artesanato local.

Parou frente à casa com o número trinta e sete e, desprezando a campainha, bateu com o punho direito cerrado. Cinco vezes. Em código: em cadência, três batidas seguidas e duas espaçadas. A porta se abriu e apareceu um homem de meia idade, baixo, atarracado, meio calvo, pele morena e curtida pelo sol, um rosto redondo e um extenso bigode, que ele fazia questão de pentear a todo o instante. Ali estava Juan. Que o recebeu sorridente. Cumprimentou-o com um espanhol misturado ao português, e abriu passagem para a entrada de Antoniel conduzindo-o por um longo corredor. Ao fundo, Juan mantinha na clandestinidade a sua loja.

Travara conhecimento com Juan por puro acaso. Já se conheciam há mais de oito meses. Juan havia se tornado o fornecedor número um e um bom amigo. Ensinou-lhe os macetes de compra na Ciudad Del Este e ainda lhe abriu muitas portas entre seus patrícios. Conheceram-se num bar, a conversa

estabeleceu-se após algumas cervejas. Naquele dia estava desolado. E, motivado pela bebida, começou a desabafar com o primeiro que estava na sua frente. Juan estava na sua frente... E, talvez motivado pela história que ouviu e percebendo que poderia obter bons lucros com aquele homem que se lamentava, acabou por tornar-se fornecedor e amigo.

Antoniél sentou-se num pequeno banco de madeira ao lado de um balcão; retirou o par de tênis, colocou-os do seu lado esquerdo, retirou as palmilhas internas e logo em seguida parte do dinheiro que iria utilizar nas compras. As notas estavam muito bem acondicionadas em sacos plásticos. Ali estava mais da metade do dinheiro das compras: 1.200 dólares americanos. Juan, parado perto da porta, observava em silêncio. Acostumara-se com o ritual daquele brasileiro. Ao perceber que ele ia prosseguir fechou a porta: Antoniél abaixou as calças e enfiou uma das mãos para dentro da cueca samba-canção, retirou outro envelope plástico com mais uma quantia em dinheiro, grudado na coxa com esparadrapo; logo, o que parecia ser o final do ritual, virou a barra da calça, primeiro a da perna direita e depois a da esquerda; com cuidado, retirou outros sacos plásticos. Tinha consigo 2.200 dólares.

Juan era o mais forte fornecedor. Era dele que adquiria produtos eletrônicos, placas de computador, relógios japoneses de primeira linha, uísques escoceses legítimos e de boa qualidade, entre outros produtos. Foi Juan quem lhe ensinou esconderijos seguros para o dinheiro, mas havia alertado, também, para “sempre deixar entre cento e cinquenta e duzentos dólares espalhado nos bolsos, que em caso de assalto, coisa comum nos ônibus de excursão, os bandidos ficariam satisfeitos com tal quantia; e se não encontrassem dinheiro, com certeza, levariam até as calças e as malas. Que vão-se os anéis, mas que se fiquem os dedos”. Era um ditado precioso e que deveria ser seguido à risca para quem quisesse sobreviver naquele tipo de negócio. Não iria fazer pesquisas de preços. Sabia que os preços de Juan eram imbatíveis, principalmente e também pela amizade cultivada entre ambos.

Foi na casa de Juan que fez o desjejum. Tomou café com leite e comeu um pão caseiro com queijo fresco. Gastava em média na loja de Juan em torno de mil a mil e duzentos dólares a cada dez ou quinze dias. O seu negócio estava prosperando.

Por isso, desejava ardentemente retornar ao seu negócio de origem. Talvez aquela fosse a última viagem. Como sempre fazia deixou as mercadorias já pagas com Juan. Iria buscá-las poucas horas antes de deixar o Paraguai. Não era seguro ficar com aquela quantidade de mercadorias no hotel onde pernoitaria. Somente foi parar por voltas das quatro horas da tarde. O calor estava infernal. A calça tipo jeans estava colada ao corpo devido ao suor. A camiseta parecia que havia sido tirada da máquina de lavar roupa de tão encharcada que estava. Não havia parado para comer. Entrou no restaurante de sua preferência e ali sentiu-se refrescado pela temperatura agradável do ambiente: gigantescos aparelhos de ar condicionado garantiam que o calor insuportável permanecesse do lado de fora. Era um dos restaurantes mais caro daquela avenida, mas valia a pena... Podia-se fugir do calor e degustar uma boa comida. A pressa ficou para trás. Sentou-se, observou atentamente a lista de pedidos dos seus clientes e certificou-se que faltavam apenas alguns itens. – Amanhã e termino esta lista! – disse em voz baixa, falando para si mesmo.

CAPÍTULO VI

O veículo estacionou a meio-fio no portão de entrada da casa de Elaine. Eram dezenove horas e cinqüenta e cinco minutos. A viagem de volta transcorrerá sem qualquer incidente. Todos desceram do veículo, Marta aproveitou e desceu no bairro onde residia, bem no caminho da casa de Elaine. Marcos ajudou Elaine e as crianças com as malas. Entraram para um rápido café.

– Marcos – disse ela, a certa altura -, e agora? Como vai ficar as coisas? Qual o primeiro passo e que rumo tenho de tomar em relação aos negócios de Roberto?

– Bem, em primeiro lugar é preciso contatar o advogado de Roberto, o doutor Ricardo. Ele dará as diretrizes necessárias e legais que o caso requer. Você terá que pedir a abertura do inventário e, com certeza, depois disso terá a documentação legal para assumir o controle administrativo das empresas.

– Mas... O doutor Ricardo...?!

– O que é que tem, Elaine? Ele é o diretor do departamento jurídico das empresas de Roberto, ou seja, de suas empresas, agora.

– A verdade é que eu não gosto dele. Nunca me fez nada, mas não sinto segurança em entregar o caso para ele. O que você me diz?

– Ora, ele é o mais indicado para a questão. Ele trabalha para Roberto há mais de dez anos, portanto, está por dentro de todos os negócios e deve saber de coisas que, talvez, nem você tem conhecimento. Além de que, não haverá honorários extorsivos, uma vez que ele é contratado das empresas e deve existir um contrato que garanta serviços extras, ou seja, fora do âmbito empresarial. Em todo o caso, deixarei que você decida a questão. Mas meu conselho é: agende uma reunião com ele. Chame-o aqui.

– Você estará presente, não é Marcos?

– Claro. Não se preocupe. Quer marcar para amanhã? Poderia ser após as dezoito horas. Deixe que eu ligo e marco a reunião. Creio que não haverá nenhum problema – disse, sentindo a amiga com uma expressão mais aliviada.

A casa de Marcos e Cleuza ficava a cem metros da casa de Elaine. Eram praticamente vizinhos.

– Marcos – falou ela, já na porta e acompanhando o amigo, observei que na casa de praia você ficou longo tempo examinando vários documentos. Desculpe a minha intromissão. Estes documentos eram da sua empresa ou das empresas de Roberto?

– Os documentos são relatórios que solicitei a cada um dos departamentos das empresas de Roberto. Queria estar a par do que estava ocorrendo em cada uma delas.

– E então? O que você pode me dizer a respeito?

Percebeu a ansiedade dela. - Ainda é cedo Elaine – disse, secamente. – Não terminei de examinar todos os documentos detalhadamente. Faltam ainda alguns pontos a serem esclarecidos. Farei isto amanhã. Mas não se preocupe. Amanhã na reunião já devo estar com as respostas aos questionamentos que tenho a fazer.

Deixemos isso para amanhã. Será outro dia. Vamos descansar.

Entrou no carro e deu a partida. Deixou o local buzinando enquanto ela observava o veículo distanciar-se até o perder de vista.

Ela caminhou lentamente até o hall de entrada, empurrou a porta, que havia ficado entreaberta. Ao fechá-la virou-se e ali, parada, encostou o corpo... Podia sentir a madeira contra suas costas. Por alguns minutos ficou imóvel, estática. Do lugar onde estava tinha uma ampla visão da enorme sala. Seus olhos percorreram atentamente cada peça do mobiliário. Tudo fora adquirido em conjunto com Roberto, tudo fazia parte daquele ambiente, mas, aquele ‘tudo’ não tinha sentimento, não podia demonstrar qualquer emoção. Cada detalhe daquela sala era já parte de um passado, não muito distante. Era a primeira vez que ficava totalmente só, após a morte de Roberto. A semana que passara na casa da praia revigorou-lhe as forças, mas não tinha a certeza de que tenha sido o suficiente. Seus olhos fixaram-se no porta-retratos que também decoravam as paredes. Lembrou-se do dia em que os colocaram: foram feitos com esmero e com medidas exatas para ficarem geometricamente adequados ao ambiente. O que era uma das coisas que ele mais gostava de fazer. A saudade batia forte em seu coração... Por muitas vezes já ficara sem a presença de Roberto. Teve épocas em que ele ficou mais de trinta dias fora, porque os negócios exigiam que se ausentasse por um período grande, principalmente quando tinha que viajar para o

exterior. E em seu íntimo, tinha sempre a certeza que ele voltaria. E depois, como ele telefonava todos os dias; podia ao menos ouvir a sua voz. Quando viajava, não ficava um dia sem ligar, primeiro, falava com ela e depois com as crianças e novamente com ela.

- E agora? – questionou-se em voz baixa. Ele fez uma grande viagem. Para onde foi não há volta. Não há comunicação.

- Por que ele se foi, meu Deus?... – continuou, quase soluçando. A única certeza que tinha era a de que teria que se superar a si mesma.

Roberto estava morto. Fora brutal e covardemente assassinado. Nada o traria de volta à vida. Mas dentro de Elaine havia uma revolta: queria justiça. Gastaria o que fosse necessário para descobrir o assassino de Roberto. Isto seria sua bandeira. Não iria descansar enquanto não descobrisse o assassino de seu marido.

Os seus pensamentos foram quebrados. Ouviu as vozes das crianças chamando-a, lembrou-se que as deixara na cozinha. Comiam um pequeno lanche e iriam aprontar-se para dormir. O transporte escolar estaria na porta às sete da manhã.

Terminada a refeição, Elaine mandou-os para a cama. Retornou à sala, sentou-se em uma das poltronas que ficava ao lado do telefone e de uma mesa, onde ficavam depositadas as correspondências. Notou que havia um grande volume de correspondências. Umhas dezenas de telegramas e muitas cartas. Resolveu ler cada uma delas, antes disso optou por colocar um CD com músicas orquestradas e utilizadas para meditação; sintonizou o som em um volume audível, mas baixo. Os telegramas eram todos de condolências, a maioria das cartas também o eram, outras diziam respeito a negócios, essas, separou-as, pensou que deveriam servir para a reunião do dia seguinte.

O relógio marcava dez para a meia-noite. O tempo havia passado rápido e despercebido. Pela primeira vez em uma semana iria dormir em sua cama. Elaine despiu-se com vagar para logo tomar uma ducha rápida. Quando se sentou na cama, as lágrimas começaram a rolar... Não podia mais conter o choro. Um choro silencioso, sem testemunhas. Com um pequeno lenço, enxugou as lágrimas e renovou para si mesma que iria a todo custo descobrir o assassino de seu marido. O cansaço venceu-a e acabou por adormecer remoendo aquela questão.

– Cleuza conhecia muito bem a Marcos. Ele estivera muito quieto na praia e também quase não falara na viagem de volta. Naquele momento, nem bem havia acabado de entrar e logo correu para o banho. Não estava agindo dentro da normalidade. Ele gostava de passeios como aquele, talvez ainda estivesse perturbado com a morte de seu amigo, mas o infalível instinto feminino lhe dizia que havia algo mais do que a perda de um amigo. Esperaria as crianças irem para a cama e depois tentaria uma conversa com ele. Da cozinha pode perceber que Marcos já saíra do banho e estava telefonando para alguém. Não dava para ouvir a conversa, pois as crianças estavam conversando alto e Ana havia deixado o som da sala ligado. Mas podia sentir pelo tom da voz de Marcos que o assunto girava em torno dos negócios de Roberto. Iria descobrir isso... Ela sabia ser paciente, principalmente quando queria descobrir um segredo. Afinal, de que adiantava viver tantos anos junto com um homem se não conseguia conhecê-lo totalmente. Quando se casou, sua mãe lhe dera um conselho que havia seguido à risca: “Filha, filha. Se você quiser ser feliz no casamento, deverá em primeiro lugar conhecer seu marido.

Você deve esforçar-se para conhecer até mesmo o seu suspiro, o seu olhar. Assim, você poderá evitar muitos problemas e resolver”. É, pensou, minha mãe tinha toda a razão. Ela conhecia papai, percebia até mesmo os seus pensamentos. Ela era incrível.

Preparou um pouco do chá que ele preferia e dirigiu-se à sala. Marcos assistia televisão. Sentou-se na poltrona ao lado, deu a xícara de chá junto dele.

– Marcos – começou ela, enquanto ele sorvia os primeiros goles -, você tem agido estranho estes últimos dias! Algo grave que você descobriu na documentação das empresas de Roberto? Quer desabafar? Fale comigo! Talvez eu possa ajudá-lo, nem que seja apenas para ouvir. Vai lhe fazer muito bem! Melhor do que você ficar remoendo sozinho o problema...

Marcos desviou o olhar da televisão, lançou um olhar sério em direção à esposa, tomou mais um gole do chá, pegou o controle remoto da televisão, abaixou o volume, e disse:

– Você é impossível mesmo. Até parece que conhece todos os meus pensamentos!

- Sim – concordou ele -, estou muito preocupado com os negócios de Roberto. Ainda não me inteirei de todas as coisas,

mas tenho a certeza de que nosso amigo era pior do que imaginávamos.

– Ora, como você pode dizer uma coisa dessas do falecido? Meu Deus! Se Elaine escuta você dizer isso ela tem um troço.

– Você fala assim porque não sabe como Roberto conduzia seus negócios e nem como ele prosperou com uma velocidade meteórica...!

– Marcos, por acaso você não está fazendo um julgamento precipitado? Como você pode ter tanta certeza do que está falando? O que tem nesta documentação que o levou a pensar desta forma? Puxa! Roberto era seu amigo! Estava sempre disposto ajudá-lo. Quando você começou com a empresa, quem foi que de fato lhe estendeu a mão? – Defendeu ela.

– Claro, claro que ele me ajudou! – disse ele, concordando.
- Consegui vários clientes importantes que alavancaram o nosso negócio. Mas, Cleuza, você tem de entender que nos negócios ele agia de forma diferente. Roberto era ganancioso, queria a riqueza a qualquer custo. E quer saber de mais uma coisa? Creio que foi esta ganância por riqueza que lhe custou a vida.

– Marcos, quer dizer que nem todos os negócios dele eram lícitos?! – quase se indignou. - O que, por exemplo, você encontrou de anormal nesses relatórios?

– Bem, você lembra de Antoniel?

– Quem? Ah, o Antoniel? O que ele tem que com esta história?

– Cleuza! Antoniel foi sócio de Roberto na empresa de móveis e eletrodomésticos. Lembra-se?

– Sim, lembro. Faz mais de um ano que desfizeram a sociedade.

– Desfizeram, uma ova...! - Grunhiu Marcos. E prosseguiu:
- Roberto, na verdade, deu um grande golpe em Antoniel e deixou-o na berlinda. Ele perdeu quase tudo. A última informação que tive é que ele havia conseguido manter uma pequena casa e uma chácara que tinha comprado e colocado em nome de seus pais. De resto, perdeu tudo.

– Nossa!! Mas como Roberto pôde fazer isso com Antoniel? Então, ele está na miséria?! O que ele está fazendo agora?

– A última notícia que tive é que ele virou sacoleiro.

– Sacoleiro? O que é isso?!

– Por Deus, Cleuza! Em que mundo você vive? Sacoleiro é aquele que faz compras no Paraguai e revende as mercadorias aqui. Livre de impostos e taxas. Foi nisto que se transformou Antoniel, e a Carmem, sua mulher, ajuda-o nas vendas.

Ele, sim, é um homem honesto e honrado. Não sei como ele está suportando esta vida de sacoleiro que, creio, não deve ser nada fácil. Então, isto é um exemplo para você entender como agia o nosso amigo Roberto, quando se tratava de negócios e de dinheiro.

– Mas – raciocinou ela -, a Elaine disse-me que os dois começaram a se desentender e, por final, tiveram uma discussão: aí, Roberto acabou por comprar a parte que cabia ao Antoniel. Então, como ele ficou na miséria, se ambos tinham partes iguais na sociedade? Evidente que Antoniel deveria ter ficado com metade de tudo o que possuíam. Portanto, se perdeu tudo, não deve ter sido culpa de Roberto...

– Cleuza. Cleuza. Roberto era uma cobra. Um avião, como se diz no jargão do mundo dos negócios. Ele planejou tudo durante mais de quatro anos. É muito complicado para você entender. Não que você não seja inteligente, mas acontece que o plano arquitetado por Roberto, para tirar Antoniel da sociedade, foi o que se pode dizer um golpe de mestre.

– Você tem certeza disso?

– Os documentos não deixam margens para dúvidas.

– Mas se fosse assim tão simples, outros já teriam descoberto o golpe. Não é verdade? – insistiu ela.

– Não. Não é bem assim. Para mim foi fácil, porque mantinha um laço estreito de amizade com Roberto e conhecia alguns passos de seus negócios, tanto que sempre eu o avisava para ir com cuidado. Mas ele dava de ombros e me dizia que o mundo era dos vivos.

– É, mas agora ele é que está morto. E pior: foi assassinado.

– Cleuza este é apenas um exemplo. Você sabia que ele tinha mais três empresas?

– Maaaiiiss três empresas?! – surpreendeu-se ela.

– É isso aí. Ele tinha uma empresa de ‘factoring’, uma rede com doze lojas de roupas com ‘grife’ classe A e, há uns meses atrás, comprou uma madeireira em Mato Grosso do Sul. Segundo me informaram, ele tinha planos de abrir uma fábrica de móveis rústicos.

– Então você acredita que a morte de Roberto não tenha sido apenas uma tentativa de assalto? Será que a morte dele foi encomendada? Pelo o pouco que você está me falando, muitas pessoas teriam motivos mais que suficientes para querer vê-lo morto. Até mesmo este tal de Antoniel...

– Ora, Antoniel nunca faria uma coisa destas – afirmou, com convicção. – Está certo que se eu me encontrasse no lugar dele e ter sofrido o que ele sofreu, com certeza quereria ver meu ex-sócio morto. Mas não ele. Com que dinheiro iria financiar tal empreitada? Não, sinceramente não creio que ele tenha alguma coisa a ver com a morte de Roberto.

– Mas que ele pode ser um dos suspeitos, isso pode.

– Vamos deixar isso para a polícia – acautelou-se Marcos. - Não devemos ficar aqui levantando falso testemunho contra quem quer que seja. E além disso já é bem tarde. Vamos dormir que amanhã o dia será cheio. Tenho uma agenda repleta de compromissos, sem contar que devo me reunir com Elaine no final da tarde. – E assim falando, foi levantando e seguiu rumo ao quarto.

Cleuza pegou a xícara que Marcos havia depositado sobre a mesa de centro e com um sorriso maroto no rosto seguiu em direção a cozinha. - É! – foi falando consigo mesma. - Eu tinha a certeza! Havia alguma coisa de errado! Novamente estava certa em seguir minha intuição e o conselho de mamãe... Logo seguiu para o quarto.

Despiu-se, colocou apenas uma camisola de seda e aconchegou-se, deu um beijo de boa noite e dormiu abraçada ao marido.

– Antes de deixar a casa em direção ao trabalho, Marcos entrou em contato telefônico com Ricardo. Deixou agendada a reunião para as dezoito horas na residência de Elaine. “E, por favor” – pediu - “traga os documentos pertinentes à compra da madeireira”. Já na cidade de São Paulo a primeira providência foi efetuar a devolução do veículo que havia locado na sexta-feira. Tomou um taxi e dirigiu-se para seu escritório. Seu carro havia ficado na garagem do prédio. O dia estava começando agitado. Tinha que enviar funcionários para o porto de Santos. Acabara de chegar um container de mercadorias e tinha pressa em desembaraçar a documentação. O dia já chegava ao final. Estava na porta dando as últimas instruções para Kelly quando o telefone

tocou. Enquanto Kelly atendia, ele ficou no aguardo. Poderia ser alguma ligação importante. De fato era.

– Sim – ouviu a secretária dizer -, sim, o doutor Marcos está. Só que ele está de saída. Na verdade o senhor o pegou por questão de minutos. Vou ver se ele pode atendê-lo. Quem gostaria de falar com ele?

Kelly tapou o bocal com uma das mãos. Olhou para Marcos e disse: - É um tal de doutor Geraldo de Assis. Diz que gostaria de falar com o senhor, urgente.

Marcos buscou em sua mente o nome que Kelly havia dito. Não lembrava-se de nenhum Geraldo. Pegou o telefone, tampou o bocal com a mão direita e perguntou:

– De onde ele disse que era?

– Ele não quis dizer. Apenas disse que já lhe conhecia e que precisava ter uma conversa com o senhor.

Ainda segurando o telefone, lembrou-se: - Meu Jesus amado! É o delegado de polícia - da homicídios. É ele que está com o caso do Roberto...

Os segundos passaram rápidos. Antes de falar recriminou-se por não ter-se lembrado imediatamente. Mas, também, o dia estava estafante, justificou-se.

– Alô! – cumprimentou, finalmente. - Doutor Geraldo, aqui é Marcos. Tudo bem?

– Sim e não – ouviu do outro lado.

– Como assim? Alguma novidade?

– Temos. Mas gostaria de ter esta conversa com o senhor pessoalmente, esta conversa não pode ser por telefone.

– É tão grave assim? - perguntou.

– Bem - respondeu o delegado. - Na verdade, eu gostaria de o pôr a par do laudo médico, realizado pelo IML e também do laudo da balística. Já temos esses laudos fazendo parte integrante do inquérito. Gostaria de marcar uma reunião com o senhor. Isso é possível?

– Mas, claro doutor. Infelizmente não poderá ser hoje. Estava de saída para uma reunião em São Pedro. Vamos nos reunir na residência de dona Elaine, a viúva de Roberto, com os advogados... Sim, vamos tratar dos documentos do inventário e toda a burocracia legal que advém nestes casos. Mas com certeza, para amanhã, desmarcarei alguns compromissos para poder estar com o senhor.

– Isso não será necessário. Podemos nos encontrar depois das cinco da tarde. Está bem para o senhor?

– Está bem! Deixe-me o número de seu telefone que amanhã eu lhe confirmo o horário e o local.

Despediram-se e restou a promessa de mais uma reunião para o dia seguinte. O que será que o delegado tem de tão importante que recusou-se a dizer pelo telefone?

– pensou Marcos. Teria que controlar a ansiedade e concentrar-se na reunião que estava próxima. Consultando o relógio percebeu que iria se atrasar. O trânsito naquela hora era lento. Não gostava de chegar atrasado aos compromissos. Mas aquela era uma situação diferente. Elaine, com certeza, não se importaria em esperar por trinta minutos ou mais.

CAPÍTULO VII

A presença de um homem, vestindo um terno preto onde se destacava o branco da camisa, parado, impacientemente ao seu lado, o trouxe à realidade.

Foi quando Antoniel olhou em volta. A maioria das mesas estava pronta e arrumadas, mas vazias. Pôde observar o pequeno número de pessoas que tomavam sua refeição. O restaurante era um dos poucos, naquele centro comercial, que começava a servir refeições as onze da manhã e só parava à meia-noite. Isto possibilitava conseguir refeições a qualquer hora do dia ou da noite.

– Boa tarde, senhor. Gostaria de fazer o seu pedido? E bebidas? O que o senhor deseja? – ouviu ele em espanhol

– Boa tarde - respondeu Antoniel, em português. - Por gentileza, aguarde um minuto.

Pegou o cardápio, abriu-o, e com o auxílio do dedo indicador da mão direita percorreu os nomes dos pratos, em espanhol, que desfilavam à frente de seus olhos.

Depois de quase um ano freqüentando aquele país, tinha apreendido muita coisa do idioma. Além do que, a maioria das pessoas que vivia naquele centro nervoso do comércio, também estava habituada aos brasileiros e a outros 'gringos'. Com os brasileiros, muitos falavam o que chamavam de 'portunhol', uma mistura da língua portuguesa com a espanhola. Criaram um dialeto próprio de fronteira, mais que suficiente para iniciar-se uma conversação. Optou uma macarronada verde acompanhada de uma caneca de chope.

O homem de preto anotou o pedido e deixou o local. Quando o prato de macarronada chegou a caneca já estava vazia. – Traga outra, por favor!- pediu ele.

Observou a comida. Parecia apetitosa. Já tinha provado aquele prato de macarrão, tipo espaguete, temperado no alho e azeite e florido com brócolis na manteiga, acompanhado de bacon em cubinhos. Comeu devagar, quis aproveitar a tranqüilidade do ambiente, o frescor que o ar condicionado proporcionava, mas também a música ambiente que estava agradável e relaxante: um momento de fuga à realidade que o estava aguardando do outro lado da porta do restaurante.

Deixou-se ficar por mais de hora e meia no restaurante. Pagou a conta em dólares americanos, é que o dinheiro brasileiro como o paraguaio, eram de pouca serventia naquela cidade. E as casas de câmbio em Foz de Iguaçu proliferavam a olhos vistos.

Com isso, algumas serviam de fachada para negócios ilícitos como lavagem de dinheiro. Mas, quem se importa? Antoniel estava ali por necessidade, era uma questão de sobrevivência familiar. Pegou as duas enormes sacolas de nylon, colocou uma em cada ombro e saiu para a avenida tomando o rumo do hotel. Tinha uma grande subida pela frente. O hotel ficava distante, a umas cinco ou seis quadras, e da avenida até lá seria mais uma boa caminhada. Não podia-se dar o luxo de pegar um taxi, resignou-se, já que havia gastado além da conta com o almoço.

Suspirou fundo. Sentiu o ar quente lhe invadir os pulmões e logo arrependeu-se de ter voltado a fumar. Ao chegar o hotel as suas roupas estavam novamente encharcadas. Olhou para a placa do luminoso e leu as letras garrafais e vermelhas:

“STAR HOTEL”.

O nome no letreiro poderia enganar um incauto. Um marinheiro de primeira viagem, como se diziam. Porque de estrela o hotel não tinha absolutamente nada, ao contrário, aquilo nem deveria levar o nome de hotel e nem ao menos deveria ter licença para funcionar, disse para si. Subiu ao segundo andar, as escadas de madeira rangiam a cada lance, davam a impressão que gemiam ao peso de cada homem e mulher que ousavam subir por elas. Chegou ao corredor. Iria pernoitar no quarto dezoito, quase no fim do corredor. Onde também ficavam os banheiros comunitários. Dois banheiros: um masculino e outro feminino. Ambos serviam aquele andar. Eram mais de vinte e cinco quartos. Um loucura para tomar banho e para fazer as necessidades fisiológicas. Resolveu tomar o banho imediatamente, sabia que em breve teria de enfrentar uma fila enorme. O quarto era pequeno, não tinha mais do que seis ou sete metros quadrados: uma cama de solteiro e um criado-mudo ao lado, um armário pequeno e surrado que servia guarda-roupas. Lembrava-lhe muito as celas de conventos que conhecia através de filmes. Da janela apenas se tinha a visão de um muro alto, distante apenas dois metros e fortemente guarnecido com grades. Banho tomado vestiu

bermuda, camiseta, e calçou chinelos. Acendeu um cigarro. Fumou calmamente e desceu para a rua.

Em breve o sol iria se pôr e a cidade tomaria outro aspecto. A noite ali era muito movimentada. Viviam ali mais de duzentos mil habitantes e tinha-se a impressão que a maioria deles estava no mesmo local à mesma hora.

Caminhou uns cem metros em direção à avenida. Parou em frente a um bar-lanchonete. Mesas e cadeiras já ocupavam parte da calçada. Parou em frente.

Acomodou-se em uma das mesas e pediu uma cerveja. Sabia que em breve não estaria só e poderia jogar um pouco de conversa fora. Logo, alguns de seus companheiros de viagem estariam presentes, e o papo estender-se-ia por longo período. O calor abrandara um pouco, soprava uma brisa refrescante.

Não havia ainda terminado de beber o primeiro copo, quando sentiu um tapa em seu ombro direito e ouviu uma voz conhecida:

- E aí, Niel? Já comprou tudo e tá tomando uma gelada?

- Pegue um copo e se ajeite por aí. Agora é só mesmo tomando uma e bem gelada.

- Respondeu.

O homem sentou-se. Encheu o copo com a cerveja com tamanha rapidez que a espuma branca transbordou e escorreu pela mesa. E soltou um palavrão. Ele tinha uma aparência jovem, mas com certeza já havia chegado aos trinta anos. Cabelos pretos e curtos, mantinha ainda um corpo atlético, pele morena, olhos pretos e vivos sob sobancelhas grossas, que se destacavam e eram marcantes em seu rosto.

Gostava de gesticular quando falava e estava sempre de bom humor. Não importava o que acontecesse, ele sempre encontrava um jeito de contornar a situação e transformar o trágico em piada. Mesmo quando isso lhe dizia respeito. Antoniel ficou satisfeito em sua chegada. Sabia que o papo lhe levantaria o astral. Já o conhecia há seis meses. Outra garrafa de cerveja chegou à mesa.

Todos os companheiros de jornada conheciam Toni. Ele não passava despercebido em nenhuma viagem. Era ele que alegrava a cansativa viagem: ia de poltrona em poltrona, brincando e rindo das situações cotidianas. Ele estava naquela vida há mais de três anos. O pai tinha sofrido um acidente e em consequência disso ficou retido numa cadeira de rodas; a mãe, que até então era

apenas dona-de-casa, ajudava vendendo parte das mercadorias que ele levava. Estava solteiro. Gabava-se disso a todo o momento. Com o acidente de seu pai, teve que deixar o emprego e aventurou-se na vida de sacoleiro. Tinha mais quatro irmãos menores para sustentar e o seu salário como empregado não seria suficiente. Ele gostava daquela vida.

Sempre dizia que mais dois ou três anos, teria dinheiro suficiente para montar sua própria loja.

– Olha ali, Niel – disse, apontando o dedo direito em direção a duas mulheres do outro lado da calçada. - Umas coisinhas iguais a essas servem para renovar o meu espírito...

Olhou na direção apontada e viu duas morenas, vestindo mini-saias e pequenas blusas. Não deviam ter mais que dezoito anos cada uma. De certa forma, Toni tinha razão: eram duas moças bem apresentáveis.

– Niel, quer apostar que estas já estão indo para o ponto?

– Ora, Toni. Deixe disso. Para você todas são iguais!

– Aposto quanto você quiser. Elas são garotas de programa. Você sabe. Já viu.

Subindo a avenida, na próxima esquina, é ponto de prostituição.

– Claro, eu sei que é. Mas nem por isso todas as meninas que passam por aqui são prostitutas. Você tem que ver que está muito quente, daí a roupa minúscula...

– Quente...?, tá... E quanto mais quente melhor. Assim as roupas ficam menores ainda. E deixa à mostra aquilo que queremos ver.

– Ah! Pra você é bom. Você é livre e desimpedido. Eu não. A minha fase já passou.

– Que... que é isso?! – exclamou o outro, que pareceu ter ouvido algo do outro mundo. - Você nunca ouviu dizer que cavalo amarrado também pasta?

– É, Toni. Já ouvi. Mas prefiro pastar em meu próprio pasto. Hoje é mais seguro.

Mas, mudando de assunto... Você teve alguma notícia a respeito de como está acertada a nossa volta?

– Não sei, não. Ainda não me passaram nenhuma informação. Por quê? Tá levando muita muamba?

– Algo em torno de dois mil e poucos dólares. E você?

– Estamos empatados. E se os 'homes' pegarem, estamos ferrados. Mas o Zeca afirmou que vai dar bandeira verde, meia

hora antes da saída. Ele avisa se não conseguir, e aí, meu chapa, é bandeira vermelha e fim de papo. Só existem duas soluções: arriscar e perder tudo ou deixar parte da mercadoria na casa do 'padinho' e pagar pelo depósito. Aí a perda será menor. Mas vamos deixar o trabalho de lado.

Agora é a hora do relax e da cerveja.

Na mesa já estavam seis garrafas de cerveja. A noite estava agradável. Antoniel, consultando o relógio, disse:

- Toni, está na hora de voltar para o hotel. Neste horário o perigo aumenta.

- Que é isso, cara? Vamos dar um pulinho até à esquina da felicidade. Vamos lá!...

- Toni... é que ...

- Que nada - interrompeu Toni. - Vamos! Não vamos fazer nada. Damos uma olhada, tomamos mais uma, observamos o movimento e depois voltamos.

Toni venceu, pensou Antoniel. - Olhar não vai ter problema. Vamos lá. - disse.

O sorriso apareceu no rosto de Toni.

A agitação noturna em nada perdia para a movimentação do dia. A grande diferença estava na mercadoria... Durante o dia a procura era por algo negociável e à noite era por bebidas, drogas e sexo. Aproximaram-se de outro bar e logo notaram a diferença de ambiente: blocos distintos de prostitutas, travestis, garotos de programas... Parecia outro mundo. Outra realidade. De fato era outro mundo: o submundo. Ocuparam uma mesa na calçada. Pediram uma cerveja. O garçom quis o dinheiro adiantado. O valor da cerveja foi o dobro da que tinham bebido a cem metros abaixo. E da mesma marca.

- Sinto muito - falou Antoniel, sentindo que algo não lhe fazia bem. Mas percebendo que esse algo era mesmo o ambiente. - Eu não vou ficar neste lugar.

Isto me faz mal.

- Calma. Mantenha a calma. Vamos acabar de beber e vamos embora. Tá legal? - e apontou com o dedo por cima do ombro esquerdo do companheiro, exclamou, vitorioso: - Niel! Eu não disse? Tá lá aquelas duas... Viu? Se você tivesse apostado, teria perdido.

Antoniel esvaziou o copo de cerveja em um só gole. Levantando-se, foi dizendo, com voz de mando: - Vamos embora!

- Tá bem. - concordou Toni.

Em poucos minutos já estavam no hotel. Despediram-se na entrada e cada um seguiu para seu quarto.

O quarto estava abafado. A única ventilação chegava através da janela. Teria que se arriscar e deixá-la aberta. Acendeu um cigarro e foi fumar rente à janela. Com a mão esquerda segurou uma das barras de ferro sentindo a dureza e a frieza metálica.

Soltou uma baforada e olhou para o céu. Eram poucas as estrelas, mas a lua estava bonita. Apagou a luz do quarto e imediatamente o luar invadiu o ambiente. Deitou-se com a roupa que trajava, olhos ainda abertos e fixando o teto.

O que faço aqui? Como mudar esta situação? Fui enganado por Roberto, e talvez tivesse um pouco de culpa, de tão inocente que fui. Mas o desgraçado soube me empurrar para aquela situação, sem dó nem piedade. Ah, agora ele está morto..., falava Antoniel com os seus botões. Suspirou de satisfação, quase um grito de revolta. - É muito mórbido regozijar-me com a morte de alguém. Mesmo sendo a daquele crápula! – murmurou. Era, de certa forma, uma resposta àquela primeira questão. Quanto à segunda, não queria mais sentir-se um delinqüente: não quero ser um criminoso. Pelas leis brasileiras sou um sacoleiro, ou seja, um criminoso. É como disse aquela conhecida de Carmem, recém formada em Direito e que queria ser juíza, e ela, ah sim, lembro, ela afirmou que eu estava infringindo a lei e ainda me mostrou o artigo penal correspondente ao delito de ser sacoleiro; e eu... ah, ainda caí na asneira de perguntar que livro era aquele. A resposta era óbvia: eu estava diante do Código Penal Brasileiro. E “o crime que você, e centenas de pessoas que trabalham com isso, cometem, é descrito como contrabando ou descaminho. Está aqui, o artigo 334 do Código Penal”, disse-me ela. Eu, trabalhando para sobreviver... Um criminoso!?

Fechou os olhos. Revia a cena desenvolvendo-se em sua mente. Cada palavra da futura e jovem magistrada dizendo: “Importar ou exportar mercadoria proibida ou iludir, no todo ou em parte, o pagamento de direito ou imposto devido pela entrada, pela saída ou pelo consumo da mercadoria” resulta em pena grave.

– A pena é de prisão?-, quis saber, então. E a resposta foi simples e direta: - É sim, seu Antoniel. A pena é de reclusão e varia de um a quatro anos. Por isso, quem compra mercadoria no Paraguai, ou em qualquer outro País, e vende do Brasil, ou outro País, sem recolher os impostos devidos, comete crime. Além de

que ainda pode responder por sonegação fiscal, caso os valores das mercadorias não estejam corretos. É por este motivo que a legislação brasileira fixa um valor de cento e cinquenta dólares americanos para as compras no Paraguai. Entrar no Brasil, com mercadorias compradas no Paraguai, até o limite deste valor, está dentro da lei. Aí não se está cometendo crime algum. E outra: as pessoas que compram contrabando, conhecendo a origem, cometem o mesmo crime!

– Com isso, você está me dizendo que não mais vai levar o litro de uísque escocês que pediu?! – logo disse. A jovem soltou uma gostosa gargalhada e emendou uma pergunta: - Mas quem falou que este uísque veio do Paraguai?... – e soltou outra gargalhada.

Cujo som ecoava na mente de Antoniel. Crime? Mas, e daí? - pensou. Quantos crimes estão sendo cometidos no Brasil, neste exato momento? E na fronteira?

Quantos ônibus e carros particulares estão transportando mercadorias acima do limite imposto pelo governo brasileiro? Quantos policiais e agentes alfandegários estão ilicitamente aumentando seus rendimentos mensais? À custa de quem? Merda, o governo sabe da verdade, sabe a verdade. Mas permite. Também é culpado. É conivente com o crime. Seja o que eu estou praticando agora, seja com o crime de corrupção com que se é obrigado a conviver na fronteira e no posto alfandegário.

Veza ou outra, para não transparecer inoperância, fazem uma *blitz* relâmpago e alardeiam pelos noticiários, como se tivessem conseguido deter uma grande quadrilha de perigosos e sanguinários bandidos. Na verdade, apreendem mercadorias de pobres homens e mulheres que se aventuram nas estradas e passam noites e noites sem dormir direito para conseguirem um pouco de dinheiro, que nem sempre é suficiente para manter dignamente a família. Mas que droga, amanhã estarei transportando dois mil e poucos dólares de mercadoria... Que vendas, descontando todas as despesas, vão dar-me um lucro líquido na faixa de sessenta por cento. E muitas vendas são pagas em três vezes com alguns calotes. É... e tudo em dólar americano...

Antoniel não conseguia se conciliar com o sono.

Tinha tentado um novo emprego. Mas, além do tombo que levava, a idade já se tornara um empecilho. A saída foi arriscar e fazer o que estava fazendo: - O que sempre soube fazer. Vender.

Nisto eu sou bom. Mas nem mesmo um emprego de vendedor eu consegui!... – falou, em tom baixo. E continuou: - Esta será a última viagem ao Paraguai, como sacoleiro... – decidiu-se. Poderia voltar como turista.

Conversaria com Carmem a esse respeito e ela entenderia e o apoiaria.

A decisão pareceu acalmá-lo. Logo o sono tomou-o. Ao despertar, agradeceu a Deus por mais uma manhã. Sentiu o corpo dolorido. - Ai, era melhor ter dormido no chão duro do que neste colchão maldito! - resmungou. Eram quase seis horas.

Pegou a toalha, o papel higiênico e correu para o fundo do corredor. Deu sorte, não tinha fila no banheiro.

Estava terminando o banho, quando ouviu um burburinho do outro lado da porta.

A fila já está se formando, pensou. Desligou o chuveiro. Enxugou-se. Abriu a porta e foi recepcionado por mais de cinco pares de olhos que, impacientes, aguardavam a sua saída. Cumprimentou a todos e sorriu interiormente. Havia mais uma vez conseguido ser o primeiro. Os outros teriam que se contentar com o banheiro molhado. E desceu para o salão em busca de um café da manhã. Um pãozinho com manteiga e uma xícara de café com leite era o café da manhã servido no ‘Star Hotel’.

Estava convencionado que os sacoleiros deveriam estar na praça habitual às cinco horas da tarde. O ônibus deveria sair no horário: sete da noite. A reunião antecipada era para que o responsável pela “excursão” desse as coordenadas. Bandeira verde ou bandeira vermelha. Se fosse a verde, o custo já estava acertado em dez dólares por cada passageiro. Era o imposto que cada um teria que arcar, mesmo correndo o risco de serem apanhados por uma *blitz* surpresa. Além de ainda terem outro risco: serem parados e revistados no próprio Estado de São Paulo pela Polícia Rodoviária estadual que, agindo com agentes da Receita Federal, fazia *blitz* nas estradas, operações que eram sempre uma incógnita... Tinha que correr o risco. No horário, todos estavam presentes. Olhares ansiosos, em silêncio, aguardavam a saída do Zeca de dentro do ônibus. Quando desceu logo se formou um grande círculo à sua volta. Zeca levantou um braço e, com uma voz rouca, avisou: - Bandeira verde, pessoal! Vamos agora à arrecadação...

O alívio foi geral. Se o risco ainda existia, as chances de sucesso na viagem eram bem maiores. E era sempre assim. Toda a

viagem tinha momentos de *suspense* e incerteza. Naquele ônibus, pelo menos, todos viajavam com uma sensação maior de segurança. Pois, se não bastasse a fiscalização, os guardas rodoviários e a Receita Federal, começaram a aparecer os criminosos oportunistas que faziam-se passar por sacoleiros, mas na verdade eram assaltantes; no meio do percurso de ida para o Paraguai saqueavam os viajantes e desapareciam. Nunca se soube que algum desses elementos tivesse sido preso, lembrou-se Antoniel. Naquela “excursão” era o Zeca quem comandava e não aceitava estranhos. - Para participar da viagem, o novo ocupante tem de ser conhecido ou ser apresentado por outra pessoa do grupo! – era a regra de segurança dele, e que todos ouviam com satisfação.

– Menos mal, né Niel?

Ouviu alguém falar nas suas costas. Virou-se e viu Toni, sorrindo como sempre. - Com certeza – respondeu - tenho que correr para buscar umas mercadorias que deixei reservadas. Até mais, Toni.

Dirigiu-se a passos largos à casa de Juan. Ele era um dos poucos fornecedores que era paraguaio, os demais eram coreanos, judeus, árabes e de nacionalidades das mais diversas. Chegou a casa de Juan e bateu na porta sinalizando bem a senha nas pancadas, e pelas quais o paraguaio sabia distinguir entre seus clientes e amigos e afastar curiosos, principalmente a polícia e a fiscalização. A porta abriu e Juan, com um sorriso, deu-lhe passagem.

– Antoniel tenho uma coisa que, eu sei, você vai gostar muito.

– O que é Juan? Não é uma arma? É? Pois, se for...

– Não. Não é arma. Eu sei que você não gosta de armas, mas se quiser, também dou um jeito de arrumar quantas forem necessárias... Siga-me.

Juan seguiu pelo corredor e parou em frente a uma porta. Antoniel nunca havia estado ali. Ele abriu a porta, acendeu a luz e os olhos de Antoniel percorreram todos os cantos do quarto. Estava repleto de mercadorias. Videocassetes, aparelhos de som, computadores, rádios, relógios, aparelhos de fax e muitas outras caixas fechadas. Estava ali uma pequena fortuna em mercadorias. Juan dirigiu-se uma das prateleiras, retirou uma caixa pequena e estendeu-a para Antoniel.

– Mas, o que é isto Juan?

– Isto – disse Juan –, é o mais moderno e mais potente aparelho para escuta de conversas telefônicas. Com ele, você vai ampliar duas ou três vezes mais o raio de ação em relação àquele que eu lhe vendi. Não que aquele não seja bom, é que este é muito melhor. Eu sei que você gosta. Este fui pegar especialmente para você. – E questionou, curioso: - E outro?, ainda está funcionando?

– Claro que está. Consegui fazer algumas modificações e aumentei a frequência.

Praticamente dobrei o alcance. Consegui ‘escanear’ conversas telefônicas num raio de quinze quilômetros de distância. Também, porque instalaram algumas torres de recepção. Só funciona para telefones celulares, que nos convencionais a distância fica reduzida para três quilômetros, isto quando se utilizam de telefones sem fio.

Agora, do telefone celular para o convencional e do convencional para o celular, pego todas as ligações. É sensacional!

– Então – disse Juan, o olho brilhando –, com certeza você vai adorar este aparelho. Com ele você não necessita ficar procurando as frequências. Ele emite um aviso sonoro, cada vez que muda a frequência e você deve saber que as frequências dos telefones celulares também estão mudando. Com este você não terá nenhum problema para ficar sabendo da vida alheia...

– Quanto custa? – perguntou, dando logo a entender que iria pechinchar. – Você sabe, o dinheiro que eu trouxe, já gastei com você. Então, fale devagar.

– Este, vou fazer pelo preço de trezentos e cinquenta dólares.

– Então, não vai dar Juan. Sobrou cento e vinte dólares. Fica para outra vez.

– Negativo! – disse o outro. - Você leva e me paga na volta. E não se discute mais isso.

Não havia tempo para discussão. Tinha que retornar ao ônibus. Colocou o aparelho em outra mala e despediu-se de Juan. O ônibus partiria no horário. Se a viagem transcorresse sem problemas, estariam em São Pedro por volta das sete e trinta da manhã, ou oito horas. Ainda aproveitou o domingo com a família, pensou.

CAPÍTULO VIII

O sol já estava se recolhendo quando Marcos entrou pela porta da frente e, beijando a face de Elaine, foi logo dizendo: - Desculpe-me pelo atraso. O trânsito estava uma droga. Tudo parado.

- Não precisa se desculpar. Ainda é cedo. O advogado ainda não chegou.

- Como? - espantou-se. - Ele é sempre pontual, será que ...

- Não se precipite - disse ela. - Ele ligou no meio da tarde dizendo que estava preso no trânsito e que iria se atrasar. Mas o que está acontecendo, Marcos? Você parece estar muito agitado? Aconteceu alguma coisa?

Marcos questionou-se: devo ou não devo contar para Elaine sobre o telefonema do delegado e da reunião agendada para amanhã?... Optou por silenciar-se. Queria primeiro ter a conversa com o delegado, para depois informar Elaine sobre o caso.

Percebeu que aquela não era ainda a hora certa. Iriam tratar de assuntos do inventário e de como iriam ficar as empresas. Ela já estava bastante tensa. Além do mais, para que carregar ainda mais o ambiente?

- Não é nada - disse, finalmente. - O dia hoje foi muito corrido. E quando chego aqui ainda levo até uma hora para desligar do corre-corre. Então? Onde vai ser a reunião?

- Preparei a sala de jantar. Creio que é um ótimo lugar para tratarmos destes assuntos burocráticos. Vamos até lá - convidou Elaine.

Tinham acabado de acomodar-se à mesa quando ouviram a campainha do telefone. Após alguns segundos, uma das funcionárias da casa entrou e disse: - Dona Elaine. Com licença? Tem um senhor na portaria do condomínio dizendo que a senhora o está aguardando. O nome dele é Ricardo Tavares...

- Sim, Joana - disse Elaine. - Nós o estamos aguardando. Mande-o entrar e aguarde na porta, por favor.

- Sim, senhora.

Minutos depois, Joana reapareceu conduzindo o visitante. Ele deve ter a idade de Roberto, pensou Elaine observando-o. Só que na aparência deixava muito a desejar.

Era baixo e gordo, não tinha mais do que um metro e sessenta e cinco; um rosto gordo e redondo e, para piorar, usava um bigode ralo, seguido de um cavanhaque.

Mal dava para se notar o pescoço. Parecia uma coisa só. Os primeiros sinais de calvície destacavam-se no cabelo extremamente curto. Vestia um elegante terno azul escuro com finíssimas linhas brancas, uma camisa azul, mais clara e uma gravata de seda vermelha... Destoando do conjunto. Seus olhos pequenos e pretos causavam uma má impressão. Nunca gostei deste homem! - exclamou Elaine para si mesma. Em sua intuição, algo lhe dizia que ele não era confiável. Roberto tinha-o sempre em primeiro plano.

Procurando ser respeitoso, mas com uma voz que denotava prepotência e arrogância, buscando também justificar-se, disse: - Boa noite, senhora Elaine! Boa noite, senhor Marcos. Peço desculpas pelo meu atraso. Isto não é do meu feitio. Prezo sempre pela pontualidade, detesto esperar e, por isso, também não gosto de deixar ninguém esperando. Calculei mal o horário e fiquei preso no trânsito que estava uma lástima.

Ela lançou um olhar para Marcos, como que quisesse dizer “Puxa, Marcos, não tinha outra pessoa para cuidar deste caso?” O que ele entendeu perfeitamente e, sutil, deu de ombros como resposta. Sem mais delongas, sentaram-se e os papéis foram tomando conta da mesa de jantar.

Elaine tomara assento na cabeceira tendo Marcos à sua direita e o advogado à sua esquerda.

- Doutor Ricardo - começou ela -, qual é a primeira providência que devemos tomar? E, antes que o senhor responda, quero lhe adiantar que o senhor Marcos, que é um amigo da família, irá me acompanhar nas reuniões que se fizerem necessárias.

Portanto, mesmo eu não estando presente, desde já, ele tem autorização para comunicar-se com o senhor a respeito do andamento deste caso como também em relação às empresas. Pelo menos até que eu tome conhecimento de todas as coisas.

- Está certo, senhora Elaine - respondeu ele. - A primeira providência é, digo, a mais urgente, é pedir a abertura da inventário. Será através deste procedimento jurídico que a senhora poderá assumir a direção das empresas e da totalidade do patrimônio. Observo que deverá estar atenta para uma futura prestação de contas, isto pelo fato de existirem dois menores e, os

quinhões da herança de cada um, devem ser integralmente respeitados.

O advogado continuou falando e fazendo anotações em folhas de papel sulfite.

Enquanto isso, explicava detalhadamente os procedimentos judiciais que o caso requeria, bem como o tempo que iria demandar e, com o auxílio de uma calculadora, apresentou os cálculos de despesas processuais iniciais, sem contar com a sua parte de honorários. Em uma folha à parte, elaborou um extenso rol dos documentos que seriam necessários para instruir o processo de abertura do inventário. Alertou ainda para a urgência da preparação daqueles documentos a fim de não perderem o prazo de abertura que a lei estipula em trinta dias, após o falecimento, sob pena de multa. Restavam apenas três semanas. Entretanto, caso não se fizesse a abertura do processo de inventário naquele prazo legal ele poderia ser aberto a qualquer momento, a diferença estava, segundo o advogado, no fato de o espólio ter que arcar com o ônus da multa de vinte por cento sobre os valores de impostos a serem recolhidos.

Neste ponto é competente, pensou Elaine, detalha todos os passos do processo com segurança. No fundo, talvez Roberto tenha tido razões para gostar deste homem, ele transmite certeza no que fala...

Ricardo era um excelente profissional, um *expert* em Direito empresarial e comercial. Atuava também na área civil, onde começou sua carreira. Especializara-se em consultoria empresarial. Conhecia todos os macetes, todas as variantes legais tanto para levantar como para derrubar uma empresa. No seu *curriculum*, tinha cursos de especialização na área do Direito tributário. Utilizava-se disso a seu favor e a favor de clientes, que ele mesmo nomeava como “clientes muitos especiais”.

Trabalhava para Roberto há quase quinze anos. Conheciam-se muito bem e davam-se melhor ainda. Era um profissional de sucesso: - Não estou milionário, mas dá para viver! – disse ele, a certo passo da conversa. A verdade era que com o dinheiro que possuía poderia até mesmo dar-se ao luxo de se aposentar e viver simplesmente de rendas, levando-se em conta uma frase solta ali mesmo: - Adquiri muitas propriedades no decorrer da carreira e todas estão alugadas, sem contar com investimentos em outras áreas!

A reunião estava para ser encerrada. Praticamente, todos os detalhes documentais deveriam ser providenciados nos próximos dias.

– Doutor Ricardo – falou Marcos, pela primeira vez -, e a respeito da madeira?

Que negócio Roberto fez? Em que cidade fica esta empresa? Nos relatórios que vocês me enviaram não encontrei nada que dissesse respeito à madeira. Só tive conhecimento da existência dela através do diretor financeiro, o senhor Carlos.

O advogado remexeu-se na cadeira, como se buscasse uma posição mais cômoda e respondeu:

– A respeito da madeira, temos que pedir autorização para abrir todos os armários da sala do doutor Roberto. Ele adquiriu esta empresa há cinco ou seis meses, na cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul. Ele tinha planos de montar uma fábrica de móveis rústicos e, comprando a madeira, acreditava que não teria problemas com fornecedores. Pois, não sei se o senhor tem conhecimento, entre os madeireiros impera um verdadeiro cartel: eles se fecham com um preço e o mercado é obrigado a comprar e não adianta procurar fornecedor com um preço mais baixo, corre-se o risco de ficar sem... Tenho apenas em meu poder algumas cópias dos contratos que elaborei

– Madeira? - interrompeu Elaine, perplexa. - Ele nunca me disse nada a respeito. Que novidade é esta Marcos?

– Isto é o que pretendo descobrir – respondeu, mas logo indagando o advogado: - O senhor tem conhecimento do valor pago?

– O valor da transação foi fixado em cem mil dólares americanos.

– Nossa!... - espantou-se Elaine. - Tudo isso por uma madeira...? E coisa

totalmente fora do ramo de comércio de Roberto... E quem é que está tomando conta desta empresa? – quis saber ela dirigindo-se ao advogado.

– Joel. Um homem de sua confiança.

– E os vendedores? Onde Roberto os conheceu? Pois, ao que eu saiba, ele nunca esteve em Dourados - insistiu Elaine.

– Ele conheceu os antigos proprietários, aqui mesmo em São Pedro. Eles fixaram residência nesta cidade há dois anos e meio. Eles possuem uma propriedade rural próximo à Rodovia Castelo Branco e o doutor Roberto conheceu-os uma noite

qualquer no clube. – O advogado olhou bem nos olhos de Elaine, e adiantou: - Posso lhe garantir que ele esteve em Dourados várias vezes. Em três oportunidades

eu o acompanhei pessoalmente!

– ...?! – e ela não conseguiu absorver o impacto da revelação. - Isso é um verdadeiro absurdo!! Quando Roberto viajava a negócios ele sempre me contava e, nestes últimos meses, aos quais o senhor se referiu, ele viajou duas ou três vezes: foi aos Estados Unidos, onde ficou durante quatro dias; foi à Argentina e, a terceira....

– Foi para o Mato Grosso do Sul – interrompeu o advogado, mostrando-se já enfasiado com a questão - foi quando ele ficou dez dias fora. Esta foi a primeira vez que eu o acompanhei. Nas outras viagens, ele pegava o avião logo pela manhã e retornava à noite.

Elaine estava pasma com aquela situação. Começou a crer que não conhecia Roberto tão bem como imaginava. Por que razão ele não havia lhe contado sobre a compra da madeireira? Qual a necessidade de esconder um negócio aparentemente simples como esse? Havia um bom dinheiro investido. Teria que saber de maiores detalhes a respeito.

– O senhor conhece pessoalmente os antigos proprietários, não é? Qual o nome deles? Por que desfizeram-se da madeireira? – quis saber ela.

– Os antigos proprietários são dois irmãos. O mais velho é Diogo e mais novo Paulo. Os nomes completos e o endereço estão corretos no contrato. Somente me recordo dos primeiros nomes. E, *a priori*, a venda foi apenas uma transação comercial. Eles haviam adquirido uma pequena propriedade rural, nesta região, gostaram daqui e resolveram vender a empresa para investirem na propriedade. Ao que eu saiba, iam investir em criação e engorda de coelhos de raça e também na plantação de hortaliças. Maiores detalhes, apresentarei à senhora na quinta-feira.

Está bem? – terminou ele, tentando colocar um ponto final naquela reunião.

A reunião estava encerrada. Elaine e Marcos acompanharam o advogado até à porta. Quando ele estava prestes a sair voltou-se para os dois e disse:

– Desculpem-me, ia-me esquecendo: o doutor Roberto deixou algumas apólices de seguro de vida. Inclusive, ele havia

fechado um contrato de seguro de vida há dois meses. – E, dirigindo-se diretamente a Elaine: - Aconselho a senhora a ir ao escritório central e procurar entre as papeladas existentes, nos arquivos pessoais e nas gavetas, onde de certeza encontrará as apólices de seguro que, não podemos esquecer! Também deverão integrar a documentação do inventário...

“Outra novidade!” - pensou Elaine. Havia se acomodado com o fato de ser dona-de-casa. Afinal, tudo parecia transcorrer às mil maravilhas. Por que Roberto fez um novo seguro de vida? Como o advogado sabia e ela não? Será que Roberto estaria sendo ameaçado de morte? Mas, quem teria interesse na morte de Roberto? Por que ele não havia me contado nada sobre a compra da madeireira? O que está por trás de tudo isso? Será que existem mais coisas sobre os negócios de Roberto que eu não sei? O que virá agora?... Com essas perguntas a martelar a mente, Elaine seguiu para a cozinha. Marcos a seguiu. Podia avaliar o que estava passando pela cabeça da amiga naquele instante. No fundo, ela sentia-se traída pelo fato de Roberto não lhe ter confidenciado sobre a compra da madeireira nem sobre a nova apólice de seguros.

Súbito, ela parou entre a porta da cozinha. Virou-se, pegou Marcos de surpresa, os corpos quase se tocaram. Ele pôde observar a tristeza que invadira aqueles olhos.

Ela está carente, pensou. E ouviu-a falar: - Aceita um café? Ou prefere uma cerveja?

– Não quero nada. Obrigado. E bebida você já sabe, só nos finais de semana.

Durante a semana não bebo absolutamente nada.

– Então, por que você não liga para Cleuza e pede que ela venha até aqui?

Podemos jantar juntos. Marta preparou uma deliciosa lasanha ao molho branco. E você sabe como Marta é uma excelente cozinheira...

– Agradeço muitíssimo o convite. Mas estou cansado. Quero tomar um banho e dormir cedo - disse Marcos recusando o convite.

Passava um pouco das vinte e uma horas. Retornou à sala de jantar, recolheu os documentos, guardou-os em sua pasta e pegou o papel manuscrito pelo advogado onde constava o extenso rol de documentos. - Cuide de reunir o máximo de documentos

aqui relacionados – disse para ela, estendendo aquele papel. -. Os que não estiverem aqui, devemos procurar no escritório.

Preparando-se para sair, ainda perguntou: - Você sabe a quantidade de lojas que fazem parte da rede “R. S. de Móveis e Eletrodomésticos”, Elaine?

– Se não existir outra novidade, até onde eu tenho conhecimento, vinte lojas. Não é isso?

O olhar preocupado de Marcos respondeu à pergunta de Elaine. Tinha certeza de que não havia acertado a resposta. Ficou estática aguardando a resposta de Marcos.

E ouviu, observando que ele buscava palavras adequadas: - Elaine, a rede “R. S.” está com trinta e cinco unidades. Com todo respeito, minha querida amiga, creio que você ainda poderá ter mais surpresas em breve...

– Oh, meu Deus! - explodiu Elaine. - Esse não é o Roberto com quem eu vivia.

Devemos estar falando de outro homem. Isto me faz começar a pensar que a sua morte nada teve a ver com uma tentativa de assalto. E não vai me dizer que você também não pensa assim?

– Creio que você tem razão. Também acredito que não tenha sido uma tentativa de assalto. A polícia está investigando. Fique calma. Não vou deixá-la sozinha. Eu e Cleuza estamos ao seu lado para ajudá-la. Tudo vai dar certo. Vai terminar tudo bem.

– Então... Ajude-me a contratar um detetive! – disse ela. A perplexidade estava estampada no seu semblante.

– Não há necessidade. A polícia está no caso. Vamos aguardar mais um pouco.

Está bem?

Disse boa noite e seguiu para o carro. Sentiu um pouco de remorso em não ter contado para ela do encontro que teria com o delegado. Melhor assim, pensou. A reunião já tinha trazido tribulações demais, era melhor ir devagar, mas firme. A verdade iria aparecer. Tinha, em seu íntimo, essa certeza.

Elaine entrou em seu quarto, encostou-se na porta e chorou baixinho. Devagar, foi até à cama, ajoelhou-se e orou: - Me dá forças, Senhor, para suportar esta situação...

Ficou ajoelhada por quase uma hora. Fazia mais de ano que não orava. Sentiu uma paz sobrenatural invadir o corpo, por inteiro.

CAPÍTULO IX

A delegacia estava apinhada de gente. Marcos estava meia hora adiantado.

Espantou-se com a quantidade de pessoas. Sentadas e em pé. Algumas bem vestidas, outras de chinelos de dedo e aparência sofrida. Os homens de terno, e algumas mulheres, recatadas e bem vestidas, provavelmente estavam no seu labor, deveriam ser advogados e advogadas. Entre eles, poderia estar algum cliente, respondendo sobre uma encrenca qualquer. Uma coisa em comum era possível observar: os rostos expressavam ansiedade. Faces contraídas. Os poucos sorrisos, soavam falsos e amargos. Sentimentos que não escolhiam classe social ou cultural de quem quer fosse. Marcos lembrou-se que a última e primeira vez que colocara os pés numa delegacia foi para obter a carteira de identidade. Desconhecia por completo aquele mundo que, momentaneamente, estava adentrando. Sabia que se olhasse num espelho, naquele momento, veria em sua face a expressão comum a todos que ali estavam: apreensão, ansiedade. Queria desvendar o mistério.

O que, de tão importante, teria o doutor Geraldo a revelar, que não podia ser pelo telefone?

Ainda não chegara ao balcão de informações, quando ouviu: - Com licença, senhor?

Voltou-se e deu com dois policiais militares. Estavam fortemente armados e usavam um pesado colete à prova de balas. Entre ambos estava um homem jovem.

Não aparentava mais que vinte anos. Vestia um shorts de brim, camiseta branca manchada de vermelho no ombro esquerdo e um chinelo de dedos já gasto, como sua única proteção para os pés. Cabelos castanhos claros, em desalinho. Levava as mãos nas costas. Estava algemado. Marcos abriu caminho para os policiais e aproximou-se mais um pouco a tempo de ouvir um dos policiais: - Este, por um bom tempo, não vai mais matar ninguém.

- Quem é ele? - perguntou o homem atrás do balcão.

- Este pilantra é aquele que matou a professora na saída da escola há dois meses atrás. Pegamos ele em flagrante tentando roubar outra professora.

– Na mesma escola?!

– Pois é. Esta porcária... Acho que nunca foi à escola! Deu em assaltar professoras. Com *jeitinbo* ele confessou o crime. Nos levou até seu barraco e lá encontramos a bolsa da professora assassinada. Ah, por favor, chame o douto, que precisamos lavrar o flagrante.

Os policiais pareciam felizes por terem cumprido seu dever. O homem preso parecia um troféu. Pouco depois, Marcos ficou a saber que o “troféu” já havia assassinado duas professoras. Sempre utilizava uma faca. A primeira vítima tinha sido morta com oito facadas, a segunda, vinte e duas facadas. Uma violência brutal.

Deveria existir uma pena de morte para indivíduos deste tipo, pensou Marcos. Não que isso fosse pôr um ponto final na violência, mas ao menos o Estado não ficava obrigado a dar sustento a uma pessoa deste tipo. Havia chegado a sua vez.

O homem atrás do balcão perguntou, rispidamente: - E o senhor? O que deseja?

Da mesma forma que recebeu a pergunta, Marcos respondeu: - Quero falar com o doutor Geraldo de Assis. Meu nome é Marcos Alcântara. Tenho uma reunião marcada com ele para as cinco horas.

– Olha! O doutor está ocupado. O senhor aguarde aí, que vou ver se ele pode atendê-lo.

– Mas é que... - tentou dizer Marcos. O homem já tinha lhe dado as costas e seguiu para um corredor, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo.

Ficou irritado com o mau atendimento que o homem lhe dispensara. Talvez devesse ter explicado melhor a razão de estar ali. Fora o próprio delegado que solicitara a sua presença. Não estava afeito à rotina de uma delegacia. Era um cidadão, consciente de seus deveres e pagava todos os seus impostos em dia. Impostos revertidos em salários para o Funcionalismo Público! Estava numa repartição pública e o mínimo de atenção lhe era devida, pensou.

Ainda envolto naquele sentimento de indignação, ouviu: - Oooo! Oooo! Senhor!

Marcos levantou a cabeça em direção à voz. E lá estava o homem. Apontava o dedo e dizia: - É. É o senhor mesmo. Pode entrar. O doutor Geraldo vai recebê-lo agora. O senhor tem sorte...

– Qual é a sala? - perguntou Marcos, mais irritado ainda.
– O senhor segue pelo corredor, sobe a escada, vira à direita, é a última sala.

– Obrigado - agradeceu Marcos, de mau humor.

Atravessou a cancela que dividia os espaços e caminhou pelo corredor, subiu as escadas e dirigiu-se à última sala. A porta estava aberta. Bateu levemente.

– Pode entrar! – ouviu uma voz forte.

Entrou na sala e deparou-se com o doutor Geraldo atrás de uma escrivaninha cheia de processos e papéis empilhados. Percebeu que um pequeno espaço estava ali aberto só para ele colocar os processos a analisar e despachar.

– Boa tarde, Marcos – disse o delegado levantando-se e estendendo a mão para o cumprimentar. - Como está você? Espero que esteja bem.

Marcos apertou-lhe a mão. Este homem é muito bom em gravar fisionomias. Só nos vimos uma vez e ele me trata como se fossemos amigos de longa data, pensou ao sentar-se na cadeira que lhe foi apontada.

– E aí, doutor? Qual é a novidade? Saiba que o senhor me deixou curioso e ansioso. Alguma novidade? – quis saber, apressadamente.

– Sim, temos algumas novidades. Recebemos na tarde de sexta-feira o laudo da necropsia, feito pelo Instituto Médico Legal e também o laudo da balística. Vou pedir para o Luizão trazer os documentos para cá. É ele quem está conduzindo as investigações.

Enquanto ele se comunicava com o investigador, a ansiedade de Marcos aumentava. Podia sentir as primeiras gotas de suor brotarem nas axilas. Era sempre assim. Quando encontrava-se em uma situação de *stress* e em situações que fugiam ao seu controle ou que lhe eram totalmente desconhecidas, ficava tenso e o incômodo suor aparecia. Minutos depois o investigador entrava na sala levando nas mãos um calhamaço de documentos.

– Aí está o inquérito! - disse o delegado.

– Boa-tarde, senhor Marcos - cumprimentou Luizão. E acrescentou: - Temos novidades no caso. O seu amigo não foi...

– Não se apresse - interrompeu o delegado. - Vamos com calma.

– O que há de novo no caso, doutor? - perguntou Marcos, ansioso.

O processo do inquérito estava nas mãos do delegado. Pacientemente, ele manuseava folha por folha. Seu olhar sério e compenetrado parecia ler até as entrelinhas dos papéis. O silêncio fez-se imperar na sala. Podiam ouvir o remexer das folhas. Marcos procurou o olhar de Luizão, buscava entender o que se passava.

Muito atento a todas as coisas que se moviam ao seu redor, recebeu o olhar de Marcos, mas manteve-se totalmente impassível. Não havia como descobrir o que estava acontecendo ou como se iria desenrolar aquele encontro.

– Está faltando peça aqui – disse o delegado quebrando o silêncio e dirigindo-se ao investigador. - Onde foi parar o laudo pericial, que foi realizado no veículo da vítima?

– Como, doutor? Estava tudo aí. Eu mesmo verifiquei. Deixe-me dar uma olhada...

– Luizão pegou o processo e, apreensivo, folheou os autos. Logo disse: - O senhor tem razão, doutor. O laudo pericial do veículo está faltando. Deve ter ficado na minha sala. O senhor me dá licença, foi verificar. Volto logo.

Ele foi falando e saindo em direção à sua sala.

– Doutor Geraldo – perguntou Marcos -, os laudos de balística, de autópsia e pericial do carro de Roberto, trouxeram algo de novo?

– Sim, Marcos.

– Mas, o quê? Não foi tentativa de assalto?

– É o que estamos tentando descobrir. Por isso, é importante a sua presença. Os laudos revelaram fatos novos e é sobre isso que necessitava conversar contigo pessoalmente. Afinal, o senhor e a vítima eram amigos, ou não?

– Claro que éramos amigos!

– Posso saber qual o grau de amizade que mantinham e há quanto tempo se conheciam?

– Conhecia Roberto há mais de quinze anos e, há aproximadamente quatro anos, somos vizinhos, moramos no mesmo condomínio. Inclusive, foi ele que me convenceu a deixar São Paulo e fixar residência no interior.

– O seu relacionamento com a vítima poder-se-ia entender como de amigos íntimos?

– Como assim, doutor? Não estou entendendo? O que o senhor quer dizer com amigo íntimo?

– Ora, o senhor e sua esposa freqüentam a casa deles com assiduidade; ele e a esposa, também freqüentam a sua casa. Saíam juntos para festas e eventos sociais.

Enfim, ele lhe fazia confidências a respeito de sua vida familiar e de seus negócios.

– Sim e não...

– Como assim? - insistiu o delegado.

– Nós mantínhamos um relacionamento estreito de amizade, mas em relação à sua vida familiar e seus negócios raramente tocávamos no assunto. Sempre existiu um consenso, não falávamos de negócios, de trabalho ou de vida familiar, com exceção a respeito dos filhos e de como tratá-los e educá-los. Mas delegado – Marcos começou a mostrar uma certa irritação -, com todo o respeito, eu não entendo nada a respeito de seu trabalho, porém, estou sentindo que o senhor está na verdade me interrogando. Se isso é um interrogatório, com devido respeito, vou me retirar. Pois não vim até aqui para ser interrogado pelo senhor a respeito do caso. Coloquei-me à disposição para auxiliá-lo no que fosse possível. Entretanto da forma como a conversar está...

– Calma, senhor Marcos. Isto não é de maneira nenhuma um interrogatório - interrompeu o delegado. - Se fosse um interrogatório, o senhor seria a primeira pessoa a tomar conhecimento. Não teria realizado um convite pessoal, e por telefone, teria feito uma intimação legal. Não é o caso. Por outro lado, o senhor há de convir comigo que, antes de conversar com a viúva, é necessário que eu conheça um pouco do relacionamento do casal e da vida da vítima e seus relacionamentos com os negócios. Peço desculpa, caso o senhor tenha interpretado nossa conversa como interrogatório. Talvez, pelo fato de estar o dia todo interrogando pessoas, minha voz e minha forma de agir tenha dado essa impressão...

Marcos observava o olhar do policial. Seus olhos transmitiam sinceridade. Talvez tenha sido um pouco rude com o delegado, pensou. No fundo ele está querendo ajudar. É claro que para isso ele precisa de informações e estas somente podem ser obtidas por alguém bem próximo.

– Doutor Geraldo, eu quero lhe pedir desculpas pelo...

– Não há o que se desculpar Marcos... Posso lhe tratar assim não?

– Claro, sem problemas.

A conversa foi interrompida com a entrada do investigador Luizão, com o processo nas mãos e um sorriso no rosto. Deveria ter encontrado a peça processual que estava faltando.

– T'áí, doutor! T'á tudo aí. O laudo foi encartado na cópia do inquerito. – Disse Luizão, entregando a documentação.

O investigador mostrava ser muito competente. Mais do que isso, mostrava um respeito muito grande para com o delegado. A sua postura dava até um toque quase que infantil, na percepção de Marcos. Era até mesmo engraçado ver um homem daquele tamanho, com uma cara de dar medo, parecer uma criança obediente na frente do delegado. E o que importa isso agora? O que importa é descobrir o que contém os laudos e qual a conclusão do delegado... Talvez guiado pela intuição, Marcos sentia que Roberto não havia sido vítima de uma tentativa de assalto seguido de morte, e sim, que algo mais grave estava para ser revelado; os peritos devem ter encontrado vestígios ou indícios que conduzam a investigação para outro rumo. Talvez... Os pensamentos de Marcos estavam voando velozmente. Buscava, numa vã tentativa, encaixar o quebra-cabeças que se formara naquela sala, quando o delegado lhe perguntou:

– O que você pode me dizer sobre a vida familiar da vítima. Era uma vida harmoniosa ou de brigas? Sabe me dizer se ele tinha amante? Se tinha inimigos declarados? Como estavam os negócios dele? Estavam indo bem ou estava mal?

Sabe me dizer se ele devia altas somas de dinheiro para alguém? Deixou seguro de vida? Quem é o beneficiário? Quantas...

– Agora, quem pede calma sou eu - interrompeu Marcos.

– Desculpe-me, não consigo controlar o impulso. Faz parte... – justificou-se o delegado.

– É isso aí, precisamos de todas as informações possíveis - entrou Luizão na conversa.

Bem, - começou Marcos - a respeito da vida familiar, até onde tenho conhecimento, era perfeita e harmoniosa, com pequenas desavenças habituais entre casais, coisa corriqueira, nada de muito importante. No caso de amantes, o que posso dizer é que Roberto gostava muito de pular a cerca, usando uma expressão mais vulgar. Não. Não tenho conhecimento de que tivesse uma amante fixa. O que sei é que ele tinha um caso aqui e outro ali. Ele não dispensava um bom rabo de saia. Nisto, nós sempre divergimos bastante. Quanto a inimigos declarados não

tenho conhecimento. Porém, ele fazia muitos negócios, pode até ser que existam. O senhor sabe como é o mundo de negócios, nem sempre agrada a ambas as partes.

No que diz respeito aos seus negócios, ele estava prosperando. Pelos relatórios que os assessores diretos me passaram, não encontrei dívidas, afora as relacionadas com o próprio dia-a-dia de uma empresa. Coisa normal. Deixou apólices de seguros de vida. Mas não sabemos ainda quem é ou quem são os beneficiários. Com certeza deverão ser Elaine e os filhos.

– Sabe o valor das apólices? – quis saber Luizão.

– Não! - disse Marcos voltando-se para a sua esquerda onde o investigador estava sentado em uma poltrona.

– Quero fazer mais uma pergunta, só mais uma, prometo! – disse o delegado. - Depois disso vamos sair, tomar um pouco de ar e descansar, afinal já passa das seis e trinta. Marcos, você conhece alguma das mulheres que saíam com Roberto?

– Não. Eu não as conheço. Sei que ele tinha alguns contatos. Mas nunca me intrometi neste assunto. Ao contrário, quando ele me contava as suas aventuras amorosas eu alertava que um dia Elaine acabaria descobrindo e ele ia se dar mal.

Mas ele dava de ombros e ria. Dizia que isso seria impossível e que tomava todas as precauções. Mas, por que essa pergunta?

– Bem, só vou lhe adiantar que na noite em que ele foi baleado e morto ele tinha acabado de manter relações sexuais. Segundo o laudo, a relação sexual ocorreu meia hora ou quarenta minutos antes dele ser baleado. Foram encontrados vestígios de cabelo púbico em suas partes íntimas e esperma.

– É bem possível. Lembro-me que ele dizia que um de seus cuidados pessoais era “nunca tomar banho, seja de chuveiro ou de banheira, para não chegar com cheiro de banho recente na casa”. Portanto, faz sentido. Mas é só isso que o laudo aponta?... - Insistiu Marcos na pergunta.

– Não - disse o delegado. - Existem outras particularidades técnicas, tanto na autópsia, como nos outros dois laudos, o da balística e o do carro. Porém, a fim de não atrapalhar o início das investigações, gostaria de não revelá-los neste momento.

A decepção ficou estampada no rosto de Marcos. Estava frustrado. A frustração foi tamanha que o doutor Geraldo disse: - Marcos, não se frustre! Sei que você estava esperando uma conclusão final. Mas ainda temos algumas diligências a serem

feitas para confirmar e embasar as nossas suspeitas. O que de antemão posso lhe adiantar é de que a tentativa de assalto está quase excluída. Para isso, estamos tentando localizar uma testemunha. Após ouvi-la, poderemos juntar os pedaços do quebra-cabeças.

Caso venhamos a fechar esta primeira parte do quebra-cabeças, vamos necessitar vasculhar a vida do seu amigo para formarmos uma lista de possíveis suspeitos. Mas por ora, é só.

– Se conseguirem achar a testemunha e depois de ouvi-la, o senhor vai ouvir Elaine, a esposa da vítima?

– Claro, após a testemunha ela será a primeira. Depois os funcionários da empresa dele, os do primeiro escalão e outras pessoas que o senhor nos indicar – interferiu Luizão, esclarecendo.

– Vou lhe pedir um favor, delegado. Poupe Elaine sobre o comentário do laudo da autópsia, onde diz respeito à relação sexual. Por favor. Este é um pedido especial!

– Não, não comentaremos a respeito. Exceto se isso vier a ser necessário. Caso contrário, pouparemos a viúva...

Dizendo isso, ele levantou-se da cadeira e batendo, nos ombros de Luizão, determinou: - Por hoje, chega. Vamos ao bar do Chico tomar aquele café que só ele sabe servir.

Os três deixaram a delegacia, seguiram pela calçada e, chegados no bar, sentaram-se em volta de uma pequena mesa. O garçom logo já apareceu com uma bandeja de inox, trazendo duas xícaras de café fumegante e com um aroma delicioso, colocando-as na mesa. Sabia o que os fregueses queriam. Dirigiu-se a Marcos: - O senhor, vai tomar um café?

– Oh, sim. Igual ao deles.

A cabeça de Marcos estava fervilhando de perguntas. Nenhuma delas tinha uma resposta plausível. Pelo menos naquele momento. Olhou para as duas pessoas à sua frente. Sabia que conheciam muito mais do que tinham revelado. Teve que conter a sua curiosidade, e o seu instinto lhe dizia para esperar, de nada adiantaria tentar arrancar a verdade sobre os laudos. Eles não iriam contar. O jeito era resignar-se.

Terminaram o café. Marcos deveria aguardar uma nova ligação e, em silêncio, rezou para que fosse em breve. Não queria conviver com aquela curiosidade por muito tempo. Lembrou-se de Elaine. Teria que contar para ela a conversa que acabara de manter com os policiais. Vou conversar primeiro com Cleuza,

posso contar com ela neste momento delicado, disse para si. Mas uma certeza estava crescendo em sua mente: o motivo do assassinato de Roberto não tinha sido uma mera tentativa de assalto. Mas quem seria o ou os suspeitos? Quem teria motivos para maquirar um plano deste tipo? Ou, pior: quem teria motivos para querer a morte de Roberto?

CAPÍTULO X

Antoniél desceu do ônibus.

Eram quinze minutos para as oito da manhã. Carmem já está de pé, raciocinou e, nisso, dirigiu-se ao telefone público para discar o número de sua casa.

– Alô? Quem fala?

Ouviu a voz da companheira. - Sou eu, Carmem? – respondeu.

– Oi, Anto. Tudo bem? Você já chegou? Onde você está?

– Oi querida. Tudo bem. Já cheguei. Estou no lugar de sempre. Aqui na praça.

Você pode vir me buscar?

– Claro, Anto. Só vou colocar uma roupa e já estarei aí. Estou com saudades. Até já.

Devolveu o telefone ao gancho. Pegou as pesadas malas, carregou-as para o banco mais próximo, e ali ficou a aguardar. Seu desejo de deixar aquele trabalho, crescia a cada instante. Tomava forma. Isto não é vida, pensava. Já havia experimentado as boas coisas que o dinheiro farto podia proporcionar. Não tinha vontade de tornar-se milionário, apenas uma forma de ganhar o seu sustento sem ter que passar pelas humilhações que aquela situação de ‘sacoleiro’ lhe fazia passar.

Seus conhecidos, invariavelmente, faziam chacota do tipo “E aí, Antoniél? Virou sacoleiro agora?” Podia sentir seu rosto se ruborizar. Suportava quieto aquelas gozações. Morria um pouco por dentro cada vez que era obrigado a ouvir aquilo e outras frases como “Que muamba trouxe hoje?” Sabia que eles riam pelas suas costas, podia sentir. Isso era horrível. Sabia que muitos conhecidos compravam suas mercadorias apenas porque sentiam pena da sua situação. Não que eles necessitassem delas, compravam para ajudar. Era o que diziam. - Não, definitivamente não! Farei o que fosse preciso para voltar à antiga profissão!... – súbito, deu-se conta que estava a falar de si mesmo.

– Bom dia! - disse uma senhora que passava.

– Bom dia.

Observou que ela trajava a sua melhor roupa. Devia estar indo para a missa das oito, é Domingo...

Olhou, então, a velha praça. Observou, pela primeira vez, a quantidade de árvores centenárias que altaneiras erguiam-se rumo ao céu. O dia estava bonito, o sol já estava aquecendo e a cidade começava, preguiçosamente, a despertar. Em breve, a praça estaria cheia de crianças, correndo, gritando e brincando. Não conhecia muito bem os nomes das árvores, sabia de algumas araucárias, pinheiros, e outras espécies. O fato de não conhecer os nomes de todas as árvores da praça não foi impedimento para tornar-se um profundo conhecedor de madeira... Principalmente quando já estavam cortadas e transformadas em móveis. Lembrou-se, aí, da sua primeira loja. Era pequena. O salão não tinha mais que quarenta e cinco metros quadrados. Começara o negócio com o dinheiro da indenização de seu último emprego. Comprando e vendendo móveis usados fez-se à vida com prazer. O primeiro senhorio era um homem intragável, daqueles que antes de consolidar o contrato de locação era amável, mas bastava o primeiro mês para que ele mostrasse a sua verdadeira personalidade: mal o dia do vencimento do aluguel começava e lá chegava ele com um falso sorriso no seu rosto magro e branco – “Bom dia, seu Antoniel. Como vão indo os negócios?” Mas, na verdade, o que ele queria era apenas o dinheiro do seu aluguel. Pouco importava para ele como os negócios estavam caminhando. Era um homem de complexão magra e frágil, não tinha mais do que um metro e sessenta e dois de altura. Viva de rendas. Até onde tinha conhecimento, ele nunca tinha trabalhado na vida. Vivia das rendas dos aluguéis, cujas propriedades, que não eram poucas, e que tinha recebido de herança. Nunca havia se casado. Ele dizia que “mulher dá muito gasto”. Era um homem ganancioso e muquirana. Não tomava um café no bar para economizar. Morreu só. Os seus sobrinhos comemoraram, Antoniel soube que toda aquela fortuna ficara de herança para eles... Naquela época, já havia mudado de ponto. Estava num salão maior e foi ali que começou a prosperar. Além de comprar móveis usados passou a reformá-los e restaurá-los. Conseguiu comprar peças raras e antigas; com tais peças obtinha um melhor valor de mercado. Mas obrigara-se a fazer vários cursos de restauração de móveis antigos, o que valorizou o negócio. Ali, naquele salão, introduziu móveis novos, com linha de fábrica. Tinha credibilidade no mercado e conseguia comprar a crédito. Foram mais de três anos no primeiro salão e quase cinco no segundo. E mudou novamente, não por causa do proprietário....

O terceiro salão, localizado na avenida principal, era enorme. Tinha mais de duzentos e cinquenta metros quadrados. Ainda estava lá. A loja ainda existia. Mas não lhe pertencia mais.

Perdeu-a. Amaldiçoou aquele pensamento negativo que invadiu sua mente sem ao menos pedir licença. Naquele local começou a sua desgraça...

Olhou diretamente para o sol. Fechou-os fortemente, tentando apagar da lembrança aquele dia... Impossível. Como se estivesse revivendo aqueles momentos a sua mente abriu-se como uma tela de televisão. Ele era o espectador do filme no passado da sua vida. Naquele dia o sol brilhava. Era um sábado. Um homem muito elegante entrara na loja. As palavras ainda estavam nítidas em sua mente, quando ele, abrindo um largo sorriso, estendeu a mão e cumprimentou:

“Bom dia”.

“- Bom dia”, respondeu Antoniel. “-Fique à vontade. O senhor deseja alguma coisa em especial?”

“- Não.”

Caminhou pela loja com Antoniel sempre a dois ou três passos, a pasta com os preços nas mãos e observando em silêncio. Nunca interferia com os clientes. O homem foi para fundo da loja e parou em frente de um antigo móvel. Era uma estante antiga de madeira maciça, uma das últimas peças do antigo estoque. Já estava com ela há mais de cinco anos. Muitos haviam-se interessado por ela, mas não havia conseguido vendê-la. Já havia perdido as esperanças. Aquele cliente estava ali, olhava-a. Calmamente, ele passou as mãos sobre a peça, abriu as prateleiras, as gavetas. Examinou-a com todo cuidado. “- Qual é o preço desta estante?”, perguntou. E Antoniel abriu a pasta com os preços da mercadoria, embora soubesse ser um gesto quase inútil, pois aquela peça há muito não constava da relação, havia perdido as esperanças de vendê-la. Naquele instante, o instinto de vendedor disse-lhe que era a hora de vendê-la. Deu o preço. “- Esta estante, senhor, é feita com madeira de...” tentou dizer, mas o cliente só quis saber do preço e da entrega da peça. “- Pagarei em dinheiro. O local de entrega é o condomínio São José, fica na Estrada do Pessegueiro, Km 2,5. Faça a nota fiscal em meu nome:

Roberto de Souza Aguiar”...

Ouviu-se na praça uma buzina.

Antoniel retornou à realidade. À sua frente estava o seu velho Chevette e Carmem ao volante, sorrindo.

– O que é isso? – questionou ela. - Estava sonhando acordado? Já buzinei umas três vezes e você nem ao menos se mexeu! O que é que foi? No que estava pensando?

– Estava longe. Estava lembrando daquela maldita estante.

– Que estante? Está louco? A viagem não lhe fez bem!

– Aquela estante que vendi para o Roberto. Foi através dela que eu o conheci.

Lembra-se?

– Ah, Anto! Não é momento para lembrar-se desse crápula. Deixe isso para lá.

Graças a Deus ele já está morto. Mortinho da silva e não vai mais enganar ninguém para onde ele foi.

– Você tem razão. Há esta hora ele deve estar no inferno tentando convencer o diabo a deixá-lo retornar.

Começaram a rir.

Abriam o porta-malas do carro e alojaram algumas malas. Não coube tudo. Parte foi acondicionado no banco traseiro. Seguiram para a casa. O domingo estava começando e pensou se seria o momento certo para noticiar a sua decisão de voltar a trabalhar com móveis. Observou o rosto calmo e alegre da esposa. Poderia prever a reação dela, quando lhe dissesse. Sabia que se ela lhe desse apoio imediato a retomada dos antigos negócios era quase certa, mas, se ela titubeasse, teria que resignar-se e aguardar. Tem de ser agora! - decidiu-se.

– Carmem – começou ele.

– O que foi, Anto? O que você quer me dizer? - Pela forma de dizer-lhe o nome ela pareceu saber de alguma intenção oculta.

– Sabe, Carmem eu estou, eu estou ...

– Fale logo. Não fique fazendo floreios.

– Bem, eu quero voltar ao antigo negócio. Quero montar uma loja de móveis.

Posso muito bem recomeçar, compro e vendo móveis usados. Como posso restaurá-los e vendê-los. Sabe que disso conheço muito bem. Não agüento mais viajar.

Quero arriscar novamente. Sei que podemos conseguir, principalmente se você estiver do meu lado, como sempre vem fazendo. - Despejou e ficou em silêncio.

No carro só se ouvia o barulho do motor e do vento que entrava pelas janelas.

Carmem suspirou. Parou o carro uns vinte metros antes da esquina. Olhou para ele com um olhar sério e compenetrado. Esticou a mão direita em direção ao rosto e acariciou-o.

– Estou com você – disse ela. - Há muito queria lhe dizer isso. Já estive muito perto de pedir para você voltar a vender móveis. Mas não tinha certeza da sua reação. Também não me sinto segura com as suas viagens. Cada vez que você parte para o Paraguai meu coração fica apertado. É sempre uma incerteza. É isso aí! Nós vamos conseguir, meu querido. Podemos não ter muito dinheiro. Vendendo esta mercadoria, recebendo o que temos que receber na praça temos um pouco para dar o início. E já agora, vou lhe dar a melhor notícia: o meu irmão João ofereceu um empréstimo para nós. A princípio eu não disse nem que sim e nem que não. Mas ele deixou aberta a possibilidade. Podemos e vamos recomeçar, vamos vencer.

As lágrimas surgiram nos olhos dele. Correram grossas e quentes. As mãos de Carmem gentilmente secaram-nas. Ele beijou-a na boca. Um beijo suave, sem sensualidade. Um beijo de amor. Um amor verdadeiro. Um amor que supera as barreiras, sejam elas quais forem. Foi selado um pacto entre ambos. Silencioso.

Verdadeiro. Forte. Iriam unir forças. Desejavam ardentemente aquela retomada. O primeiro passo havia sido dado. Com esse sentimento de união e de amor entraram na casa.

CAPÍTULO XI

A escrivaninha de trabalho estava entulhada de papéis, documentos, processos vindos do fórum e autos de inquéritos, alguns prontos para serem enviados ao fórum e outros em fase inicial.

Aquele trabalho parecia não ter fim. O doutor Geraldo consultou alguns autos de inquérito, verificou que em alguns faltava apenas o relatório final e em breve seriam encaminhados. Inevitavelmente, todos eles transformar-se-iam em processos criminais. Nos últimos tempos era caso raro o Promotor de Justiça pedir arquivamento dos inquéritos policiais. A violência havia tomado conta da cidade de São Paulo e do Brasil de forma incontida.

Há mais de cinco anos que era o delegado titular da homicídios, mas, ao longo da carreira, passara por muitas outras delegacias; mesmo ocupando a cadeira titular especializada, tinha ainda que conviver com os mais variados delitos, desde de furtos, roubos, estupros, tráfico de drogas até dependentes de drogas que, com o rigor da Lei, acabavam sendo autuados por tráfico de entorpecentes.

Reclinou-se na cadeira e relaxou. Acabara de lavrar um flagrante de drogas: um jovem teve que ser enquadrado como traficante. Foi apanhado com uma pequena quantidade de cocaína, cinco papéletes com uns seis gramas de peso total, acondicionadas de modo a indicar venda. O jovem, que não tinha completado vinte anos, oriundo da classe média, acabou chorou muito. Alegou que tinha acabado de adquirir para o seu consumo, que já era viciado há mais de três anos... A profissão transforma os homens, aquele delegado não era uma exceção à regra: com o decorrer dos anos tornou-se frio e calculista. Todos os suspeitos eram criminosos até que se provasse ao contrário. Mas afligia-lhe ver a situação daquele jovem, tinha filhos naquela idade. E queria se convencer de que a história contada por aquele jovem era verdadeira. Porém, ela - a Lei - estava acima da sua sensibilidade. Tinha que cumpri-la. Sempre agiu assim. Era tido como policial durão. Conduzia seu departamento com mão-de-ferro e a intuição policial pouco falhara ao longo dos anos. Ao contrário, quanto mais o tempo passava, mais forte ficava. Bastava-lhe olhar nos

olhos da pessoa para logo saber de uma verdade ou de uma mentira. O que viu nos olhos daquele jovem foi a verdade. Ele era, na verdade, mais uma vítima da droga. Ela já o havia consumido. E acabava de enterrá-lo. Pegaria mais um três ou quatro anos de prisão. Não havia fiança para casos de tráfico de entorpecentes. Só se um bom advogado criminalista conseguisse provar que era apenas usuário, aí, teria uma chance de responder ao processo em liberdade.

Suspirou fortemente, ainda com o caso na mente. A realidade de uma delegacia é dura. Mas gostava do que fazia. Tivera muitas dificuldades, sim, antes de cursar a faculdade de Direito prestara um concurso para escrivão de Polícia e nesse cargo ficou por três anos até prestar concurso para investigador; depois de terminar o curso de Direito prestou concurso para delegado... Conseguiu realizar o seu sonho de infância: ser um policial, um Delegado de Polícia.

Resolveu dar uma arrumada em sua mesa. Para quem olhasse, aquilo era uma verdadeira bagunça. Ele, por sua vez, sabia como encontrar ali todos os documentos e até pequenas anotações. Tanto que não permitia que a mulher encarregada da limpeza mexesse em sua mesa. Ordem expressa. Separou os autos de inquérito que seriam remetidos ao fórum e colocou-os na estante à sua frente, no local para eles reservado; ajeitou os processos já despachados no local onde, de costume, os escrivães responsáveis teriam facilidade de dar continuidade ao seu trabalho. Quase uma hora depois, a mesa já apresentava um melhor aspecto. Ao sentar-se deu de caras com um dos autos do inquérito de capa azul: “*Aguardando localização de testemunha*”, estava escrito a vermelho. Pegou-os e deu uma verificada. O caso estava registrado como tentativa de assalto, seguido de morte. “Vítima: Roberto Souza Aguiar”.

– Drogal- resmungou. - Já se passaram quase duas semanas e nada ainda de localizar a tal testemunha. Este caso me interessa muito. Tenho absoluta certeza de que não foi tentativa de assalto. Os laudos me dizem isso. Preciso da oitiva da testemunha para dar seqüência a investigação. Ela poderá esclarecer pontos importantes e, aí, teremos um ponto de partida... – continuou, falando para si mesmo.

– Boa tarde, doutor – entrou Luizão, com um sorriso no rosto. - Tenho novidades pro senhor no caso da Avenida Paulista.

Ele foi surpreendido com aquela entrada. Levantou o rosto para o investigador e perguntou: - O que é, Luizão? Diga logo. O que tem de novo?

- Encontrei a testemunha!

- Sério?! Estava exatamente pensando nisso neste instante. Estou até com o caso nas mãos. E aí? Já a intimou?

- Melhor que isso doutor. Eu a trouxe. Já está aqui. Não quis correr o risco de perdê-la novamente. O senhor sabe o quanto é difícil conseguir trazer uma testemunha de um caso como esse. Todos querem é ficar longe de nós. Temem por sua própria vida. Então, dizem que nada viram e nada ouviram. Não sabem que com isso prejudicam nosso trabalho e, um dia, elas podem a vir ser vítimas também.

- Onde e como conseguiu localizá-lo?

- Bem, deduzi que se ele estava no dia do crime, naquele local, ele deveria freqüentar algum bar ou lanchonete pelas imediações. Passei a semana toda rodeando o local e visitando alguns bares. Pois o endereço que ele nos deu era falso, mas o nome não. Foi assim que consegui localizá-lo. Não foi difícil.

- Parabéns pelo trabalho, Luizão - disse ele, secamente. - Agora traga o cidadão para conversarmos um pouco e ver o que e em que ele pode ajudar.

Minutos depois, Luizão entrou na sala fazendo-se acompanhar de um jovem. Não tinha mais do que vinte e um anos. Logo soube que tinha vinte e três anos, era estudante de economia. Magro, alto, rosto fino, uma barba rala e cheia de falhas, cabelos curtos, moreno claro. Seu rosto demonstrava preocupação. Mentira quanto ao seu endereço e acreditava que isso iria lhe causar problemas. Mas todos ali sabiam que tinha agido assim como uma forma de se proteger. Luizão o colocou sentado na cadeira, disposta à frente da mesa do delegado, e foi-se sentar na poltrona.

- Boa tarde, meu jovem...

- Boa... Boa... Tarde, doutor delegado - disse o jovem com a voz tremula. - Eu não quis mentir... Eu estava com...

- Eu sei - interrompeu o delegado. - Mas isso não tem importância. O que queremos saber é o que exatamente você viu naquela sexta-feira, na Avenida Paulista. Somente isso. Quero que você procure recordar-se até mesmo dos mínimos detalhes. Até aqueles detalhes que para você possam parecer insignificantes. Mas, vamos lá. Qual é o seu nome?

– Márcio Augusto de Farias - disse. A voz já estava mais calma. O que tinha ouvido fora o suficiente para acalmá-lo.

Ao término da oitiva, Márcio pouca coisa tinha esclarecido. Apurou-se que estava em companhia de alguns amigos, em baixo da marquise do Museu de Arte Moderna, quando ouviu dois disparos; virou-se e pôde ver um homem, moreno escuro, cabelos curtos, com aproximadamente um metro e setenta, entrar num carro branco que estava estacionado paralelamente com o veículo da vítima, com a porta do passageiro aberta, o veículo logo arrancou em alta velocidade fazendo os pneus ‘cantarem’ no asfalto. Viu o veículo da vítima atravessar a faixa do meio e subir a calçada, parando debaixo da marquise do museu. Aí, ele e outros notaram a presença da vítima e o sangue que cobria parte de seu rosto. Chamaram a Polícia e o Corpo de Bombeiros. Um único detalhe foi esclarecido: o carro era um veículo ‘Volkswagen’, gol branco e, o que lhe chamou a atenção, foram as rodas de liga leve e niqueladas. O que lhe chamou a atenção, porque poucos proprietários de veículos utilizam esse tipo de rodas, porque o veículo fica muito marcado, de fácil identificação. Não foi possível marcar o número da placa do veículo, que ele arrancou em alta velocidade.

Ainda meio constrangido, Márcio levantou-se e disse: - Só isso? Posso ir embora?

– Claro, Márcio. Por enquanto é só. Muito obrigado pela ajuda - disse o delegado.

Esboçando um sorriso de alívio, Márcio falou: - Não se preocupe doutor, agora, o meu endereço é verdadeiro. Quero sinceramente lhe pedir desculpas. Vou conversar com os meus amigos, se conseguir convencê-los a falar eu ligo pro senhor. Tá bem?

– Tudo bem, Márcio. Tudo bem - disse o delegado, estendendo para Márcio o seu cartão de visitas. - Pode ligar neste número. É direto da minha sala...

Márcio deixou a sala e o delegado olhou para Luizão.

– Bingo! – exclamou, satisfeito. - É isso aí. Está totalmente descartada a hipótese de tentativa de assalto. Vamos trabalhar agora com apenas duas hipóteses...

– Quais, doutor? - interrompeu Luizão, quase que infantilmente.

– Ora, Luizão. Tem hora que você me desaponta – quase se irritou. – Vamos trabalhar com as hipóteses de briga de trânsito ou crime encomendado.

– Eu fico com a última - disse Luizão.

– Estou com você, Luizão. Creio que o nosso ‘amigo’ Roberto foi morto a mando de alguém. É nosso dever descobrir por que e por quem. E, por falar nisso... ainda deve dar tempo, ligue para o senhor Marcos.

– Mas, doutor..., ele não deveria estar no rol de suspeitos?

– Não, Luizão. Pode ser que eu me engane – explicou -, o que sem falsa modéstia é difícil. Ele não é suspeito e, com certeza, vai ser muito útil para esclarecer muitas coisas que irão beneficiar as investigações. Ligue para ele e diga apenas que precisamos conversar, urgente. Não lhe adiante o assunto.

O telefone tocou na sala de Marcos.

Ouviu Kelly: - Doutor Marcos, está na linha um tal de Luizão, ele disse que o senhor o conhece. Quer falar com o senhor. Posso transferir a ligação?

– Sim. Kelly - disse Marcos, lembrando-se imediatamente da figura de Luizão.

Com certeza, têm novidades no caso de Roberto.

– Alô? Marcos Alcântara, pois não...

– Boa-tarde, senhor Marcos. Eu sou o investigador que trabalha com o doutor

Geraldo de Assis. O senhor se lembra?

– Claro, o que deseja?

– O doutor Geraldo quer vê-lo com urgência. Gostaria de saber quando o senhor estaria disponível...

Marcos pediu um minuto e consultou a agenda. Verificou que tinha vários compromissos, mas estava ansioso para saber novidades e não queria passar mais um final de semana naquela expectativa, então, decidiu-se por adiar os compromissos da parte da tarde. Retornou ao telefone, e disse: - Pode ser amanhã. É sexta-feira. Após as dezesseis horas.

– Tá bem! - disse Luizão. – Amanhã, aqui na delegacia. Às quatro da tarde.

Estaremos esperando. Até amanhã.

Marcos colocou o telefone no gancho, chamou Kelly, ordenou que ligasse para as pessoas marcadas na agenda e transferisse os compromissos para segunda-feira. O que o

delegado terá para me dizer de tão urgente...? Bem, saberei amanhã.

CAPÍTULO XII

A cabeça de Marcos estava a ponto de explodir. Mas não era com medicação que iria obter a cura para o mal. Três semanas já haviam se passado desde a morte de Roberto. Tinha acumulado as suas funções com parte das funções de Roberto. O processo de inventário já havia sido aberto. O advogado estava no aguardo da liberação do alvará, que possibilitaria a Elaine assumir a direção das empresas.

Naquela última semana, ela estava se desdobrando para aprender as complicadas relações comerciais e os negócios que envolviam a direção das empresas. O interessante é que mesmo com a morte de Roberto, as empresas estavam sobrevivendo e mantendo-se dentro da normalidade. A morte dele não causara prejuízos. O problema maior estava no controle dos negócios, que só ele gerenciava. E algumas situações eram uma verdadeira incógnita, como o caso da madeireira. Pequenas decisões foram tomadas por Elaine. Em breve, poderia ter um merecido descanso. Era uma mulher inteligente, aprendia as coisas com uma facilidade impressionante. Tornar-se-ia uma grande empresária. Estava apreendendo a ter pulso firme com os negócios, mas derretia-se quando se tratava dos filhos. Era Marta que praticamente influenciava na educação das crianças. Ela não era apenas uma boa cozinheira, era também uma excelente governante. Hum, eles pulam miudinho nas mãos de Marta, pensou Marcos, e riu interiormente. Chegara a hora de contar para Elaine a respeito da próxima reunião com delegado. Contaria também a respeito da primeira reunião que tivera com ele duas semanas atrás. Sabia que o assunto lhe traria tristeza, existiam mais coisas que ela ainda iria saber, mas somente iria contar após a conversa com o delegado. Tudo dependeria do que ele fosse lhe dizer. Se ele lhe dissesse que Roberto não havia sido vítima de assalto, os podres de Roberto teriam que vir à tona. Pela forma que ele havia conduzido seus negócios nos últimos anos, tinha muita gente com motivos mais que suficiente para querê-lo morto. Mas esse era um segredo que somente iria revelar se ficasse absolutamente convencido de que era necessário. Se assim não fosse, nem pensar.

Era preferível deixar o assunto enterrado, como da mesma forma estava Roberto.

É isto, pensou Marcos. Vou ligar para a Cleuza, para que ela se prepare para irmos à casa de Elaine esta noite.

Queria que sua mulher o acompanhasse sempre que tivesse de estar com Elaine.

Evitava ficar sozinho com ela. Queria preservar a sua imagem. Desde que casara-se com Cleuza, sempre lhe foi fiel. Não obstante entre conversa com amigos, ele tinha virado motivo de chacota. Sempre quando o assunto se relacionava com mulheres, aparecia um fazendo uma piadinha. Batiam nas costas de Marcos e diziam - Hei, pessoal, vocês conhecem um pilão? É ele! Soca sempre no mesmo lugar. De nada adiantava afirmar a fidelidade. Ninguém acreditava. Era só motivo para gozação. E ainda diziam: “Fiel? Você? Conte outra, esta piada já é ultrapassada”. Era sempre assim. Por isso, agora, não queria dar e nem ser motivo de falatório. Portanto, Cleuza era sua fiel escudeira. Até ela já havia feito uma observação a respeito dos “amigos” que começaram a freqüentar, com mais assiduidade a casa de Elaine. Era sempre com a desculpa de levar uma palavra amiga e de consolo, mas na verdade buscavam aproximar-se de Elaine, tentando conquistá-la, aproveitando-se da fragilidade do momento. Ela já havia descartado na maior diplomacia dois “amigos”. Havia confidenciado a respeito para Cleuza. Por isso havia convencionado com Cleuza para enfrentar este tipo de situação. Seus pensamentos foram sonoramente interrompidos. A campainha do telefone quebrou o silêncio do ambiente. Marcos atendeu. Era Kelly. Anunciou que Elaine estava na linha.

– Alô? Elaine? Que surpresa? Estava pensando em você neste exato momento.

Estava apenas ajeitando algumas coisas e iria ligar para Cleuza e pedir que ela descesse para a sua casa. Tenho novidades e gostaria de conversar sobre elas.

– Parece transmissão de pensamento - falou Elaine. - Estou analisando alguns documentos da empresa e preciso de sua orientação. Resolvi ligar, mas já que você quer falar comigo, deixemos para a noite. O jantar é por minha conta. Vou pedir para Marta preparar algo delicioso para todos nós. Mas o que é que você tem de importante?

Antes de responder, Marcos ficou um pouco pensativo. A voz de Elaine dava conta de que estava alegre. Estava superando

aquela situação muito bem. Decidiu deixar para falar pessoalmente.

– Sim e não! - respondeu Marcos. - À noite teremos mais tempo para conversar.

Não precisa ficar preocupada, não é nada grave. Mas temos de conversar.

– Está bem Marcos. Você tem sido maravilhoso para mim e para as crianças. Não sei como vou poder lhe agradecer. Ah! Pode deixar que eu ligo para Cleuza, assim aproveito para pedir que Pedro venha junto. A que horas pretende chegar?

– Devo chegar por volta das sete e trinta. Até lá. Um abraço! - despediu-se Marcos.

O jantar estava uma delícia. As crianças começaram a se retirar da mesa e foram assistir TV. Marta e Joana retiraram pratos, talheres e copos da mesa, depositando-os na pia. O relógio de parede marcava vinte e uma horas. Logo ficaram somente os três à mesa. Elaine na cabeceira, Marcos do lado esquerdo e Cleuza à sua frente.

– E então? - perguntou Elaine. - O que de importante você tem a dizer? Você me deixou ansiosa com sua resposta de sim e não.

– Elaine - começou Marcos, não conseguindo disfarçar a formalidade em sua voz.

– Acontece que vou me encontrar novamente com o doutor Geraldo.

– Geraldo..?! – estranhou ela. - Mas quem é ele? E por que de novo? Você já encontrou-se com ele outras vezes?

– O doutor Geraldo é o titular da Delegacia de Homicídios - esclareceu. – Sim, eu tive uma reunião com ele duas semanas atrás. Você me perdoe. Não quis lhe contar.

Primeiro, porque não havia nenhuma razão especial, segundo, porque isso só iria lhe trazer transtorno. Mas, agora tenho de contar...

– O que aconteceu na primeira reunião? Ele descobriu alguma coisa? – Elaine mostrou-se visivelmente curiosa.

– Bem, ele estava trabalhando com três hipóteses para o caso: a primeira, de tentativa de assalto, a segunda, de uma possível briga no trânsito e, a última, de um crime encomendado.

– Como assim? - surpreendeu-se ela. - Crime encomendado?!

– É, ele estava reunindo provas ou indícios de provas para poder confirmar a sua suspeita.

– Do que ele suspeita?

– Olha, Elaine, creio que ele está perseguindo a última hipótese. Até mesmo eu me senti constrangido quando da conversa informal... sim, ele passou praticamente a me interrogar. Ele fez perguntas do tipo “Como era a vida conjugal deles?”,

“Existia alguma dívida muito grande?” Chegou até mesmo a perguntar se “ele havia deixado seguro de vida? E quem seria o beneficiário e qual era o valor?”

– Meu Deus! – exclamou a viúva. - Será que isso é possível? Olha que quando lhe disse que tinha desejo de contratar um detetive particular, estava falando sério. Não sabia que o pensamento do delegado seria esse. Crime encomendado! Mas quem teria motivos para tal empreitada? Você não acha um absurdo?

Marcos desviou o olhar, gesto que não passou despercebido. Ela sentiu que ele estava ocultando alguma coisa. E o que ele sabe é grave, pensou. Aí, questionou: - Marcos, você tem motivos para desconfiar de alguma pessoa?

– Ora, Elaine. Eu não quero fazer julgamentos precipitados, mas, com certeza, algumas pessoas devem ter sido prejudicadas nos negócios, e, daí, para alguns tipos de pessoa, está montado um motivo. A meu ver, caso o delegado tenha razão, posso quase afirmar que o motivo foi sido dinheiro. Ah! Inclusive, até mesmo você pode ser suspeita...!

– Eu?! - espantou-se ela. - Você enlouqueceu?...

– O que é isso Marcos? - disse Cleuza, quase colérica. - Como Elaine poderia ser considerada suspeita da morte de Marcos...

– Veja, você está para receber um seguro milionário, não está? Pois bem, ele fez esse seguro apenas dois ou três meses antes de morrer. Portanto, este é um motivo.

Então não se assuste quando for chamada para depor no caso. Com toda a certeza isso irá ocorrer.

– Mas isto é maluquice – manifestou-se Elaine, incrédula. - Qualquer um poderia ser o mandante do crime e você vem jogar a suspeita logo em cima de mim? Pare com isso, Marcos. Essa coisa não é brincadeira... Então, eu poderia dizer que o mandante do crime foi o Antoniel... Ele não alega que Roberto lhe deu um golpe?

Ele diz que ficou na miséria. Então, ele também teria motivos para isso. Eu nunca acreditei na história de Antoniel. Para mim, foi ele que quis passar o Roberto para trás e se deu mal na história. Você não acha?

Marcos não disse nem que sim e nem que não. Ele conhecia toda a verdade.

Sentia pena de Antoniel. Podia até mesmo jurar que não fora ele. Mas o ser humano é tão imprevisível que é impossível dizer que este ou aquele não fez isto ou aquilo, somente porque acreditamos que os conhecemos. Chegam a praticar absurdos... Era o caso de Roberto. Conhecia-o muito bem. Conviviam e, afinal, acabou descobrindo que ele havia aplicado um tremendo golpe no Antoniel, jogando-o literalmente na sarjeta.

– Não, Elaine. Nada posso dizer a respeito. A única coisa que posso fazer é avisá-la de que pode, eventualmente, ocorrer este fato. É apenas uma hipótese. Surgiu agora. Do nada. Portanto, vamos aguardar o que o delegado vai me dizer. Aí sim, poderei ter certeza de como as coisas irão caminhar.

O rosto de Elaine estava pálido.

Não podia acreditar no que acabava de ouvir. Imagine-se, ela, a mandante de um crime!

Só pelo fato de Roberto ter deixado um seguro de vida milionário, o qual nem sabia que existia? E muito menos que era a única beneficiária?

O cérebro da viúva parecia um vulcão em erupção. E por que Roberto não incluiu os filhos como beneficiários? E agora? Tenho que resignar-me e fazer o que Marcos havia dito: aguardar. Simplesmente aguardar.

Parece fácil. É fácil para quem fala e está fora do problema. Mas é angustiante, deprimente, para quem vive o problema. Aguardar... Aguardar... Aguardar... A palavra ficou retinindo na sua mente. Aguardar o quê? Por quanto tempo? A única pessoa que não faria mal a Roberto seria eu... Até mesmo suportei calada as suspeitas que tinha em relação à fidelidade do meu marido! E agora esta? Mandante de assassinato do próprio marido!...

Elaine já ouvira várias reportagens onde a mulher havia mandado matar o marido. Os motivos pareciam ser sempre os mesmos: queria se ver livre do marido por que tinha amantes, ou porque ele tinha amante e a maltratava; ou... ou... Porque estava em jogo uma grande soma em dinheiro, quase sempre de um

seguro de vida. Incrível. Mas se assim fosse, Marcos tinha razão: deveria estar preparada psicologicamente para depor...

Restava-lhe esperar. Talvez nada disso fosse verdade. Decidiu não pensar mais no assunto. O pior já tinha acontecido. Roberto não estava mais naquela casa, não podia mais sentir seus braços enrolados em seu corpo. Suas mãos apertando seus seios, acariciando, entrando por dentro de suas coxas. Não tinha mais isso de Roberto. Estava acabado. Estava enterrado. Tinha sido fiel com ele desde o dia do casamento. Não era apenas uma obrigação legal e social que assumira perante a lei e a sociedade. Mas era uma obrigação moral que assumira consigo mesma. Sabia que encontraria dificuldades para vencer e quebrar essa barreira. Mas ainda sentia-se jovem, na flor de seus quarenta anos. Tinha muita vida pela frente. O que não implicava em promiscuir-se. Já dispensara dois “amigos” de Roberto. Passou a odiar esse tipo de homens. Talvez ainda fosse cedo para pensar nisso. Mas seu corpo pedia. Estava carente. Sabia que tinha de ter cuidado para não cair em uma cilada do coração e apaixonar-se pelo primeiro que lhe estendesse a mão.

Agradeceu a Deus por ter Marcos como um grande amigo. Um irmão. Ele fazia questão de ter sempre Cleuza nas reuniões. Isso também lhe agradava. Gostava de Cleuza. Porém ela era uma mulher e ele era um homem. Como bem disse Marcos, as pessoas são imprevisíveis.

Cleuza consultou o relógio na parede, e disse: - Marcos, temos que ir embora. Não percebemos o tempo passar. Já é quase meia-noite. As crianças têm que levantar cedo para irem para a escola. Se forem dormir muito tarde, você já sabe, é aquela choradeira para ficarem mais na cama e um bom motivo para faltarem às aulas.

- Você tem razão, Cleuza! – disse ele e virou-se para Elaine:
- Temos de ir.

Amanhã teremos notícias do delegado. Podemos deixar marcado outro jantar?

Elaine esboçou um sorriso, e disse: - Na mesma bat-hora e na mesma bat-caverna...

- Fez ela uma brincadeira colada das histórias em quadrinhos do ‘Batman’.

Marcos, Cleuza e as crianças, despediram-se.

Para Elaine, somente restava aguardar.

CAPÍTULO XIII

A briga havia sido feia. Passaram mais de dez dias sem se conversarem. Não gostava do ambiente familiar desta forma. Ambos não queriam dar o braço a torcer.

Entravam e saíam, cruzavam-se no corredor da casa, chegavam até mesmo a se esbarrar, mas um não olhava na cara do outro. Ambos eram de gênios muito semelhantes. Fazia algum tempo que não brigavam.

“Isto tem de acabar”, pensou Carmem.

Naquela história ela não podia pender nem para um lado e nem para o outro. Se procurasse defender a posição de Antoniel, a Cristina ficaria magoada. Caso defendesse Cristina, ele é que ficaria magoado. Dificil solução. O tempo se incumbiria de unir novamente pai e filha. Era sempre assim. Lembrou de uma ocasião em que ambos ficaram por quase dois meses sem conversarem. Por outro lado, sabia que o pai amava muito a filha e dela recebia o mesmo amor. A última briga extrapolou todos os limites. Até Carmem sentia-se um pouco culpada. Sentada à mesa, escolhendo o feijão, preparando-o para cozinhá-lo, observou a filha junto à pia, cuidando da limpeza das panelas e pratos da noite anterior. Deu-se conta de que ela não era mais a menininha de colo, que carregava chupetas e o pano encardido por toda a sala e não dormia sem estar com duas chupetas nas mãos e uma na boca.

Não. Ela era uma jovem atraente, esbelta, sensível e extremamente inteligente. Não havia perdido um ano sequer na escola. Suas notas eram as melhores de toda a escola. Em breve terminaria o Segundo Grau. Iria para a Universidade. E pensar que tudo começou por causa do maldito aparelho que Anto trouxe do Paraguai...

A cena da briga voltou à sua mente. Era recente. Ela entrou na cozinha e viu o aparelho receptor e transmissor sobre a mesa. Era quase igual ao aparelho que Anto utilizava quase todas as noites para ouvir conversa telefônica. Ela também havia entrado na onda de Anto. Gostava também de ficar ouvindo as conversas telefônicas que conseguiam facilmente interceptar. Ela entrou e foi perguntando “Pai, o que é isso?” Ele bem que poderia ter dado uma outra resposta. Poderia ter inventado uma história

qualquer. Ter mentido. Mas não gostava de mentiras. Por isso acabou dizendo a verdade e o rebu acabou acontecendo: “Este é um aparelho igual àquele outro. Só que mais potente e possui um sistema que permite a gravação, utilizando-se cassetes pequenas”. E ela indignou-se: “ Pai!, já não chega uma porcaria, agora você gasta dinheiro com outra?”

E aí, ele tentou serenar os ânimos dizendo “Filha. Filha. Acontece que aquele aparelho já está ficando ultrapassado. Dentro de pouco tempo já não dá mais para ‘escanear’ as conversas telefônicas. Aquele pega uma frequência que vai de 820 a 950 megahertz, agora, este aqui é mais potente. Aquele só ‘escanea’ a banda A e B dos celulares. Como está sendo implantada a banda C, só com este aparelho é que vai ser possível atingi-la. Além do que a frequência deste aparelho vai até 1500 megahertz e possui, como já falei, o sistema interno de gravação: posso gravar qualquer conversa telefônica”, disse.

“Olha, pai. Com todo o respeito. Não vejo utilidade alguma nestas porcarias. Além do que o senhor já está cansado de saber que ouvir conversas telefônicas é crime. Este crime, para seu controle, papai querido, está na Constituição Federal. É crime federal!”, quase gritou Cristina. “Crime. Crime. Que crime, Cristina? Eu ouço as conversas telefônicas como um hobby. Apenas isso. Não estou fazendo mal a ninguém. Não estou interferindo na vida de ninguém e também não utilizo as conversas que escuto para fazer chantagem com ninguém. Tá certo que muitas vezes dá vontade. Ah! Isso dá. Principalmente, quando pego alguma conversa, onde sei que está rolando grana preta e ilícita. Mais ainda quando envolve os políticos corruptos da cidade. Tem alguns que se vendem por ninharia. Dá até raiva. Mês passado, peguei uma conversa entre dois pilantras: um vendeu-se por apenas dois mil dólares. Deixou seu partido político e foi para o outro. Isto é uma verdade. E o pior é que todo mundo sabe, mas ficam quietos” - contra-atacou ele. “Mas pai, já imaginou se alguém fica sabendo que o senhor utiliza este equipamento para ouvir conversa alheia?... Vai dar galho. O senhor só vai ter problemas. Isto o senhor pode evitar. Ainda se fosse só conversa de corruptos e políticos corruptos, tudo bem. Tem que ver que o senhor e mamãe conhecem a vida de todos que usam celular nesta cidade. Sabem da vida de fulana, de sicrana. De fulano, de sicrano. Quem traiu quem. Qual o motel. Ah! Pai. Parem com isso vocês dois. Isso é feio e digo de novo. É ilegal. Vocês podem responder

um bruta de um processo por isso!” - respondeu ela serena, mas firme.

A conversa estava muito clara na memória de Carmem. “Ah! Então, você também já ouviu conversas. Não é sua danadinha? Como é que você sabe que eu e sua mãe sabemos quem sai com quem, quem trai quem e qual é o motel de preferência deste ou daquela? Hein? Diga...” cutucou Antoniel em tom de brincadeira. “Não, pai. Não ouvi conversa nenhuma nesta porcaria de receptor, transmissor, rádio ou sei lá o que é esta droga. O que estou falando é porque ouço suas conversas. Muitas vezes vocês pensam que estou dormindo. Mas não estou. Por fim acabo por ouvir algumas de suas conversas com mamãe” retrucou ela demonstrando aborrecimento e sentindo-se vencida na conversa. “ Bem, filha, é melhor ouvir do que ser surda, não é verdade?” – atirou ele. “O desagradável é saber que vocês ouviram a mulher do fulano, marcando encontro com sicrano e depois ouvir os comentários que a mulher do fulano fez a respeito de seu encontro com sicrano, com a sua melhor amiga. Ora. A cidade é pequena. Outro dia mesmo encontrei com uma dessas pessoas que o senhor fala. Ela parou para conversar comigo. E me disse que estava um pouco chateada. Eu, muito infantil, acabei por perguntar por que estava chateada. Aí, sabe o que ela me disse? Que estava chateada por que o seu marido (o fulano) havia acabado de embarcar para o Chile, e iria ficar duas semanas fora, a trabalho e ela iria ficar sozinha. Querendo ser amigável, perguntei se os filhos tinham ido junto. Sabe o que ela me respondeu? Sabe, pai? Não. Eles vão passar o final de semana com os avós. Ora pai. Eu sabia muito bem que ela estava mentido. Sabia que ela não cabia em si de felicidade. Poderia passar duas semanas inteirinhas com o amante, o seu sicrano. Por acaso, isto é bonito? Eu, ter que agüentar tanta falsidade? Com todo respeito, eu gostaria muito que o senhor nem tivesse começado com isso...”, respondeu Cristina.

“Olha Cristina, tudo tem o seu lado bom e o seu lado ruim. Se você não tivesse tido conhecimento de que a sua amiga tinha um amante, você acreditaria nela. Como você sabe, pode perceber que ela é acima de tudo uma grande mentirosa e além de que gosta muito de falar de suas aventuras amorosas. Conta tudo com detalhes. Pena que você ainda é menor de idade, senão, poderia ouvir!...”, aquilo foi a gota d’água. Carmem revia as imagens da explosão de Cristina. Estava armada e encerrada a discussão. Ela

virou-se para o pai e, aos berros, despejou: “ Olha pai, amo você e mamãe, mas isso que vocês estão fazendo de ouvir a conversa de pessoas, que ficam contando suas aventuras sexuais por telefones, é pura perda de tempo. Uma mera masturbação mental. Por que não assistem logo de uma vez um filme pornô?! Pelo menos estes têm imagem, som e cores...” - E Antoniel sentiu que fora encurralado. Não conseguiu esboçar qualquer reação. A raiva o emudeceu. Mas no seu íntimo sabia que a filha estava coberta de razão. Ele e Carmem já haviam conversado a esse respeito.

Carmem quase deu um pulo. Algo caiu com estrondo...

Um copo caiu no chão e partindo-se em centenas de pedaços, que foram espalhados por toda a cozinha. Deixou o que estava a fazer e pôs-se a ajudar Cristina, preocupada com a possibilidade de a filha se cortar com os estilhaços de vidro.

Antoniel chegou por volta das oito horas da noite. Todos já haviam jantado.

Cristina e Andreia haviam saído. Carmem foi para o fogão esquentar o jantar.

Enquanto arrumava os pratos, disse: - E aí, Anto. Conseguiu encontrar um salão para abirmos a loja? O homem já trouxe o compressor. Está novo em folha. Meu irmão ligou e disse que podemos pegar as ferramentas de marcenaria que ele não está usando e em breve não irá precisar. Disse que já deixou tudo arrumado. É só ir até lá buscar.

- É, Carmem. Dei uma boa olhada em três salões. Amanhã você vai comigo para vê-los. De um deles já estou com a chave. Temos que correr atrás do pessoal que ficou de pagar. Vamos precisar muito do dinheiro.

- E a mercadoria? Já entregou tudo? Já recebeu?

- Faltam alguns itens para entregar. Você vai e não acha a pessoa, tem que voltar outras vezes. Só na casa do Cidão fui cinco vezes. Eu não ia deixar os três litros de uísque sem o pagamento... Da outra vez foi um sacrifício para receber.

- E então? Juntando tudo, quanto temos em dinheiro?

- Olha, raspando o tacho, vamos ter em torno de seis mil dólares.

- Ora, Anto, nós estamos no Brasil e você só fala em dólar!

- É a convivência, Carmem. Assim, pelo menos, tenho a sensação de que no Brasil a inflação é coisa do passado -, disse ele, brincando. - Isto dá em torno de onze mil e poucos Reais. Ainda temos mais uns mil e duzentos Reais para receber.

São os cheques pré-datados. Estão com você, não é?

– Sim, estão. Você acha que este dinheiro é suficiente?

– É pouco. Vamos tentar. Se virmos que a coisa vai ficar preta, vamos pedir ajuda ao seu irmão. Afinal, ele ofereceu e virá de bom grado. Só de não termos que adquirir as ferramentas já é uma grande coisa. Amanhã mesmo dou um pulo até lá e as trago.

Trabalharam duro naqueles dias. Levantaram uma cobertura nos fundos da casa, local onde seriam colocadas as máquinas e ferramentas e, também, local a ser utilizado para a reforma e restauração dos móveis. Já estava quase pronto. Faltavam apenas alguns detalhes elétricos, daí a importância de terem ali o maquinário o mais rápido possível.

Carmem sentou-se à mesa e ficou a observar Antoniel devorar a coxa do frango, preparado com maionese. Esperou ele terminar de comer e atacou: - Anto, quando você vai fazer as pazes com Cristina?

– Ora, deixe isso pra lá. Logo, logo ela volta a conversar comigo e fica tudo bem de novo. Afinal, vamos precisar do trabalho dela também. E, por falar nisso, vamos ligar nosso aparelhinho só pra ver o que tá girando no ar nesta quinta-feira.

Carmem ficou na dúvida. Aprendera a gostar daquele ‘hobby’. Às vezes escutava-se *“Pai, a mãe falou que é pra você não esquecer de trazer o leite”* ou então, duas mulheres trocando receita de bolos ou de salgados. Invariavelmente uma sempre contrariava a outra. Era até engraçado. Uma dizia que adorava fazer bolos e doces, mas detestava fazer salgados, a outra falava exatamente o inverso. Mas mesmo assim, trocavam receitas, pouco importava se iriam fazer ou se estavam realmente anotando em seus cadernos. Dava a entender que sim. Outras vezes, era uma criança, ligando para a mãe, para pedir que ela comprasse um brinquedo ou um pote disto ou daquilo. O que Carmem não gostava muito era quando ‘escaneava’ a conversa de políticos. Preferia muito mais ouvir abobrinhas do que ficar ouvindo conversas, onde um queria aparentar mais esperteza do que o outro. Era sempre uma enxurrada de elogios quando conversavam entre si. Bastava um dos lados ligar o telefone e quando do outro lado atendia e lhe dizia que estava tentando há algum tempo, para o outro já dizer em alto e bom som *“É que o filho da p... do sicrano estava falando comigo. Não via a hora dele desligar. Mas, e aí, como é que você vai?”* Nestes casos podia-se perceber que do outro lado da linha, possivelmente estava um eleitor em potencial ou, até mesmo,

interesses financeiros. Incrível como a maioria dos políticos são mentirosos e falsos. E pensou: Bem que se diz que para ser político tem que se ter cara de pau, duas caras. Era bem isso que ouvia nas conversas deles. Algumas davam até arrepios. Tramavam de tudo. Sabiam até mesmo onde seria aberta uma nova avenida e corriam a contar para seus financiadores. Aí eles iam, adquiriam as terras pela adjacências e até mesmo a terra que viria a ser desapropriada. Chegavam a ganhar muito dinheiro, com uma simples informação. Existia uma grande troca de favores. No fundo, um devia para o outro.

Estavam todos dentro do mesmo barco. Gostava mesmo era das fofocas. Essas sim.

As melhores eram quando uma mulher começava a contar para a outra a sua aventura amorosa. Era o máximo. E isto refletia até mesmo no relacionamento íntimo do casal. Lembrou-se da história da fulana que dizia ter pagado o maior mico quando saiu com sicrano. Algumas de suas amigas lhe havia dito que ele era bem dotado, quando foi para cama com ele, o negócio era metade do que era o do seu marido. Ligou para elas e falou que ao invés de sair com ele, saíssem com seu marido, que, aí sim, elas iriam ver o que era um homem bem dotado. Aquelas conversas mexiam com a imaginação e não tinha vergonha de dizer, que muitas vezes, ficou com tesão. Algumas contavam os casos com tantos detalhes, que pareciam um locutor de futebol de primeira grandeza, daqueles que conseguem fazer ver através do rádio e de sentir a emoção na cobrança de um simples escanteio. Essas davam gosto ficar escutando. Elas chegavam a ficar horas penduradas no telefone. Coitados dos maridos que pagavam as contas. Teve uma que contou até mesmo a cor da cueca do amante, como tomaram banho e como foi gostoso fazer sexo oral. Era demais. Os homens raramente falavam a respeito de seus casos extraconjugais. Mas as mulheres... Carmem sentiu-se estupefata de tanta fofoca na sua memória... Nossa. Como falavam, contavam tudo nos mínimos detalhes. E lembrou-se: - Ai, aquelas conversas... – murmurou para si mesma.

Conversas que destoavam de todo o resto. Não conseguiu lembrar-se dos nomes.

Mas tinha certeza de que boa coisa não era. Tinha até esquecido-se de comentar com Anto a respeito. Eles conversaram sobre uma campana, ou cabana, que estavam fazendo. O alvo já estava no alcance. A reta já estava traçada. O outro lado

resmungava. Exigia que o alvo fosse alcançado com maior rapidez. E que eles já estavam demorando demais. E que queria que fosse em São Paulo. Tinha que parecer eventual. O outro lado justificava. A voz era grossa e áspera. Diziam que o alvo era muito importante e que tinham que ter cuidado. E também que eles não eram principiantes. Ouvira esta conversa por três ou quatro vezes. Não fazia o menor sentido. Anto até brincou cogitando que poderia ser “...alguém tramando o assassinato de alguém”. E se ele tivesse com razão? E se a brincadeira de Anto fosse verdade? Pois, a conversa não fazia nenhum sentido. Talvez fosse por isso que ainda estava clara na sua mente. Exatamente por isso. Por não fazer sentido.

– E aí? Vamos ou não vamos? – insistiu ele, e fazendo-a retornar à realidade.

– Está bem – disse, decidida a acompanhar seu marido em mais algumas horas de escuta telefônica. Cristina poderia ter razão no fato de estarem cometendo um crime, mas que é divertido, isso é, pensou.

Levantou-se, pegou na mão dele e puxando-o fortemente obrigou-o a levantar-se.

Quase caíram. Abraçaram-se, ali mesmo, na cozinha. Beijaram-se longamente.

Pareciam mais um jovem casal de namorados do que marido e mulher com vinte anos de união. Ainda estavam perdidamente apaixonados um pelo outro.

Abraçados, seguiram para um pequeno quarto nos fundos da casa, aquele que dentro de dias transformar-se-ia em escritório e oficina. Sentaram-se à mesa, colocaram ambos os aparelhos sobre ela, discutiram um pouco sobre qual deles ligar. Optaram então pelo mais novo e mais potente. Ele era um pouco maior que o primeiro. Tinha a aparência de um rádio comum, só que de comum, não tinha nada. Antoniel pegou a pequena fita cassete, introduziu no pequeno compartimento existente no aparelho e decidiu que iriam gravar as conversas. Apenas para tornar o momento mais emocionante. Não tinham intenção de usar as gravações para nenhum fim. Era certo que algumas pessoas poderiam pagar pequenas fortunas por uma gravação como aquela. Principalmente políticos, e mulheres de maridos que eram infiéis. Porém, a única intenção era diversão. Ligaram o aparelho. O zumbido... Ele procurava sozinho as frequências que estivessem no ar... - Pimba! - exclamaram no mesmo instante. O

aparelho estacionou na primeira conversa. Podia-se ouvir o outro aparelho sendo chamado. Iriam começar as conversas. Entre Antoniel e Carmem, aquele era um momento mágico de cumplicidade. Pareciam crianças divertindo-se com algo perigoso e proibido. Era aí que estava a graça da coisa. Silenciaram para prestar atenção à conversa que iniciava-se. Um homem e uma mulher. Eram apenas pai e filha conversando. Esperariam outras ligações.

CAPÍTULO XIV

Estava de volta à delegacia.

Detestou aquele ambiente deste a primeira vez. Quantas vezes ainda terei que voltar aqui - questionou-se Marcos. Lembrou-se então do homem que o atendera da primeira vez. Preparou-se psicologicamente para revidar o mau atendimento se fosse necessário. Novamente sentiu-se constrangido pelo olhar das pessoas que aguardavam no hall de entrada. Dirigiu-se ao balcão. O homem que atendia estava de costas. Aguardou por alguns segundos, o homem voltou-se para ele e, abrindo um sorriso, perguntou: - Boa tarde senhor? Em que posso servi-lo?

Havia gentileza na voz daquele homem. Não era o mesmo da primeira vez.

Sentiu-se frustrado. Estava armado, mental e emocionalmente já tinha até preparado uma resposta à altura, caso fosse atendido grosseiramente. Ficou desarmado.

Conseguiu responder: - Boa tarde. Quero falar com o doutor Geraldo de Assis. Ele está me aguardando. Meu nome é Marcos Alcântara.

- Sim senhor. Por gentileza, aguarde um minuto.

O homem dirigiu-se mecanicamente ao telefone e, em menos de um minuto, anunciou: - O senhor pode entrar. O doutor Geraldo já está aguardando. O senhor quer que eu o acompanhe até à sala? Ou o senhor já sabe onde é?

Este sim é um tratamento digno, aferiu. Simples, mas digno. Havia sido precipitado no seu julgamento em relação aos funcionários de uma delegacia. Por causa de apenas um homem tinha generalizado todos os ambientes.

- Não será necessário - disse -, já conheço o local e sei onde é a sala. Mesmo assim, muito obrigado por sua atenção.

Abriu a cancela e entrou no corredor, subiu as escadas e logo ingressou na sala.

Lá estava ele, exatamente como da primeira vez, atrás da escrivaninha empilhada de processos. Vestia uma camisa branca, gravata azul que combinava com a calça social da mesma cor.

- Ora, ora. Cá estamos de novo!

O delegado levantou-se da cadeira com a mão estendida. e após o breve aperto de mãos foi indicando a cadeira à sua frente.

Marcos sentou-se. Sentiu que a conversa seria mais longa do que a primeira. O rosto do delegado tinha algo de diferente.

Tentou adivinhar o que se passava na cabeça daquele homem. Já havia descoberto que ele adorava o que fazia e que era considerado um dos melhores policiais que já estivera no comando dos homicídios. Que ele gostava de trabalhar até mesmo em suas folgas, quando se ocupava de um caso que gostasse e lhe fosse atraente.

Normalmente eram os casos mais intrincados. Os casos mais difíceis, aqueles aparentemente sem solução. Já tinha ouvido, tanto do delegado, como do advogado de Elaine, e do seu, que “a Polícia não tem estrutura funcional e operacional para cuidar de tantos casos de homicídios”, por isso, eles achavam que o boletim de ocorrências do Caso Roberto nem chegaria a transformar-se em um inquérito. Seria arquivado antes e no lugar reservado ao culpado pela morte de Roberto constaria apenas “desconhecido”... Mas eles estão errados, raciocinou. Era a segunda visita à delegacia e mais uma vez verificou que o Caso Roberto não estava engavetado.

– E então, Marcos? Está pronto para me auxiliar na investigação? - ouviu.

A proposta pegou-o de surpresa. Quase engasgando, a sua voz saiu entrecortada: - Eu... Eu... Ajudá-lo... Investigação?!

– É, Marcos. Você sabe que vou precisar muito de sua ajuda para desvendar o caso do seu amigo.

– Não estou entendendo, doutor! – disse, ainda perplexo com aquela conversa. - Como poderei ajudar um delegado?

– Marcos! - falou pausadamente o delegado. Havia formalidade no seu tom de voz. - Conseguimos localizar uma testemunha. Ela depôs ontem, quase nesta mesma hora. O investigador Luizão procurou-a por quase dez dias e finalmente conseguiu localizá-la. Ela não viu muito. Mas o pouco que presenciou e nos contou é um indício fortalecedor das minhas suspeitas iniciais. O testemunho, juntamente com os laudos periciais, que agora estão completos, aumentaram a minha suspeita de que seu amigo não foi, em hipótese alguma, vítima de tentativa de assalto.

Suspeitávamos também da possibilidade de ter ocorrido uma discussão no trânsito, mas tal hipótese também foi descartada face ao depoimento da testemunha. Restou, então, a última

hipótese. Que era, para mim, a primeira a ser investigada. Mas temos que seguir os procedimentos padrão.

– A última hipótese? - perguntou Marcos. - Qual era a última hipótese?

– Marcos, dentro de uma faixa percentual de zero a cem, eu diria, sem medo de errar, que seu amigo foi vítima de um crime encomendado. Posso até apostar a minha carreira nisto. Nosso maior problema, neste tipo de caso, e infelizmente, é a falta de estrutura e a enorme quantidade de homicídios a serem investigados. Mas nesta faixa percentual, tenho cem por cento de certeza do que estou lhe falando.

Marcos sentiu a palidez tomar conta de seu rosto. Sentiu-se como se tivesse sido atingido por uma bomba atômica. Seus pensamentos fervilhavam. Lembrou-se da conversa que teve com Elaine a esse respeito. Ele mesmo não acreditava totalmente na hipótese. Mal sonhara que estava muito próximo da verdade. A verdade do delegado de Polícia. A verdade dos laudos periciais e a prova testemunhal. E um delegado que apostava todas as suas fichas. O seu tom de voz não deixava margens para a dúvida. Ele era um homem experiente. Vivia e convivia com aquele mundo há muito tempo. Tinha seus instintos e intuição avivados pelos longos anos dedicados àquele trabalho. E dizia exatamente o que Marcos não queria ouvir. Teria que revelar os negócios escusos que Roberto tinha feito nos últimos dois anos ou mais. Era o que ele havia conseguido descobrir. Poderia haver mais coisas. Meu Jesus, pensou Marcos, será que o delegado vai suspeitar em primeiro plano de Elaine? Não. Isso Não. Elaine não era capaz de matar nem uma mosca, quanto mais o marido... Não fazia sentido. Mas então, por que fazia aquela revelação para ele?

Por que não havia chamado Elaine? É claro. Ele a tinha como suspeita número um.

É sempre assim. É nos livros. É nos filmes. Mas agora não é nem livro e nem filme.

É a realidade. Não, meu Deus, não permita que ele coloque a pobre Elaine sobre suspeita. Ela já sofreu muito com a morte de Roberto. Agora terá que passar por mais isto. Além do que saberá das falcatuas que Roberto vinha fazendo e se metendo ultimamente. Teria que contar tudo o que sabia. Iria envolver muita gente.

Com certeza gente inocente. Porém, e se entre essa gente, que ele acreditasse ser inocente, estivesse o verdadeiro culpado?...

– E dona Elaine? Como ela está passando? Ela sabe que o senhor está aqui?

Marcos sentiu-se catapultado para a realidade. Respirou fundo. Percebeu que o delegado o observava.

– Elaine está bem - disse. - Está conseguindo superar. Faz uma semana que começou a tomar a frente das empresas. Vai devagar. Os negócios comerciais são complexos para uma mulher como ela. Apesar de ser formada e ter feito pós-graduação em Psicologia, nunca trabalhou. Portanto, é mais difícil. Mas ela é uma mulher muito inteligente. Conseguirá dar conta do recado. É questão de tempo. Sim.

Ela sabia que eu viria ter esta conversa com o senhor. Deve estar ansiosa para saber o que se passa. Ela manifestou a vontade de vir junto. Mas achei melhor que aguardasse.

– O que fez muito bem. Pois, algumas perguntas que vou lhe fazer poderiam perturbá-la. Nós vamos ter que tomar o depoimento dela, muito em breve. Por enquanto, gostaria de saber se o senhor está disposto a colaborar conosco?

– Com certeza - disse. - Sem a menor sombras de dúvidas. O senhor falou com tanta convicção que farei o que puder para auxiliá-lo nas investigações. Porém, tenho algumas perguntas a lhe fazer.

– Pois não? Pode fazer quantas perguntas forem necessárias. Responderei àquelas que estiverem ao meu alcance. Só não me pergunte quais números serão sorteados na ‘Mega Sena’ da próxima semana... Pois, se eu os conhecesse, jogaria em silêncio. Neste caso, agiria como egoísta, mas para uma boa causa - disse o delegado, dando uma boa gargalhada.

O ambiente ficou mais descontraído. Ele sabia ponderar os extremos. Sentiu a tensão de Marcos. Era necessário amenizar aquela tensão. Nada melhor do que soltar uma brincadeira, desde que fosse necessária e na hora certa. O delegado acertou novamente. Conseguira que Marcos risse junto. É engraçado como uma boa risada serve de tonificante e energizante contra um momento de stress, pensou o delegado. Isso quase sempre funcionava. Aprendera que não devia usar essas estratégias na presença dos superiores. Já tivera embaraços no passado. Com a idade ficou mais atento; quando se é jovem tudo é bonito, o impulso toma conta.

– Doutor – ainda absorto, ouviu Marcos -, o que lhe deu tanta certeza de que Roberto foi vítima de um crime encomendado?

– Ahn? Desculpe-me. Não entendi a pergunta.

Marcos repetiu.

– As primeiras conclusões – começou o delegado - começaram quando tomei conhecimento do laudo da autópsia. Elas aumentaram quando li as conclusões dos peritos de balística e depois pelo laudo pericial do veículo. Faltavam dois pontos.

Um deles foi esclarecido pela testemunha e o outro ainda está na conjectura.

– E estes laudos? Eu posso ver? E qual é o ponto que ainda falta?

– Sim, você poderá ler todos os laudos. Explicarei a você os tópicos de maior interesse. O ponto que ainda não consegui esclarecer integralmente é o do movimento do veículo da vítima, que chegou até mesmo a subir na calçada. Creio, que quando ele recebeu os tiros, num espasmo de consciência, ele tentou fugir. É a única conclusão que consegui, até o momento. Não me passou nenhuma idéia nova pela cabeça. Este fato é muito comum quando a vítima pressente o perigo e tenta a fuga. Aí ela é alvejada na fuga. Mas no caso do Roberto, o laudo da balística deixa claro que ele não conseguiu, sequer, prever o perigo aproximando-se. Não teve tempo de esboçar qualquer reação. Quem queria matá-lo, sabia muito bem o que estava fazendo e já deveria estar à espreita por um bom tempo. Então, é neste ponto que...

– Doutor - interrompeu Marcos. - Talvez eu possa ajudar neste ponto. Ocorre que Roberto tinha um hábito diferente. Quando ele parava o carro no sinal, ou simplesmente para alguém subir ou descer do veículo, ele permanecia sempre com o pé esquerdo na embreagem e deixava sempre o carro engatado na primeira marcha.

Este hábito quase chegou a lhe causar um acidente. Ele estava deixando Elaine e as crianças na frente de um estabelecimento comercial de São Pedro, mantendo a embreagem lá embaixo e o veículo engatado, quando distraidamente seu pé soltou-se da embreagem e o veículo deu um pulo para frente. Eu já o avisara antes a respeito deste procedimento, cheguei até mesmo a dizer que desgastava muito mais rapidamente a embreagem, mas ele nunca dava atenção. Por esse motivo, creio,

quando ele recebeu os tiros o corpo sofreu o impacto e o pé saiu da embreagem deixando o carro em movimento.

O delegado olhou atentamente para Marcos: - Parabéns! Creio que você solucionou o único ponto de divergência. Você tem toda a razão. É muito provável que tenha ocorrido isso, pois ele pendeu para a direita, seu pé soltou-se da embreagem e o pé direito pisou mais fundo no acelerador, aí, descontrolado, o veículo percorreu aquela distância e transpôs a guia subindo na calçada. É, faz sentido. Ponto para você. Mas precisamos localizar os assassinos e o mandante do crime. Ou os mandantes. Pode ter sido mais de um.

- Nesta parte, não sei se serei de grande valia - disse Marcos.

- Será sim - afirmou o delegado. - Mas vamos lá. Vou lhe contar sobre os laudos.

Vamos começar primeiramente com o laudo de autópsia. É este aqui - e entregou o processo, já aberto na página onde constava o laudo.

Marcos pegou o processo em suas mãos. Era a primeira vez que mantinha contato com documentos daquela natureza. Examinou a primeira folha. O laudo havia sido realizado no IML - Instituto Médico Legal. Estava assinado por dois médicos legistas. O nome de Roberto aparecia bem no meio da folha inicial - "VÍTIMA".

Passou para a segunda parte. Termos técnicos que nunca pensara existirem. Virou a folha... Não quis acreditar. Duas fotos coloridas do corpo de Roberto. Totalmente nu sobre uma mesa de aço inox. Sentiu o estômago revoltar-se. Virou para a página seguinte. Mais duas fotos em cores. Em detalhes, a cabeça de Roberto. Sentiu náuseas. Não estava acostumado. E existem pessoas que dedicam a vida a este tipo de profissão... - lembrou-se. Eram imagens impressionantes. Imaginou os médicos legistas utilizando as suas ferramentas de trabalho, cortando o corpo já inerte, duro, sem vida; examinando as entranhas, vasculhando minuciosamente cada pedaço daquele monte de carne e ossos, que pouco tempo atrás estava respirando, sorrindo, vivendo. O olhar atento e perspicaz dos médicos legistas... Era nesse olhar que o delegado estava fundamentando a sua convicção de assassinato encomendado.

Como isso é possível?, pensou. As fotos deixavam em destaque o local onde a bala entrara perfurando o cérebro,

destruindo uma vida. Os locais foram destacados com canetas de cores diferentes. Virou lentamente a folha. Outras duas fotos coloridas estavam na sua frente. Sentiu um frio percorrer a espinha. Era o outro lado da cabeça, o local por onde saíram os malditos projeteis. Percebeu que os buracos de entrada eram pequenos, mas os buracos por onde saíram os projeteis eram grandes.

Seu estômago revoltara-se novamente ante aquelas imagens. Aquilo era demais para ele, homem acostumado apenas a lidar com documentos e papéis de importação e exportação. Não havia tempo para pensar na morte. Naquele instante tinha a morte na sua frente – a morte de um amigo. Quando viu o corpo, impressionara-se, mas as fotos eram ainda mais impressionantes: os detalhes mostravam a deformação do rosto e a rigidez cadavérica mais translúcida, mais forte. Incrível, pensou, a vida é efêmera, dentro de algum tempo o corpo de Roberto, ou o que restava dele, entrará em decomposição, os vermes banquetearão-se com o novo alimento. Engraçado.

Outra forma de vida estaria alimentando-se com carnes em decomposição. Uma carcaça que servira de recipiente para uma vida. Em pouco tempo, só restariam os ossos e a lembrança de Roberto. Recusou-se a continuar. Virou rapidamente as folhas. Novas fotos apareceram. Chegou finalmente à última folha do laudo.

“Conclusões finais”, leu no cabeçalho. Suspirou. Começou a ler. Os termos técnicos ali dispostos não faziam parte de seu vocabulário cotidiano. Entendeu que a vítima havia sido atingida por instrumento pérfuro-contundente, orifício de entrada, orifício de saída, orla de enxugo, zona de tatuagem, orla de contusão, zona de esfumaçamento, o trajeto do projétil... Já tinha lido sobre alguns casos cujos laudos de médicos legistas foram fundamentais para desvendar o crime. Começou a perceber como funcionava: os laudos eram minuciosos, esmiuçavam cada parte do corpo humano, cada detalhe. Parecia que nada escapava aos olhos atentos dos médicos legistas. Através dos exames podiam precisar até mesmo a distância a que a arma estava posicionada na hora do tiro e até mesmo a possível posição do atirador e, ainda, qual foi o tipo de arma utilizada. Ficou impressionado com o trabalho daqueles homens. A respiração voltou ao normal. Fechou o processo e devolveu-o ao delegado. Durante todo aquele tempo, o policial observou todas as reações de Marcos, principalmente

quando se deteve nas fotos. Um silêncio pesado e momentâneo tomou conta do ambiente.

– E aí, Marcos? – cortou o delegado. - Descobriu por que cheguei a estas minhas conclusões?

– Sim - disse Marcos. - Fiquei...

– ...impressionado.

– Foi tão visível assim? – e Marcos deu-se conta que havia sido observado atentamente.

– Com certeza. A visão destas fotos, para quem não está habituado, normalmente causa mal estar. Nós já convivemos com isso ao vivo, todos os dias, infelizmente.

– Existe um porém - disse Marcos -, alguns termos técnicos deixaram-me bastante confuso. Não fazem parte do meu vocabulário.

– Eu entendo. Mas não fique constrangido. Existem muitos advogados, normalmente os principiantes, que também se confundem neste emaranhado de termos técnicos utilizados pelos peritos. Há necessidade de estudar Medicina Legal... - disse o delegado. - Mas não se preocupe com isso, vou tentar explicá-los com uma linguagem mais usual. Mas antes disso, gostaria que você lesse o laudo da balística e o laudo pericial do veículo. Estes são mais suaves.

– Assim espero - disse Marcos. - Creio que ainda não me refiz totalmente do primeiro.

– Este também é ilustrado com fotografias e gráficos. Por isso, aconselho que você vá direto à última folha onde estão as conclusões.

Os peritos concluíram, fortalecendo a conclusão do laudo dos médicos legistas, que os tiros haviam sido à queima-roupa. Constava ali uma análise detalhada do projétil. O calibre da arma utilizada para os disparos também foi identificado: os projéteis foram disparados de uma pistola, calibre 9mm, semi-automática, cano longo; o projétil era do tipo perfurante, com ponta de aço. Uma observação no laudo chamou a atenção daquele leitor especial: a arma utilizada era do tipo “arma exclusiva das Forças Armadas”.

– Aqui fala que o tipo de arma – indagou - é igual ao utilizado pelas Forças Armadas... É isso mesmo?

– Com certeza - respondeu o delegado. - É isso aí. Este é mais um ponto indicativo de que o crime foi encomendado, pois, em casos semelhantes; quero dizer, em crimes desta natureza, as

armas utilizadas regra geral são revólveres calibre 38mm ou 32mm. Neste tempo em que estou à frente desta delegacia, nunca tive um caso em que a vítima de assalto em semáforo tivesse sido atingida com uma pistola calibre 9mm, de uso exclusivo militar. Portanto, quem a estava utilizando conhecia muito bem a respeito de armas. Além de que revólver você compra em cada esquina. E uma arma como essa, não é fácil de se conseguir.

Marcos passou a ler o laudo pericial do veículo. Nas fotos, o detalhe do local onde o projétil alojou-se após transfixar a cabeça de Roberto. Os laudos se completavam entre si. Conseguiu, finalmente, entender as conclusões do delegado. Estava também convencido de que Roberto havia sido assassinado a mando de alguém.

Mas quem? E por que o mataram? A resposta à última pergunta pulou na sua mente: dinheiro. Quem foi o responsável? Era o que teriam de descobrir. Muitos poderiam ser os suspeitos. Até mesmo Elaine. O que fez com que Marcos se remexesse na cadeira. Sentiu o estômago estremecer e um frio a percorrer a espinha. Não. Ela não. Isso é impossível!...

– Doutor – virou-se para o delegado, como se tentasse descobrir algo com urgência -, diante de todos os fatos aqui documentados, qual é a sua visão, de policial experiente, para os lances que ocorreram naquela noite? O senhor deve ter uma versão formada em sua mente, não tem?

– Claro que tenho. Para mim, os elementos já deviam estar de campana há um bom tempo. Sabiam exatamente todos os passos de Roberto, os lugares que ele costumava frequentar, os horários rotineiros, enfim, tinham conhecimento de todos os percursos e simplesmente aguardaram pacientemente a melhor hora e o melhor momento para realizarem o serviço. Assim, quando conseguiram estacionar o carro paralelamente com o de Roberto no semáforo da Avenida Paulista. Obviamente já haviam tentado antes. Mas devem ter desistido face ao movimento, ou não conseguiram ficar na primeira fila, com a avenida a sua disposição para a fuga. Mas uma coisa é certa. Eles tramaram tudo para que parecesse uma tentativa de assalto em um semáforo, seria apenas mais um crime comum. Mas cometeram alguns erros.

O primeiro erro foi a utilização da arma. O segundo, que ficou bem claro com o laudo da autópsia, é o local onde entraram as balas. A vítima nem sequer teve tempo de saber o que a atingiu. Portanto, o elemento que atirou deve ter ido em direção ao carro

de Roberto, por trás, e atirou por duas vezes, atingindo o parietal esquerdo, bem próximo ao osso occipital, sem atingir o encosto de cabeça. Caso tivesse sido assalto, com certeza a trajetória das balas levaria à região frontal esquerda. Além de que os tiros tiveram a trajetória oblíqua, ou seja, foram dados de cima para baixo. Portanto, fica claro que a intenção do elemento que atirou era de matar. Simplesmente matar.

Ele realmente gosta do que faz, pensou Marcos. Olhava-o fixa e atentamente enquanto lhe ouvia as calorosas explicações. Falara tantos termos técnicos que nem se quisesse poderia lembrar. Precisaria anotar cada um deles para vasculhar no dicionário e saber os seus reais significados. Mas isso não tinha importância.

Consultou o relógio. - Nossa! – exclamou. O delegado olhou-o e percebeu que ele deveria estar com compromissos agendados. Fazia mais de duas horas e meia que Marcos estava ali. E estava a anoitecer. Agendara com Cleuza jantar na casa de Elaine. Novamente iria chegar atrasado. Ela iria ficar uma fera. Sempre ficava quando isso acontecia. O delegado continuava com os detalhes da sua explicação, mas Marcos ficara absorto em seus pensamentos, não prestara a devida atenção na última parte. Teve tempo de entender quando ele disse: - Precisamos encontrar a mulher que esteve com Roberto na noite do crime. Você sabe quem poderia ser?

- Encontrei alguns nomes, com asteriscos do lado do número de telefone. Estão comigo em casa. Não os mostrei à Elaine. Desconfiei que eram casos do Roberto.

Podemos fazer o seguinte. O senhor e sua família têm algum compromisso para amanhã? Poderiam almoçar conosco. Em minha casa. Seria um enorme prazer recebê-lo. Está feito o convite.

O delegado passou as mãos pelo cabelo, alinhou-os, reclinou-se na cadeira, as mãos trançadas na nuca.

- Sabe que é uma boa idéia... Assim poderei conhecer a cidade onde você mora.

Talvez até me mude para lá. Minha mulher disse que não agüenta mais São Paulo. É que ela sempre morou no interior. Não tem conseguido adaptar-se aqui. Vou ligar para ela. Vamos ver se não tem nada agendado. Aguarde um minuto.

Pegou o telefone sem fio e digitou os números, logo, uma breve conversa.

Desligou o aparelho e deu um tapa na mesa. - Fechado.
Aceitamos o convite. A que horas?

- Onze e trinta. Se quiserem chegar mais cedo posso lhes mostrar um pouco da cidade.

- Estaremos lá.

Despediram-se. Marcos sabia que iria começar uma longa jornada. Sentia-se até mesmo um pouco policial. Seria até divertido sair um pouco da rotina para variar.

Tinha muito trabalho a fazer. Decidiu montar um pequeno relatório sobre o que havia descoberto nas empresas de Roberto. Infelizmente, iria aparecer muita gente sob suspeita. Mas, o que fazer? Era o único jeito de tentar descobrir o assassino de Roberto.

"O Caso da Avenida Paulista"
Parte II

branca

Capítulo XV

O pequeno quarto estava diferente. O espaço estava reduzido. Os maquinários e as ferramentas, trazidos em empréstimo da casa de João, estavam desordenadamente ocupando quase a totalidade do cômodo. Ali estava o sonho, a esperança, o reinício de uma vida. Seria com elas que as mãos hábeis de Antoniel dariam vida aos móveis velhos e desgastados pelo tempo, móveis que já estavam com os seus dias contados. Para muitos, só serviriam para ser lançados no lixo. Móveis que nas mãos de Antoniel viravam peças requintadas. O milagre do trabalho. O milagre da vontade de vencer de novo. Em breve, estariam inaugurando a nova loja. Logo aquelas máquinas e ferramentas estariam funcionando novamente, transformando e embelezando cadeiras, mesas, estantes, guarda-roupas, criados-mudos, enfim, todos os móveis que pudessem passar pela transformação. Ambos olhavam as ferramentas e máquinas com aquele olhar de paixão. Não ousavam conversar a respeito. Já tinham tomado a decisão. Restava-lhes enfrentar a realidade e cultivar o sonho de dias melhores. Estavam sentados à pequena mesa. Sobre ela os aparelhos receptores. Tinham ligado apenas o aparelho mais novo. As conversas telefônicas estavam banais. Não estava acontecendo nada de novo. Vez ou outra interceptavam a conversa de uma mulher lembrando o marido para não esquecer de passar pelo supermercado; uma jovem contando da vantagem conseguida sobre o cara que estava paquerando. Ele mexeu em alguns botões e ouviram:

“E aí macanudo. Tudo bem?”

“Tudo. É você macanudo?”

“Tamo em QRP...”

Antoniél mudou novamente os botões e Carmem, perguntou: - Mas que diabos é isso?

Que linguagem é essa, Anto?

- Ah! Isso aí é Rádio PX - Rádio Faixa do Cidadão. Aquele aparelho - disse ele apontado para o antigo - não trabalha nesta frequência, mas o novo capta até Rádio PX.

É fantástico. Vamos ver se sintoniza também rádios na faixa PY, que é uma frequência diferente.

Moveu os botões correspondentes à frequência e logo sintonizou a conversa de Rádio PY; moveu novamente e o aparelho captou a frequência da Polícia. Aguardaram um minuto e tiveram a certeza de que o rádio interceptado era da Polícia Militar. Era o posto fixo, que ficava no batalhão da região, comunicando-se com a viatura policial: acontecera um pequeno acidente sem vítima numa das ruas centrais da cidade.

– Anto – disse ela. – Volte na frequência dos telefones. Ficar a ouvir sobre acidentes não é nada agradável.

– Está bem, Carmem - concordou, já movendo o botão localizando a frequência da telefonia celular.

Logo, as mesmas conversas corriqueiras. Nada de novo havia sido captado pelo novo aparelho. Antoniel saiu em direção à cozinha. Atravessou o quintal e em pouco tempo retornou com uma garrafa de cerveja e dois copos. A bebida serviria apenas como distração. A principal era ouvir as conversas alheias. Mas a noite não estava prometendo nada emocionante. Apenas conversas do dia-a-dia. Já estavam prestes a desistir, quando Carmem insistiu: - Vamos ficar mais um pouquinho. Até acabarmos de tomar essa cerveja. Tá bem?

– Mas só até terminarmos a cerveja. O papo não está interessante. Terminando aqui, desligamos e vamos deitar. Podemos aproveitar que estamos sozinhos e daí... insinuou.

Na verdade não era todos os dias que conseguiam interceptar conversas proibidas, mas sempre ficava a expectativa. Uma noite infrutífera. Antoniel acabara de tomar o último gole da cerveja, olhou para Carmem com intenção de convencê-la a desligar o aparelho, quando iniciou-se uma chamada. Uma voz feminina invadiu o ambiente...

“Oi Zi. Tá tudo bem com você?”

– Estou ótima! E você Ré. O que me conta de novo?

– Acho que se alguém tem algo para contar, esse alguém é você. Não me diga que não? Você saiu ontem com aquele tesão de homem. Eu to sabendo?

– Que homem? Está louca?

– Ah! Não se faça de rogada. Você conseguiu físgar o marido da Clélia, o Cristian. Já me contaram.

– Meu Deus! Nem bem me refiz de ontem e já tem gente sabendo. Onde você ouviu isso?

– No cabeleireiro, meu bem! Você sabe que nestes lugares a fofoca corre solta. Mas eu fiquei na minha. Só ouvi. Quem estava comentando não

tinha certeza. Falou que bastou seu marido viajar e você não perdeu tempo. Foi à caça. É aí? Me conta. Como foi? Ele é aquilo tudo que demonstra ser ou não? Onde vocês foram?

– Menina, foi o maior barato. O cara é muito bom de cama. A mulher dele deve estar satisfeita com o homem que tem.

– Que nada querida, ela mete um baita chifre nele há mais de dois anos. Você não sabia?

– Não me diga? É verdade? Você sabe quem é o amante dela?

– Sei. É o cara que tem um açougue na rua da casa dela.

– Um açougueiro. Mas que mal gosto.

– Não fuja da conversa. Como é que foi? E o negócio dele é...

– Olha, chegamos no motel. Ele estava quieto. Quando entramos porta a dentro o homem virou um vulcão. Abraçou-me e me socou um beijo que quase senti falta de ar.

Arrancou a minha blusa. Pensei que tivesse rasgado, mas o soutien não teve tanta sorte.

Tive que jogá-lo fora. Começou a chupar meus seios, fui até às nuvens. Aí, começou a tirar a minha calça e o mais gostoso: tirou a minha calcinha com os dentes.

– Ai Zi! Pare com isso! Estou ficando com um enorme tesão e estou ficando mo..."

Uma interferência cobriu as vozes das mulheres. Antoniel praguejou. Carmem que estava ansiosa ao seu lado praguejou também.

– Que droga! Na melhor hora da conversa tem que haver uma interferência! -resmungou Carmem. – Viu – continuou -, valeu a pena esperar um pouquinho...

“- Mas e daí, Zi? O que ele fez?”

– Ré, ele me pegou no colo, jogou-me na cama, me fez ficar de bruços, abriu as minhas

pernas e veio por cima de mim e com..."

– Que puta que p... – resmungou Antoniel. - Outra maldita interferência. Mas o que está acontecendo com este aparelho? O outro não era assim. Acho que vou ligar o outro, Carmem.

– Não, Anto! Podemos perder a conversa toda até localizar a frequência destas duas.

Estão de volta...

“- Mas você não fez aquilo que estou imaginando, não é?”

– Não ele apenas começou a me beijar. Posso dizer que senti vontade, mas só de pegar já me fez pensar duas vezes.

– Sua danada! Então, foi apenas papai e mamãe.

– *Que nada. Ele deitou por baixo e subi em cima dele, peguei e com....*”

– Que saco! - disse Carmem diante de nova interferência. - E o pior é que é sempre na melhor parte. Porra. Quero que você mantenha distância destas duas, hein? - Ralhou ela com Antoniel, que já levava a mão para tentar livrar aquela interferência quando uma voz de homem, grossa e áspera soou:

“- *Alô? Seu Paulo? Aqui é o Neco.*

– *Neco? Mas isso é hora de ligar? Onde você está?*

– *Tô aqui em São Pedro.*

– *Tá sozínho?*

– *Tô eu e o Mané. Queremo grana.”*

Antoniel estava prestes a mudar a frequência, queria voltar a ouvir a conversa da Zi com a Rê, mas Carmem lembrou que já ouvira aquelas vozes...

– Anto, não desliga. São aqueles caras de novo. Aqueles que você até brincou que talvez eles estivessem tramando algum roubo ou morte de alguém.

– Nossa, por Deus! Você tem razão, desta vez vou gravar - disse ele apertando a tecla correspondente à gravação.

Na voz do tal de Paulo percebeu-se uma irritação:

“- *Mas que porra de dinheiro vocês estão querendo? Não ficou acertado que o pagamento seria dentro de trinta dias? Por que agora?*

– *É o seguinte, seu Paulo. Nós tá é precisando da grana. Tem mais. Queremo os dez mil, amanhã e no dia combinado mais dez.*

– *Vocês estão loucos. O combinado total foi de vinte mil. Dez antes e dez depois de trinta dias.*

– *É, mas a coisa engrossou. Parece que não arquivaram o caso. Vai haver investigação. A polícia tá atrás. Por isso, queremo mais grana. Sem ela não dá prá fica longe. E sé sabe, se pega nós, pega você e seu irmão.*

– *Olha, acho que vocês estão é me chantageando. Além do que combinado é combinado.*

– *Não é bem assim não. O ocê não se esqueceu com quem tá falando? Não é? Pois acho bão o ocê se lembra. Nós não tamo prá brincadeira. Precisamo do dinheiro.*

– *Amanhã vorto a liga. Por vorta das seis horas. Espero que já tenha o dinheiro nas mãos.”*

A ligação foi encerrada. Antoniel trocou um olhar com Carmem e ficaram em silêncio.

Não queriam acreditar no que acabaram de ouvir. Alguém tinha realmente cometido um crime. O homem da voz grossa e

áspera havia com certeza sido o executor e o tal de Paulo o mandante. Mas que crime? Onde? Quem teria sido a vítima? Ou as vítimas? Pela conversa o caso havia ocorrido semanas atrás. Mas o que ouviram era tão pouco que impedia uma conclusão imediata. Tudo que tinham ouvido era um homem cobrando outro homem: uma dívida. O que intrigava a ambos era o fato de haverem mencionado polícia, investigação. Antoniel rebobinou a fita e tornou a escutá-la. Confirmaram que tinham ouvido sobre polícia e investigação. Outro fator que intrigava era o fato de que o homem com fala truncada queria mais dinheiro e que o tal de Paulo parecia não estar disposto a pagar. Mas, quem era Paulo? Quem era o Neco e quem era o Mané? O que estavam fazendo na cidade? Onde estavam? Eram perguntas sem respostas.

– Carmem – disse ele - está conversa não me cheira bem. Alguma coisa grave aconteceu. Devemos deixar essa fita gravada e aguardar amanhã para ouvirmos mais algumas coisas. Quem sabe obtemos algumas respostas...

Resolveram aguardar mais um pouco. Talvez o tal de Paulo ligasse para o tal de Neco.

Aguardaram por quase uma hora. Nada aconteceu. Decidiram desligar o aparelho e retornaram para a casa. Pararam na cozinha, fizeram um lanche rápido e prepararam-se para dormir. Antoniel demorou muito para pegar no sono. Aquele conversa havia perturbado a sua cabeça. Tentava sem sucesso, desviar seus pensamentos, mas a conversa voltava nitidamente. O que tenho eu a ver com aquela conversa?, questionou-se.

Tinha sido mais uma conversa, igual a tantas outras. Por que, então, estou tão incomodado...?

O destino estava preparando uma nova surpresa.

Ao acordar, a primeira coisa que lhe veio à mente foi a conversa. Teria que estar atento para o horário. Antes mesmo de levantar-se decidiu que deixaria o aparelho ligado o dia inteiro. Teria que trabalhar nos fundos da casa. Estava arrumando o local, deixando-o em condições de trabalho. Então não haveria problemas. Carmem já havia levantando.

Sentiu o aroma do café ao abrir a porta do quarto. Entrou na cozinha, vestindo apenas o roupão. Sentou-se no seu lugar habitual e ouviu Carmem dizer: - Puxa, Anto, você não conseguiu dormir direito. Debateu-se a noite toda. O que foi?

– Não sei, Carmem. A conversa que gravamos ontem não me deixou em paz um minuto sequer. Não consigo entender...

– Ah! Deixe isso prá lá. A conversa entre a Zi e a Rê estava mais gostosa. Bem mais chocante.

Cristina estava entrando na cozinha e ouviu a conversa. Olhou para o pai com cara amarrada. Desde o dia da briga, nem oi e nem bom dia. Um olhava para o outro. Mas nada de palavras. As expressões diziam tudo. Amavam-se. Mas negavam-se a baixar a guarda. Ambos eram geniosos. Mas foi Antoniel que quebrou o silêncio.

– Cristina – quebrou ele o gelo.

Ela simplesmente olhou-o. Não disse uma palavra. Não que não quisesse dizê-las. Mas preferia assim. Afinal foi o pai que a chamou. Ele que continuasse a falar.

– Olha, filha, sei que você é contra eu e sua mãe ficarmos a escutar conversas telefônicas. No fundo tenho que lhe dar razão. Porém, eu gostaria que você ouvisse uma conversa que gravamos ontem.

– Nem pensar pai! – exclamou ela na defensiva.

– Acontece, Cristina, que a conversa é totalmente diferente de qualquer outra que já ouvimos... - tentou conciliar Carmem. - Seu pai, creio, gostaria da sua opinião. Não lhe custa nada ouvir.

– Droga! Por que eu? E Andreia? O que eu tenho que ver com isso?

– Você é mais velha. Tem uma visão diferente das coisas. Sua irmã pode ouvir se quiser. Seria mais uma para opinar - disse Carmem em tom conciliatório.

– Está bem! Saco! Pegue então essa droga de fita e vamos acabar logo com isso. Se é isso que querem, vamos lá – concordou ela a contragosto.

Ainda sonolenta, entrou Andreia, no instante que Antoniel já deixava a cozinha em busca do aparelho e da fita gravada na noite anterior.

Terminado o café, colocaram no centro o famigerado aparelho, na opinião das duas irmãs. Mesmo a contragosto, tornar-se-iam cúmplice dos pais. Iriam ouvir uma conversa telefônica. Seu pai havia gravado. Imagine-se... Não bastava apenas ouvir uma vez.

Tinham que gravar as conversas. Isto tornou-se uma obsessão para ambos, pensou Cristina.

O aparelho foi ligado. Cristina e Andreia ouviram tudo atentamente. Na cozinha só se ouvia o som que saía daquele aparelho – um aparelho que mais parecia um rádio comum, mas

atrás daquela aparência simples mostrava-se potente e misterioso. Terminada a audição da conversa, Antoniel perguntou: - E aí? O que vocês acham?

Cristina e Andreia trocaram um olhar silencioso, como se fosse uma disputa de quemalaria primeiro. Ambas demonstravam que estavam bastante surpresas com a audição daquela gravação.

- Pai - disse Andreia - essa conversa o senhor deve levar à polícia. Não tenho dúvidas de que esses caras cometeram algum crime.

- Levar à polícia... - interferiu Cristina. - Está louca. Quer que papai responda a um processo por escuta ilegal de telefone? Nem pensar.

- Mas, e você Cristina. O que acha?

- Tenho de concordar com Andreia, pai. Esses caras aí cometeram algum crime. O tal de Neco, sem sombra de dúvidas, foi contratado pelo tal de Paulo. Mas há um porém: que crime cometeram? Quem foi a vítima?

- Isto é que é duro - disse Andreia. - Que foi um crime, isso foi. Não há dúvida. O difícil é saber quem foi a vítima. Se fosse apenas a cobrança de uma dívida qualquer, esse tal de Neco nãoalaria de polícia e nem o tal de Pauloalaria de chantagem.

Alguma coisa estranha aconteceu.

- Agora, o senhor vai esperar a ligação da tarde? - perguntou Cristina.

- Vou sim - respondeu ele. - Decidi deixar o aparelho ligado o dia inteiro. Vou estar por perto mesmo. Tenho muitas coisas a fazer no quintal. Assim, não corro o risco de perder a ligação. Quem sabe pode vir alguma coisa que seja importante.

- Importante pra quem e pra quê, pai? - questionou Cristina. - Mesmo que você descubra algo mais importante, o que você poderá fazer? Não poderá levar a gravação à polícia e simplesmente dizer 'Olha, gravei isso. Creio que cometeram um crime. Pode ficar com vocês'... Ora, o senhor não pode fazer isso. Como vai explicar que tem um aparelho que lhe permite ouvir conversas alheias?! Corre o risco de ser processado e até preso.

- Não sei, Cristina. Vou tentar ouvir a conversa de hoje. Anotei a frequência. Se conseguir esclarecer mais alguma coisa, pensarei no que fazer.

A conversa parecia que tinha sido dada por encerrada. Cristina já estava em pé, indo em direção ao seu quarto, quando,

na porta de saída, voltou-se e disse: - Pai, eu também quero ouvir essa conversa. Tá bem? O senhor me chama...

Andreia emendou: - Se ela vai ouvir, eu também quero ouvir!

- Tudo bem - disse Antoniel. - A família inteira vai ouvir. Vamos tentar resolver um mistério. Este é mais um caso para Sherlock Holmes - brincou.

As meninas seguiram para o quarto. Carmem foi por trás de Antoniel abraçando-o pelo pescoço, deu-lhe um beijo no rosto e disse-lhe no ouvido: - Obrigada, querido. Você conseguiu trazer a paz de volta. Não gosto quando vocês ficam sem se conversar.

- Não teria conseguido sem a sua intervenção conciliadora - confessou ele, beijando uma das mãos dela.

A paz familiar havia retornado. Tinha muito trabalho para fazer. O sábado estava apenas começando. E graças a Deus estava começando muito bem. Antoniel retornou a seu quarto, vestiu uma calça tipo jeans, a mais velha que tinha, uma camiseta bege, colocou seu tênis malhado e que já estava na hora de trocar, respirou fundo, dirigiu-se ao quintal e parou bem no meio... Olhou para a quantidade de serviço que teria pela frente.

Olhou para o céu, em uma prece silenciosa agradeceu a Deus por Ele o estar fortalecendo àquela hora e dando-lhe a visão de novos rumos para a sua vida e a vida de sua família. Este sábado vai ser longo, pensou, ansioso pelo final da tarde. E pôs-se a trabalhar.

CAPÍTULO XVI

Faltavam ainda quinze minutos para as onze horas da manhã quando o interfone da casa de Marcos soou. A empregada foi atendê-lo. Do outro lado da linha ouviu a voz do porteiro do condomínio dizer: - Está aqui na portaria um senhor que apresentou-se como doutor Geraldo de Assis. Ele diz que o doutor Marcos está esperando.

- Pode mandar entrar - disse a empregada. - O doutor Marcos o espera.

- Tá bem. Pode deixar - disse o porteiro.

Enquanto o porteiro do condomínio abria a cancela dando passagem ao veículo, empregada já estava avisando Marcos da chegada do delegado.

Minutos depois, ele estacionava o seu veículo na porta principal da casa de Marcos.

Que foi recepcioná-lo. Observou a roupa que Marcos usava. Ele estava vestido bem à vontade. Trajava um calção social sarja e uma camiseta polo branca, calçando tênis brancos e um boné na cabeça. Hum, bem diferente, pensou. Encontrou-se com ele algumas vezes e nessas oportunidades ele sempre trajava ternos de corte fino e caros. A casa de Marcos é uma beleza, percebeu. No jardim frontal destacavam-se pequenos pinheiros, rosas e outras flores, além de um gramado muito bem cuidado. A fachada em pedra destacava na paisagem verde.

- Bom dia. Como foi a viagem? Não lhe disse que era perto?

- Bom dia, Marcos - retribuiu o delegado. - Esta é a minha esposa Márcia - apresentou a mulher que acabava de descer do carro.

Ela estendeu a mão na direção de Marcos, um breve aperto de mãos. O delegado também vestia-se com mais descontração. Trajava uma calça jeans e uma camisa manga curta de cor de areia. Sua mulher, observou Marcos, devia ser apenas uns dois ou três anos mais jovem. Era mais baixa, devia ter no máximo um metro e sessenta e cinco, ainda apresentava traços de beleza. Devia ter sido uma mulher muita bonita na juventude. Trajava uma calça social azul que combinava muito bem com um blusa de seda branca. Seus cabelos morenos, penteados em tipo *Chanel*,

acrescentavam um charme adicional. O seu sorriso e a sua voz encantavam à primeira vista. Marcos os conduziu para a sala e o delegado não pôde deixar de dizer, entre um pequeno assobio:

– Bela casa você tem. É uma beleza. Por fora eu já tinha percebido...

– Obrigado - disse Marcos, agradecendo o elogio.

A sala era ampla e muito bem iluminada pela luz solar. Foi planejada para receber bastante claridade. O piso era em madeira de lei. Os móveis que formavam a sala de estar eram de primeiríssima qualidade. A sala de jantar acompanhava a decoração, uma enorme mesa com tampo de mármore rodeada por cadeiras de junco dava um toque todo especial. Passando o hall de entrada podia-se ver através das enormes vidraças, que iam do piso ao teto, uma enorme piscina totalmente cercada com *deck* de madeira.

Atravessaram a sala em direção à piscina seguindo em direção ao salão de festas, onde o almoço seria servido. Ao entrarem no salão, uma enorme mesa de madeira, formada por uma única chapa de madeira, no estilo colonial, já estava totalmente decorada. No canto direito uma churrasqueira e um balcão, com tampo de madeira. Marcos fez as apresentações. Primeiro Cleuza, depois, seus filhos e finalmente Elaine. Que o delegado não reconheceu. Tinha-a visto uma única vez e em meio às confusões do hospital. Há mais de um mês. Elaine estava muito bonita, vestia-se com simplicidade, mas com elegância: shorts leve e uma blusa regata, que deixava seus ombros à mostra e salientava ainda mais seus seios. Aqui está uma jovem e bela viúva, considerou ele. Aceitou o convite para o almoço para tentar conhecer um pouco Elaine, fora dos limites de uma delegacia. Aquele era o momento ideal para começar a investigar aquela jovem, bela, rica e sedutora viúva. Um segredo só seu. Não ousara nem mesmo comentar com Márcia.

Para ela era apenas uma visita de cortesia. Um final de semana diferente. Como um homem, tendo uma mulher como esta, podia traí-la?, pensou, balizando as aventuras de Roberto. Enfim, estava ali para investigar. Aquele caso tinha entrado em suas veias. Não iria desistir até conhecer toda a verdade.

Novos convidados começaram a chegar. Inicialmente chegaram dois casais amigos da família de Marcos, acompanhados dos filhos. Pareciam ter a mesma idade dos filhos de Marcos. O alarido das crianças já podia ser sentido e ouvido em alto e bom

som. O dia estava maravilhoso. O sol aquecia todo o ambiente. As crianças divertiam-se na piscina.

Chegaram também alguns jovens, amigos e amigas da filha mais velha de Marcos. Como é interessante observar a juventude, observou o delegado, para eles parece que não existem problemas. Talvez não os problemas dos adultos, mas com certeza, todos tinham os seus pequenos problemas. Eram crianças e jovens adolescentes. Cada qual vivia a sua fase da vida. Uma fase espetacular. Principalmente, quando se nasce em berço esplêndido, o que parecia ser o caso daqueles jovens adolescentes. Ao todo entre crianças e jovens estavam ali dezesseis pessoas. Chegou mais um convidado de Marcos algum tempo depois. Não está acompanhado, foi o que o policial logo observou. Era um homem alto, corpo atlético, vestia-se confortavelmente. Usava um shorts preto, curto, do tipo daqueles utilizado por jogadores de futebol, uma camiseta regata azul-claro, tênis de marca famosa e uma meia branca, de cano curto. Deve ter pelo menos um metro e oitenta e cinco de altura, pensou ele, curioso com presença daquele homem. Seu rosto, moreno, queimado do sol, muito bem barbeado e cabelos pretos e curtos, acentuavam-lhe a postura atlética; o rosto era fino e no queixo havia uma pequena depressão que harmonizava-se com os olhos pretos e penetrantes. Aquela roupa deixava à mostra toda a forte musculatura das pernas e dos braços, muito bem desenhados. Parecia-se muito com os modelos, que malham constantemente, por obrigatoriedade da profissão. Não devia ter mais que trinta e oito ou trinta e nove anos. O que mais lhe chamou a atenção naquele homem foi o fato de simplesmente ter dito “- Bom dia!” geral a todos os presentes dirigindo-se imediatamente para o local onde estava Elaine. Abraçaram-se e beijaram-se nas faces. Um cumprimento talvez comum entre eles. Não os conhecia. Mas ele – policial, estava ali não apenas para um almoço, estava ali para observar o ambiente em que vivia a vítima. A essa altura Elaine já devia saber qual era a sua conclusão a respeito do Caso Roberto.

– Em breve – ouviu Marcos perto de si - a refeição vai começar a ser servida. Contratei um buffet especializado em churrasco. É o melhor da cidade. Espero que o senhor aprecie carne de caça.

– Carne de caça? – surpreendeu-se.

– É - respondeu Marcos. - Esse buffet tem como uma de suas especialidades churrasco feito com carne de javali, jacaré e

paca. E ainda tem uma surpresa. Eles preparam um pintado na brasa fantástico. Mas eu não desprezo o meu pedido especial. Que é uma costela de porco na brasa, com mel e queijo parmesão. É um prato que eu considero comida dos deuses. Tenho absoluta certeza que o senhor vai apreciar.

– Marcos, essa carne de caça é legal? Ah! Outra coisa: por favor, não me trate por senhor e nem por doutor. Aqui quero me sentir entre amigos, e, se continuar a me tratar com tanta formalidade, vou me sentir dentro da minha sala, na delegacia, além de que, quando estou num ambiente descontraído como este sinto-me constrangido com esse tratamento...

– Pode ficar tranqüilo, Geraldo. Este buffet compra essas carnes de caça das empresas que possuem autorização do IBAMA. São empresas especializadas na venda destes tipos exóticos de carne.

– Está bem, Marcos, assim fico mais tranqüilo. Confesso que nunca provei carne da caça. Estou ansioso para experimentar a carne de jacaré. Dizem que é uma delícia. Mas, mudando um pouco o assunto... Somente para meu controle e possa evitar dar uma gafe: você contou para Elaine sobre a nossa conversa de ontem e sobre as minhas conclusões sobre o Caso Roberto?

– Sim! Eu tinha um jantar na casa dela. Ela sabia que eu teria essa conversa contigo.

Ela ficou bastante surpresa com a conclusão de que o marido foi vítima de um crime encomendado. Ficou indignada também. Está querendo que eu providencie um detetive particular. Ela quer descobrir a qualquer custo quem foi o assassino de Roberto. Mas pedi que aguardasse a investigação policial. Não lhe disse nada a respeito do caso extraconjugal de Roberto no dia do crime. Sobre isso, pelo menos por enquanto, gostaria de poupa-la. Ela já sofreu bastante, além do que ...

– Está bem, Marcos - interrompeu. - Não é necessário nos alongarmos mais a respeito desse assunto, neste momento.

– Deixe-me ver os outros convidados. Fique e sinta-se à vontade.

Olhou na direção em que se encontrava Elaine. Viu-a conversando animadamente com o homem que havia chegado minutos atrás. Não me parece que esteja sofrendo muito..., como me diz Marcos, pensou. Ela estava muito à vontade e parecia estar apreciando a companhia masculina. E ria. Não era uma risada

histérica e muito menos escandalosa, era um riso despreocupado, alegre. Isso, alegre. Acabou-se por repreender-se a si mesmo.

Droga. Sua mente parecia não lhe dar descanso. Aquele era um momento de lazer.

Queria investigar, sim, mas também tinha direito a um descanso. Levantou-se e buscando afastar os pensamentos dirigiu-se ao balcão próximo da churrasqueira. – Uma cerveja, por favor! - pediu. Começou a entabular conversa com uma das pessoas responsáveis pelo churrasco. Queria jogar um pouco de conversa fora. Apenas isso.

Olhou para os presentes e observou Márcia conversando animadamente com outras mulheres. Com certeza estavam falando de filhos, maridos e essas coisas. Conhecia muito bem sua mulher: adorava fofocar, principalmente com pessoas estranhas. Ela dizia que podia aprender muito com as experiências alheias. E sempre acabava por concluir que famílias são todas iguais. Os filhos invariavelmente trazem sempre os mesmos problemas. Ainda bem que ela parecia estar se entrosando bem. Fazia algum tempo que não confraternizavam com pessoas diferentes. Depois que mudaram-se para São Paulo, a vida social havia ficado confinada a poucas pessoas e normalmente policiais. Ela sempre reclamava a falta da vida no interior, onde estava sempre em contato com outras pessoas que não estavam ligadas à polícia. Vivia sempre lhe dizendo que gostaria de voltar a morar no interior. Talvez retornassem em breve. Já estava querendo aposentar-se.

Faltava pouco tempo. Em breve poderiam estar vivendo em uma pequena cidade do interior e, como ela sempre falava, poderiam ter um novo e melhor ritmo de vida. Pediu mais uma cerveja. Retomou a conversa com os hábeis churrasqueiros. Queria aprender um pouco com eles a respeito de um bom churrasco.

Já passava um pouco das quatro horas da tarde. O almoço havia terminado, tinham servido sorvete, creme de papaia com cassis e pudim de leite, como sobremesa. Perfeito.

Alguns dos convidados já estavam se preparando para ir embora.

– Bem, Marcos – disse o delegado -, já está na hora de irmos embora. Minha mulher já me deu um cutucão.

– O que é isso? – desconsiderou Marcos. - Esperem mais um pouco. Vou levá-los a conhecer um pouco da cidade. É coisa rápida. Vão gostar.

– Está bem - disse ele, resignado.

Meia hora depois, Marcos convidou-os para um pequeno passeio por São Pedro.

Queria que eles conhecessem ao menos o centro da cidade. Márcia relutou, dizendo que fossem sozinhos, mas diante da insistência de Cleuza, acabou cedendo.

Enquanto dirigia, Marcos foi contando um pouco da história de São Pedro. Estavam há apenas dois quilômetros e meio do centro da cidade. Tinha quase trezentos anos de existência. Várias construções antigas haviam sido demolidas e no seu lugar haviam edificados prédios comerciais. A praça principal era típica das cidades do interior: igreja matriz, bancos de madeira, árvores centenárias, bares e lanchonetes. Algumas pessoas, aproveitando a fresca do início da tarde, caminhavam pela praça sem preocupar-se absolutamente com o que estava acontecendo em volta. Diferente da cidade de São Paulo, onde se caminhava com a preocupação do que estava ou viria pela frente, pelo lado e por trás... Era um princípio de sobrevivência. Mas ali, naquela praça, a somente cinquenta minutos de carro, o tempo parecia ter parado. As pessoas conversavam, as crianças pequenas divertiam-se correndo inutilmente atrás das pombas que desciam para alimentar-se de pequenos pedaços de pão atirados por um ou outro adulto. Faziam parte do ambiente.

– Geraldo – suspirou Márcia - é assim que vale a pena viver. Sem preocupação com assalto ou com trombadinhas.

– Eu sei, Márcia. Eu sei!

Marcos conteve um sorriso e continuou explicando o potencial econômico da cidade.

Que antes teve um crescimento econômico com as indústrias abrigando em seu seio unidades conhecidas até a nível internacional. Naquela época, poucas indústrias estavam estabelecidas na cidade. As grandes tiveram que mudar para outras regiões por vários motivos. Mas o povo dizia que o motivo era um só. Político. Não é possível saber a verdade. Por outro lado, o comércio era bastante competitivo e tinha a sua sobrevivência garantida pelo fato de que a cidade abrigava um enorme número de chácaras de veraneio, vários condomínios de luxo, onde empresários buscavam paz e segurança, nem que para isso se

vissem obrigados a viajar todos os dias. Marcos os levou a conhecer outras praças, também repletas de verde. Nenhuma delas era igual, com exceção do verde, que era preservado e notava-se o esse cuidado especial. Rodaram cerca de uma hora e o delegado demonstrou vontade de retornar. - Quero aproveitar a luz do dia, não gosto de dirigir à noite - justificou-se. Marcos, buscando o retorno para casa, pegou uma das avenidas principais.

- Marcos, aquela loja, 'R.S - Móveis e Eletrodomésticos'... - disse o delegado a certa altura da avenida -, não é, por acaso, uma das lojas de Roberto?

- Você tem razão - disse Marcos. - Foi aqui que começou a cadeia de lojas de Roberto.

Que hoje pertence a Elaine. Você é um excelente observador, hein?!

- Faz parte da minha profissão - disse.

- Ora, ora. Você não vai começar a falar de serviço. Não é Geraldo? Nós estamos a passeio... - ouviram os dois.

- Não. Não é isso, senhora Márcia, ele fez apenas uma...Observação... - tentou defender Marcos.

- Sei. Sei. Sei muito bem - continuou ela. - Conheço meu marido mais do que ele pensa. Ele faz uma observação, que leva a outra e quando você percebe já está lhe dizendo tudo o que ele queria saber a respeito de um assunto que está somente na cabeça dele. Já presenciei ele fazer isso inúmeras vezes.

O silêncio tomou conta do interior do veículo. Somente se ouvia o som do vento entrando e refrescando o ambiente. A conversa retornou a respeito de amenidades.

Perguntas envolvendo o clima da cidade, da quantidade de habitantes e coisas desse tipo.

Mas pela expressão do delegado, ele queria respostas. A mulher dele tinha razão. O homem é extremamente perspicaz, pensou Marcos. De volta a casa de Marcos, o delegado, fez questão de ficar distante da mulher e próximo de Marcos. Inventou uma desculpa qualquer, enquanto ela dava de ombros e seguiu para o interior da casa. Foi o momento certo e esperado: - Marcos? Você me disse que iria conseguir os números de telefones das mulheres. Possivelmente uma delas tenha estado com Roberto no dia do crime. Você conseguiu?

- Consegui - respondeu Marcos, que logo emendou uma pergunta: - E você? Falou com Elaine?

– Não. Achei mais prudente deixá-la em paz. Ela me pareceu evitar-me o tempo todo. Não sei bem o motivo. Mas não era hora de perguntar o por quê? Nestes casos, tem que se ter paciência. Um atropelo, um erro, um impulso, e lá vai tudo por água a baixo. Vai chegar o momento certo. Primeiro quero conversar com essas mulheres. Descobrir com quem ele esteve naquele dia. Foi só os números dos telefones que você conseguiu, ou tem mais alguma coisa?

– Os números e também o endereço de uma delas. Se der sorte, pode ser a mesma. Porém, consegui apurar outras coisas. Eu vou lhe contar. Diz respeito às empresas de Roberto e a forma como ele conseguiu parte de sua fortuna. É que ele estava fazendo algumas coisas que...

A conversa teve que ser interrompida. Márcia estava chegando na companhia de Elaine e de Cleuza. Marcos e Geraldo apenas trocaram um olhar de cumplicidade. Passaram do assunto policial para futebol com uma facilidade incrível. Entretanto, esse fato foi notado por Márcia, que trocou um olhar reprovador, primeiramente com o marido e, depois, demonstrando uma personalidade muito forte, com Marcos. Que sentiu-se um pouco envergonhado. Ali mesmo despediram-se.

Já no carro, pronto para sair, o delegado disse: - Marcos. Eu ligo para você na segunda-feira. É possível?

– Claro. Ficarei esperando.

– Olha, quero agradecer o almoço. Estava simplesmente fantástico.

– Não tem nada para agradecer. Com certeza ainda teremos muitos almoços como este...

– Até segunda.

– Até! - respondeu Marcos.

Ele colocou o braço direito sobre os ombros de Cleuza e o esquerdo sobre os ombros de Elaine; os três dirigiram-se em direção da piscina. Já estava na hora de tirar as crianças da piscina. Já passava das seis horas da tarde, o sol sumia atrás do morro. Uma brisa fresca tomava o lugar do calor do dia. Nenhum queria comentar a respeito da presença do delegado, nem mesmo Cleuza atreveu-se a fazer perguntas. Muito menos Elaine. Mas todos sabiam que ele não tinha ido apenas almoçar: havia começado a investigação.

CAPÍTULO XVII

A bagunça começou dar lugar à ordem.

Antoniél sabia muito bem como organizar uma pequena e produtiva oficina de marcenaria. Já trabalhara numa e noutra antes de ter conhecido o comércio. Conhecia o funcionamento. Tinha começado assim o seu primeiro negócio. Recomeçava com mais prudência e cautela. Tinha como sua aliada a experiência.

Começou por posicionar as máquinas mais pesadas, observando uma ordem de produção. Colocou a serra de fita no local apropriado, onde poderia manobrar peças maiores com mais facilidade. Posicionou a mesa com serra circular com a mesma observação da serra de fita. Ao lado, posicionou a lixadeira.

Havia conseguido realizar um bom negócio na compra daquela máquina, além de que o seu tamanho era ideal para os serviços que iria realizar. A serra de fita e mesa com a serra circular foram emprestadas por seu cunhado, além de outras ferramentas. O compressor de ar foi instalado num local previamente arrumado, bem acima aparafusou uma estante onde iria acomodar as latas de tinta e verniz. Testou as novas pistolas de pinturas. Comprara uma especialmente para envernizar e outra, pequena, para dar pequenos efeitos nas pinturas.

Carmem revezava-se na cozinha no socorro aos apelos de Antoniél, que vez ou outra solicitava seu auxílio para manobrar uma mesa ou uma máquina mais pesada para ser movimentada por uma só pessoa. Cristina saiu para o curso de inglês que começara e Andreia estava ajudando na cozinha e também socorria o pai em pequenos afazeres.

O aparelho estava ligado desde o momento em que Antoniél começara a arrumar a oficina. Havia alegria em seu rosto. A sua expressão era de esperança renovada. Na semana seguinte inauguraria o seu novo comércio. Adquirira alguns móveis usados. A oficina teria que ficar pronta. Nem que tivesse de trabalhar o dia inteiro e no domingo também. Na segunda-feira, já tinha móveis para serem restaurados. Seriam as primeiras peças do mostruário. Tinham que estar prontas até sexta-feira. Tudo isso já estava planejado... A família estava unida em pensamentos positivos e em oração para que o negócio desse certo e voltassem a sentir a alegria da prosperidade. Antoniél não observou o tempo passar.

Absorto em seu trabalho, somente foi-se dar conta da hora quando ouviu Carmem chamar: - Anto. Anto. O almoço está na mesa. Venha almoçar.

- Já está pronto?! - mais exclamou do que perguntou ele, em voz alta. - Mas que horas são?

- Que horas você pensa que são? - respondeu ela com uma pergunta. - Já passa da uma da tarde. Você está tão absorvido pelo trabalho que nem se apercebeu. Venha logo.

Depois você continua.

Ao chegar na cozinha as três já estavam sentadas. Ninguém ainda havia começado a comer. Estranhou, mas não ousou perguntar. Sentou-se em seu lugar de costume e já ia colocar a comida no prato, quando Carmem interveio:

-Anto. Sei que faz alguns anos que não vamos a uma igreja. A última vez, que me lembro, foi por ocasião da crisma de Andreia. Isto já faz três anos. Conversei com as meninas. Creio que está na hora de retomarmos à nossa religião.

Antoniél torceu o rosto em demonstração de desagrado. Aquele era um assunto pelo qual não nutria o menor interesse. Mas ela não desistiu:

- Sei que você não quer tocar no assunto. Entretanto, estamos para começar um novo negócio. As meninas concordam que seria muito bom para todos dedicarmos alguns minutos a uma oração. Afinal, depois de tudo o que passamos, nossa família está unida e todos estamos bem. De um jeito ou de outro estamos sobrevivendo.

- É! Sobreviventes, é o que somos! - disse. Um tom de voz de desprezo. Aquela conversa não lhe agradava.

- Pô, pai! - disse Andreia. - Deixe mamãe terminar de falar.

- É isso aí, pai - sublinhou Cristina.

Olhou os rostos das filhas e foi encontrar os da esposa. Meu Deus, - pensou - elas falam sério. Não existe sinal algum de brincadeira ou de gozação em seus semblantes.

Droga. A comida está esfriando. Mas por que isso agora? Bem, Carmem já havia explicado. É certo que tornara-se frio em relação à religião. Mas, agora, o assunto estava à mesa. Depois de quase três anos.

- Está bem - disse, finalmente, e resignando-se. Sentiu-se vencido pela maioria. Afinal são três contra um. - Vamos lá. O que vocês querem?

– Simples - foi Carmem quem respondeu. - Queremos apenas fazer uma oração de agradecimento por este momento mágico e maravilhoso que vivemos. A nossa família unida. A esperança no novo negócio. As nossas filhas prontas para arregaçar as mangas e trabalhar. Devemos agradecer, então, proponho estendermos as nossas mãos e realizemos uma oração. Só isso Anto. Apenas isso.

Carmem ainda não terminara de falar quando Andreia, que estava sentada à esquerda do pai, estendeu-lhe a mão direita; como se houvesse combinado anteriormente, Cristina estendeu a sua mão esquerda. Ele segurou as mãos das filhas, que já seguravam as da mãe. Sentiu-se invadido por uma sensação de calor. Fazia muito tempo que não segurava as mãos das filhas daquele jeito. Já não eram meninas. Eram mulheres. Sentiu o coração bater mais forte. Carmem começou a orar. Rezaram uma ‘ave-maria’, ela fez os agradecimentos e terminou com a oração do ‘pai-nosso’.

E Antoniel passou a atacar a comida. Preparou o prato, o aroma estava apetitoso, colocou o primeiro garfo na boca. Droga. Como previra. Está frio! - resmungou para si mesmo. Olhou novamente para suas três mulheres. Observou que, para elas, o fato de a comida estar fria não tinha a menor importância. A felicidade estava naqueles rostos. Repreendeu-se. Sentiu-se culpado por abrigar aqueles pensamentos. Eles não eram condizentes e nem dignos daquele momento. Havia paz naquele ambiente. Há muito que ele não vivia aquela harmonia. Levou à boca a segunda garfada, incrível, já não sentiu a comida tão fria. Hum, delícia...

As meninas terminaram primeiro. Deixaram a mesa e foram para a sala para um breve descanso e assistir alguma bobeira na televisão. Carmem começou a recolher os pratos da mesa em silêncio. Antoniel permanecera sentado e observava. Quando os últimos pratos estavam sendo retirados, ela perguntou: - E aí? Ouviu alguma coisa interessante?

– Que nada. Naquele entra e sai que eu estava não deu tempo para ouvir muita coisa. Apenas conversas corriqueiras. Era um ligando para o outro dizendo que não tinha mais picanha no açougue e perguntando que carne deveria levar. O outro, respondendo que era para levar maminha, alcatra e que não era para esquecer de levar mais carvão. Era mulher ligando para o marido, que devia estar no supermercado, ou a caminho, para comprar mais isso, mais aquilo e mais cerveja porque chegaram

visitas de surpresa. A conversa mais engraçada foi de uma mulher pedindo para o marido para trazer mais duas lasanhas, que a mãe e o pai dela tinham chegado para almoçar; e ele acabou praguejando pelo telefone. Esta conversa eu ouvi melhor, porque estava arrumando a tábua de ferramentas.

– Ora, mas o que há de engraçado nisto, Anto?

– A graça estava nos palavrões que o marido disse a respeito da chegada de sua sogra.

Aí a mulher começou a abrir a tampa do baú e despejar tudo fora. Ela começou querendo ponderar e acabaram numa discussão fenomenal, até o pai e a mãe dele, que aparentemente nada tinham a ver com história, acabaram fazendo parte dela.

– Mas não teve nenhuma conversa igual à que ouvimos entre a tal de Zi e a Ré?

– Ah! Teve uma. Mas não consegui ouvir integralmente, eu estava entrando e saindo. O que ouvi é que uma mulher estava ligando para o amante, marcando hora em um jardim, não consegui ouvir a respeito do local e dizia que deveria encontrá-la as onze horas, pois o marido acabara de sair para São Paulo e só retornaria à noite. O homem perguntou aonde eles iriam. E ela respondeu que iriam no motel de costume. Imagine. O marido nem acaba de sair e a mulher já está ligando para o amante.

– Parece novela. Não é, Anto? Mas o pior é que isto é uma realidade. Mas não vai se esquecer do horário. Aqueles caras ficaram de ligar por volta das seis horas da tarde, mas é melhor prevenir do que remediar. Quando forem cinco horas eu te aviso. Vamos ficar na escuta e ver se descobrimos mais alguma coisa.

– É, Carmem. Contar parece mentira... Vou ficar atento - disse ele se levantando e indo para os fundos da casa.

O aparelho permanecera ligado. Ele acendeu um cigarro e sentou-se em frente ao aparelho que, insensível, continuava a ‘escanear’ ligações alheias. Conversas banais sem a menor importância. Como era incrível o quanto as pessoas gastam com telefone apenas para falar besteiras. Conhecia pessoas que pareciam ter nascido grudadas com um aparelho de telefone celular nos ouvidos. Deviam gastar uma nota preta por mês com a conta telefônica. Desde que começou a escuta telefônica despediu-se do telefone celular e se, por obrigação, tinha que utilizar-se de algum, mesmo emprestado, o fazia com cuidado. Tinha receio de ser escutado por outras pessoas... Contara para Carmem a última conversa que tinha ouvido. A mulher ligando

para o amante. Se quisesse saber quem eram tinha apenas que estar no local e na hora agendados por ambos. Alguns ele já conhecia, pois a maioria falava seus nomes sem qualquer constrangimento. Talvez nem lhes ocorresse que aquela conversa pudesse estar sendo ouvida por alguém. Meu Deus – pensou – quantos telefonemas de mulheres havia recebido iguais àquele. Fazia anos que estava regenerado. Sim, tinha tido muitos casos extraconjugais. Não tinha certeza se Carmem chegara a desconfiar de alguns casos amorosos; algumas vezes ela dava a entender que sabia de suas fugidas, que até mesmo conhecia algumas das mulheres que haviam se deitado com ele. Mas nunca iria perguntar. Era uma dúvida que iria carregar até o túmulo. Por outro lado, se ela sabia ou desconfiava, nunca lhe falou abertamente. Apenas indiretas. Como se quisesse fazer valer o velho ditado popular que dizia: “Joguei o verde para colher o maduro”. Um frio lhe percorreu a espinha. Só de pensar que também suas conversas também poderiam estar sendo ouvidas, assim como ele ouve as dos outros... Já havia deixado essa vida de infidelidade conjugal há mais de quatro anos. Arrependera-se. A sociedade parecia conduzir essas relações extraconjugais como uma prática comum e aceitável para o homem, mas coisa indesejável e inaceitável para a mulher. Se o homem tivesse várias amantes, ele era tido na sociedade como um conquistador; um garanhão, mas a mulher, uma coitada, uma inocente útil. Entretanto, se a mulher era a conquistadora e gostava de colecionar homens como *souvenir*, era chamada de galinha e prostituta. Bem, pensou ele, deixemos de filosofar e voltemos ao trabalho.

O trabalho parecia interminável. Como o espaço era pequeno tinha de ter criatividade para ajeitar todo o maquinário. Antoniel consultou o relógio, faltavam quinze minutos para as cinco horas da tarde. Tinha que apressar-se. Queria ter tempo para tentar ‘escanear’ a conversa que ouvira na noite anterior. Se tivesse sorte e conseguisse captar o tal de Neco em conversa com o tal de Paulo poderia até mesmo desvendar um ato criminoso praticado pelo Neco a mando de Paulo. Afastou esses pensamentos e concentrou-se na fiação elétrica. Testaria a iluminação à noite. Iria precisar da oficina muito bem iluminada, porque o seu trabalho de artesão era minucioso no restauro de peças mais delicadas. Arrumara as calhas das luminárias de modo que, mesmo à noite, pudesse operar qualquer máquina. Tinha outro ponto em

desvantagem: o barulho que faziam as máquinas. Tinha medo de atrapalhar os vizinhos. Para a parede dos fundos e nas laterais tinha providenciado isolamento acústico, e faltava fechar a frente e fazer o isolamento. Mas não podia fazer tudo, não teria dinheiro suficiente para dar início ao negócio: os vizinhos teriam que ser compreensivos. Esperava que não houvesse reclamações.

Estava terminando os últimos remates quando sentiu a presença de Carmen. Ela já estava ao seu lado. Ele, agachado, levantou a cabeça, olhou-a de soslaio e ouviu-a dizer:

– Vamos, Anto. Cinco e meia...

– Já! - respondeu surpreso. - O tempo passa rápido – disse, levantando-se.

Abraçou-a suavemente. Beijou-a na boca, e ela correspondeu. Ficaram abraçados, colados um ao outro, como se nada ou ninguém pudesse retirá-los daquele de êxtase.

– Hei! – era Cristina, gritando. - Vão ficar aí, parecendo um casalzinho de namorados?! O show vai começar. Esqueceram-se?

Ainda abraçados, trocaram um olhar de cumplicidade. Quase riram ao mesmo tempo. Tinham motivos para isso. Nunca puderam imaginar....a própria Cristina lembrando-os do horário para a escuta!

Ela também estava curiosa a respeito da conversa gravada. Mas negava-se a ouvir em tempo real. Entraram no pequeno quarto. Sentaram-se e riram baixinho. Não queriam que Cristina percebesse que estavam rindo dela. Estava mudada a sua postura a respeito de ‘ouvir conversa alheia’. Mas aquela não era uma conversa comum. Concentraram-se no aparelho. Ele pegou o caderno onde anotava algumas frequências. De preferência, aquelas onde as conversas eram mais picantes. Sempre dava resultado satisfatório.

Cruzou os dedos. Sintonizou a frequência que tinham captado na noite anterior. A ansiedade aumentava. O silêncio somente era quebrado pelo chiar do aparelho e pelos toques de telefones e de vozes falando. Conversas que naquele momento não lhes interessavam. Estavam à espreita de algo que consideravam de extrema importância.

Talvez fosse uma bobeira, talvez não. Mas, entre a dúvida e a certeza, resolveram tentar ouvir mais alguma coisa. Olharam ansiosamente para o relógio. Faltavam vinte e cinco minutos para as seis da tarde. O tal de Neco ficou de ligar às seis da tarde. Esperariam. Olharam novamente para o relógio. Que parecia ter

parado. É estranha a relação do tempo com os homens - pensou Antoniel - se não estivéssemos aqui nem perceberíamos o tempo passar; como estamos esperando ele parece brincar com nossa imaginação, e demora, demora a passar. Ora, estou filosofando novamente.

– Que horas são em seu relógio? – perguntou para Carmem.

– Quinze para seis. O mesmo que está marcando aquele relógio que você colocou na parede. Por quê?

– Nada, não! - desconversou ele.

Faltavam dois minutos. Durante aquela meia-hora, ouviram apenas conversas banais.

Era uma voz de homem dizendo que havia pegado um peixe com mais de cinco quilos e a outra voz perguntando onde ele tinha ido pescar e qual isca usou. Que tipo de peixe era e como ele sabia que pesava mais de cinco quilos, e o outro, contrafeito com a pergunta, dizia que sabia do peso porque tinha passado no bar de sicrano e pesado, e que se ele não acreditasse poderia ver com seus próprios olhos. Conversa de pescador. Apenas isso ou então, a voz de uma criança ligando para a mãe, que sem dúvida deveria estar em um cabeleireiro, pelo barulho infernal que se ouvia ao fundo, numa confusão de vozes e aparelhos funcionando e vozes de mulher gritando. O dia-a-dia de pessoas normais. O relógio já marcava seis e vinte da tarde. Talvez não tivessem ligado e se ligaram talvez o aparelho não tivesse conseguido captar. Isso acontecia às vezes.

Carmem olhou para Antoniel, e disse: - Seis e meia, Anto. Será que o tal de Neco já ligou e não conseguimos ‘escanear’?!

– Ora, Carmem, você não espera que esses caras sejam pontuais. Espera?

– Sei lá. Podem ter ligado antes. Vou esperar mais alguns minutos, se não acontecer nada, eu desisto.

– O que é isso? Vamos confiar.

– Está bem. Mais dez minutos. Depois eu vou tomar um bom banho e cuidar do jantar.

O tempo foi passando, devagar. Sem se preocupar com a ansiedade que invadia aqueles seres. Eles estavam ávidos por uma ligação, mas nada acontecia.

– Para mim, chega. Já passa das sete! – disse ela nervosa -. Esses caras não vão ligar.

Se tinham alguma coisa pendente a resolver, com certeza, já solucionaram o seu problema.

Ela atravessava a porta, quando ouviram aquela voz grossa e áspera:

“- Alô. É o seu Paulo?”

– *Só um minuto, vou chamá-lo!* - disse uma voz de mulher, que continuou: - *Quem quer falar com ele?*

– *Fala que é o Neco. Ele sabe quem é.*”

Carmem voltou rapidamente, tomou novamente seu assento e falando como uma criança, disse: - Anto. Anto. São eles. Você está gravando?

– Claro, Carmem. Acabei de ligar o gravador. Agora fique quieta. Vamos ouvi-los.

“- Alô? Aqui é o Paulo. Você não ficou de ligar às seis? Já passa das sete. O que você quer?” Podia-se notar a irritação na voz do homem. Alguma coisa de muito sério estava acontecendo ou prestes a acontecer.

“- Eu tentei. Liguei na hora combinada. Só deu caixa postal. Vai me dizer que ocê deixou o telefone desligado... Parece que tá querendo fugir de nós.

“- Calma, Neco. Talvez o telefone tivesse fora de área. Você sabe como são os celulares. Tem lugar que não dá. Mesmo com ele ligado você não recebe ligações e muitas vezes até mesmo não consegue fazer ligação”.

– *Mais ocê sabia que eu ia liga. Então devia ter ficado esperando. Faiç quase uma hora que tô tentando falar. Só dá caixa postal ou ocupado. Não gosto de deixa recado. Não so home de dá recado e nem manda avisa. Ocê sabe que comigo é assim. Pau é pau. Pedra é pedra. E vamo deixa de conversa mole. Ocê tá com nosso dinheiro?”*- A voz soou ameaçadora. Não gostaria de estar conversando com um tipo de pessoa assim, pensou Antoniel.

“- Eu só consegui uma parte. Você me ligou ontem à noite. É difícil conseguir uma quantia dessas durante um sábado e ainda mais...”

– *Quanto ocê conseguiu?*

– *Em dinheiro tenho uns sete ou oito mil Reais, o restante está em dólar. Se você não fizer questão. Pode pegar em dólares.*

– *Eu disse pra ocê que não queremos sabe de dólar. O preço foi em dólar, o pagamento era pra se em Real.*

– *Mas onde você acha que eu ira conseguir trocar dez mil dólares no sábado? Você pensa que é fácil?*

– Isso não é problema nosso. O problema nosso era fazer o cara virá presunto. Isto já tá feito. O nosso problema é recebe o que é nosso. Agora, isso é problema seu e de seu irmão.”

O tom de voz do tal de Neco estava mais irritado, parecia nervoso. Mas era firme, forte, causava medo. O tal de Paulo procurava contornar a situação, mas cada segundo que passava pressentia-se que a coisa saíria de seu controle.

“Neco. Neco.”

Havia ponderação, mudara o tom de voz, dissimulava o nervosismo.

“Já lhe pedi para não tocar nesse assunto pelo telefone. Isso não é bom nem para mim como para voc...”

Não chegou a completar a frase. Foi interrompido novamente. Havia um aparente nervosismo na voz da outra pessoa. “- Que assunto? Que assunto? Ora, nós apagamo o cara. Fizemo um serviço limpo. O home já deve até tá podre e fedendo uma hora dessas.

Eu falo a hora que quise e prá quem eu quise. Tá bõ. Ninguém viu. Ninguém manda na minha boca. Porra. Vai façe mais de vinte dias que fizemo o serviço. Queremo o dinheiro agora e ponto final. Já fizemo as contas. Océ tem que nos dá quase vinte mir

Reais. E é pra hoje. Comigo não tem amanhã. Tá Entendendo?”

– Está bem Neco. Está Bem. Vamos fazer o seguinte. Você pega os oito mil Reais que estão aqui comigo. Hoje. Daqui a pouco. E amanhã vou ver se consigo trocar o restante dos dólares e completo a quantia.

– Espere um pouco.

– Tá bõ. Esperamo océ na entrada da rodoviária. Dentro de uma hora.

– Mas nesse lugar tem muito movimento. Não é bom que sejamos vistos juntos.

– Nada disso, meu cumpadre. Nós é que não que corre risco. Somo profissional, não se esqueça. Temo uma coisa com a gente: quem manda e paga pra mata, é matador também. Não precisamos conversar. Océ chega na banca de revista. Compra um jornal, coloca o dinheiro no meio, nós vamo e se cruzar. Océ entrega o jornal. Tá certo?!

Depois eu ligo.

– Está certo. Mas quando você volta a ligar? Você não quer me deixar o número de seu telefone? Ou do hotel em que você está hospedado?

– Não, seu Paulo. - A voz estava calma, apesar de ser grossa e áspera. A irritação havia sumido... - Não é bõ o océ sabe o número de meu telefone e muito menos onde nós tamos dormindo. Nós vorta liga

amanhã, por volta das cinco da tarde. Vê se deixa o telefone ligado e não deixa nós esperando.

– Está bem. Está bem. Oito e trinta estarei na banca de jornais da rodoviária. Até lá.”

A ligação estava terminada.

Antoniél e Carmem ficaram olhando-se em silêncio. A curiosidade colocou-os em apuros. Acabaram de tomar conhecimento de um crime. Não havia a menor sombra de dúvidas; o tal de Neco e o comparsa tinham matado alguém a mando do tal de Paulo. O valor da encomenda havia sido de vinte mil dólares. Disso tinham certeza. Mas, e daí? O que iria resultar de tudo isso. Com gestos lentos, desligaram o aparelho, retiraram a fita-cassete onde registraram a conversa. Antoniél, por precaução, escreveu com tinta vermelha “IMPORTANTE - NÃO DESGRAVAR”. Colocou-a no bolso da calça jeans e abraçou Carmem. Deixaram o quarto e foram sentar-se na cozinha. Nenhum dos dois queria comentar o assunto. Não acreditavam no que tinham acabado de ouvir. Antoniél sentiu um impulso. Uma vontade muito forte de ir até à rodoviária. Comentou com Carmem. Ela foi totalmente contra a idéia. Era absurda demais. Acabaram se envolvendo numa situação que nem por sonho lhes passara pela cabeça. Mas, sair da casa, e fazer campana numa rodoviária apenas para ver os assassinos... Era demais. Antoniél insistiu no assunto. O tempo estava passando.

– Antoniél – disse ela, enquanto lavava uns copos na pia. - Já ouvimos mais do que o suficiente para hoje. Você não sai desta casa de modo algum. Antoniél, os homens que você quer ver são assassinos Assassinos, Antoniél. Você só sai desta casa passando sobre o meu cadáver e ponto final!

De nada adiantaria discutir, ele sabia. Carmem tinha razão e quando o tratava pelo nome completo é porque não estava brincando. Também de nada adiantaria ver o rosto dos assassinos. Ela tinha toda razão. O dia havia transcorrido maravilhosamente bem.

Não deixaria que aquela situação viesse a ser o pomo da discórdia entre ambos. Ajeitou-se na cadeira, e anunciou: - Está legal, Carmem. Você está com a razão. Está sendo sensata. Afinal, não somos policiais. Vamos esquecer o caso. Pegue uma cerveja bem gelada. Vamos tomar juntos. Merecemos.

Atraída pelo alto tom de voz da mãe, Cristina entrou na cozinha. Olhou e viu-os sorrindo enquanto bebiam cerveja.

– Mãe? O que foi essa gritaria? – quis ela saber. - E aí, conseguiriam ouvir aqueles caras de novo?

– A gritaria foi por esse motivo, Cristina. Os caras, como você disse, são assassinos.

Um deles, o tal de Neco e seu comparsa mataram uma pessoa, não sabemos quando foi e nem onde foi e, o tal Paulo e seu irmão, foram os mandantes do crime. E o seu pai queria ir ver o encontro que eles marcaram na rodoviária. E eu não deixei. Pronto, é isso aí - disse Carmem, colocando um ponto final no assunto.

Cristina colocou as mãos na boca, abafou um grito. Antes que perguntasse qualquer coisa e a conversa voltasse a lume, Antoniel disse: - Não se preocupe, Cristina. Depois, com calma, você ouve tudo. Está tudo gravado aqui - e mostrou a pequena fita cassete. Amanhã, Cristina. Amanhã terá mais um capítulo. Está marcado para as cinco da tarde. Amanhã.

CAPÍTULO XVIII

O final de semana havia sido bastante proveitoso. Há muito tempo que não desfrutava de um final de semana como aquele. Primeiro um lauto e farto almoço na casa de Marcos. Nunca esqueceria as costeletas de porco, com mel e queijo parmesão. O Marcos tinha muito bom gosto para a gastronomia e tinha o essencial: dinheiro. Muito dinheiro.

Aquele almoço deveria ter custado no mínimo uma semana de seu salário. Não se podia nem ao menos dar-se o luxo de pensar em fazer um almoço igual àquele. Gostara da cidade. Marcos foi um anfitrião de primeira linha. Sabia que ele estava naquela cidade há poucos e percebeu que tinha se entrosado muito bem com a comunidade. Dedicara-se também a conhecer um pouco da história da cidade que escolhera para viver com a família. Isso parecia ter uma grande importância para Marcos, falava da cidade e da história com orgulho. Como se ela fizesse parte de sua vida. Adotara a cidade como sendo sua terra natal. Podia-se sentir a tristeza em suas palavras quando falava sobre a perda que a cidade havia sofrido com a saída de indústrias de grande porte. Marcos era um homem interessante, elegante, inteligente, perspicaz, e uma companhia extremamente agradável. Era fácil fazer amizade com ele. Também era bastante eclético, dominava com facilidade vários assuntos. O domingo havia sido tranqüilo. Pudera dedicar um tempo bem maior a leitura. Há muito que aquele livro estava para ser lido. Comprara-o há mais de um ano num sebo. Gostava de ler Dostoievski. Há muito estava à procura daquele exemplar, difícil de encontrar. Fora impresso há mais de vinte e oito anos e a tradução tinha a assinatura de Raquel de Queirós. Conseguiu iniciar a leitura do romance 'Recordação da Casa dos Mortos', passou a tarde lendo na varanda. Os olhos chegaram a cansar. Prometeu para si mesmo que não voltaria a abdicar da leitura novamente. Era um de seus prazeres. O outro era o trabalho.

–Alô, doutor Geraldo?

– Sim.- disse, reconhecendo imediatamente a voz de Marcos.

– Como foi o final de semana?

– Estava justamente pensando nisso quando o telefone tocou. Fazia um bom tempo que eu não tinha um final de semana como esse. Foi simplesmente maravilhoso. Me fez lembrar que ainda, além do trabalho, existem coisas que eu gosto de fazer e havia deixado de fazer. Mas acabei de fazer uma promessa para mim mesmo. O trabalho tem a sua hora e o lazer também. E, diga-se de passagem, o almoço em sua casa estava excelente. Márcia simplesmente adorou.

– Existirão outros. Pode ter a certeza. Mas eu liguei para passar os números dos telefones que encontrei. O primeiro é de uma mulher chamada Cristina; o segundo número pertence a uma tal de Sílvia; o terceiro, pertence a uma tal de Marlene. E...

– Ótimo - interrompeu o delegado. - Você as conhece? Sabe onde moram?

– Olhe, a Cristina conheço apenas de vista. Devo tê-la vista umas duas ou três vezes, é jovem, alta e loira. A tal de Sílvia, não sei quem é. Agora, a Marlene já a vi várias vezes.

É uma jovem muito bonita, também alta, cabelos castanhos claros, um corpo de causar inveja a muitas mulheres. O endereço é da Vila Mariana.

– Está bem. Está bem - disse, enquanto ia rabiscando num bloco de anotações as informações. E continuou: - Vamos então conferir os dados que você acabou de me passar?

Passou a ditar os números dos telefones que Marcos lhe havia passado, bem como o endereço de Marlene e as suas características.

– Muito bem – disse após a revisão dos dados -, a minha delegacia acabou de ganhar mais um investigador. E o que é melhor, é grátis... - e começou a rir.

Marcos também começou a rir do outro lado da linha. Começava a gostar daquela nova tarefa. Ela era totalmente inusitada em sua vida. Já tinha visto aquilo acontecer em filmes e livros de romance e ficção. Naquele momento, era ele que estava no início de uma investigação policial. A adrenalina estava alta. Queria ajudar a todo custo. Doesse a quem doesse. Tinha que o fazer. E iria fazer.

Controlando a gargalhada, que insistia em permanecer, Marcos disse: - Isto é apenas o começo. No máximo até sexta-feira, o relatório que estou preparando estará em suas

mãos. Sei que você terá muito trabalho. E com certez...

– O que você quer dizer com isso? Muito trabalho? Você acredita que existam várias pessoas, que podem ser consideradas suspeitas? – interrompeu o delegado.

Marcos resignou-se. No curto espaço de tempo que travara amizade com aquele policial percebeu que a mente dele funcionava a mil por hora. Queria estar sempre à frente. Era impaciente com detalhes, que talvez ele, pela própria profissão, considerava desnecessários. Queria ser prático e rápido. Para ele, um ponto já era uma frase completa.

– Sim - disse Marcos. - Você poderá tirar suas próprias conclusões após ler o relatório. Porém não quero ser eu a pessoa que irá apontar o dedo para esta ou aquela pessoa e julgar que tenha sido ela a responsável pela morte de Roberto. Não quero correr o risco de levantar falso testemunho e ser o responsável por prejudicar alguém inocente. Só de pensar nesta possibilidade, chega a me faltar ar. Por isso, vou preparar um relatório nos mínimos detalhes. Quero que você leia com atenção e depois de suas conclusões me proponho a auxiliá-lo em possíveis fatos que possam, por ventura, terem passado despercebidos. Por isso, peço-lhe, por favor, não me pergunte sobre nomes que eu tenho como possíveis suspeitos. Adianto-lhe que alguns nomes já me apareceram na mente.

Mas ficaria muito mais tranqüilo se você lesse o relatório e tirasse suas próprias conclusões...

– Hum, muito bem, meu investigador. Creio que vou nomeá-lo investigador ‘ad hoc’ para este caso. Vou respeitar seu ponto de vista. Também agiria assim se estivesse no seu lugar. ‘Caldo de galinha e cautela, não faz mal a ninguém’, como diz o ditado.

Portanto, fique tranqüilo e prepare o seu relatório. Garanto-lhe e faço-lhe um juramento de escoteiro, que este relatório será tido como confidencial.

Marcos queria crer naquelas palavras. Tinha que acreditar, pois, se assim não fosse, não iria conseguir terminar o relatório.

– Está bem, doutor. Assim que tiver terminado, ou obter alguma informação que creia ser de interesse, eu ligo. Conversamos na próxima sexta-feira.

O delegado reclinou-se em sua poltrona, pensativo. Este Marcos deve saber coisas que eu nem sequer imagino. Vou ter que suportar a semana inteira para colocar as mãos sobre o relatório. Mas que droga! Marcos bem que poderia ser mais maleável e abrir

logo o bico, dizer tudo o que sabe. Isto iria adiantar em muito as investigações. Mas dei a minha palavra. Comprometi-me com ele. Terei que respeitar a sua opinião, e nem ele está acostumado com a vida policial. Terei que esperar. Odeio ter que esperar alguma coisa. Principalmente quando se trata de um caso como este. E imaginou-se desvendando um aparente crime que, tudo levava a crer, havia ocorrido por uma mera tentativa de assalto e a vítima tinha reagido e fora morta... Meu Deus, quantos crimes iguais a este já ocorreram? Em São Paulo e em outras capitais do Brasil. Os noticiários eram fartos sobre eventos daquela natureza. Homens e mulheres eram brutalmente assinados em semáforos. A imprensa noticiava que havia ocorrido mais uma tentativa de assalto e a vítima perdera a vida por tentar reagir. Meu Jesus Cristo! Onde estava a verdade a respeito desses crimes e outros que, infelizmente, vão ocorrer?! Se não for nesta segunda-feira será na próxima ou na outra. Uma mera fatalidade do destino. A vítima estaria no lugar errado e na hora errada. Os bandidos estavam tomando conta de tudo. A Polícia não dispunha de elementos para coibir preventivamente essa onda de violência.

Não possuía estrutura física e nem dinheiro para isso. Mas, quanto custa uma vida humana? Quantos assassinos não estariam se utilizando desta técnica de matar e com isso desviando a investigação policial, fazendo-a crer que havia ocorrido uma tentativa frustrada de assalto?, e enganando, também, a Imprensa... E as famílias, que não conseguiam entender os quês? Quem eram esses elementos que transformaram os semáforos em pontos de morte? O pior e o mais triste, aí... é que eu nada posso fazer para mudar a situação. Talvez, com o Caso Roberto, possa trazer uma pequena faísca de luz a muitos casos semelhantes.

Perguntava-se por que havia se interessado por aquele caso em especial. Já presenciara muitos outros casos semelhantes. Invariavelmente os boletins de ocorrência acabavam no arquivo, aguardando investigação. Por Deus, não tinha homens suficientes em seu departamento para investigar todos os casos de homicídios. Era uma tortura. Mas naquele caso, talvez a Providência divina lhe tivesse preparado o espírito para investigar.

Se ele estivesse certo em suas conclusões, outros casos iguais e assemelhados, poderiam ser objetos de investigação. Rezava para que as conclusões estivessem certas. Durante todos aqueles anos na Polícia nunca se sentira daquele jeito a respeito de um caso. Todos os casos tinham seu grau de interesse. Mas aquele

era de alguma forma diferente. Não conseguia entender por que se apaixonou pelo caso. Decidiu-se por ir até o final. A certeza instalou-se em seu espírito. De forma alguma iria abandonar o caso.

Seus pensamentos corriam à velocidade da luz, buscava coordenar as idéias. Nunca lhe havia ocorrido pensar daquela forma. Voltou na cadeira à posição normal. Pegou as anotações e repassou-as mentalmente.

Decidiu-se por chamar Luizão. O que não foi necessário. Ele acabara de entrar na sala com passadas largas e pesadas. Podiam ser ouvidas até no hall de entrada. Aquele som o fez retornar à realidade. Estava de volta à sua mesa, à sua sala, aos problemas cotidianos.

A semana estava apenas começando.

Estendeu o papel com as anotações para Luizão: - Aí está, meu chapa. Pode começar a trabalhar. Esses nomes e números de telefone são do caso da Avenida Paulista.

Luizão pegou o papel, analisou rapidamente e quis saber: - E então, doutor, qual é o seu primeiro palpite? Dentre esses três nomes, no qual o senhor apostaria que dormiu com ele na noite do crime?

O olhar do delegado sobre Luizão deixou claro que não estava para brincadeiras.

Creio que não fui muito feliz, hum, devia ter mantido a boca fechada, pensou o investigador.

- Olha, Luizão, este caso não é um jogo. Entendeu. Quero você como meu auxiliar direto, vinte e quatro horas se preciso for. Para mim é uma questão de honra solucionar esse caso o mais breve possível... - disse com voz grave e séria. - No entanto, e para você não ficar magoado comigo, o meu palpite é na tal de Marlene. Seria atrás dela que eu iria primeiro.

- Está bem, chefe. Vou seguir seu palpite... - disse Luizão, tomando o rumo da porta. A semana começou pesada, pensou. O chefe está uma vara. Começou a semana de mau humor.

Talvez o final de semana tivesse sido um desastre. Mas nem por isso tem que descontar na gente. Ora bolas...

- Olha aí, hein, gente - berrou, ao chegar na recepção. - O doutor hoje está uma fera. É melhor vocês tomarem cuidado. Conheço-o muito bem, quando ele está assim, olhem lá, sai de baixo que vem ferro. Portanto, é melhor vocês ficarem atentos, senão ele faz rodar a cabeça de alguém.

O pessoal ouviu o aviso de Luizão. Alguns riram baixinho, outros fizeram comentários mais 'baixos' ainda, e que não fossem parar no ouvido do Luizão. Mas entre o sim e o não, resolveram acatar o aviso. Ele já os havia avisado em épocas anteriores. Aqueles que desprezaram o aviso pagaram caro, muito caro. Resolveram aquietar-se, dar crédito ao aviso e esperar a maré braba passar. Sempre passava. Em minutos a rotina voltou ao normal. Luizão já havia atravessado a porta da saída e preparava-se para entrar na viatura. Ordens são ordens e quanto mais rápidas forem cumpridas melhor, principalmente quando eram diretas e não deixavam margens a desculpas.

Consultou o endereço, consultou o relógio. Faltavam dez minutos para as onze da manhã. Era um horário como outro qualquer. Não perguntara ao doutor se ele queria que a moça fosse intimada a comparecer ou ele mesmo a levaria, ou conversaria com ela naquele endereço. Pensou em retornar e perguntar. A idéia não lhe pareceu nada boa. Até podia ver e ouvir a resposta. Resolveu e decidiu arriscar por conta própria. Ao menos se errasse, teria tentado acertar. Finalmente, ligou o veículo e foi em direção à Vila Mariana, onde estacionou defronte a um edifício igual a centenas de outros. Não havia nada nele que pudesse causar diferenças, com exceção do número e o nome da rua.

Dirigiu-se ao porteiro. Identificou-se e solicitou que chamasse a tal de Marlene.

Enquanto o porteiro providenciava o que havia solicitado, afastou-se da cabine e ficou olhando o movimento da rua. Absorto em seus pensamentos, não prestou atenção na conversa do porteiro com a moradora do prédio chamada Marlene. Ela tinha todo o direito de saber o que se tratava. Em breve já estaria na portaria, indagando o motivo da sua presença. Era sempre assim. Ouviu o porteiro chamar e lhe dizer: - O senhor pode subir. Ela está esperando.

Aquilo pegou Luizão de surpresa. Era raro. Raríssimas vezes alguém o mandava subir ao apartamento para conversar. Muitas vezes tinha que ficar de campana para conseguir intimar alguém nas diligências. Normalmente, recebia um tratamento rude e grosseiro, principalmente se tinha que intimar alguém da alta sociedade. Ali, acreditavam, 'o dinheiro compra tudo'. E o pior é que muitas vezes comprava mesmo. Ainda com esse pensamentos na cabeça, bateu na porta do apartamento quarenta e cinco. Uma

mulher de meia idade veio atendê-lo. Explicou-lhe a sua presença. Ela abriu passagem e indicou-lhe um sofá na sala de estar. Minutos depois, entrou na sala uma jovem alta, esbelta, cabelos castanhos claros, calças jeans apertadas e uma camiseta de algodão cru, que realçava ainda mais a sua beleza.

– Bom dia – cumprimentou ela. - Eu sou Marlene. Em que posso lhe ajudar senhor...

Senhor...

– Bom dia. Ah, eu sou Luiz. Mas pode me chamar de Luizão. Todo mundo me trata assim. Eu sou investigador de polícia – disse, e correspondeu ao aperto de mão de Marlene. Com a mão esquerda buscou no bolso a identificação funcional.

– Por favor, sente-se - disse ela, com uma voz que soava como veludo nos ouvidos.

Luizão tomou assento no mesmo lugar em que se encontrava e ela sentou em uma outra poltrona à sua frente. Isto não é uma mulher, pensou, é um monumento.

– Pois não? Em que lhe posso ser útil?

Ela estava calma. Aquela situação também era uma raridade. Normalmente as pessoas ficam ansiosas e nervosas com a presença da polícia. Mas ela parecia ser senhora de si.

Parecia ter o controle de toda a situação. Além disso, a beleza dela deixara-o desarmado.

– Bem, senhora Marlene – respondeu, enquanto tentava o reequilíbrio emocional. - Estou investigando a morte de Roberto de Souza Aguiar. Seu nome foi encontrado grafado e em destaque em uma de suas agendas particulares. O laudo pericial apontou que antes de morrer ele havia mantido relações sexuais. Então, estou procurando com quem foi que ele esteve horas antes de ter sido assassinado. E, como seu nome aparecia em destaque, resolvemos começar com a senhora. Por tanto, estou aqui apenas para fazer algumas perguntas.

Os olhos dela não davam demonstração de medo, ao contrário, estavam serenos. E a sua voz saiu de suas entranhas com um som de melodia, quando disse: - Olha, senhor investigador, eu mantive sim, um relacionamento com Roberto. Nosso relacionamento durou quase um ano. Ele me visitava uma ou duas vezes por semana. E o último dia em que ele esteve aqui foi exatamente o dia de sua morte. Nós nos encontramos em um bar, tomamos uns chopes, viemos para meu apartamento, transamos e ele foi embora. Agora, uma coisa eu não entendo: os

jornais noticiaram que ele foi vítima de uma tentativa de assalto. Então, por que esta investigação?

– Ocorre, minha senhora, que o senhor Roberto, na verdade foi vítima de crime encomendado e não de assalto.

– Meu Deus! – exclamou ela em sobressalto. Perdeu momentaneamente a serenidade. - Mas quem teria feito uma coisa dessas?

– É isso que estamos investigando.

– E começaram por mim...?

– Este é apenas um dos elos. Agora, gostaria de saber se a senhora poderia dispor de um pouco de seu tempo para depor na delegacia o que me contou e responder a outras perguntas que poderiam ajudar nas investigações?

– Nada tenho a esconder, senhor investigador. Tinha apenas um pequeno caso com Roberto. Nada mais. Quando terei que comparecer?

Luizão pegou um bloco de intimações da sua pequena pasta e escreveu o nome completo dela. Marcou para que ela comparecesse na quarta-feira às dez horas da manhã.

E, quando lá chegasse, poderia procurá-lo que ele a levaria pessoalmente à presença do delegado responsável pelo caso.

Voltou à delegacia pensativo. Como o doutor acertara novamente...? Que merda. Tinha que reconhecer que seu chefe tinha um sexto sentido. Eram raras às vezes em que errava um palpite. Ao entrar na delegacia, a primeira providência foi noticiar o chefe e anexar o comprovante da intimação aos autos do inquérito.

– Pronto doutor. Missão cumprida – disse, tentando quebrar o gelo. - O senhor acertou na mosca. O seu palpite estava certo. Foi mesmo a tal de Marlene a última pessoa a vê-lo com vida. Marquei seu depoimento para a quarta-feira, às dez horas da manhã. Creio que o senhor vai querer ouvi-la pessoalmente.

– É isso aí, Luizão, e quero que você esteja presente.

A investigação começara dar os seus primeiros passos. Muitas peças do enorme quebra-cabeças teriam que ser achadas aqui e acolá. Poderia levar meses, até anos. Mas estava disposto a encontrar os assassinos. Tinha certeza disso e isso era suficiente para motivá-lo. Pegou os autos do inquérito, abriu a primeira gaveta de sua escrivaninha e ali os acondicionou. Fechou-a e trancou com a chave. Este caso é meu, pensou, vou aguardar o depoimento e o relatório, depois disso darei seqüência às

investigações. Verei em qual frente iremos atacar primeiro. A paciência me trará a vitória...

CAPÍTULO XIX

Estivera naquela sala muitas vezes. Chegará até mesmo a dar palpites quando foi feita a reforma. Também, auxiliou na decoração. Mas naquele momento parecia uma sala diferente. E nada, absolutamente nada havia mudado de lugar. As poltronas estavam exatamente na mesma posição de seis ou sete meses atrás. Os vasos de flores estavam pendurados no mesmo lugar. A escrivanhinha não mudara sua posição estratégica, de onde podia-se ver quem entrava e também se tinha o luxo de poder observar a paisagem.

Tudo estava ali. No centro da sala, onde estava parada, girou nos calcanhares, como que querendo confirmar cada detalhe. Nada havia mudado. Até mesmo o porta-retratos estava ali, no local onde o havia colocado. Em passos lentos dirigiu-se à cadeira de presidente, imponente, majestosa. Mas estava vazia. Não conseguiu conter as grossas e silenciosas lágrimas. Escorreram lentamente pela face até chegar às laterais do queixo. A morte de Roberto foi há quase trinta dias, pensou Elaine.

Estava ali para assumir o seu lugar. Intimamente duvidou de si mesma. Perguntou-se se teria competência para gerir e comandar as empresas. Completara dez dias como ‘executiva’. Como o tempo passava.... Nos últimos dias, a dedicação estava sendo integral. Todo o seu tempo estava voltado para os relatórios diários que os departamentos lhe enviavam. Marcos lhe havia dito que isso estava sobrecarregando os funcionários responsáveis por seus departamentos. Por outro lado, não tinham o que reclamar. Recebiam por isso. As horas extraordinárias eram pagas integralmente. Com a ajuda e a paciência de Marcos, sendo seu professor, começou a tomar a frente dos negócios. Tinha muito que aprender, sabia. Precisava estudar bastante cada caso.

Socorreu-se de Marcos, que até ali tinha sido o seu fiel escudeiro e tinha certeza que continuaria sendo por um bom tempo. Nutria extrema confiança nele. Sabia que ele não lhe passaria nenhuma orientação que lhe trouxesse prejuízos. O curso universitário de Psicologia e o curso de pós-graduação estavam sendo de extrema valia, naquele exato momento: conseguia avaliar com precisão cada uma das pessoas que orbitavam esse seu novo mundo. Era um mundo um tanto perigoso, tinha que ter cautela.

Os negócios exigiam isso. Um passo em falso, uma confiança exagerada neste ou naquele parceiro de negócios, ou até mesmo um funcionário mal intencionado, poderia pôr tudo água a baixo. E... Estava ali.

Pedi para não ser incomodada até que manifestasse uma ordem ao contrário. Avisara Marcos que iria começar naquela segunda-feira. Ele insistiu em acompanhá-la, mas percebeu que ela teria que fazer aquilo sozinha. Era importante para ela. Mas ela sabia que bastava ligar e, em poucos minutos, ele estaria do seu lado, para ajudá-la no que fosse necessário. Agradeceu mentalmente a compreensão de Marcos. Realmente ela necessitava daquele momento sozinha.

Elaine ainda continuava em pé. Passeava lenta e cuidadosamente pela sala. Como se não quisesse incomodar ninguém. Puxou a cadeira que pertencera a Roberto. Olhou-a longamente. Soltou um longo suspiro e sentou-se. Teve a impressão que a cadeira queria abraçá-la e lhe dizia “Tudo bem! Tudo vai ficar bem!”. Sentiu a ligeira impressão que era a voz de Roberto... Tinha de reagir. Para isso estava ali. Ela representava as empresas. O alvará judicial outorgava-lhe esse direito. Um direito que já era seu, mas a burocracia lhe dizia que não e que somente seria seu totalmente quando tivesse em suas mãos um papel do sistema judiciário para confirmar o seu direito. Aquela pequena folha de papel timbrado e com a assinatura de um juiz de Direito, outorgava-lhe a posse e administração de todos os bens patrimoniais que ambos haviam conseguido no decorrer do casamento. Não pôde se conter quando o advogado lhe disse que teria que “...ficar atenta às contas, principalmente com as receitas, face à existência dos filhos menores.

Pois, o promotor de Justiça pode pedir uma prestação de contas no final do processo de inventário”. Era simplesmente o cúmulo. Ter que dar satisfação à justiça a respeito de valores que, por direito de herança, pertenciam a seus filhos. Isso não podia aceitar. Mas tinha de respeitar a regra do Direito. Não perdeu tempo discutindo o assunto com seu advogado. Seguiria suas instruções técnicas. Ganharia mais tempo com isso e o inventário terminaria mais rapidamente. Ao menos foi isso que ele lhe garantiu. O único dinheiro do qual não teria que prestar contas era o dinheiro proveniente do seguro. Não conseguia entender por que Roberto havia feito um seguro de vida tal alto e colocado ela

como única beneficiária.. Por que ele não nomeou os filhos como beneficiários também?

O que a intrigou, também, foi o tempo em que ele fez o seguro: dois meses antes de sua morte. Estaria ele prevendo algum tipo de problema? Estaria sendo ameaçado de morte e nunca comentou nada? E por que ameaçado? Eram muitas as perguntas sem respostas.

Muitas coisas deveriam ser resolvidas. Marcos havia-lhe alertado a respeito do rumo que o caso de Roberto havia tomado na delegacia, que o delegado havia chegado à conclusão de que ele havia sido assassinado, não por assaltantes, mas por criminosos profissionais.

Lembrou-se da conversa em que questionou Marcos sobre se ela própria teria que depor na delegacia e viu-o balançar a cabeça afirmativamente e desviando o olhar. Será que o delegado está suspeitando de mim?, pensou. Ah, num momento como este o policial deve suspeitar até da própria sombra... Estava absolutamente tranqüila nesse sentido.

Infelizmente, de antemão, após a conclusão a que chegara o delegado de policia, teria que enfrentar esse constrangimento. Desde que Marcos lhe falara a respeito, uma pergunta estava sem resposta: Por que mataram Roberto? Nutria um sentimento de dúvida quanto a conseguir obter resposta. A esperança de uma resposta positiva, falava mais alto. Porém, era apenas uma esperança.

Consultou o relógio.

Já estava ali há mais de uma hora, as únicas interrupções deram-se por conta da campainha do telefone, que a secretária atendia rapidamente e o silêncio voltava, só sendo quebrado por mais outro toque de telefone.

Decidiu-se começar o dia. Pegou o telefone e chamou a secretária. Em poucos minutos ela entrava na sala.

– Pois não, senhora? O que a senhora deseja?

– Por favor, avise a todos os gerentes de departamento que dentro de trinta minutos eu os quero na sala de reuniões. Ah!, peça para alguém preparar a sala de reuniões. Outra coisa. Avise-me quando a sala estiver pronta e todos já estiverem lá. A partir de agora pode me passar as ligações.

– Está bem, senhora. Vou providenciar.

A secretária já estava a abrir a porta, quando ouviu: - Ah! Mais uma coisa: antes de você me passar as ligações eu quero tudo completo.

- Tudo completo? - estranhou.

- Sim. Eu quero saber o nome, a empresa, e qual é o assunto. E.. E..., depois da reunião, quero falar com você. Aqui na minha sala.

- Está ... Está... bem, senhora... - concordou ela, insegura.

Assim que ela fechou a porta Elaine perguntou-se: será que fui dura de mais com a secretária? Não estava habituada a lidar com empregados. Os únicos empregados que estavam sob a sua responsabilidade eram os da casa. Mas com eles mantinha o relacionamento diferente. Tratava-os como se fossem da família, apesar de Roberto sempre falar que eu era mole com os empregados e ele sempre dizia -: “Empregado é empregado. Patrão é patrão.” E as vezes completava -: “Isto é igual óleo e água. Não se misturam.” Podia até mesmo ouvir a sua voz lhe dizendo isso novamente. Esse sempre foi um ponto de discórdia entre ambos. Ela não tinha essa visão dos empregados. Para ela todos eram seres humanos e deviam ser tratados com dignidade. Deste o faxineiro até o Presidente da República. Sentiu-se um pouco perdida, mas sabia que iria encontrar um meio termo. Poderia ser dura, quando fosse necessário, mesmo que isso lhe doesse, e ser amável, quando fosse possível. Aprendera nos bancos universitários. Aplicaria as regras de Psicologia que aprendera, elas teriam muita valia.

Ao entrar na sala da reunião percebeu a insegurança nos olhos de quase todos os presentes. Vestia um *tailleur* azul escuro e uma blusa cor de salmão bem leve, um lenço de seda no pescoço e os cabelos loiros bem alinhados. A sua altura estava ampliada pelo salto fino de seu sapato preto de camurça. Sentia-se uma perfeita executiva. Era uma executiva. Tinha que demonstrar conhecimento e confiança. O seu novo mundo começava ali. Tinha que enfrentá-lo. Cumprimentou todos e começou por dizer que a partir daquele momento ela assumia a direção das empresas e queria contar com a colaboração de todos. Tomou ciência do bom andamento dos negócios e da previsão de compras para a semana, das contas a pagar e do faturamento. Que ia de vento em popa.

Marcos havia feito um bom trabalho de gerência neste período. Não que ele fosse escapar totalmente. Ainda iria precisar

muito de seu trabalho e de sua orientação. O restante do dia transcorreu dentro da normalidade. Tomara algumas decisões.

Principalmente aquelas que julgava ser de menor importância. Deixou para o dia seguinte as mais complicadas. Conversaria primeiro com seu consultor-mor, seu fiel escudeiro... Teve pena dele. Estava usando-o demais. Estava sobrecarregando-o com serviços pelos quais não havia dinheiro que pagasse. Era um amigo. Um bom e excelente amigo.

Deixou o prédio no fim da tarde. Estava e sentia-se satisfeita. Havia vencido uma etapa importante.

CAPÍTULO XX

O jantar estava preste a ser servido. Aquele final de semana havia sido corrido e com muito trabalho. Não deu nem ao menos para perceberem o tempo passar. A segunda-feira não havia sido diferente: mais corrida ainda.

Carmem consultou o relógio de parede. Dez minutos para as oito da noite. Antoniel ainda estava na oficina. Realizava o primeiro trabalho: a restauração de cômoda antiga.

Um antigo conhecido ficou sabendo que ele estava retornando ao mercado e foi o seu primeiro freguês. Ele chegou de manhã, com o móvel e pediu mais de mil vezes para que fosse tratado com todo o carinho. Era um freguês muito sentimental. Contou por mais de quarenta minutos a história daquele móvel. Que ele fora parar no seio da família e que estavam com ele há mais de cinquenta anos; pertencera à sua avó materna e deu todos os detalhes... Com a nota de compra, totalmente amarelada e quase se desfazendo.

Antoniel sabia que iria ser assim. Algumas pessoas apegavam-se a móveis e outros objetos. Muitas vezes o valor material do móvel ou do objeto era ínfimo, mas o valor sentimental não tinha dinheiro que pagasse. E aquele era um caso típico. Virão outros...

Essa era a esperança. Pensou em chamar as meninas, mas decidiu-se por chamar Antoniel primeiro. Assim ele teria um tempo para lavar-se. Os hábitos da casa começaram a mudar com o retorno dele àquela profissão. Em três ou quatro dias as mudanças seriam maiores. A documentação da loja deveria estar pronta logo, para poderem trabalhar na legalidade. As filhas estavam felizes com a possibilidade de ajudar, mostraram-se dispostas a trabalhar na loja, depois da escola. O difícil seria conciliar as refeições do almoço: Andreia estudava no período da tarde e Cristina no período da manhã, e curso de inglês duas vezes por semana. Mas a respeito disso ela já decidira que mudaria os horários para o período da noite. Carmem aguardou Antoniel tomar a sua cadeira e aí chamou as meninas. Até que elas chegassem, Carmem já havia colocado o feijão, de onde fluía um aroma delicioso e apetitoso. Era um feijão novo e o tempero utilizado deixava-o ainda mais gostoso. Para acompanhar, uma travessa de arroz branco que, discretamente, recebera uma mistura

do arroz que havia sobrado do almoço. Como mistura, bifés acebolados e batatas fritas.

O ritual realizado no almoço do sábado iria se repetir. Antoniel já se mostrava mais receptivo, aqueles minutos dedicados à oração, em volta da mesa de refeição, com toda a família, estava reintroduzido. Havia entre eles uma cumplicidade silenciosa. Aqueles momentos iriam ser diários.

Cristina começou a oração. Agradecimentos pelas benesses do dia, pela refeição que estava na mesa, pedidos diversos, uma 'ave-maria' e um 'pai-nosso'. Antoniel sabia que chegaria a sua vez de iniciar a oração. Estava temendo esse momento. Fazia muitos anos que deixara de orar. Algo secará dentro de sí. Mas estava sentindo o retorno. Devia isso às suas três mulheres maravilhosas. Aqueles momentos estavam sendo extremamente importantes para a união familiar e um alimento para a alma, um complemento para a esperança do novo negócio que era sempre o primeiro pedido.

Ela observou o rosto do marido. Ele estava feliz com o novo rumo que as coisas estavam tomando. Ela também estava feliz, todos ali estavam felizes, cheios de esperança e fé. Andreia entre uma garfada e outra perguntou: - E aí, pai? Que tipo de pintura o seu primeiro freguês quer que o senhor faça naquela velharia?

- Ah, Andreia! Em momento algum o deixe ouvir você falar isso daquele móvel. Sua mãe estava junto. Ele ficou falando por mais de quarenta minutos sobre aquele móvel.

Ele tem um valor sentimental muito grande por ele. Na verdade, pelo preço de nosso trabalho, valeria muito mais a pena, ele adquirir uma outra peça e ainda lhe sobraria troco. Enfim, cada um tem gostos e prazeres diferentes na vida.

- Tá bem, pai. Mas não precisa me dar uma lição de moral por causa de uma perguntinha à toa. E não precisa me dizer que não é para falar assim na loja. É que aqui estamos em família. Mas o senhor não me respondeu...

Carmem e Cristina escondiam um sorriso maroto. Gostavam de ver Andreia disputando com o pai e vice-versa. Ela era muito diferente de Cristina, que raramente discutia com o pai ou com a mãe. Para ela tudo sempre estava bom. Mas vez ou outra gostava de medir forças. Invariavelmente ela sempre acabava vencendo. Tinha uma habilidade fantástica com o manejo das palavras. Era nato nela. Sabia entrar em um assunto e sair com

uma facilidade impressionante. O pai também sabia disso. Mas vez ou outra era pego de surpresa. Por isso, era melhor não interferirem. Por outro lado, podiam apreciar.

Ele acabou de mastigar um pedaço de bife e respondeu: - Ele quer uma pintura mais suave. Aconselhei-o que se utilizasse a técnica de pátina o móvel ficaria em estado de novo e combinaria muito bem com o estilo contemporâneo.

- Pátina? Como se faz isso? - quis saber Andreia.

- É um método simples, porém, exige-se técnica apurada e uma boa dose de cuidados e paciência. Em primeiro lugar aplica-se uma massa acrílica para cobrir as trincas e imperfeições. No caso desta cômoda, especificamente, tenho que usar a massa acrílica em um dos cantos, onde a madeira está lascada, deixando-a como se nunca tivesse saído um pedaço da madeira daquele lugar. Depois é lixar com cuidado as partes onde foi aplicada a massa, para dar uma uniformizada e aí utilizamos a tinta látex, da cor desejada, e esperamos secar totalmente. A outra etapa do processo é feita com cera incolor, onde acrescentamos um pouco de betume e passamos pela peça inteira e novamente temos que aguardar a secagem para, então, com uma flanela ou um pedaço de feltro lustrar a peça toda. Aí, vem melhor parte. Você sabe qual é filha?

- Não, claro que não.

- Ora, ora, filha. A melhor parte é receber o pagamento pelo serviço.

Os três desataram a rir. Ele apanhou Andreia desprevenida, e também desatou a rir da própria inocência. Mas não deixou de falar: - Tá bem. Tá bem. Desta vez o senhor me pegou. Mas espere o troco. O senhor vai ver só.

E ela sempre cumpria as suas promessas. Fosse o que fosse. Antoniel que se cuidasse.

Havia já um bom tempo que o riso espontâneo, verdadeiro e despretenso, andava sumido daquela casa. Estava de volta. Iriam rir de situações familiares engraçadas e sem constrangimento algum. Começaram a rir de si mesmos diante de várias situações engraçadas e inusitadas que tinham acontecido ou com um ou com outro. O jantar estava uma festa. Finalmente, pensou Carmem. A paz, a união, a fé, a esperança e o amor estavam de volta. Nunca mais iriam perder esses sentimentos outra vez. Eles eram por demais importantes para o bem estar pessoal e da família. Daqui para frente haja o que houver, ocorra o

que ocorrer lembrar-me-ei sempre deste momento mágico e farei dele o meu escudo, a minha arma, e sairei vencedora de qualquer batalha, decidiu-se Carmem.

– Pai – disse Cristina, secamente. - Eu quero ouvir aquela fita. O senhor conseguiu gravar mais alguma coisa? Os tais caras ficaram de ligar novamente, ontem? Eles ligaram?

Havia um sincero interesse em sua voz, mas também havia desprezo. Ela era totalmente contra aquela prática. Detestava quando pegava seus pais opinando a respeito da conversa alheia que tinham ouvido. Ela sempre demonstrara isso e eles a respeitavam O que ela admirava. Adorava isso em seus pais. Sentia-se uma mulher respeitada por eles e não uma criança boba que nada sabe. Mas aquele caso era diferente, ficara curiosa.

Estava parecendo um filme policial. Com uma diferença: acontecia na sua casa e ela fazia parte do cenário.

– Sim filha – disse ele. - Eles ligaram ontem. E foi no horário. Quase que me esqueço, de tão concentrado que estava para terminar as ligações elétricas das máquinas. Depois que terminarmos o jantar eu pego o aparelho e a fita para vocês ouvirem. Mas peço que não comentem esse fato com ninguém. Nem mesmo com a amiga... Por enquanto, é segredo.

– Mas, e aí? Falaram alguma coisa que dê para identificá-los melhor?

– Não, apenas disseram que queriam a totalidade do dinheiro e deram mais trinta dias para o tal de Paulo conseguir dez mil dólares. Esse tal de Paulo disse que seria impossível e deu a entender que não queria pagar mais. Mas o tal de Neco e seu comparsa deram-lhe um bom motivo para pagar...

– Como assim, deram um bom motivo? Esse tal de Paulo já não pagou o combinado? O senhor falou que foram vinte mil dólares. Não é? E eles querem mais dez mil?

– O tal de Paulo pagou o combinado. Mas eles exigiram um adicional e ele vai ter que se virar para pagar, pois o motivo que eles deram é muito forte e relevante: já haviam matado um por vinte mil, matar mais um ou dois de graça, não faria a diferença!

– Meu Deus! – espantou-se Cristina.- Esses caras são perigosos. Ameaçam até mesmo o cara que os contratou. Impressionante.

– É isso aí, filha. Esses marginais são sempre assim. Quem mandou matar, com certeza, não tem coragem suficiente para apertar o gatilho, mas tem coragem para mandar matar.

Só que acaba por ficar preso a esses marginais que nada têm a perder. Daí o sufoco. Eu não entendo como é que uma pessoa tem coragem de contratar pistoleiros para matar outra pessoa. Como ela não desconfia que o feitiço poderá virar contra o feiticeiro? E o pior é que esses caras não param. Hoje querem dez, amanhã o dinheiro acaba e querem mais, e por aí vai. O cara que contrata este tipo de serviço fica nas mãos dos matadores de aluguel e só se safa deles acaso eles morram. Pois, se forem presos, vão levar o mandante junto. Eles não vão querer pagar pelo crime sozinhos. Isso é que não. Pode ter certeza.

– E o cara, resolveu pagar?

– Teve que aceitar. Só que conseguiu um prazo maior: os assassinos receberão daqui a quarenta e cinco dias. Eles já marcaram até a data e a hora em que vão ligar. Caso eu não me esqueça, vamos tentar ouvir o fim da conversa e ver o que deu.

– O seu pai esteve pensando em levar esta fita à polícia - disse Carmem. - Mas eu lhe disse aquilo que você já havia dito. Além do que não há nada lá que leve a alguém.

Cheguei até mesmo a procurar nos jornais da cidade, para ver se nos últimos trinta dias alguém havia sido assassinado. Não encontrei nada.

– Ora, mãe - disse Cristina. - Pode ser que o crime não tenha sido cometido aqui. Pode ter sido cometido em outra cidade, outro Estado, sei lá, em qualquer lugar. Só que o mandante mora nesta cidade. Isto é fato. E outro fato é que ele se chama Paulo e tem um comparsa que é seu irmão. Só isso. Nada mais. Além de que, eu quero deixar isso pra trás. Quero ouvir a fita e tentar evitar que vocês façam uma besteira maior, levando essa fita à polícia e podendo até serem presos por escuta ilegal de telefone.

– É, quanto ao fato de o assassinato ter ocorrido em outro local, creio que você tem razão - opinou Andreia. - Mamãe disse que procurou nos jornais da cidade por alguém que tivesse sido assassinado nos últimos trinta dias e nada encontrou. Mas vocês se esqueceram que aquele crápula, o Roberto de Souza Aguiar, foi assassinado e morava aqui em São Pedro?

Na voz o desprezo e o deboche sobre Roberto.

Os três se entreolharam. Era possível que Andreia estivesse com a razão. Seria uma coincidência incrível se isso fosse verdade. Imagine-se... Antoniel e família descobrem quem foi a assassino de seu ex-sócio. Aquele que os havia literalmente jogados na

miséria. Seria muita coincidência. Pareceu até ridículo a observação feita por Andreia.

– Mas o jornal disse que foi tentativa de assalto, não foi? - perguntou Carmem.

– E mais, naquele jornal de domingo, a matéria dizia que o delegado desconfiava de outras duas hipóteses, uma era de briga de trânsito e a outra de crime encomendado.

Lembro-me muito bem dessa parte - disse Antoniel. E continuou: - Fiquei até com vontade de mandar um presente para os assassinos. E você tem razão Cristina, podemos até mesmo ser presos se levarmos esta fita à polícia. Estive pesquisando com alguns amigos. A escuta telefone é realmente crime. Está na Constituição Federal.

– Mesmo de assassinos? - estranhou Andreia, meio indignada. - Eles estão falando que cometeram um crime. Que mataram um homem. Meu Deus...

– Mesmo de assassinos! - confirmou Cristina. - Infelizmente eles têm direitos. Ora bolas. Matam, roubam, estupram e ainda têm direitos... Não dá pra entender. Eh, e também não quero mais falar sobre esse assunto. Vamos voltar às piadas que estavam muito mais legais. Fazia um bom tempo que nós não ríamos juntos.

– É, você está com razão, filha - disse Carmem, já começando a sorrir.

A sua risada foi seguida pela do pai e, em poucos minutos, todos estavam rindo. Não havia motivo aparente para aquelas risadas. Tinham perdido quase todo o patrimônio; as casas, os terrenos, as lojas, os carros importados, o *status* de família e pessoal, as meninas deixaram de freqüentar a mais cara e boa escola particular e foram para um colégio do Estado; os almoços e jantares fora tinham ficado no passado, há quase um ano não entravam nas pizzarias que tanto apreciavam... Compravam, quando muito, as pizzas semi-prontas; tiveram que andar a pé por quase um ano, às vezes com carro emprestado; as viagens de fins semana também faziam parte do passado. As roupas de 'grife' estavam durando, mas as meninas não puderam renovar o guarda-roupa. Os tênis eram lavados com cuidado, tinham que ter uma durabilidade maior. O mundo em que haviam vivido tinha ficado para trás, definitivamente. O castelo ruíra. Salvaram-se alguns cacos aqui e outros acolá. Mas naquele momento riam, exorcizavam-se. Uma risada gostosa, contagiante. Nem

precisavam explicar por que riam. Simplesmente riam. Estavam felizes. Havia uma esperança renovada no ar, na alma de cada membro daquela família.

Uma felicidade que, tinham decidido, ninguém roubaria. Ninguém. Nunca mais.

CAPÍTULO XXI

Permaneceu parada na calçada em frente ao prédio da delegacia, por uns instantes. Deu um forte suspiro: - Lá vou eu! – decidiu ela.

Afinal, não havia cometido nenhum crime. O único delito de que poderia ser acusada era o de ter mantido relações sexuais com um homem casado que, por ironia do destino, havia sido baleado e morto horas depois de ter saído de seu apartamento. Não tinha nada a temer. Porém, não gostava de delegacia. De polícia. Acreditava que muita gente também não gostava. Seria uma mera perda de tempo. Pouco sabia sobre a vida de Roberto, com exceção de que nos últimos nove meses ele sustentou seus luxos e suas manifestações de vontade. O último presente que ganhara dele estava sendo de extrema utilidade... Pegou a chave do carro. Olhou-a por alguns segundos. Agradeceu mentalmente a Roberto, estivesse ele onde estivesse. Decidiu que não iria contar sobre o carro. - Isto não interessa à polícia! – resmungou, pressentindo que poderiam até seqüestrar judicialmente o veículo para entregá-lo à família de Roberto... Nem pensar.

Lembrou-se daquela tarde de sexta-feira. Roberto insistiu no telefone: “Não vou subir, é você que tem de descer!”. Pegou o elevador, não entendeu a insistência dele... Até ver um carro ‘Ford K’, branco, envolto numa enorme fita vermelha. Não pôde conter as lágrimas e o sorriso. Desde que vira o carro pela primeira vez sonhara com ele. E estava ali. Na sua frente. Presente de um amante apaixonado... - Não, de forma alguma vou contar sobre o carro. Está em meu nome...- murmurou. Decidida, caminhou com passadas firmes e entrou na delegacia.

Sentiu os olhares de todos os presentes convergirem diretamente para a sua pessoa.

Havia se acostumado a chamar atenção, na rua ou num restaurante, numa lanchonete ou qualquer ambiente público. Não dava mais a menor importância para isso. Quem quisesse olhar que o fizesse. Mas, quem quisesse pegar tinha de pagar o preço. E não era para qualquer bolso. O homem atrás do balcão de atendimento ficou pasmo. Não era para menos. Ela trajava um vestido de seda, tipo tubinho, rosa pastel, com apenas duas tirinhas nos ombros, um decote generoso que mostrava que ela

não utilizava sutiã; para realçar a sua altura calçava um sapato de salto fino e alto. O vestido estava a quase um palmo do joelho, mostrava as belas e bem torneadas e bronzeadas pernas. Era impossível não olhar. Ainda mais num ambiente de delegacia. Aquela era uma roupa utilizada para festas e coquetéis luxuosos. Não para ali.

– Por favor, senhor – disse, na recepção. - Estou aqui para falar com o investigador Luiz. Ele me deu este papel... - entregou a intimação para o homem à sua frente.

Até o som de sua voz era gostoso de se ouvir. Fazia muito bem aos olhos e aos ouvidos aquele monumento de mulher. Luizão estava com tudo e não estava prosa, pensou o atendente. - Por gentileza – disse -, aguarde um minuto que vou localizá-lo.

Não esperou mais que três ou quatro minutos para ter na sua frente o homenzarrão que estivera na sua casa. Ele sorriu e estendeu a mão. Cumprimentaram-se e ele a conduziu diretamente à sala do delegado. Ele já estava à sua espera. Ansioso. Queria a todo custo deslanchar a investigação do Caso da Avenida Paulista. Ficou impressionado com a entrada de Marlene. Não pôde conter a surpresa. Foi tão evidente que observou um sorriso matreiro no rosto de Luizão. Ela sentou-se na cadeira indicada pelo delegado, cruzou as pernas com suavidade, a direita sobre a esquerda. Luizão aproveitou-se do momento. Estava sentado bem na frente de Marlene. O delegado, passado o espanto a muito custo, explicou detalhadamente por que a chamara ali. Necessitava de esclarecimentos que pudessem auxiliá-lo nas investigações. Foi uma hora e meia de depoimento. E nada, pensou o doutor Geraldo. Absolutamente nada. Era apenas uma jovem mulher que levava a vida da forma que ela acreditava ser a melhor. Era uma amante profissional. Mantinha seus casos e prolongava-os quando isso lhe interessava.

Quando o dinheiro do parceiro começava a rarear dava um jeito de dispensá-lo e sair à caça de outro. Evidente, ela não tinha que ser dar muito a esse trabalho... Ela era extremamente bonita, sensual e discreta. Tinha por hábito manter “um amante de cada vez”, como declarara. E justificou: “a fidelidade é importante para manter um bom relacionamento”. Parecia haver verdade em seus olhos, quando respondia às perguntas.

Afirmou ter ganhado alguns presentes, como jóias de pequeno valor, relógios, pulseiras, roupas, e que ele, “...o Roberto ajudava com uma pequena mesada para os gastos pessoais. Saía

com ele no mínimo duas vezes por semana; os encontros amorosos, no início, foram em motéis e, nos últimos meses, no meu apartamento”. Ela achava que tendo um apartamento era desnecessário gastar dinheiro com motel. Não tinha o que esconder de ninguém. Era livre e desimpedida, liberada. Fazia o que bem entendesse com a sua vida. Quando o delegado a questionou sobre presentes caros ela simplesmente disse “Não!”. Pela primeira vez, ele percebeu em seus olhos um quê de mentira.

Respondeu por três vezes à mesma pergunta com a mesma resposta. Uma segura só. Os longos anos de policial havia-lhe ensinado a conhecer a verdade de uma resposta pelos olhos. Eles exprimem muito mais do que as palavras. Era um método infalível. Por isso, quem quer que fosse conversar com ele e estivesse usando óculos escuros, imediatamente ele pedia que fossem retirados. Principalmente se era um interrogatório.

Mas ali, com ela, não haviam avançado na investigação. A única coisa que se comprovou é que ela estava saindo com ele há um tempo e que tinha absoluta certeza que a mulher dele nada sabia. Ele, “...o Roberto, não falava a respeito da mulher e eu também não perguntava. Era um assunto que não me dizia respeito”. Tratava aquela situação sem envolvimento emocional. Ele queria carinho e sexo e ela lhe dava. E ele lhe dava o sustento e o luxo. Era simples. Muito profissional e simples. Toma lá dá cá, pensou o delegado. Terminado o interrogatório, ela levantou-se, despediu-se do delegado e de Luizão. Com passadas suaves deixou o local; o belo corpo estava grudado no vestido tubinho, parecia uma modelo desfilando na passarela, cheia de luzes e glamour, quando atravessou a porta. Deixou atrás de si um perfume suave e levemente adocicado.

– Que droga! – disse o delegado. - Uma hora e meia de interrogatório e estamos no marco zero. Não avançamos um milímetro sequer nas investigações.

Luizão parecia não ter ouvido os comentários do delegado. Sua mente estava flutuando com a imagem de Marlene.

– Luizão. Ooo... Acorda cara – berrou o delegado. - O que você conseguiu apurar a respeito desta moça?

– Nada de nada. Nada. – disse. - Tudo o que ela disse é o que apurei. Ela é uma amante profissional. Vive disso. É discreta. E segundo apurei, por incrível que pareça, ela é fiel ao amante. Quando está em um relacionamento ela dedica-se a ele como se fosse uma namorada ou noiva. Comporta-se até mesmo muito

melhor do que muitas mulheres casadas. O apartamento onde mora é dela. Ganhou de um empresário há três anos atrás. Mas, segundo apurei, logo após ter ganhado o apartamento do dito cujo ele teve um infarto, e pimba, já foi visitar o outro lado. Também, pudera, o velho tinha setenta e um anos de idade. Como iria agüentar um avião desses?! E é assim. Eis a vida desta moça. Creio que ela disse a verdade.

– Concordo com você - disse o delegado, passando a mão esquerda no cabelo.

Era um gesto que todos conheciam. Quando ele estava pensativo e ansioso a respeito de alguma coisa, lá estava a mão acariciando os cabelos. O lado esquerdo já começava apresentar diferenças em relação ao lado direito da cabeça, de tanto que ele passava a mão no mesmo lugar. Parecia que ele nem notava o fato. Mas que ele está pensando em alguma, ah, isso está, raciocinou Luizão.

– Porcaria, Luizão! - gritou o delegado - O Marcos ficou de entregar o maldito relatório só na sexta-feira à tarde. Temos que dar um jeito de forçar a barra em cima dele. Com calma e diplomacia. Ele deve ter coisas extremamente importantes para nos contar. E se ele pud...

– ...ligue para ele - interrompeu Luizão. - Marque um almoço ou um jantar informal.

Quem sabe, um bate-papo assim pode vir a ser útil?

– Você está com a razão. De vez em quando você dá uma dentro...

O investigador não gostou muito da última observação feita pelo seu superior. Engoliu em seco uma possível resposta. Pediu licença e saiu da sala a passos largos.

– Alô? – ouviu o delegado depois de discar um número logo que Luizão deixou a sala.

– Alô, Marcos. Aqui é o doutor Geraldo – disse, reconhecendo imediatamente a voz.

– Olá doutor, que satisfação. Mas, o que deseja?

– Estou te ligando para fazer um convite. Que tal almoçarmos, hoje?

– Olha - começou se desculpendo Marcos -, creio que hoje não vai ser possível. Você ligou muito em cima da hora. Tenho compromissos agendados e, para dizer a verdade, não vou nem almoçar. Vou comer um lanche aqui mesmo na minha sala.

Um balde d' água fria nos planos do delegado.

Que danado. Está tentando se safar de uma conversa. Até parece que ele está adivinhando os meus pensamentos, pensou. Mesmo assim insistiu: - Está bem. Mas então podemos marcar um jantar, ainda para hoje... O que você me diz?

- É, um jantar até que cairia bem. A que horas?

- Você aprecia comida italiana?

- Claro. A comida italiana, quando bem preparada, é uma delícia. Mas onde você pretende ir?

- Conheço uma *trattoria* lá no bairro do Bexiga. Preparam uma comida excelente.

Conhece a Di Roma?

- Conheço o local, mas nunca comi lá. Mas se você está dizendo que é uma cozinha de boa qualidade, vamos lá. A que horas?

- Bingo!- murmurou o delegado tapando o bocal. Conseguiu mudar a situação.

- Às sete e trinta. Está bom para você?

- Está. É um bom horário. Dá tempo de beliscar alguns tipos de queijo, antes do prato principal.

- É isso aí. Então até à noite.

- Até - disse Marcos, e desligou o telefone.

O pensamento chegou-lhe claro e cristalino em sua mente. O delegado não iria esperar até sexta-feira para conhecer o relatório. Ele marcou o jantar para conversarmos sobre esse assunto. Tenho absoluta certeza, disse para si. Abriu uma gaveta de onde tirou uma pasta alaranjada, remexeu as folhas, colocou-as em ordem, leu cada uma das palavras que estavam impressas e redigidas por ele mesmo. Decidiu-se por não adiar mais a entrega do relatório que já estava pronto. Terminara-o durante a manhã. Deixara no rodapé da última página uma relação com nomes de possíveis suspeitos. Não colocara o nome de Elaine. Não seria justo com a sua amiga colocá-la em pé de igualdade com os outros nomes que lhe eram suspeitos. Cada um tinha um bom motivo para querer a morte de Roberto. Todos esses aparentes motivos estavam religiosamente relacionados. Mas Elaine não tinha motivo algum. Deixaria o delegado resolver essa questão. Defenderia Elaine a todo custo. E ela estava assumindo os negócios de Roberto, estava um pouco assustada. Embora caminhando firme e com determinação. É uma mulher e tanto. Tem garra. Estava realmente surpreso com a capacidade de Elaine. Não queria estar na pele dos diretores das empresas de Roberto. Elaine se mostrara

comedida e buscava fazer as coisas com cautela redobrada; eles, por sua vez, estavam habituados à agilidade de Roberto. Tinham até mesmo alguma dificuldade de acompanhar o raciocínio dele. Nas mãos de Elaine eles tinham que raciocinar dobrado, para não cometer até mesmo as mais mezinhas falhas. Ela lia tudo com muita atenção, desde um simples e singelo bilhete até aos contratos mais intrincados. Anotava suas dúvidas e queria respostas. Não aceitava respostas evasivas. Queria respostas práticas e eficientes. “Soluções” - dizia ela

– “Quero soluções.” De problemas bastam os meus pessoais. Portanto, se o delegado enveredasse na investigação diretamente para cima de Elaine, ele iria defendê-la.

Ele consultou o relógio. Estava no horário. Lentamente conduziu seu veículo pela rua, olhando atentamente para os letreiros luminosos para encontrar o do restaurante. Atravessou o primeiro quarteirão. O local estava bastante movimentado naquela hora.

Talvez tivesse errado o nome da rua. Parou no semáforo, consultou o nome da rua.

Estava correto. Talvez o restaurante estivesse no final da rua. Tinha que estar. Faltava apenas um quarteirão para terminar a rua. Se não o encontrasse ali, com certeza, ele tinha ficado para trás. Daí teria que dar uma volta enorme para recomençar a procurar. Já desanimava quando viu à sua esquerda o enorme luminoso ‘Tratoria Di Roma’. O problema estava, naquele momento, em arrumar um estacionamento. Não parecia haver nenhum por perto. Ainda com o veículo ligado parou em frente ao restaurante. Um homem uniformizado, trazendo no bolso do paletó preto o logotipo e o nome do restaurante, questionou: - Vai jantar senhor?

– Sim.

– Pode deixar que eu cuido de estacionar o seu veículo - disse-lhe o homem, no mesmo momento em que abria a porta do carro, facilitava a saída de Marcos e entregava o comprovante do estacionamento.

Ficou alguns instantes na calçada observando o manobrista. Consultou novamente o relógio. Chegara exatamente na hora. Eram sete e trinta da noite. Já havia telefonado para Cleuza avisando-a a respeito do jantar.

Não havia nem dado um passo sequer dentro do restaurante e foi recepcionado por uma jovem, trajando vestes típicas da Itália, que lhe foi dizendo: - Boa noite, senhor.

Seja bem-vindo. Mesa para quantos?

- Ainda não sei - disse ele, meio confuso. - Marquei com um amigo para jantar. Não sei se ele já chegou ou se virá em companhia de mais alguém. Deixe-me dar uma olhada...

- Pois não, senhor. Fique à vontade. Se precisar, o senhor pode chamar.

Marcos olhou o ambiente. O salão não era muito grande, deveria estar ocupado com quarenta ou cinquenta mesas, não mais, calculou. O ambiente lhe agradou de pronto. As mesas, todas muito bem arrumadas, e as toalhas traziam as cores verde, branco e vermelho. Não poderia ser de outra forma. Eram as cores da bandeira da Itália. As cadeiras de madeira com assentos e encostos de junco trançado. Rústicas, porém confortáveis e bonitas. Do teto desciam os garrafões de vinho, e parreiras de uva, feitas com material sintético. Nas paredes laterais fotos em tamanho de posters, dos locais mais conhecidos de Roma e de alguns lugares da Itália. Ao fundo uma foto maior de uma cidade italiana. Provavelmente a cidade onde nasceram os proprietários do restaurante, ou seus pais e avós. No canto direito, uma mesa de queijos e salame. O próprio cliente servia-se dos queijos de sua preferência, cortando os pedaços do tamanho e a quantia que desejasse, acondicionando-os em um prato pequeno, também decorado com as cores italianas; depois de o pesar o cliente dirigia-se para a mesa. Ainda estava de pé, correndo lentamente os olhos pelo salão à procura do delegado, quando ouviu alguém falar nas suas costas...

- Boa noite, Marcos. Espero não tê-lo feito esperar muito.

Virou-se e ficou de frente com três homens. O delegado, o inconfundível Luizão e um outro, que nunca tinha visto. Tinha traços orientais, cabelos pretos lisos, olhos levemente puxados e o rosto redondo, parecia um 'armário' de tão musculoso. Aquela musculatura não se harmonizava com a sua estatura pequena.

- Não - disse Marcos -, acabei de chegar. Tanto é verdade que estou aqui em pé procurando por você.

- Ah, Marcos, esqueci-me de apresentar... - disse o delegado apontando o outro homem. - Este é Kenji. Ele também é investigador e faz parte da minha equipe especial de investigações. Irá trabalhar no Caso da Avenida Paulista conosco.

O delegado não perdeu tempo, pensou Marcos. Estava certo quando analisou que o jantar não seria apenas de confraternização. Novamente a recepcionista já estava à frente.

Optaram por uma mesa solitária localizada na parede esquerda, no fundo do restaurante.

Ali seria um local ideal para conversarem à vontade. Já providos da acomodação, Marcos pediu licença e foi-se servir de queijos e salame. Estava com fome. Não havia almoçado. O início do jantar foi tranqüilo. As conversas giravam em torno de amenidades. Nada de conversa sobre trabalho. Da comida, nada sofisticada. Pediram pratos de *canelone* com ricota e *rondede* com queijo, regado ao molho branco. Para beber uma jarra de vinho da casa. Com toda a certeza o vinho deveria vir do sul do país.

A comida já havia sido consumida na sua totalidade. Restavam alguns poucos pedaços de *canelone* e *rondede*. Todos já pareciam satisfeitos. Ao menos em relação ao estômago. Pois, na cabeça do delegado e dos investigadores, estavam perguntas e mais perguntas. Tinham a esperança que Marcos lhes desse respostas. Foi o delegado que entrou no assunto.

– Encontramos a mulher com quem Roberto esteve transando pouco antes de ter sido assassinado - começou o delegado. -. O nome dela é Marlene. Você também tinha o endereço. Entretanto, nada acrescentou. A nosso ver, ela é uma amante profissional.

Nada mais que isso. Não conhecia nada a respeito da vida e pouco dos negócios de Roberto. Luizão deu uma investigada por fora, a história dela, aparentemente, é verdadeira. Quando se relaciona com uma pessoa ela permanece fiel. A principio acreditávamos que poderia ser até mesmo algum namorado dela, ou ex-namorado que, movido por ciúmes, tivesse cometido o delito. Depois de uma hora e meia de interrogatório chegamos à conclusão que ela nada sabe. Ficamos apenas com aquela testemunha presencial. E você? Trouxe-nos alguma coisa nova?

Marcos olhou bem nos olhos do delegado, que sentou à sua frente e, com voz firme, disse: - Sim, doutor. Eu trouxe o relatório. Deixe-me pegá-lo.

Deixara a pasta em baixo da mesa, encostada no pé da mesa e próxima à sua perna direita. Pegou-a, colocou-a no colo, abriu lentamente e retirou dela uma pasta de cor alaranjada.

– Aqui está – disse, entregando-a ao delegado. - Aí irá encontrar os nomes, datas e o quê das minhas suspeitas terem

recaído sobre eles. Sei que tenho a sua palavra que isto é confidencial... Sempre é bom lembrar.

– Quanto a isso pode ficar tranqüilo. Além de mim, somente estes dois irão tomar conhecimento do relatório.

O delegado retirou as folhas da pasta e correu os olhos por elas. Leitura dinâmica.

Tinha muita informação ali. Teria que fazer a leitura com mais cuidado. Marcos havia sido minucioso nas explicações. Chegou na última folha, no rodapé três nomes em destaque, abaixo da palavra ‘observação’: ‘Diogo Praxedes’, ‘Paulo Praxedes’ e ‘Antoniél Lima Barreto’. Observou a falta do nome de Elaine, mas que não seria o momento ideal para falar a respeito. Iria ler com calma e depois voltaria a conversar com Marcos. Se Elaine estava fora da relação de suspeitos, isso era na relação de Marcos, não na do delegado... Ela também tinha motivos para querer vê-lo morto. Podia estar errado.

Era uma suspeita, teria que ser investigada. Marcos queria protegê-la. Entretanto, caso tenha sido ela, isso de nada adiantaria. Tinha, então, alguma coisa palpável por onde começar. Três nomes. Todos, segundo aquele relatório, amalhavam motivos para querer a morte de Roberto. A questão era quem e qual o motivo?

A conversa paralela e os pensamentos do delegado foram interrompidos com a chegada do garçom. O delegado pagou a conta. Despediram-se na calçada. Ficou no ar a promessa de uma nova reunião, para conversarem a respeito de minúcias das pessoas que seriam alvo da investigação a partir daquele momento. Marcos entrou no carro. Pode ouvir o delegado dizendo que lhe ligaria amanhã. Já passava das dez horas da noite.

Chegaria tarde em casa. Ligou o rádio, sintonizou em sua estação de FM preferida e relaxou. Concentrou-se no trânsito. O dia estivera repleto de trabalho. Era o momento de conseguir relaxar um pouco. Em breve estaria na sua cama e dormindo confortavelmente. Sentiu-se aliviado ao entregar o relatório ao delegado. Esperava não ter cometido nenhuma injustiça. Caso estivesse, não iria conseguir conviver com o sentimento de culpa. Porém, tinha que apontar os prováveis suspeitos. Sentiu pena por Antoniél, pois, além da miséria em que Roberto o tinha deixado, iria passar por mais uma situação constrangedora. Que fazer? O tempo diria quem era o verdadeiro culpado.

Voltou a concentrar-se no trânsito.

CAPÍTULO XXII

A semana passara com uma rapidez incrível. Ainda havia muitas coisas a serem feitas e tinha que estar tudo em ordem até às dez horas da manhã. A chuva fora de hora que caiu na manhã de sexta-feira quase estragou os planos, que foram cuidadosamente estudados.

A correria foi maior após a passagem da chuva. O tempo no período da tarde obrigou-os a trabalhar em dobro. Conseguiram terminar a maior parte dos afazeres por volta das onze e trinta da noite.

A campainha do relógio, com um som estridente e forte acordou todos os moradores da casa. Em menos de quinze minutos o café estava na mesa. Eram sete e meia quando entraram na cozinha Cristina e Andreia. Antoniel já estava quase acabando de tomar o seu café. Carmem levantou-se para pegar o pão que tinha colocado no forno a gás, para retirá-lo quente. As meninas adoravam o pão dormido aquecido no forno. Ficava como se acabasse de sair da padaria.

Andreia estava toda alegre e expressou sua alegria, rodopiando em volta de si mesma ao lado da mesa, dizendo em voz alta e cantado: - Graças a Deus, chegou o dia de inauguramos a nossa nova loja.

- É isso aí - disse Cristina. - Vamos trabalhar juntos para a prosperidade desta loja. Não é, pai?

- Claro, filha. Vamos vencer. Vamos vencer - disse ele, forçando um sorriso. Sabia das dificuldades que iria enfrentar e antecipara alguns dos possíveis problemas que poderiam surgir. Estava ansioso pelo novo negócio. Estava contente com a participação efetiva das meninas. Mas sabia que teriam de batalhar muito para atingirem os objetivos; a falta de dinheiro para o giro de caixa era o problema inicial. Teriam que apertar os cintos novamente. Entretanto, as suas três mulheres pareciam não se importar em ter que fazer isso. Tinham amadurecido com os problemas. Tomou mais um gole do café com leite e afastou em definitivo os pensamentos negativos que buscavam guarida em sua mente.

- Vamos depressa - levantou-se e disse. - Temos que inaugurar a loja e ainda temos que preparar o coquetel.

Decidiram chegar uma hora antes da abertura oficial da loja. O salão escolhido ficava em uma avenida de grande movimento. Era uma das passagens obrigatórias para quem entrava e saía da cidade em direção ao centro. O local estava tornando-se um centro comercial, estava afastado do centro principal cerca de mil e duzentos metros, mas tinha à sua disposição o estacionamento da própria avenida e, naquele quarteirão, não existia placa de trânsito proibindo o estacionamento. Para negócios daquele tipo o estacionamento é um fator principal. Pararam na frente das duas portas de aço. “NARA - MÓVEIS USADOS E RESTAURADOS” dizia o letreiro luminoso em letras garrafais.

Os quatro pararam por alguns segundos olhando para o luminoso. O nome havia ficado bonito e atrativo. O nome “NARA” surgiu depois de muita polêmica familiar, da segunda letra dos nomes de todos da família. Começando pelo N, de Antoniel, o A, de Carmem, o R de Cristina e finalmente, utilizaram-se do A, de Andreia, pois não soaria muito bem se a loja viesse a se chamar NARN. Não teria o menor sentido. Por isso, optaram pela primeira letra. Um sentimento unia aquela família: fé. Quem passasse naquele momento por perto deles, poderia sentir a felicidade dentro do coração de cada um. Pareciam iluminados por uma estranha luz. Antoniel, concentrado, colocou a chave em uma das portas e com reverência levantou-a pela metade. Cristina foi a última a entrar e encarregou-se de fechar a porta. As luzes foram acesas. O salão não era muito grande, mas era o suficiente para o recomeço. Estava bem decorado. Os móveis estavam separados, os restaurados ocupavam o lado esquerdo e os usados o lado direito. Antoniel adquiriu mesas e cadeiras, apenas cadeiras antigas que ele restaurara, havia também guarda-roupa, camas, aparador, cômodas... Ele tinha conseguido dotar a loja com mercadorias diversas. Carmem, com o auxílio das filhas dera um toque feminino: penduraram em locais estratégicos várias samambaias, variando a textura e a qualidade de cada uma delas. Para a inauguração enfeitaram a loja com bandeirolas de papel.

Antoniél foi contra. Achava aquelas bandeirolas cafonas. Porém, não se intrometeu. No fundo da loja ficava o pequeno escritório. Não tinha divisórias, apenas uma escrivaninha, onde ficava o aparelho telefônico acoplado ao aparelho de fax. Aí prepararam uma mesa para o coquetel. Coisa simples: canapés,

patês com torradas e coxinhas pequenas e empanadas. Para beber, refrigerante, cerveja e vinho. Os convidados eram pessoas conhecidas e alguns antigos fregueses.

Antes da inauguração formaram um círculo: Cristina do lado esquerdo do pai, Andreia à sua direita e Carmem na frente. Ali, de mãos dadas, oraram e rezaram por mais de vinte minutos, suplicando as bênçãos de Todo-Poderoso para aquele novo empreendimento.

Dez horas da manhã. Chegaram os primeiros convidados. O primeiro foi o irmão de Carmem, em companhia da mulher e dos filhos. Logo, alguns amigos e companheiros de viagem. Antoniel tinha convidado todos, mas muitos não estariam presentes porque estavam viajando. Ao todo, entre convidados e curiosos e até mesmo possíveis novos fregueses, sessenta pessoas. O coquetel foi encerrado ao meio-dia. Somente seu cunhado João com a família permaneceu na loja. A grande maioria apertou as mãos de Antoniel parabenizando-o pelo novo empreendimento e também dando os parabéns pela beleza desta ou daquela peça que havia sido restaurada ou reformada. Quando as últimas pessoas deixaram a loja, Antoniel seguiu-as até à porta. Seu cunhado foi logo atrás.

Antoniel parou por alguns segundos deixando o olhar se perder no movimento da avenida. Sentiu a mão forte de seu cunhado pousar sobre o ombro direito num abraço amigo e fraterno.

– Antoniel – disse ele, buscando as palavras certas para o momento –, tomei a liberdade de oferecer um empréstimo para Carmem. Ela deve ter-lhe dito. Então? A minha oferta ainda está em pé. Sei que você quer fazer o melhor, mas precisa de tranquilidade. O que acha?

– Realmente, eu estou precisando de algum dinheiro para fazer o giro de caixa. As pequenas economias que tinha estão aqui... Só me restou o carro, mas necessito dele para procurar móveis em conta. Sem ele ficaria mais difícil. Sei que vai ser difícil. Já avisei as meninas e Carmem. Todas estão dando a maior força. E não queria iniciar este negócio devendo. Não, é que...

– Eu sei - interrompeu João. - Não quero forçar nada. O que eu estou lhe oferecendo também não é muito. Mas poderá ajudá-lo.

– É que daí vêm os juros e você sabe muito bem, João, os juros te comem por uma perna.

– Mas quem falou em juro?! Assim você me ofende. Droga. Não sou nenhum porcaria de agiota. Sou seu cunhado e quero ajudar - disse ele, como que ofendido. Sabia da hombridade e honradez de Antoniel. E sabia como atingir seu ponto fraco, sem ferir o que restou do orgulho próprio.

– Não quis ofender, João. Se entendeu assim, peço, sinceramente, que me desculpe.

– Só existe um jeito de desculpá-lo...

– Qual é? – Antoniel ficou surpreso com a atitude do cunhado. Nunca o vira agir assim antes. Por que fui abrir a boca... - pensou.

– Se você aceitar o empréstimo!

– Seu safado. Você está me gozando. Está bem. Quanto você pode me emprestar e como posso pagá-lo?

– Bem, creio que vinte mil Reais é suficiente para você ter um início mais tranqüilo e você vai começar a me pagar depois dos seis primeiros meses, divididos em doze ou dezoito ou vinte e quatro meses. Você escolhe. E como sei que você não vai aceitar isso sem que lhe cobre juro. Façamos um trato. Você me paga os rendimentos de poupança.

– Ah! Ah! João. Isso eu não posso aceitar.

– O quê? Os vinte mil?

– Não. Esse prazo e esse juro. A poupança não está dando absolutamente nada. Não é justo para com você. Droga. Mas você sabe que eu preciso deste dinheiro e virá em uma boa hora...

– Façamos o seguinte: você pegue o dinheiro e trabalhe os primeiros seis meses. Depois sentamos e conversamos. Tudo bem?

– Que Deus lhe pague.

– Está bem! Está bem! E não falamos mais nisso - foi dizendo e logo puxando o talão de cheques do bolso da calça; pegou a caneta esferográfica do bolso de Antoniel, preencheu o cheque e deu-o nas mãos de Antoniel. Que olhou para aquele pedaço de papel como algo caído do céu. Mentalmente agradeceu a Deus a oportunidade. Dobrou com cuidado, colocou-o na carteira e observou João dirigindo-se para os fundos da loja.

Deixou novamente seu olhar se perder no movimento da avenida. Carros passando em alta velocidade, outros dentro do limite da velocidade. Na calçada o movimento de transeuntes também era grande naquele horário. Muitos diminuía sensivelmente os passos para olhar para dentro da loja, outros

chegavam a parar na frente, pareciam na dúvida entre entrar ou não entrar. Outros ainda, chegavam a ultrapassar a loja, caminhavam alguns passos e retornavam para entrarem na loja, perguntarem o preço desta ou daquela peça. Examinavam os móveis, começavam demonstrando interesse pelos móveis restaurados e reformados até, finalmente, perguntarem os preços dos móveis usados. O interesse inicial ia para os móveis usados. Parecia existir um constrangimento inicial de ir direto aos móveis usados. Anotavam os preços e as condições de pagamento. Tinham convencionado pagamentos em três vezes, uma entrada e o saldo restante em duas parcelas. O que era possível fazer naquele momento.

Várias pessoas dirigiam-se diretamente aos móveis usados, algumas até agradeciam de ter encontrado este ou aquele móvel que tanto estavam necessitados, geralmente um guarda-roupa, uma cama, uma mesa para a cozinha, uma cadeira, enfim, móveis simples, de grande utilidade em qualquer casa, fosse ele rica e maravilhosa, ou um barraco qualquer.

A família Lima Barreto encerrou as atividades daquele dia às dezoito horas da tarde.

Mas permaneceram na loja para um rápido balanço daquele primeiro dia.

Estavam cansados, exaustos. Uma luz brilhava intensamente nos olhos de cada um deles. Havia felicidade no rosto e na alma. Amor e paz. O dia de trabalho foi muito proveitoso, venderam várias peças; dos móveis usados, dois guarda-roupas, uma cama com dois criados-mudos; uma mesa de cozinha, com quatro cadeiras e outro jogo de cadeiras. Tudo para ser entregue logo nos dias seguintes; dos móveis restaurados, uma cômoda, mas registraram cinco pedidos para orçamento de restauração. Antoniel teria que ir às residências dos possíveis e futuros fregueses, para fazer o orçamento da restauração de outros móveis. Eram peças mais caras, exigiam muito tempo e dedicação, algumas, mais delicadas, poderiam levar até trinta dias... Na parte de móveis reformados venderam uma mesa de jantar, em mogno, com seis cadeiras de espaldar alto, também em mogno; foi a peça vendida com um aparador. E apareceram alguns interessados na reforma de várias peças. A semana que iria se iniciar já estava totalmente comprometida.

Antoniél teria que fazer diversas entregas, dar vários orçamentos, tanto de reforma quanto de restauração e ainda

buscar novos fornecedores de móveis usados; a reforma era mais barata e mais simples, pois, muitas vezes era só substituição de fechaduras ou tampos de fundo estragado, dar brilho com cera nos móveis. Antes de deixarem a loja resolveram fazer uma oração de agradecimento.

Indo para casa, resolveram comemorar no restaurante e pizzaria 'La Tavolla', o mais requintado e caro da cidade. Que tinham freqüentado muitas vezes. Seria um desperdício de dinheiro. Com o que iriam gastar em algumas horas era possível comprar alimentos para três ou quatro dias. Mas, o que importava? Mereciam comemorar e era isso que iriam fazer. Disputaram no par e ímpar quem primeiro iria tomar banho; entre risos e pequenas gozações, quem ficou com o primeiro lugar foi Cristina, após ela, Antoniel, depois Andreia e, finalmente, Carmem - a quem caberia a função de enxugar o banheiro.

Sobrara para ela. Há muito que não faziam essa brincadeira. Quem ficasse por último tinha que enxugar o banheiro. Vestiram a melhor roupa, acomodaram-se no velho Chevette e seguiram para a merecida comemoração.

CAPÍTULO XXIII

A tensão já fazia parte da rotina daquele local, mas naquele dia a tensão era maior.

Quase que palpável, até mesmo para os menos sensíveis. O movimento estava maior que nos dias normais. Vez ou outra a rotina era quebrada por acontecimentos que fugiam à regra.

Era um daqueles dias.

Em um canto, três homens estavam encostados na parede. Cabeças baixas, com o queixo quase rente ao peito. Nos pulsos, algemas. Estavam algemados entre si. Perto deles, quinze homens fortemente armados. Faziam parte da elite da Polícia Militar e estavam lotados na famosa 'ROTA - Ronda Ostensiva Tobias Aguiar'. Estavam nervosos. Tinham detido em flagrante aqueles três elementos. Um deles dizia-se menor de idade, embora no tamanho e na aparência nada tivesse de 'menor'. A cabeça de um deles, o que aparentava ser o mais velho do trio, estava coberta de sangue, a camiseta, que antes deveria ser branca, parcialmente manchada de vermelho carmesim. O segundo também apresentava ferimentos no rosto, nos braços e numa das pernas: foi atingido por dois tiros, uma das balas atravessara superficialmente o braço direito, a outra, ainda deveria estar alojada na coxa. Nada grave. A lesão do rosto, segundo constava, foi porque caiu e bateu na guia. O único que estava sem ferimentos era o que se dizia "de menor", e tinha pequenos hematomas nos braços e no olho esquerdo. Foram presos após assaltarem uma mulher num dos semáforos da região daquela delegacia. A vítima não escapara com vida. Os bandidos, após o assalto, efetuaram três disparos de um revólver calibre trinta e oito e um dos disparos atingiu o coração da mulher, que morreu no local.

Acabaram presos porque, enquanto empreendiam a fuga, duas viaturas da ROTA, estavam indo atender uma outra ocorrência... Perseguidos, trocaram tiros com os policiais e acabaram presos.

O delegado Geraldo estava uma fera. Um assalto seguido de morte, naquela hora da manhã... Às nove e trinta da manhã. Em plena luz do dia. O sangue fervia em suas veias.

Os bandidos não demonstravam qualquer respeito pela vida. Olhou atentamente para o rosto de cada um deles, sentiu-se enojado. Pareciam com seres humanos, mas só na aparência: - Dentro dessas cabeças, com certeza, não existe um cérebro, mas apenas um monte de merda! – resmungou ele. Eram párias da sociedade. Que ainda tinham direitos!

Os feridos tinham que ser levados ao hospital para receberem o tratamento adequado, senão, viriam os cavaleiros defensores dos Direitos Humanos, para atazanar a vida de quem lutava por manter a Ordem e o Direito de cidadãos honestos e decentes, que ainda tinham de ceder espaço para a violência. Aquele flagrante iria tomar muito do seu tempo.

Destacou o delegado auxiliar para cuidar dele. Tinha outras prioridades.

Entrou na sala dos investigadores, nervoso, e com a voz alterada e áspera, foi dizendo para um dos investigadores que estava no plantão: - Você. Localize o Luizão e o Kenji.

Quero os dois na minha sala imediatamente!

Nem ao menos ouviu a voz do investigador dizer “Sim, senhor.” Ou, se ouviu, fez que não ouviu. Não queria perder tempo e também não estava a fim de dar maiores detalhes.

Também não precisava dar explicações a ninguém. Era ele quem dirigia aquela delegacia há mais de cinco anos. Todos conheciam muito bem seu temperamento. Principalmente quando aconteciam casos semelhantes ao daquela manhã. Assim, todos aguardavam pacientemente que ele se acalmasse. Por outro lado, todos os homens e mulheres que trabalhavam com ele o respeitavam e o admiravam. Era um homem sensato e de punho duro. Mas sabia reconhecer os méritos da equipe que comandava. Ninguém contradizia as ordens dada por ele. Quando se acalmava, invariavelmente ele pedia desculpas, caso tivesse ofendido alguém. Todos já estavam acostumados. Gostavam dele.

Meia hora depois entraram na sala, correndo, Luizão e Kenji.

Uma cena engraçada. Os dois ali, em pé, lado a lado... Luizão parecia mais um leão de chácara, musculoso e alto, e Kenji, baixo e musculoso, era tido (pelas costas) de ‘miniguarda-roupa’. Ele sabia que seus companheiros faziam esse tipo de gozação, mas também sabia que ninguém se atreveria a fazê-lo cara a cara. Era faixa preta de *karate* e ainda lutava *Tai-Ke-Do*. E no fundo, uma excelente pessoa, boa ‘pinta’, como sempre dizia o próprio

delegado. Aquela cena em sua frente, dois homens musculosos, um alto e outro baixo, ofegantes, fez o humor do doutor Geraldo retornar. Esforçou-se para não rir na frente deles. Lembrou-se das cenas do filme “Os irmão gêmeos” com: Arnold Schwazenegger e Dani de Vito...

– Bom dia, doutor – foi Luizão quem falou primeiro, ainda respirando em dificuldade. - O senhor mandou nos chamar. O que foi?

– Bom dia. Se é que se pode dizer isso. Vocês já viram os três elementos lá em baixo?!

Eles acabaram de estragar este início de semana. Os filhos da puta assaltaram e mataram uma senhora. Agora de manhã. Isto é um absurdo. Mas vamos ao que interessa: quero vocês, os dois, na investigação, vinte e quatro horas por dia, no Caso da Avenida Paulista. Na sexta-feira, logo após vocês terem saído, esteve comigo um investigador e um advogado da companhia de seguros, procurando por informações e solicitaram cópias do inquérito. E adivinhem de qual?

– Do Caso da Avenida Paulista!

– É, Luizão. E sabem qual é o valor do seguro? Sabem quando a dona Elaine, viúva da vítima, está para receber?

Luizão trocou um olhar com Kenji e ambos balançaram a cabeça negativamente. E o delegado: - Simplesmente a pequena quantia equivalente a um milhão de dólares...!

– Uau! - disse Luizão, mal acreditando. - Isso é quase dois milhões de Reais.

– Pois é. São dois milhões de motivos para querer o marido morto. Vocês não acham?

– Pode até ser doutor - falou pela primeira vez Kenji. - Mas é ela a única suspeita?

– Não - disse o delegado. - Ela é apenas uma das suspeitas. Por isso mesmo, quero que vocês os dois sigam imediatamente para a cidade de São Pedro, para darem início às investigações.

– Vamos invadir a jurisdição dos colegas de lá, doutor?

– Não, Luizão. O delegado titular da delegacia é da minha turma de faculdade. Entrou na polícia há uns dez anos atrás. Faz um ou dois anos que assumiu a delegacia de São Pedro. Vou falar com ele. Vou pedir sua ajuda, até mesmo porque vocês não conhecem a cidade. Só que vou querer sigilo e mais ainda: quero que fiquem de bico calado, até mesmo aqui. Este vai ser mais um daqueles casos, onde o que está valendo, não é o salário que

recebemos, mas sim, que podemos e sabemos fazer a diferença. Por isso, não podemos contar com recursos do Estado. Contaremos com nossos próprios recursos.

Caso vocês precisem de dinheiro extra, por favor, me avisem. Darei um jeito.

– O senhor vai colocar dinheiro do seu próprio bolso, de novo? – questionou Luizão, que conhecia bem como o seu superior ia em frente com recursos próprios.

Ele fez questão de não responder à pergunta. Deu de ombros e passou uma cópia do relatório de Marcos, e foi dizendo:

– Leiam com bastante atenção. Reunimo-nos novamente às quinze horas. Vamos discutir em conjunto os detalhes da investigação e também os três nomes que aparecem aí. Devemos também incluir o nome da Elaine. Podem ir, agora tenho mais o que fazer...

Após a saída dos seus homens de confiança, mergulhou na pilha de papéis e documentos que jaziam sobre a sua mesa. Havia muita coisa a ser despachada e muitos documentos a serem analisados. Tinha prazos a serem cumpridos e diligências a serem efetuadas, que estavam apenas aguardando uma assinatura sua. Começou com a pilha de processos que estavam à sua esquerda. Examinou-os cautelosa e criteriosamente. Após tomar a providência que a documentação exigia colocava-a do seu lado direito.

Rapidamente formou-se outra pilha: enquanto diminuía a pilha de processos do lado esquerdo, a do lado direito ia aumentando. Aquilo parecia não ter fim. Dia após dia a rotina era a mesma. Mas gostava muito de seu trabalho, fazia-o com satisfação.

Acreditava no seu trabalho, apenas entristecia-se quando este lhe parecia infrutífero, já que os marginais pareciam ganhar terreno. Mas estava fazendo a sua parte.

O relógio de parede marcava três horas da tarde quando os dois investigadores ingressaram na sala. Ele pediu que fechassem, o que Kenji fez de imediato. O delegado ligou para a central de telefones e disse que estaria em reunião, na próxima hora e não queria ser incomodado por ninguém. Deixou ordens para quem atendia as chamadas internas que anotasse tudo, o nome da pessoa, o assunto relacionado e a hora da ligação.

Tomadas essas providências, olhou para os dois homens à sua frente e disse:

– E então? O que lhes parece? Qual é a vossa opinião a respeito dos nomes que Marcos apontou como suspeitos?

Ambos se entreolharam, como que um esperando que o outro começasse a falar. O delegado com olhar ansioso, olhava para ambos, aguardando uma resposta.

– Doutor – começou Kenji -, o caso aqui é que a vítima não era flor que se cheirasse. E olhe que o Marcos, ao que parece, ainda tentou proteger a vítima. Deve ter sido muito difícil para ele aprontar este relatório. Nossa! Doutor, o homem era fera nos negócios...

A princípio, tirando de fora a viúva; considerando a hipótese de que ela é inocente e ficando nos três nomes, o mais cotado na minha opinião, porque que teria amplos motivos para querer a morte de Roberto, é o tal de Antoniel. Se eu estivesse no lugar dele também teria matado a vítima. Quanto aos outros dois, também não podem ser desprezados. Teríamos que fazer uma investigação mais sólida. Pois, ao que parece, o que existiu entre o Diogo, o Paulo e Roberto, foi apenas um mero negócio. A vítima comprou uma madeira, pagou o preço de cem mil dólares. Seria o caso de investigar se a empresa vale muito mais que isso... É o que insinua o relatório apresentado por Marcos. Mas volto a repetir: eu sou mais o tal de Antoniel.

– E você, Luizão? O que acha?

– Bem, doutor. Nos discutimos muito a respeito. Aparentemente tudo leva a crer que pode ter sido esse tal de Antoniel o responsável pela morte de Roberto. Pode ter sido o mandante do crime, como bem falou o Kenji, e ele arregimenta para si muito motivos e estes, diga-se de passagem, muito relevantes e fortes. A vítima deu-lhe um golpe financeiro e levou-o à ruína, deixou-o, aparentemente, na miséria! Ambos foram sócios por mais de dez anos. Portanto, é aceitável que Antoniel conhecesse todos os passos de Roberto. Motivos mais que suficientes para querer a sua morte. No entanto, ficou uma pergunta na minha mente até agora, e confesso, não encontrei uma resposta lógica, e...

– ...Qual pergunta? – interrompeu o delegado.

– Ora. Por que ele levaria mais de um ano para cometer o crime? Ele estava processando seu sócio. Existe um processo cível correndo na Justiça. É um processo com pedido de indenização. O relatório só não explica como e por que Antoniel ingressou com a ação contra seu ex-sócio e qual é o fundamento do pedido.

Será que ele descobrira que fora vítima da maracutaia realizada por Roberto? E vendo que pode ainda poderia perder o processo, antes, perdeu a cabeça e mandou matá-lo? Isso é que não faz sentido.

Isso é que não tem lógica. E, ainda tem mais, é que...

– Tudo bem. E em relação aos outros dois nomes? O que me diz? - foi interrompido novamente.

– Em relação ao Diogo e ao Paulo, que segundo o relatório são irmãos, eram donos de uma madeireira que fica localizada na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Esse tal de Diogo passou a residir na cidade de São Pedro há cerca de dois anos, onde comprou um sítio no ano seguinte, três ou quatro meses antes da venda da madeireira; o Paulo passou a residir com Diogo, na mesma propriedade. Ao que parece, Diogo, o mais velho, conheceu a vítima em um clube. Logo depois, começou a manter transações comerciais com Roberto, principalmente com uma de suas empresas, a de ‘factoring’.

Andou trocando títulos e cheques e na seqüência foi o Paulo que passou a transacionar com essa empresa. Essa empresa era exclusiva de Roberto. Na verdade, pelo pouco que diz o relatório, era uma financeira disfarçada. Em um ponto devo concordar com Kenji: é necessário avaliar e investigar se a madeireira valia os cem mil dólares que Marcos diz que o Roberto pagou, ou se ela valia muito mais. Se for assim, eu os coloco no mesmo nível de Antoniel. Tinham também bons motivos para querer matar Roberto, podem até ser os mandantes. Ou apenas um deles... E o senhor, doutor? O que o senhor acha?

– Vocês falaram dos três. Por que excluíram Elaine, a mulher do Roberto?

Quase que se atropelaram. Falaram ao mesmo tempo. Ninguém entendeu nada. – Ei, um de cada vez! – pediu o delegado.

– Acontece doutor – começou Luizão -, que no relatório não se tem nenhuma evidência que conduza à viúva como suspeita. Com exceção do que o senhor falou. O valor do seguro. Ela teria que ser investigada. Nada sabemos a respeito dela. O relatório não fez menção alguma no nome dela e muito menos ao relacionamento que ela mantinha com o marido. Não é isso, Kenji?

– Concordo com o que disse Luizão, doutor. Nada temos a respeito dela para que possamos, ao menos neste momento, tê-la como suspeita número um.

– Talvez, vocês não saibam – adiantou o delegado. A sua voz era calma e equilibrada – mas, eu estive num almoço na casa de Marcos, na semana passada. Fui convidado e não queria perder a oportunidade de ver com meus próprios olhos, como era o dia-a-dia de Marcos e sua família, bem como de Elaine. Eu tinha a certeza de que ela se faria presente. De fato, lá estava ela. Exuberante. Ela é uma mulher muito bonita. Não é, Luizão?

– E ela – continuou ele depois da confirmação de Luizão com um meneio de cabeça - permaneceu quase o tempo todo conversando com um homem, que aparentava ter uns quarenta anos. Muito elegante e bonito, um corpo de atleta. Não consegui descobrir quem era. Estava ali em visita social e não a trabalho. Ficaria muito descortês de minha parte perguntar alguma coisa. Ela ficou à distância. Não se aproximou de mim. Apenas um cumprimento rápido e nada mais. Ela não me parecia muito abalada com a morte de seu marido. Todo o tempo podia-se notar o sorriso em seu rosto, parecia feliz ao lado de sua nova companhia. Isto sem contar que o marido havia sido enterrado há menos de três semanas. E agora, ficamos sabendo do valor que o seguro terá de pagar. Tudo isso a coloca, no meu ver, como suspeita. Portanto, antes de chamá-la aqui para tomar seu depoimento vou querer uma investigação completa a respeito dela. Desde seu primeiro namorado, suas atitudes como casada. Quero saber se ela tinha ou teve amantes. Enfim, quero a vida dela todinha em minhas mãos. Tin tin por tin tin. No que diz respeito ao tal de Antoniel, não resta a menor dúvida que ele foi vítima da cobiça e da ganância de seu ex-sócio Roberto. Contar até parece mentira. Porra, e o cara levou quatro anos para engendrar e concretizar seu golpe contra ele! Ao que parece deixou o tal Antoniel a ver navios. O que não me entra na cabeça é como ele foi tão inocente e caiu numa armadilha preparada por Roberto. Concordo em parte com você, Luizão. Por que ele cometeria o crime agora e não o fez antes?

– Foi isso que discutimos, doutor - disse Kenji, entrando novamente no assunto. - Ora, o Roberto o conheceu há mais de dez anos. Tornou-se seu sócio. Ao que parece, e o que se vê neste relatório era o Roberto que tinha dinheiro quando ambos se conheceram, Roberto tinha acabado de vender um indústria e

queria investir em outro ramo. O tal de Antoniel parecia estar estabilizado com sua única loja. Uniram-se em sociedade. Em menos de seis anos já estavam com uma rede de lojas. Já estavam com trinta unidades.

Hoje, a rede tem trinta e cinco. Como é que Roberto conseguiu deixar o cara na miséria e lhe tomou tudo?

– Ah, você prestou atenção nas folhas cinco, seis e sete? - perguntou o delegado.- A vítima montou, creio eu, com o auxílio de um contador de sua confiança e de seu advogado, um esquema contábil, onde as lojas começaram a apresentar um déficit orçamentário. Daí já visando o esquema. Roberto montou uma empresa de 'factoring'.

Ao que dá a entender, o seu sócio, esse tal de Antoniel, não tinha conhecimento. Aí ele, que cuidava do dinheiro, começou a descontar títulos e mais títulos, frios, é claro, com a empresa de 'factoring' que era de sua própria propriedade. Devia apresentar débitos e mais débitos para a empresa de ambos, até o ponto em que ela estava tornando-se inviável economicamente. O relatório não fala tudo o que de fato ocorreu. Isso são apenas conjecturas, entretanto devem ser investigadas. Por isso quero que vocês dois investiguem a vida de Antoniel e consigam cópias do processo que ele estava movendo contra Roberto. O número do processo está no relatório, bem como o cartório onde ele está. Quando ao Diogo e ao Paulo, descubram o que puderem. Por que mudaram de Dourados para São Pedro? O que fazem, agora? A quem pertence a propriedade onde estão vivendo? Enfim. Quero que vocês me tragam a maior quantidade de informações possíveis sobre essas pessoas. E, em menor tempo possível.

– Em quanto tempo o senhor quer tudo isso? - quis saber Luizão, meloso e mostrando preocupação.

– Quero para ontem!

– Mais direto que isso é impossível - comentou Kenji. - Vamos ter é muito trabalho pela frente. Não é, Luizão?

– É, cara. Estamos ferrados. Mas, doutor, onde é que nós vamos ficar? Quem vai pagar a hospedagem em São Pedro? E o delegado da cidade? Como vamos fazer?

– Isso já está resolvido. Eu já liguei para ele. Disse da chegada de vocês. O nome dele é Josias, doutor Josias. Ele mora com a família em uma chácara nas imediações da cidade.

Tem uma casa de caseiro que está desocupada, aí ele vai colocar duas camas de solteiro para vocês. A casa só está sem

camas. O mais ela está mobiliada. Até telefone tem. Está inteiramente à nossa disposição. Ele vai deslocar um homem de sua confiança para auxiliá-los na investigação. Portanto...

– E quando começamos, doutor? - interrompeu Luizão.

– Já começaram – disse rindo. - Acabaram de começar!

– Não, doutor. Quero dizer: quando iremos pra lá?

– Por mim, iriam hoje mesmo. Mas sei que vocês têm que avisar as vossas famílias.

Portanto, seguem para lá amanhã de manhã. Têm uma semana inteira... Quanto ao trabalho aqui eu seguro as pontas. Eu ligo para vocês toda a noite, por volta da oito horas, apenas para saber do andamento. Eu quero os relatórios completos na minha mesa, na segunda-feira, sem falta.

– É pouco tempo, doutor - observou Luizão, quase choramingando. - Dá mais um tempo pra gente...

– Está bem. Mas vejam o que conseguem até segunda-feira à tarde.

– Tudo bem! - respondeu Luizão.

– Tá legal - disse Kenji.

– Então, rapazes, vamos ao trabalho. Por hoje é só.

Os dois levantaram-se ao mesmo tempo. Pareciam ter combinado o gesto. Dirigiram-se pensativos até à porta, abriram-na e enveredaram pelo corredor. O delegado pôde ouvir uns resmungos de Luizão. Somente não teve como traduzi-los, mas sabia, que ele estava lamuriando-se a respeito do serviço e do curto espaço de tempo que lhes dera.

Entretanto, sabia que eles eram muito melhores quando trabalhavam sob pressão.

Apresentavam excelentes resultados. Talvez, quando a pressão não era muita, eles trabalhavam mais relaxados. Sob pressão, os dois formavam uma dupla infernal. Eram capazes de descobrir até mesmo uma agulha no palheiro. A reunião durara quase duas horas. Reclinou-se em sua cadeira, colocou as mãos cruzadas por trás da nuca e tentou relaxar alguns instantes. O expediente havia chegado ao fim. A semana começara quente.

Iria aguardar as investigações. Decidiu-se por não avisar Marcos de que até mesmo Elaine iria ser investigada. Isso poderia atrapalhar o bom andamento da investigação.

Nem mesmo lhe diria que estaria trabalhando com a colaboração do delegado de São Pedro, que tinha sido um bom colega de turma... Depois de formado bacharel, lembrou-se,

montara a sua banca de advocacia. Advogou por longos anos. Decidiu-se pelo concurso de delegado de Polícia. Passou alguns anos tentando. Era um bom policial.

Pensou mesmo em cooptá-lo para sua equipe após encerrar o Caso Roberto. Talvez o fizesse. Pensaria no assunto.

CAPÍTULO XXIV

O dia havia sido uma correria. Passara tão rápido que ninguém se apercebera. As meninas reclamaram um pouco, não estavam habituadas àquele ritmo de trabalho.

Estavam cansadas, mas felizes. A loja era um êxito. Atenderam muita gente, efetuaram diversas vendas e anotaram vários pedidos para móveis futuros e pedidos de orçamentos para reforma e restauração de peças de mobiliários.

Sentaram-se em volta da mesa. O jantar estava preste a ser servido. Estavam aguardando a chegada de Antoniel. Ele estava um pouco atrasado porque fora fazer as últimas entregas no final da tarde. Talvez tivesse aproveitado para realizar novos orçamentos. A agenda estava cheia de pedidos. Carmem olhou para o relógio de parede.

Faltava apenas cinco minutos para as oito da noite. Droga, ele bem que poderia ter ligado, pensou. Resignou-se. Decidiu-se por começar a jantar sem ele. Não havia sequer colocado o feijão no prato quando ouviram o barulho de um carro chegando e estacionando na frente da casa. Não era o conhecido barulho do velho 'Chevette'.

Alguém havia estacionado na frente da casa. Não deu muita importância ao fato.

Terminou de colocar a concha de feijão no prato, recolocando-a na tigela com o feijão; preparou-se para pegar o arroz, quando ouviu a porta da frente abrir. Poucos segundos depois, Antoniel entrava todo sorridente na cozinha.

– Boa noite, meninas. Jantando sem mim? É?

– Ora, Anto. O que aconteceu? Nós estávamos ficando preocupadas. Você saiu às cinco da tarde para fazer entregas e vai chegando só agora... Por que não ligou? Esperamos você até agora. Aí, resolvemos jantar. Nós estávamos mortas de fome. Mas, o que aconteceu? Quis saber Carmem de um só fôlego.

– Calma, meninas. Está tudo bem. Quero que vocês venham ver a mais nova aquisição da 'Nara Móveis'.

– Mas que loucura você fez, Anto? – espantou-se Carmem.
- Comprou o quê? Não vai me dizer que este barulhão de carro que ouvimos é a mais nova aquisição da 'Nara Móveis'?! Pois, se for, só pelo barulho deve ser terrível...

– É isso aí - disse ele. - Só que o barulho é por causa do escapamento que está furado.

Não é um problema grave. Depois de resolvido, o som do carro ficará melhor. Vamos lá.

Venham ver...

As três se entreolharam em silêncio. Cristina deu de ombros. Andreia levantou-se primeiro e saiu atrás do pai, logo seguida pela irmã e pela mãe. Ele já estava em pé, no meio da garagem. As três pararam ao lado dele. Não estavam querendo acreditar no que os seus olhos viam. Antoniel, todo feliz, apontou para “a mais nova aquisição da Nara Móveis”.

– Anto, você está bem? Não está com febre? Está – Claro que estou bem, Carmem. Mas que pergunta mais cretina - ralhou Antoniel. - Por que não estaria bem?

– Ora, Ora, seu Antoniel. Para comprar uma coisa dessas e dizer que é “a mais nova aquisição da Nara Móveis”, você só pode estar doente ou coisa parecida!

À frente dos olhos das três mulheres da vida de Antoniel estava um veículo do tipo caminhonete, da *Volkswagen*, com carroceria de madeira já gasta. A cor era de um mau gosto tremendo: marrom escuro, que, com a luz da rua, parecia muito pior. De fato estava. A pintura estava toda queimada e na porta do lado direito estava com uma cor acinzentada. Havia sido batida e passara pelas mãos de um funileiro, mas esse, por algum motivo, não havia terminado o serviço. Passara massa acrílica e não fizera a pintura. Antoniel abriu a porta do motorista para mostrar o interior do veículo. Não estava em melhores condições do que por fora. A carroceria não se podia distinguir de que cor era. Simplesmente horrível. Detestável. Mas ele estava eufórico. Mostrava-se feliz com a compra daquela coisa, que insistia chamar de carro. Tinha sim a aparência de um carro. Havia sido um carro um dia. As três examinaram o veículo sem dizer uma palavra sequer. Não queriam quebrar o brilho de felicidade que se destacava nos olhos dele.

– Pô, pai – não resistiu Cristina. - Por que foi comprar essa coisa?

– Minha filha. Essa coisa aí vai ser de grande valia para a loja. A aparência externa parece não estar muito bem, porém o que importa é motor cambio, freios e pneus. Eles estão em ótimas condições. Quanto à carroceria, uma boa lixada e uma boa pintura

vão deixá-la como nova. Além do que, não precisaremos pagar frete para os outros, aí vamos economizar...

Aparência externa, disse ele, pensou Carmem. Talvez não tivesse prestado atenção na aparência interna.

– E tem mais - continuou Antoniel. - O preço que pagamos foi um excelente negócio.

Este carro tem somente cinco anos de uso. Foi fabricado em 1995. E eu já o batizei: Jabiraca.

– Jabiraca?! - não queria acreditar. - Que nome mais estranho. O que significa isso, hein?

– Filha, jabicara, na região nordeste do Brasil, significa roupa velha, ou coisa malfeita.

Como nós estamos diante de um carro, com apenas cinco anos de idade, mas com uma aparência de coisa bem velha, o nome de Jabiraca lhe cai muito bem. Portanto, ele está batizado de Jabiraca. E podem ter certeza, vai nos ajudar a ganhar muito mais dinheiro.

– Mas, pai, - atalhou Cristina - o que os outros vão dizer ao ver o senhor andando com essa... Com essa... Jabiraca...! – disse, e começou a rir.

– Melhor é que pensem que estamos na merda do que pensem que estamos ricos.

Assim, ninguém vem encher o saco, e tem mais, não devemos satisfação para filho da mãe nenhum. Quando afundamos, ninguém apareceu para nos dar a mão, com exceção de seu tio João. Que, aliás, continua nos ajudando. Foi com o empréstimo que ele concedeu que permitiu a compra deste carro.

– Bem, agora estamos com a Jabiraca. E o que você fez com o ‘Chevette’. Ele entrou na negociação? - perguntou Carmem.

– Não. O ‘Chevette’ ficou na oficina, de onde tirei a Jabiraca. Amanhã passaremos lá e você pega o carro. Não poderíamos nos desfazer dele, agora. Ele vai ser muito útil.

Vamos necessitar dele para muitas coisas. Na Jabiraca não é possível andarmos todos juntos. No máximo cabem três pessoas na cabine. E o ‘Chevette’ ficará com você Carmem.

– Tá legal - disse Carmem. - Então vamos voltar para a mesa de jantar, que deve estar tudo frio e terei que esquentar tudo.

Antoniél entrou no veículo e deu partida. O barulho do motor, avivado pelo escapamento furado, foi terrível, insuportável. Ele manobrou a Jabiraca e ingressou na garagem.

Que ficou muito apertada com os dois carros. Daria uma grande mão de obra na hora de saírem. Ou a Jabiraca ficaria ao relente ou o 'Chevette'. A cobertura não serviria para abrigar os dois veículos.

Passados alguns minutos, ele entrou na cozinha. Ainda pode ouvir Andreia dizer: - Pois sim. Jabiraca. Jabiraca. Que nome engraçado...

Foi ele quem abriu o momento de oração. Começou por agradecer a Deus por mais aquele dia, o bom negócio que havia feito comprando a Jabiraca. As meninas não conseguiram conter o riso quando ele disse jabiraca. Tentaram manter-se concentradas, mas estava difícil. Era muito engraçada a forma como pai estava orando. Terminada a oração, como de costume, atacaram os alimentos dispostos sobre a mesa.

Aí foi Cristina quem não se conteve, olhou para Andreia e ambas desataram a rir.

Andreia quase que se afogou com a comida. Havia acabado de colocar um bocado na boca. Antoniel estava surpreso com as gargalhadas de ambas. Não sabia o que estava acontecendo. Carmem sabia, mas resolveu calar-se e começou a rir também.

- Mas, por Deus, o que foi que eu disse de tão engraçado? Até parece que contei uma piada? - disse, indignado e olhando as três.

Ah, pai. O senhor me desculpe, mas que foi engraçado o senhor orando e agradecendo a Deus pela compra da... Da... Jabiraca. Ah, isso foi! - explicou Cristina.

E desataram a rir.

Antoniel ficou-se e começou a rir também. Nem se apercebera que na hora dos agradecimentos havia dito aquilo. Realmente elas tinham razão. Era engraçado. Enfim, a felicidade realmente voltara aquele lar e, deste vez, viera para ficar. Todos tinham absoluta certeza disso.

CAPÍTULO XXV

O veículo estacionou bem em baixo de uma placa de sinalização de trânsito que dizia “Estacionamento permitido apenas para veículos oficiais”. Dois homens olharam imediatamente para o interior de veículo. Vestiam farda da PM. Um deles movimentou-se, cara amarrada, na direção do veículo. O homem do volante abriu a porta e desceu.

Era um guarda-roupa. Do outro lado, outro homem desceu do carro. Era um mini guarda-roupa.

Ainda a dez passos de distância o policial já foi dizendo com uma voz de poucos amigos:

– Hei, vocês não podem estacionar aí. Não estão vendo a placa?! Só é permitido estacionar veículos oficiais. Têm de tirar o carro daí, imediatamente.

– Calma. Calma. Somos policiais. Aqui está a nossa identificação. Estamos a trabalho.

Procuramos o doutor Josias. Ele deve estar aguardando a nossa chegada – argumentou Luizão.

– É, mas mesmo assim esse veículo não pode ficar parado aí!

– Espera aí, amigo. Esse carro pode não ter as cores oficiais e nem mesmo a placa. Mas é um carro oficial. É um carro “frio” usado nas investigações. Agora, se faz sentir-se melhor, pode multá-lo! - disse Luizão, já entrando na delegacia, seguido por Kenji.

O policial deu de ombros. Resolveu ignorar a situação.

– A recepção foi acalorada, hein Kenji?

– É, mas no fundo ele não deixa de ter razão. Está, como nós, cumprindo a sua função.

Vamos deixar isso pra lá. Não vale a pena esquentar com isso.

Luizão consultou o relógio. Eram nove e trinta da manhã. Apresentaram-se ao recepcionista, mostraram a carteira funcional. O homem deixou a minúscula sala, foi por um corredor e retornou logo: - Os senhores podem entrar. O delegado os espera. Na última porta à direita.

O prédio onde estava instalada a delegacia era antigo. Havia marcas de uma reforma recentemente. O hall de entrada não tinha

mais do oito ou nove metros quadrados. Uns bancos toscos de madeira, já surrada pelo tempo de uso, eram parte da decoração. A pintura com uma barra cinza na altura de até um metro e vinte e a cor de areia até o teto, não combinavam. O ambiente era frio e estranho. O movimento naquela hora era zero.

Bem diferente da delegacia onde trabalhavam.

Entram na sala do “Dr. Josias”. Não era uma sala muito grande. Talvez fosse a maior sala daquela delegacia. A mesa de trabalho, não diferia muito da mesa de trabalho do doutor Geraldo. Empilhada de papéis e documentos. Ele estava sentado quando entraram. Era um homem médio, aparentava ter quarenta e três anos, talvez um pouco mais. Um metro e setenta de altura, cabelos pretos, de onde destacavam-se os fios de cabelos brancos nas laterais e um pouco na frente. Não estavam nem muito curto e nem muito longo, mas passavam e encobriam as orelhas. Vestia-se com calça jeans e camisa manga longa, de cor de creme e gravata azul escuro com pequenas figuras na cor branca; por cima da camisa, uma jaqueta preta da Polícia Civil. Ao levantar-se para os apertos de mãos, deixou à mostra um coldre preso ao corpo. Daqueles que pegam as costas e a arma fica debaixo das axilas. A arma, com certeza, era uma pistola. De relance parecia ser uma nove milímetros semi-automática. Ele abriu um enorme sorriso. A conversa não levou mais do que trinta minutos. Geraldo já havia ligado para ele pela manhã e dado os detalhes sobre os fatos. Ele chamou um investigador. – É Jackson, mas todo mundo aqui o trata apenas por Jack! - apresentou. Talvez fosse o investigador mais velho daquela delegacia. Deveria estar à espera da aposentadoria. Era mais baixo que Kenji. Os cabelos eram, em sua maioria, brancos. Usava bigode e cavanhaque, que tinham a mesma cor dos cabelos. Um rosto fino e alongado. Olhos pretos e vivos. Foi o guia destacado para acompanhá-los e auxiliá-los na investigação. Vieram saber, posteriormente, que Jack já estava naquela delegacia há mais de vinte anos e que em dois ou três anos aposentaria-se.

Despediram do doutor Josias. Iriam encontrá-lo, novamente à noite, em sua propriedade. Já estavam com as chaves da casa e do portão da chácara. Jack ficará incumbido de levá-los até lá. Deixaram o prédio da delegacia e pegaram o carro, um veículo da marca ‘Fiat’, modelo ‘Tempra’, preto, com vidros também pretos, com rodas de liga leve e pneus especiais. Um veículo que poderia ser facilmente confundido com o carro de um

teddy boy. O veículo poderia até chamar a atenção. Mas não despertaria suspeitas.

Entraram no veículo e Kenji manifestou-se, mostrando um papel: -E aí, Jack. Sabe onde fica este endereço?

- Sim.

- E então? Como chegamos até esse local? - perguntou Luizão, já sentado no volante e ligando o motor.

O investigador Jackson começou a explicar o caminho.

Ia dizendo, entra aqui, apontando para a direita, como se fosse possível o motorista ver a sua mão apontando a direção correta. Por duas vezes, quase que Luizão entrou em outra rua, a última delas, contramão. Jack percebeu a mancada. Estava no banco traseiro.

Ficava impossível ao motorista saber para onde estava apontado. Depois disso começou a falar, entre à direita, siga em frente, vire à esquerda e assim foi até chegarem à Estrada do Pessegueiro. Ele só parou de falar quando chegaram na entrada de um condomínio.

Em poucos minutos, Luizão e Kenji ficaram sabendo um pouco da história da cidade e, até mesmo, qual era a altura em que estavam em relação ao nível do mar. Estavam a setecentos e oitenta metros do nível do mar. Pararam o carro um pouco antes da entrada do condomínio pretendiam entrar.

- E aí, caras? Vocês querem entrar? Aí mora a tal dona que vocês estão procurando. É a dona Elaine, não é?

Luizão olhou para Kenji e, na troca de olhares, perguntaram-se em silêncio, como é que Jack sabia quem eles estavam procurando. Decidiram pelo silêncio. Teriam tempo para fazer essa pergunta mais tarde.

- Sim. Jack. Queremos entrar... - concordou Luizão.

- Então, vamos lá. Conheço todo mundo por aqui. Minha casa fica um pouquinho mais à frente. Podemos até ir até lá, depois. Isso, se vocês quiserem. Vou falar para o vigia que vocês são antigos conhecidos meus e que estão interessados em comprar um terreno.

Existem alguns terrenos vazios, neste condomínio para vender.

Poucos minutos depois, a cancela estava liberada. Placas de sinalização davam as boas vindas aos visitantes e também pediam que se mantivesse o limite de velocidade em trinta quilômetros por hora. O condomínio era todo asfaltado e cercado por um

muro com mais de quatro metros de altura. Cruzaram com um carro que fazia a vigilância interna. Mais acima uma moto, também da vigilância interna. Luizão conduzia o carro lentamente. Queria aproveitar aquele momento de trabalho, para um pequeno lazer. O lugar era deslumbrante. Já havia visto lugares bonitos, mas igual aquele ainda não. Era coisa de cinema. Belas casas, algumas construídas no estilo americano, sem muro e com um grande jardim à frente, plantação de grama, excepcionalmente bem cuidada. Parecia um tapete. Algumas residências mantinham grades em toda a sua volta. Outras tinham cercas vivas, podadas com altura de um metro, um metro e vinte talvez. As construções demonstravam o poder econômico das pessoas que residiam ali. A menor construção existente naquele condomínio, com exceção da portaria, deveria ter o mínimo de trezentos e cinquenta metros quadrados. Os mais diversos estilos de construção estavam presentes naquele local, harmonizando-se com a exuberante paisagem verde. Eram construções de estilo colonial, vitoriana, contemporânea, e algumas arrojadas pela modernidade. Tiveram a impressão que haviam deixado São Pedro e entrado num local totalmente estranho à realidade da cidade.

– Esta aqui é a casa da dona Elaine - disse Jack, ao passarem por uma mansão cercada de grades com pontas de lança. - Mas neste horário, somente os empregados devem estar na casa. Depois da morte do marido ela começou a trabalhar em São Paulo. Já deve fazer umas duas semanas. Ou pouco menos.

Novamente os dois investigadores trocaram olhares.

Este Jack sabe muitas coisas. Talvez ele seja mais do que um simples guia. Dava mostras de que poderia ser importante como auxiliar nas investigações. Pararam o carro em frente a um terreno vizinho. Era um terreno vazio. Resolveram descer do carro. Do local onde estavam dava para verem melhor a casa. Podiam ver parte da piscina e do campo de futebol.

Perceberam que uma mulher os observava. Ela acabara de sair da casa. Era uma senhora baixa. Jack a cumprimentou, gritando: - Oi, Marta. Tudo bem?

– Oi, Jack. Está perdido por aqui?

– É, estes amigos estão procurando um terreno para comprar...

A mulher voltou para o interior da casa. Andaram um pouco como se estivessem a observar o terreno. Na verdade não tinham muito que fazer ali. Queriam apenas ver com os próprios

olhos as condições de vida que tinham Roberto e Elaine. Deram uns vinte ou trinta passos e resolveram retornar.

Novamente Jack os surpreendeu. Ficara para trás e conversava animadamente com um homem. Ao se aproximarem, apresentou-o: - Este é Ângelo. Ele é o jardineiro da dona Elaine. Ângelo estes são dois amigos meus. Estão procurando um terreno para comprar.

- Ah! Mas esse terreno aí, não tá à venda, não. O home comprou pra construir.

Segundo ouvi, deve começa a construção nos próximos sessenta dias.

Luizão não quis continuar a conversa. Após cumprimentar Ângelo, fez um gesto para Kenji e despediram-se já seguindo em direção ao carro. Deram mais uma volta no condomínio e Luizão perguntou a si mesmo qual era a casa de Marcos. Jack, como se tivesse lido seus pensamentos, foi apontando uma enorme casa e dizendo: - Olhem, aquela casa é do amigo da dona Elaine. É ali que mora o doutor Marcos...

Já era demais. O mais novo integrante da equipe sabia muito mais do que eles imaginavam. Consultaram o relógio. Quase meio-dia. Estavam novamente na saída do condomínio.

- Jack! - falou Kenji - Agora queremos almoçar. Você vem conosco. Mas vê se nos leva a um restaurante bom e barato, hein. Se não quem vai pagar a conta é você.

Novamente o tal de vira aqui e vira ali. Voltaram ao centro da cidade. Jack conduziu os novos amigos para um restaurante que servia comida por quilo. Era um restaurante familiar. Típico nas cidades do interior. Comida caseira, gostosa e barata. Terminado o almoço, Luizão perguntou: - Jack. Como você sabia que iríamos ver a casa da Elaine? O doutor Josias lhe falou alguma coisa a respeito?

- Não - respondeu Jack. - Acontece que aqui é uma cidade pequena. Dificilmente acontecem coisas sem que a gente fique sabendo. Moro próximo ao condomínio.

Ficamos chocados com o assassinato do doutor Roberto. Ângelo é meu vizinho. Marta trabalha para eles há mais de dez anos. Minha mulher tem amizade com ela. Toda a vizinhança ficou sabendo do almoço que o doutor Marcos ofereceu a um delegado de São Paulo, falaram até que esse delegado era o responsável pelo caso que investigava a morte de Roberto. Aí

aparecem vocês, enviados por um delegado de São Paulo, me dão o endereço... Ora, dedução fácil.

– Você está certo. Então vamos abrir o jogo. Nós estamos aqui para investigar a morte de Roberto. Mas estamos trabalhando em sigilo. E nós temos que...

– Investigar a morte de Roberto? Mas não foi uma tentativa de assalto e ele reagiu e por isso foi morto?!

– Não, Jack. Há razões para crer que ele foi assassinado a mando de alguém.

– Nossa! Por Deus! Mas por quem?... - Jack mostrou-se surpreso.

– Estamos tentando descobrir. Por outro lado, se você conhece todo mundo por aqui, é claro, conhecia muito bem Roberto.

– Sim. Eu o conhecia. Entretanto ele não era muito de relacionar-se com pessoas da cidade, principalmente as que não estavam dentro de seu nível de poder financeiro.

– Sabe dizer se ele tinha inimigos aqui em São Pedro?

– Olha, não é difícil não. Muita gente não morria de amores por ele não. Porém, em relação à dona Elaine é exatamente o contrário, todos que a conhecem gostam muito dela. Vocês podem ver isso no meu próprio bairro. Existem muitas famílias carentes que residem naquela região. Ela chega a visitar casa por casa e leva roupas e alimentos.

Talvez o marido nem soubesse... E faz a mesma coisa no bairro onde mora Marta, e aí ela é uma pessoa muito mais querida. Portanto, tomem cuidado em ficarem vasculhando a vida dela. Não dá cinco minutos e ela já estará sabendo. Agora me respondam: por que estão investigando dona Elaine? Qual o motivo?

Luizão e Kenji trocaram um olhar. Kenji deu de ombros. Já tinham chegado até ali, falaram mais do que deviam...

– Acontece, que Roberto, dois ou três meses antes de ser assassinado, fez um contrato de seguro de vida. O valor deste seguro de vida é de quase dois milhões de Reais. Elaine é a única beneficiária. Por isso, considerando que o Roberto foi assassinado com dois tiros de pistola nove milímetros, que é uma arma exclusiva das Forças Armadas e pelo depoimento de uma testemunha que viu dois homens deixarem o local com carro em alta velocidade, levantou-se a suspeita de crime encomendado.

– Ora, mas podia ter ocorrido uma briga de trânsito - ponderou Jack.

– Essa hipótese também foi afastada. Não houve discussão. Dois tiros dados a queima roupa e por trás. Os tiros entraram por trás da orelha esquerda da vítima. Sobreviveu por algumas horas porque era um homem muito forte e os tiros foram perfurantes.

Atravessaram a cabeça... Os projéteis foram retirados da lataria do carro da vítima. E agora, diante de um seguro neste valor, ela tem dois milhões de bons motivos para querer a morte de Roberto.

– Ai, ai, ai... - resmungou Jack. - Pelo amor de tudo quanto é sagrado. Eu sou capaz de dar a minha vida pela certeza de que dona Elaine nem ao menos sabia da existência desse seguro! Quando vocês conhecerem dona Elaine e conversarem com ela, vão ver quanto estão errados. Agora, me desculpem... Virem de São Paulo até aqui, apenas para investigar a vida desta mulher... Ah! Isso é demais.

– Nós não estamos aqui só para investigar a vida dela! - atalhou Kenji.

– Como assim? Quem mais?

– Você conhece um tal de Antoniel? Um tal de Paulo? E um tal de Diogo?

– Antoniel. Antoniel... - Jack ficou repetindo vagorosamente o nome, como se o estivesse buscando na memória. Acabou por perguntar: - Antoniel do quê?

– Antoniel Lima Barreto, disse Luizão. Ao que consta ele foi sócio de Roberto.

– Ah, o Niel. Conheço sim. Puxa esse cara sofreu pra caramba nas mãos de Roberto.

Coitado, foi inocente e levou a pior. Roberto era um cara que não perdia a viagem. Deu um grande golpe em Niel. Ele está tentado provar que foi vítima de Roberto. O processo corre na Justiça. Mas não sei não. Acho que vai perder. O Roberto preparou a cama direitinho e o pobre Niel deitou. Mas Roberto deixou-o sem colchão e sem cobertor.

Toda a cidade ficou sabendo. Os amigos de Niel ficaram revoltados. Mas não vai me dizer que ele também está sendo investigado...

– Está. E os outros? Você conhece? - perguntou Luizão.

– Como é mesmo o nome deles?

– Diogo Praxedes e Paulo Praxedes. Devem ser irmãos. Estão, segundo consta de nossas informações, há pouco tempo na cidade. Parece que esse Diogo já mora aqui há cerca de dois anos. E o Paulo há quase um ano. Vieram de Mato Grosso do Sul, da cidade de Dourados. Tinham uma madeireira.

– Puxa! Mas vocês têm informação à beça... Esses nomes não tenho recordação. Talvez se eu os vir... Possa até me recordar. Ou até mesmo os conheça, mas é o mesmo caso de Antoniel. Sempre o tratei por Niel. Tem muita gente por aqui que se você perguntar de Antoniel vão dizer que nunca ouviram falar, porém, se perguntarem por Niel, com certeza muita gente o conhece. Ele é bem quisto na cidade.

– Então, você pode nos mostrar a casa onde ele mora?

– Claro, Luiz. É para isso que estou aqui. Vamos lá.

– Tá legal, Jack. Mas pode me tratar por Luizão. Tá bem...?

– Tá legal. Tá legal.

Saíram do restaurante e seguiram em direção à casa de Antoniel. Jack sentou-se no banco da frente do carro. Facilitava a explicação. Ele não sabia falar sem usar as mãos.

Gesticulava a cada palavra. Passaram por três vezes em frente a casa. A casa tinha uma fachada comum. Igual a centenas e centenas de casas. Não havia nenhuma demonstração externa de riqueza. Ao contrário. A fachada era simples. As janelas eram de ferro, uma garagem ainda sem acabamento no piso. Cercada com grades de ferro, que ainda necessitavam de uma boa pintura. Um pequeno jardim. Antena de televisão das comuns.

Nada. Absolutamente nada que demonstrasse riqueza. Visualizaram bem o local.

Pretendiam retornar sozinhos. Fazer até mesmo uma caminhada a pé. Jack, novamente, deu-lhes a ficha: - É casado com Carmem, e tem duas filhas adolescentes. No último ano trabalhou como sacoleiro... Muambas do Paraguai, para revendê-las na cidade. Eu também comprei um litro de uísque... Confio nele. Sabia que o uísque tinha boa procedência. Tanto que ele vendia mais caro que os concorrentes. Ao que soube era o que mais vendia. Bom, e na última semana soube que ele voltou ao negócio de móveis...

Eh abriu uma pequena loja de móveis usados e restaurados!

– Onde fica essa loja? Você sabe, Jack?

– Parece-me, Kenji, que fica na avenida principal. Não sei se já está funcionando.

Vamos dar uma passada por lá. Se tiver alguma loja nova, principalmente de móveis, já vamos descobrir...

Deixaram o local e dirigiram-se para a avenida. Passaram uma vez, mas não notaram, fizeram o contorno e seguiram pela pista que conduzia ao centro.

– Bingo! - gritou Jack. - Pare o carro. - É ali - e apontou com o dedo indicador para uma loja de móveis, cujo luminoso anunciava ‘NARA - MÓVEIS USADOS E RESTAURADOS’.

Pararam o carro a meio-fio. Retiraram um bloco de papéis da pasta e anotaram o nome da rua e o nome da loja.

– E então, querem entrar? Vamos conhecer a loja?

– Ainda não, Jack. Ainda não - disse Luizão. E continuou: - É bem melhor que seu amigo Niel nem saiba de nossa presença. Não queremos atrapalhar as investigações. Está bem... Agora, além de colega de trabalho, você está com a obrigação de ficar de boca fechada. Não deve falar disso, nem mesmo com a sua mulher. Uma palavrinha pode colocar nosso trabalho a perder.

– Que é isso, caras?! Vocês acham que vou falar?... Mas eu tenho absoluta certeza que Niel é inocente!

– Porra, Jack, que raios de policial é você? Todo mundo pra você é inocente? Nós não estamos falando que Antoniel é culpado. Mas que ele é um forte candidato, isso ele é.

Tinha bons motivos para matar Roberto. Isso você não pode negar.

Jack ficou em silêncio. Eles tinham razão. Até mesmo ele, quando soube do golpe que Roberto havia dado em Antoniel, sentiu vontade de matar o filho da mãe. Quanto mais Niel... Resolveu calar-se. Talvez eles tivessem mais informações e por isso a suspeita estava recaíndo em Niel. Os seres humanos são estranhos, pensou, podem mudar de uma hora para outra e cometer atos impensados. Esperava que os seus novos amigos estivessem errados a respeito de Antoniel.

– Agora, – interrompeu Luizão, entregando-lhe um pedaço de papel com anotações - este endereço, Jack.

– Esse lugar fica a uns doze quilômetros daqui. A maior parte é estrada de terra. Fica na direção da Rodovia Castelo Branco. Creio que vai ser difícil. Lá existem muitos sítios e muitas estradas vicinais. Toque o barco - disse Jack.

A estrada era de terra. Cheia de poeira. O carro ficou marrom de tanta terra.

Perambularam durante quarenta minutos pelas estreitas e esburacadas estradas da região sem encontrar nenhuma referência dos dois homens. Não podiam perguntar muito para não levantarem suspeitas. Estavam praticamente perdidos. Luizão parou o carro. Kenji pedia há mais de vinte minutos para que ele parasse o carro. Queria mijar. Desceu do carro e entrou no mato. Enquanto aguardavam o companheiro satisfazer as suas necessidades, apareceu um homem. Montava uma mula alta e bem cuidada. Luizão resolveu perguntar.

– Boa tarde. O senhor poderia nos dar uma informação. É que... – resolveu Luizão perguntar.

– Tarde - respondeu o homem. - Tá calor hoje. Que é que posso ajuda?

– Nós estamos um pouco perdidos. Procuramos o sítio de uns amigos, mas meu companheiro esqueceu o mapa em casa e só descobrimos isso quando entramos na cidade. Aí, não dava pra voltar... Os nomes deles são Diogo e Paulo Praxedes. São irmãos. Estão morando há pouco tempo nesta região...

– Oia, moço. Tem uns ‘pessoar’ novo ali embaixo - disse o homem apontando com o dedo indicador, atrás de seu ombro esquerdo. - Inclusive o nome do sítio é “Dois Irmãos”. ‘Tarvez’ seja essas pessoa que o moço tá procurando...

– E como é que chego lá?

– Oia, moço. Ocê vira o carro, sobe aquela subida e desce aquela descida. Antes de chegar ao final dela o senhor entra numa estradinha à direita. Aí segue uns duzentos ou trezentos metros, já vai vê a placa com o nome que falei.

– Obrigado, creio que é lá.

– Nada não, seu moço - disse o homem, tocando a montaria.

Manobraram o carro, Kenji já estava de volta e em silêncio soltava risadas. Luizão perguntou: - Do que está rindo?

– Do homem. Você ouviu ele dizer: sobe a subida e desce a decida. Que coisa mais maluca...

– Mas isso é a forma deles se expressarem. Pode até ser engraçado, mas não é nada cortês de sua parte rir daquele senhor. E se ele estiver certo? Já imaginou quanto tempo nós economizamos com o sobe a subida e desce a decida?!

Kenji riu mais alto ainda. Luizão deu de ombros. Não adiantava falar mais nada. Jack só olhava e observava o jeito e o

trato entre ambos. Davam-se muito bem. Eram parceiros de trabalho.

Em alguns minutos estavam na frente de uma porteira, feita com toras de madeira e o nome do sítio em uma placa enorme de madeira, em entalhe muito bem trabalhado e pintado de preto. Não tinham como confirmar se aquela era a propriedade. Ficaram ali, parados. Luizão consultou o relógio: cinco da tarde. Em pouco estaria escurecendo. Já estavam resolvidos a ir embora quando um garoto, de doze ou treze anos, foi chegando em sua bicicleta. Parou próximo à porteira. Ele olhou para os três homens, desconfiado.

Jack percebeu o medo do menino diante de um guarda-roupa gigante, um mini e um velho. Não perdeu tempo...

– Oi, menino! - gritou Jack. - Estamos procurando o sítio do seu Manoel. Disseram que era este aqui. Mas aqui fala sítio “Dois Irmãos”. Você sabe onde é?

– Não sei não, senhor. O senhor não sabe o nome do sítio?

– Me falaram que era sítio do Mané ou repouso do Mané e falaram que era por aqui. Mas já estamos cansados de andar e por aqui ninguém conhece. Só se pegamos a estrada errada. Ou então, ele vendeu e não me disse nada. Faz mais de três anos que não o vejo.

Será que não é esse sítio aí.

– Olha, senhor, esse aqui com certeza não é. Moro aqui deste pequeno. Meu pai era caseiro do seu Antônio. Aí ele vendeu o sítio para o seu Diogo e agora meu pai trabalha para ele e para o seu Paulo, que chegou há pouco tempo e é irmão do seu Diogo.

Aconselho o senhor procurar por outras bandas, porque esse sítio é grande. Tem quase vinte alqueires. Pra lá - disse apontado na direção contrária ao posicionamento do carro - só tem o sítio do seu Armando, do seu Toco, mas nenhum Manoel.

– Obrigado garoto. Vamos voltar e ver se conseguimos localizar o meu amigo – mentiu Jack.

O menino, mais descansado, abriu a porteira e viu os três homens entrarem no carro para seguirem viagem. Atravessou a porteira, fechou-a atrás de si trancando-a com o cadeado e subiu na bicicleta pedalando estrada abaixo. Vez ou outra se deparava com pessoas procurando este ou aquele. Não era muito difícil perderem-se naquelas bandas.

Resolveram ir para a propriedade do doutor Josias. De lá ligariam para São Paulo dando conta do trabalho de campo realizado no primeiro dia.

CAPÍTULO XXVI

O sol começara a subir lenta e preguiçosamente por detrás do morro.

Parado em frente à sua casa, em pé, ao lado do carro, Antoniel deu-se ao luxo de parar por alguns momentos para apreciar o belo amanhecer. Já fazia um bom tempo que não parava para alguns momentos de reflexão. O sol estava sempre lá. Estava vivo. Poderia chover dias seguidos, tempestades, tormentas até, que o sol estava lá. Aquecendo a terra, trazendo vida, aquecendo corações, com sua coloração variada. As nuvens faziam parte do cenário. Brilhavam com o reflexo da luz do sol. Uma pintura deslumbrante. Não poderia ser copiada nem pelo melhor mestre em pintura. Nem um artista plástico, conseguiria dar em sua tela o colorido do céu, naquele momento. O Criador é perfeito, pensou. Somente ele em sua grandiosidade poderia oferecer aos homens a mais bela paisagem. Em pouco tempo, a pintura mudar-se-ia, tomaria outra forma e outras cores.

Olhou para dentro da casa.

As mulheres estavam demorando. Consultou o relógio: quase oito horas.

Ele vestia uma calça de tergal, cinza chumbo, sapatos sociais pretos, bem engraxados, uma camisa branca de puro algodão, de mangas longas. Deu uma olhada em si mesmo.

Fazia um longo tempo que não se vestia assim, principalmente num domingo. A cidade ainda dormia. Normalmente as pessoas acordam muito mais tarde no domingo. As três já estavam na garagem e conversavam ao mesmo tempo. Incrível, pensou ele, como é que se entendem?... Carmem trajava um vestido azul turquesa, até aos joelhos, as costas cobertas com uma pequena blusa do mesmo tecido, trabalhada com miçangas coloridas; sapatos de salto alto e bico fino, de camurça preta, uma pequena bolsa de couro, preta.

Estava deslumbrante. Nas meninas, o traje era o convencional entre jovens: jeans, sapatilhas e camisetas novas de 'grife' famosa, que usavam pela primeira vez.

– Vamos logo. Senão vamos chegar atrasados! - gritou ele.

– Calma. Calma. Estamos chegando - disse Carmem.

– Se demorarmos muito não conseguiremos lugar e eu não quero ficar em pé – observou Antoniel.

Entraram rapidamente no carro e seguiram em direção à Igreja da Matriz. A missa dominical começava religiosamente às oito horas da manhã. Possivelmente não encontrariam lugar para se sentarem. Teriam que assistir à missa de pé. Isso não estava agradando Antoniel. Já fazia mais de três anos que estivera dentro de uma igreja. A família inteira estava voltando às origens. Estacionaram o carro nas proximidades e, em passos rápidos e largos, entraram na nave da igreja. Pararam por alguns segundos na porta de entrada, buscaram um banco que acomodasse a família toda. Antoniel demonstrava ansiedade na volta às atividades religiosas. Carmem e as meninas estavam felizes por terem conseguido convencer o marido e pai. Conseguiram um banco na sétima fila, contando do altar para a porta de entrada, nos bancos centrais. Na homilia, o padre discursou sobre o perdão e da necessidade de perdoar àqueles que nos ofenderam e nos causaram mágoas. Falou sobre o versículo bíblico descrito em Mateus, capítulo 6, - 14 e 15, e encerrou a homilia discorrendo sobre o versículo 34 do capítulo 23, de São Lucas. Antoniel abriu seu coração e permitiu que aquelas palavras santas entrassem em seu ser. Estava concentrado nas palavras do padre. A missa pareceu ter durado apenas alguns minutos, quando na verdade, passou de uma hora e vinte minutos. Já no final, ele olhou em volta. A igreja estava lotada, muitos fiéis em pé, encostados nas paredes laterais e ou ao lado dos bancos. Somente o corredor central estava livre. Observou a presença de várias pessoas, velhas conhecidas. Algumas, por uma ou outra razão, estavam olhando em sua direção e abriram um sorriso silencioso. Talvez estivessem surpresas pela presença de Antoniel e sua família. Carmem nunca perdera a fé, mas Antoniel deixou-se levar pela incredulidade e pela dúvida entre o certo e errado. Preferiu ficar consigo mesmo. Muitas famílias conhecidas fizeram questão de cumprimentá-los.

Antoniel aproveitou o momento e fez propaganda da nova loja falando da volta ao negócio de móveis.

Ao saírem da igreja, Carmem interpelou: - Oh, Anto. Você não cria jeito, hein? Fazer propaganda dentro da Igreja...?!

– Ah, deixa disso. Quer melhor lugar para se fazer propaganda, boca a boca? Além de que eles também podem estar interessados na restauração ou na reforma de um móvel qualquer,

e até mesmo na compra de algum móvel, usado ou restaurado. O que não se pode é perder tempo.

– É, mas não dentro da igreja... Isso é que não! - continuou Carmem com voz que denotava insatisfação.

As filhas riam, divertiam-se com a pequena discussão entre seus pais. Cristina, por sua vez, foi em socorro do pai, achando que não havia mal algum em fazer uma propaganda da loja dentro da igreja. Andreia tinha suas idéias próprias e queria guardá-las somente para si, não queria entrar num embate sem o menor sentido. O fato já havia ocorrido, torcia para que surtisse efeito a propaganda feita por seu pai. Isso significava um aumento de freguesia.

Os negócios davam sinais de um futuro promissor. A primeira semana fora altamente satisfatória. Superara todas as expectativas. Antoniel estava trabalhando até quase à meia-noite. No período noturno efetuava serviços que não necessitassem da utilização das máquinas, que faziam barulho e incomodavam os vizinhos, mesmo com a vedação acústica. Os serviços mais pesados eram feitos até às oito e trinta da noite, depois, o serviço manual de lixa e pequenas pinturas que não podiam ser realizadas com pistola de pintura. Carmem já tinha falado da necessidade de contratar um auxiliar, ao menos um garoto, que pudesse lixar, fazer as pinturas de fundo e outros serviços que não exigiam grande experiência... Mas esbarravam na legislação trabalhista. Só podiam contratar alguém maior de dezesseis anos. Não podiam se dar ao luxo de registrar funcionários, que o custo ficaria muito elevado. Ainda não seria possível. Em breve já teriam condições de ter empregados contratados e legalizados perante a legislação. A burocracia era um grande entrave para muitos e Antoniel sabia disso. Preferia sacrificar-se no começo, ao que ter um monte de aborrecimentos futuros.

De volta a casa, Antoniel trocou de roupa, vestiu a ‘de briga’ e dirigiu-se à oficina para adiantar alguns serviços que deveriam ser entregues nos dias seguintes. Entrou no pequeno quarto para pegar algumas ferramentas, quando viu os dois aparelhos largados em um canto da mesa. Sentou-se em frente aos aparelhos e ficou a observá-los. Estava meio introspectivo deste que levantara pela manhã. Sentiu uma vontade de ligá-los, sintonizá-los em alguma frequência, ouvir o que estava ocorrendo em outros cantos da cidade. Chegou a puxar o aparelho mais novo para perto. Movido por um sentimento absurdo de culpa desistiu

da idéia. Talvez fosse pelo sermão do padre. O nome de Roberto veio-lhe à mente. Não tinha convicção e nem certeza se teria condições de perdoá-lo totalmente. A simples lembrança do nome ainda lhe causava mal estar. Quis acreditar que o tempo curaria a ferida. Já fazia uma semana que não ouvia a conversa alheia. Ali, sozinho, olhando o aparelho, percebeu que ele já não era mais importante. O aparelho foi importante em um momento de muita dificuldade. Divertia-se ouvindo fofocas de outras pessoas. Lembrou-se, então, que ainda tinha que pagar o novo aparelho. Daria um jeito de remeter o dinheiro para Juan, através do Zeca. Mandaria um bilhete com um pedido de desculpa.

– Anto! Anto! – ouviu a voz de Carmem. -O meu irmão acabou de ligar. Fez um convite para irmos almoçar com ele. Vamos?

– O quê, Carmem? Almoçar aonde?

– Meu irmão ligou. Convidou-nos para almoçar com ele...

– Agora?

– É, agora. As meninas estão loucas para irem. E então?

– É que eu ia começar a trabalhar naquelas peç...

– Para com isso, Antoniel – interrompeu ela. - Hoje é domingo. Vamos descansar um pouco. Pelo que sei não existe nenhum serviço atrasado. Portanto, vamos relaxar e curtir um pouco a paz do sítio de meu irmão!

– Sabe? Você tem razão. Vamos embora... - disse ele.

CAPÍTULO XXVIII

A delegacia estava apinhada de gente. Era uma segunda-feira,

pela manhã. Parecia que todos os delitos ocorriam sempre e com maior frequência em finais de semana.

– Estamos atrasados. O chefe deve estar uma fera – observou Luizão, a olhar o relógio.

– O que fazer? - disse Kenji. O trânsito está todo parado. E ainda você quis fazer uma boquinha naquela padaria...

– Não fale nada a respeito. Senão ele me come vivo. Vamos logo.

Subiram as escadas correndo. Entraram na sala sem pedirem licença, a respiração ofegante pelo esforço de terem subido os dois lances de escada na correria. O delegado ficou olhando fixamente os dois homens parados na sua frente.

– Isso é hora de chegarem? Estão pensando que ainda estão curtindo umas férias na cidade de São Pedro? Vocês deviam estar aqui às nove horas. Já passa das dez e meia. O que aconteceu?

– Foi o trânsito... O trân...sito... - gaguejou Luizão.

– Está bem! Onde estão os relatórios? E por que não ligaram, conforme o combinado?

– Podemos sentar, doutor? - suplicou Kenji.

– Claro. Sentem-se... – disse, mais calmo.

Os dois investigadores sentaram-se. Luizão abriu sua pasta e retirou um calhamaço de papéis. - Olhe, aqui está a cópia integral do processo que Antoniel move contra o Roberto. E tem novidades... – disse Luizão, pondo o material na mesa do chefe.

– Que novidades?

– No relatório que Marcos, lhe deu, diz que nos primeiros seis anos da sociedade eles tinham vinte lojas. Acontece, que talvez o Marcos tenha-se equivocado... Eles, Antoniel e Roberto, antes do Roberto aplicar o golpe, tinham no total apenas vinte lojas espalhadas pelo interior do Estado de São Paulo. Acontece que Roberto era quem cuidava de toda a parte financeira, tratava com bancos, financeiras e cuidava das compras para toda a rede de lojas. Acreditamos que ele, com o auxílio de mais pessoas, e, para isso essas pessoas teriam que conhecer e muito bem de Contabilidade e de Direito, montou uma empresa fantasma. A

empresa existia. Só que as pessoas que se diziam donas da empresa simplesmente não existiam. Roberto criou duas pessoas e constituíram uma empresa chamada 'Laine - Móveis e Eletrodomésticos Ltda'. Essa empresa era usada por Roberto para desviar móveis e eletrodomésticos que eram adquiridos pela empresa da sociedade com Antoniel. Assim, durante quatro anos, Roberto foi formando várias lojas. Chegou a quinze unidades. Isso tudo com dinheiro desviado da empresa de ambos e quando ele conseguiu tirar Antoniel da sociedade realizou 'a compra' da empresa 'Laine', incorporando-a na 'R.S. - Móveis e

Eletrodomésticos' que hoje tem trinta e cinco unidades.

– Mas, como Antoniel não descobriu que isso estava ocorrendo? É muita inocência, meu Deus! – espantou-se o delegado.

– Isso não é tudo... O Roberto, há quatro anos atrás, montou outra empresa. Essa era apenas para prestar serviços. Uma empresa de 'factoring'. Dessas que funcionam igual uma financeira. Trocam títulos e cheques para o comércio em geral, cobrando um taxa que pode variar de cinco a dez por cento. Foi com auxílio desta empresa que ele começou a levar a empresa que tinha como sócio o Antoniel para a bancarrota. Só que era tudo forjado. Roberto apresentava contas e mais contas para Antoniel. Começou apresentar balanços contábeis negativos. Primeiramente, mostrando a Antoniel que as lojas tais e tais estavam ficando deficitárias, que o mercado não estava reagindo, que talvez tivessem que vender algumas unidades para tentarem sobreviver. Foi conduzindo Antoniel até o ponto em que esse passou a crer que iriam falir. Antoniel entrou em pânico. Começou a vender as propriedades que tinha conseguido, para colocar o dinheiro na empresa. Era como colocar dinheiro em um saco sem fundo. Para piorar a situação, a 'factoring', que pertencia ao próprio Roberto começou a protestar títulos e mais títulos.

Todos falsos. Porém, Antoniel não sabia disso. Cremos que o contador e advogado da empresa, que já trabalhavam para Roberto, estejam por trás de toda essa tramóia. O efeito psicológico dos protestos sobre Antoniel foi fatal. Ele vendeu uma casa que possuía no condomínio onde moram Elaine e Marcos, os carros importados, um sítio.

Nada parecia resolver a situação financeira. Roberto lhe dizia que não tinha nada para vender. Que a casa era herança e parte pertencia ao irmão. Assim como os outros bens.

Foi desta forma forçando a situação para cima de Antoniel.

– Tudo isso que você está me falando está documentado? – quis saber o delegado. – Não é possível acreditar que um homem seja capaz de trabalhar durante quatro anos para dar um golpe no seu sócio. Impressionante.

– Acontece - falou Kenji -, que Roberto conhecia muito bem a personalidade Antoniel. Nas nossas investigações descobrimos que esse tal de Antoniel era uma pessoa muito correta com seus negócios. Detestava dever a quem quer que fosse. Não gostava nem mesmo de dever favor. Agora, imagine a situação... Seu sócio, formando em duas faculdades, demonstra a você que a empresa está quebrando e pode ir à falência. O que você faz? É para pirar. Foi neste ponto fraco que Roberto apostou e venceu o sócio.

– Mas como é que Antoniel não ficou com nenhuma das empresas? Como é que ele ficou sem dinheiro? Na miséria, como diz o relatório de Marcos?

– Realmente, doutor - disse Luizão – ele ficou na miséria. Só consegui ficar com a casa, onde mora hoje e uma pequena chácara onde moram seus pais, isto pelo fato de que a chácara ele havia comprado em nome dos pais e presenteou-os com ela. Quanto às empresas, Roberto convenceu-o a vender a sua parte para um sujeito que ele havia apresentado, falando que o cara assumiria a parte dele a troco das dívidas e que Roberto iria fazer o mesmo. Antoniel vendo-se acuado, louco para ver-se livre das dívidas que com certeza haviam lhe tirado o sono, não pensou duas vezes e entregou a empresa para esse sujeito, que Roberto lhe apresentou. Roberto também chegou a passar sua parte da sociedade para um outro elemento. Só que Antoniel, acreditamos, nunca viu essas pessoas. Pois o que aparece no processo é assinatura de advogados, com procuração que lhes outorgavam poderes para comprar a empresa. Acontece, que trinta dias depois, Roberto assumiu a direção da empresa e sessenta dias mais tarde incorporou as outras quinze unidades. Procurando dar um ar de legalidade ele colocou o seu irmão como sócio. Tudo fachada. Era ele que controlava totalmente a empresa. Depois disso, ou seja, da saída de Antoniel, ele regularizou a sua empresa de 'factoring', passando a dirigi-la normalmente e também as lojas de roupas. Dessas lojas de roupas, Antoniel somente ficou sabendo após seis meses. Foi quando ele descobriu toda a maracutaia e ingressou com o processo, pedindo indenização. Mas pelo que pudemos

verificar, ele não tem muitas chances de provar a falcatura e deve perder a ação.

– Meu Deus! Que salafrário era esse tal de Roberto, hein? Não foi à toa que apagaram o cara. Deve ter dado muitos golpes. E isso que vocês estão me falando está aqui neste processo?

– Parte sim e parte em nosso relatório - disse Luizão.

– E a respeito da Elaine? O que vocês apuraram?

– Olhe, doutor, tá limpa. Pode ter a certeza. Vasculhamos a vida dela desde que nasceu.

Só não deu para entrarmos no útero materno para sabermos maiores detalhes. Do mais, checamos todas as informações. A mulher é dez. Na região onde moram todos gostam muito dela. Teve três namorados, antes de Roberto. Acreditamos até que tenha casado virgem. Fez faculdade de Psicologia e não repetiu nenhum ano e tinha as melhores notas da faculdade. Depois, fez pós-graduação, especializou-se em Recursos Humanos. Nunca exerceu a atividade profissional.

– Puxa, trabalharam rápido com Elaine, hein?

– Tivemos uma pequena ajuda, doutor.

– Ajuda? Quem ajudou vocês?

– Um investigador chamado Jackson. Mas ele prefere ser chamado de Jack.

– O homem conhece a cidade inteira, doutor. Conhece quase todo mundo de lá. Está na polícia há vinte anos e na mesma delegacia, e diz que só sai dela aposentado – informou Kenji.

– E como fala o danado. Se deixar ele fala o tempo inteiro. É incrível. Parece que o homem engoliu um gravador... - observou Luizão.

– Mas, e a respeito do Diogo e do Paulo? Vocês conseguiram localizá-los? Alguma coisa importante que possa confirmar a suspeita de Marcos?

– Nós os localizamos. São dois irmãos. O Diogo é o mais velho. Eles têm um sítio grande em São Pedro. O sítio tem até um nome bastante sugestivo e criativo, chama-se 'Sítio Dois Irmãos'.

– Ora, Luizão pare de brincadeiras. Vamos ao que interessa - ralhou o delegado.

– Eles eram proprietários de uma madeireira, tal qual diz o relatório de Marcos. O Diogo foi o primeiro a mudar-se para São Pedro. Está morando lá há quase dois anos.

Paulo chegou faz oito ou nove meses. Esses dados conferem e coincidem com a data da compra da madeira. Não é?

– Sim, até aqui os números coincidem – disse o delegado consultando o relatório apresentado por Marcos.

– Esse tal de Paulo, segundo apuramos, é um cara extremamente violento e brigão. Nós chegamos a conhecê-lo. Não conversamos. Apenas cumprimento de balcão de bar. Nós ficamos durante três noites num bar e mercearia que fica próximo ao sítio dos dois. E o senhor sabe, toma uma, joga um pouco de sinuca, uma partida de baralho e, em pouco tempo, você fica sabendo da vida de todo mundo da região. Os caras com quem conversamos, disseram que o Paulo teria vindo se esconder no sítio do irmão. O pau havia quebrado em Dourados aí ele veio fugido. Nesse mesmo bar ele já arrumou encrenca. Todos querem distância dele, dizem que anda sempre armado. Quanto ao Diogo, não falaram muito. Disseram que vez ou outra ele aparece pelo bar, toma sua cerveja e vai embora. É quietão, como dizem. Não é de muito falar.

– E eles vivem do quê? Trabalham no quê? – quis saber o delegado.

– Ao que parece, eles montaram no sítio uma pequena mercearia e compram tarefas de eucaliptos, cortam e vendem. Uma parte do sítio é destinada a plantação de hortifrúti e, segundo os caras do bar, estavam montando um pequeno haras. Isso é tudo o que apuramos em relação a esse dois.

– E a respeito de Antoniel? Além do que já me disseram, mais alguma coisa que conseguiram e seja útil na investigação?

– Bem, ele mora numa casa comum. Acabou de montar uma pequena loja de móveis usados e restaurados, onde trabalha com a mulher e as duas filhas e, diga-se de passagem, a mais velha é uma belezinha, não é Kenji?... Antes de montar a loja, começou a trabalhar como sacoleiro, trazendo muamba do Paraguai. Até o Jack chegou a comprar uísque das mãos de Antoniel. Ele mesmo é que está fazendo a reforma e restaurando móveis. Trabalha bem o danado. O senhor precisa ver doutor.

– Mas que droga, Luizão. Não estou aqui para saber se a filha dele é bonita e se ele trabalha bem como móveis. Eu quero saber de coisas concretas. Pois, depois do que você me contou, ele tem muitos mais motivos para querer a morte de Roberto. É sobre isso que quero saber.

– Olhe, segundo o que Jack nos contou, quando ele tomou conhecimento do golpe entrou na loja que antes lhe pertencia e andou fazendo a maior quebradeira, dizendo que iria matar Roberto, custasse o que custasse. Foi um baita de um estrago na loja. Seus antigos funcionários não conseguiram contê-lo. A polícia foi chamada. Porém Roberto, não quis dar queixa. Declarou na delegacia que perdoava seu ex-sócio e que não estava disposto a prosseguir com a queixa. Que havia ocorrido apenas alguns danos materiais e que só por isso não iria prejudicar ninguém.

– Filho da puta – resmungou o delegado. - Ele ainda foi capaz de agir assim. Que raio de homem frio era esse Roberto. E esse tal de Jack, ou sei lá o quê, conhece alguém que poderia testemunhar que ouviu o Antoniel ameaçar Roberto de morte?

– Claro, o filho da mãe conhece todo o mundo. Agora, se alguém vai querer testemunhar, isso é outra história. Nós ouvimos pelo menos três pessoas, que eram funcionários de Antoniel, afirmar que ouviram a ameaça contra Roberto. Eles disseram que Antoniel estava transtornado e gritava para todo mundo ouvir que iria matar Roberto. Levasse o tempo que fosse. Mas que iria matá-lo. Seria até o caso de convidar, delicadamente, essas pessoas a comparecerem na delegacia para depor. Se alguma delas confirmar o que ouvimos, temos o nosso homem. Com isso ele passa a ser o suspeito número um. O que fazemos agora?

– Marquei uma reunião com Marcos para quarta-feira à tarde. Ele ficou de levantar dados a respeito do real valor da madeira e ficou de me trazer cópias dos contratos de compra e venda. Até lá vou aguardar. Mas quero vocês de prontidão. Talvez tenham que fazer uma visita a São Pedro novamente e trazer o Antoniel.

– O senhor está pensando em pedir a prisão preventiva?

– Não, Luizão. Não temos elementos suficientes para isso. Estou pensando em trazê-lo detido, isso na sexta-feira à tarde. Detendo-o na sexta-feira, no cair da tarde, teremos tempo mais que suficiente para conseguir uma confissão de Antoniel e também de irmos atrás dos assassinos. Pois se estes souberem que o mandante está preso, com certeza, desaparecerão do mapa. Até agora eles devem estar tranquilos. Acreditam que enganaram todo mundo e que o crime foi perfeito. Apenas mais uma vítima da violência de São Paulo. Mais uma vítima de assalto no semáforo.

Portanto, vamos ter que agir assim se quisermos chegar aos criminosos.

– Mas doutor, depois podem alegar que nós agimos fora de nossa jurisdição e que exorbitamos os nossos poderes - alertou Kenji.

– Infelizmente temos que correr esse risco. Por isso mesmo, a detenção de Antoniel deverá ser feita na sexta-feira, no cair da tarde. Por volta das seis e trinta e sete horas.

Não dará tempo para a família contratar advogados e nem deles ingressarem em juízo com medida liberatória do preso. Se estivermos com a verdade e ele confessar, aí pedimos a prisão provisória. Isso é perfeitamente legal. Então, fiquem a postos.

– Está bem, doutor. O senhor diz e nós cumprimos! - exclamou Luizão.

– Ah, com respeito ao doutor Josias, podem ficar tranquilos. Vou colocá-lo a par de todos os acontecimentos para que ele não se sinta traído e não seja pego de surpresa. É um crime de homicídio. Está sob nossa investigação. Todos os indícios levam a crer que o mandante tenha sido Antoniel. Não vamos deixá-lo escapar impune. Por outro lado, ainda vamos continuar investigando esses dois irmãos. Quanto a Elaine, vou convocá-la para depor na quinta-feira, pela manhã. Você pode me providenciar isso, Luizão?

– É pra já, doutor. Vamos Kenji. Vamos visitar e conhecer a tal da Elaine.

– Agora. Ir até São Pedro? - resmungou Kenji.

– Não. Ela está aqui próxima ao centro. Está trabalhando aqui em São Paulo. Já esqueceu que é ela que está no comando das empresas? Ora bolas. Vamos até lá - comandou Luizão, já se levantando e caminhando em direção à porta.

O delegado viu-os sair e debruçou-se na pilha de papéis que deixaram na sua frente.

Mas pensava em outro processo: na sua mente crescia a convicção de que em breve o mandante do crime estaria sentado à sua frente. Algemado e confessando como arquiteta a morte de Roberto. Tinha a certeza que estava no caminho certo.

CAPÍTULO XXIX

O relógio marcava cinco horas da tarde, quando Marcos ingressou na delegacia.

Já se tornara conhecido. Cumprimentou rapidamente o homem atrás do balcão, passou a cancela e seguiu pelo corredor em direção às escadas. Subiu lentamente, contando os degraus. Ao chegar ao corredor do andar superior, já não tinha certeza se contara dezesseis ou dezoito degraus.

– Boa tarde, doutor. Tudo bem?

– Boa tarde – respondeu o delegado, levantando-se e abrindo um sorriso com a mão direita estendida.

Após um breve aperto de mãos Marcos sentou-se.

– Bem - começou o policial -, temos novidades. Tudo leva a crer que...

– O doutor mandou intimar Elaine para ser ouvida amanhã? - interrompeu Marcos.

– É, Marcos. Precisamos do depoimento dela. Caso ela confirme o que estamos querendo, mandaremos buscar o suspeito.

– O suspeito?... Quem é ele?

– Tudo leva a crer que tenha sido o tal de Antoniel. Nós passamos a semana inteira em São Pedro investigando e...

– Você esteve em São Pedro?...

– Não, Marcos. Dois dos nossos homens passaram a semana inteira lá. Ficaram hospedados na casa do delegado Josias. Você os conhece, um é o Luizão e o outro é Kenji, aquele com quem jantamos naquela noite. Lembra-se?

– Sim, claro. Eu me lembro. Mas eu não entendo por que querem ouvir Elaine e com tanta rapidez?

– Marcos. Entenda uma coisa. Já temos elementos quase que suficientes para pedir a prisão provisória do suspeito. Porém, para isso temos que ouvir Elaine. Além do que, caso ela não seja ouvida e seja definitivamente afastada a suspeita que estava recaindo sobre ela, o seguro não efetuará o pagamento. Portanto, quanto mais rápido ouvi-la, melhor. Não sei se é de seu conhecimento, mas homens da seguradora estiveram aqui e devem estar investigando a vida de Elaine também. Assim como nossos homens fizeram.

– Eu não acredito, doutor. Não acredito que vocês foram investigar a vida de Elaine? - disse Marcos, indignado.

– Era necessário, Marcos. Procure entender. Agora, as nossas investigações estão concentradas em Antoniel.

– Olhe, me desculpe. Não creio que ele tivesse coragem e muito menos dinheiro para mandar matar Roberto.

– Os investigadores levantaram a vida dele. Apuraram que quando ele descobriu que havia sido vítima de um golpe, entrou na loja que antes lhe pertencia quebrando tudo pela frente e dizendo aos gritos que mataria Roberto, custasse o que custasse e levasse o tempo que levasse. Precisamos apenas ouvir algumas dessas pessoas para termos o elemento de prova, que servirá para indiciá-lo formalmente. Caso tenha sido ele, chegaremos aos assassinos mais facilmente.

– Isso me parece um absurdo. Não fiquei sabendo dessa história. Se tivesse ocorrido, Roberto com certeza teria me contado.

– O seu amigo Roberto, com todo o respeito, não era flor que se cheire. Armou um tremendo golpe sobre o sócio e quando isso aconteceu ainda deu uma de bonzinho, abafando todo o caso, inclusive na delegacia. Não quis dar queixa de ameaça e muito menos de danos materiais. Creio que ele não tinha interesse de deixar pontas soltas. O golpe estava perfeito. Não seria uma histeria de Antoniel que o faria mudar o rumo das coisas...

– Antoniel não teria dinheiro suficiente para tal empreitada. Isso deve custar muito dinheiro!...

– Qual quê, Marcos. Infelizmente nos dias de hoje, tem gente que mata por míseros trocados. Com dois ou três mil reais você pode encomendar a morte de alguém. Talvez até menos. Além de que, não se esqueça, que por quase um ano ele viajou para o Paraguai comprando muamba para revender em São Pedro. Quem pode me dizer que nessas viagens ele não conheceu muita gente capaz de praticar um ato desses por qualquer merreca?!

– Creio que neste ponto você tem razão. Isso é possível. Mas, e em relação ao Diogo e Paulo? Foram investigados?

– Claro que foram. E vou mais longe: não só foram investigados, como ainda estão sob investigação. Está faltando um pedaço importante do quebra-cabeças em relação a eles.

– Qual é esse pedaço, doutor?

– O motivo. Até agora não encontramos um forte motivo que os levasse a cometer o crime. Temos até aqui uma única coisa. Eles venderam uma empresa para Roberto.

Somente isso. E isso, não é motivo para suspeitar desse tal de Diogo e desse tal de Paulo.

Está certo, que segundo apuraram as investigações, o Paulo parece ser um sujeito perigoso e dado a valente e brigão. Que anda sempre armado. Porém, espero para ver os documentos que você ficou de trazer, pode ser que essa conclusão venha a sofrer alterações.

– É por isso que eu lhe trouxe as cópias dos contratos. Peguei-os com Elaine. Aqui estão - disse Marcos, passando as cópias. - E tem mais: o valor da empresa é muito superior ao valor que aparece neste contrato. O contrato diz que Roberto pagou o valor de cem mil dólares pela empresa. Ocorre que pedi ao gerente que está lá em Dourados, cuidando da empresa, para que fizesse uma pesquisa do valor real da empresa, até mesmo porque há interesse da Elaine em vendê-la. Ficamos assombrados. A empresa hoje, para venda efetiva, pode atingir o valor de quatrocentos mil dólares, isto incluindo a terra, que também pertence à empresa.

– Bem, Marcos. Se a coisa é assim, temos a parte que faltava do quebra-cabeças: Dinheiro. Só precisamos saber como é que o negócio foi realizado e se por ventura Roberto deu outro golpe nestes dois irmãos. Se comprovarmos isso, aí sim, teremos mais dois suspeitos em potencial. Por enquanto, ficamos com Antoniel. Mas não vamos ainda descartar esses dois. Vou avisar o Luizão e o Kenji para intensificarem a investigação sobre esses dois. Eles haviam ficado um pouco de lado, pois, todas as informações e indícios apontam na direção do ex-sócio. Por outro lado, você tem alguma informação a respeito da forma como se realizou o negócio?

– Ainda não tenho absoluta certeza. A única informação é que Roberto pagou a quantia de cem mil dólares, em dinheiro, pela compra da empresa. Mas desconfio que isso não seja toda a verdade. Parece-me que o Diogo vinha descontado duplicatas, cheques pessoais e de terceiros, com a empresa de ‘factoring’ de Roberto. Estou tentando levantar esses dados. Entretanto, essas informações são extremamente difíceis, pois, alguns negócios, principalmente com grandes somas em dinheiro, Roberto as fazia pessoalmente. Não deixava ninguém cuidar.

– Então, você terá que vasculhar toda a documentação de Roberto. Até mesmo pequenas anotações e bilhetes. Será que ele foi emprestando dinheiro e esses caras não tiveram como saldar e ele tomou a madeira em troca da dívida...? Se conseguirmos comprovar esse fato, podemos ligá-los à morte de Roberto. É impressionante. Quanto mais me aprofundo na vida de Roberto, mais vejo o tipo de homem ganancioso que ele era.

– Infelizmente, tenho de concordar com você novamente. Roberto, realmente era um homem ambicioso e ganancioso. Em relação aos negócios ele não perdoava quem quer fosse. Tanto que nossa amizade permaneceu viva, porque nunca fiz nenhum negócio com ele. Sabia que mais dia ou menos dia ele poderia querer ganhar em cima de mim e aí nossa amizade terminaria. Confesso que no começo de minha empresa ele foi de grande valia. Ajudou-me muito. Porém, lá no fundo, eu pressentia que ele iria cobrar essa ajuda.

Isso fazia parte da personalidade de Roberto. Ele era do tipo toma lá, dá cá. E não tinha conversa.

– Pois bem, Marcos, amanhã vou ouvir Elaine. Se você quiser vir junto, será um prazer recebê-lo novamente. Conforme o que ela me disser, mandarei deter Antoniel.

– Está bem, doutor. Amanhã estarei aqui acompanhando Elaine. Até amanhã.

Após a saída de Marcos, o delegado, decidiu-se por encerrar o expediente. Ajeitou os papéis que Marcos lhe havia dado e colocou-os juntamente com os outros deixados por Luizão e Kenji; pegou o processo do inquérito da morte de Roberto, colocou-o na sua pasta, pegou o paletó e deixou a sala.

Ao chegar em casa, depositou a pasta sobre a mesa de jantar, tirou a gravata e jogou o paletó sobre o ombro do sofá; na cozinha abriu o congelador, pegou algumas pedras de gelo, colocou-as em um copo de cristal, largo e pesado; voltou para a sala e no pequeno bar interno pegou uma garrafa de Chivas Regal. Despejou uma generosa dose sobre os cubos de gelo. Viu-os começar a estalar pelo contato com o calor da bebida; com o dedo indicador brincou com os gelos, acendeu as lâmpadas das arandelas da sala de jantar, sentou-se à mesa e retirou todos os papéis que apanhara na delegacia. Sua mulher demoraria a voltar. Tinha ido às compras e ao cabeleireiro. Chegaria tarde. Teria um tempo de tranquilidade para ler novamente aquelas peças. Já havia quase decorado todas elas. Estava querendo convencer a si

mesmo que não iria cometer uma injustiça efetuando a detenção de Antoniel. Por outro lado, não podia correr o risco e deixar escapar impunes os assassinos que mataram Roberto. Não porque ele fosse uma excelente pessoa. Pelo que tinha ouvido nos últimos dias, convencera-se que ele não era uma pessoa confiável. Mas acima disso tudo ele era um ser humano. Sua vida foi tirada por marginais e que tentavam enganar a imprensa e a polícia forjando uma tentativa de assalto. Disso ele tinha certeza: o crime fora encomendado. O copo estava vazio. Levantou-se novamente e despejou mais uma dose de uísque, menor do que a primeira.

Não tinha o hábito de beber constantemente, entretanto, naquele momento, necessitava de uma bebida para relaxar.

Marcos acompanhou Elaine na delegacia. Lá estava Luizão. Que os recebeu com um sorriso aberto.

Elaine estava muito bonita, de *tailleur* marrom claro, saia e blusa de puro linho e uma fina blusa de seda, bege claro; sapatos de camurça marrom, salto alto, o que elevava ainda mais a sua estatura. Cabelos presos por grampos escondidos num penteado moderno. Usava uma maquilagem discreta, mas que realçava ainda mais a sua beleza.

Com o corpo ereto e olhar sério e compenetrado, aceitou, formalmente, o cumprimento de Luizão. Conduziu-os para a sala do delegado que o aguardava. Luizão ia deixar a sala, mas o delegado pediu para ficar e acompanhar o depoimento. Era a primeira vez que Elaine iria depor. Demonstrava calma. Cumprimentou o delegado com um simples bom dia e num tom de seriedade.

– Bom dia, senhora Elaine. É um prazer recebê-la. Espero que isto não lhe traga nenhum transtorno. Tenho certeza que Marcos já a posicionou a respeito do caso e de como está seguindo a investigação. Não é?

– Sim, doutor. Marcos já me contou tudo a respeito. Quero saber em que ou no que o meu depoimento poderá ajudar.

– Nós seremos breves. Sei que a senhora, agora, deve estar com a agenda repleta de compromissos. Então, vamos começar.

Ela ignorou o comentário do delegado a respeito de seu trabalho. Não estava feliz em estar ali. Marcos havia sido bastante convincente da necessidade de sua presença. Já lhe falara a respeito de que ela teve a sua vida investigada por aqueles homens. Isto atingira em cheio seu orgulho próprio. Entretanto, tinha que cumprir as formalidades. Mesmo que encontrassem o

assassino, isso não lhe traria Roberto de volta. Não que a prisão do assassino ou dos assassinos não fosse importante. É que ainda estava sofrendo muito com a ausência definitiva de Roberto e, ainda por cima, Marcos informou-a das barbaridades que Roberto havia feito nos negócios. Principalmente com Antoniel. Tinha ainda Diogo e Paulo, e sabia Deus quem mais. Não conhecia aquele lado da vida de Roberto. Tudo isso não importava mais. Perdera o homem a quem se entregara e amara até o dia de sua morte. Teria que suportar essa perda e, ainda mais, ter que responder a questões pessoais e de intimidade da vida de Roberto. Resolvera e decidira-se por responder somente aquilo que não atingisse e nem pudesse macular a pessoa de Roberto.

Não tinha certeza do que e sobre o que lhe seria perguntado. A voz do delegado interrompeu seus pensamentos. Ele já estava posicionado na frente da tela do computador e havia começado a fazer as perguntas.

O depoimento foi rápido. O delegado, experiente, evitou fazer perguntas constrangedoras. Não perguntou a respeito de Marlene ou de Cristina ou se ela tinha ou desconfiava que Roberto pudesse ter uma amante. Isso era absolutamente desnecessário, uma vez que já estava convicto da culpabilidade de Antoniel. Dos negócios de seu marido ela estava tomando ciência, como antes não teve qualquer participação estava enfrentando sérias dificuldades. Tanto que ficou surpresa quando soube do seguro e do valor contratado. A seguradora também a tinha investigado e tinha conversado com ela.

– Senhora Elaine – questionou, acerto passo, o delegado –, como era ou como foi o relacionamento de seu marido com o ex-sócio Antoniel.

– O relacionamento de ambos, no começo era muito bom. Pareciam irmãos. Nos últimos dois anos que antecedeu a saída de Antoniel, eles viviam às turras um com o outro. Roberto dizia, vez ou outra, que Antoniel estava colocando os pés pelas mãos e que iriam acabar por perder tudo. Ocorre que Roberto nunca foi de contar e nem de levar os problemas de serviço para casa. Mas tinha dias que parecia que ele estava sufocado com a presença de Antoniel na sociedade.

– A senhora sabe como foi a saída de Antoniel da sociedade?

– Roberto não me deu muita explicação. Apenas me disse que Antoniel teria praticamente dado a parte que ele possuía na

sociedade para um sujeito a troco apenas das dívidas. E que ele é que teria que assumir todo o abacaxi. Por outro lado, afirmava que ele tinha como sair e sair-se muito bem...

– Ele nunca explicou para a senhora, que logo após a saída de Antoniel, a rede tenha sido ampliada com mais quinze unidades?

– Não. Já lhe disse. Não conversávamos sobre negócios em casa. Tanto que só vim saber da compra da madeireira depois da sua morte. E olhe que ele já havia comprado a empresa há quase seis meses. Ele era assim. Dizia que preocupação do trabalho não se confunde com preocupação familiar.

– A senhora soube ou ouviu Antoniel ameaçar seu marido de morte alguma vez?

– Por duas vezes. Uma quando ele invadiu uma loja, quebrando tudo e gritando que iria matar Roberto. A segunda foi em frente de casa. Ele apareceu lá por volta das oito ou nove horas da noite. Parecia que estava meio alcoolizado. Roberto foi atendê-lo e ele começou a gritar que iria matá-lo. Mais dia, menos dia, isso iria acontecer. Ficamos preocupados, mas Roberto não fez questão. Nem ao menos formalizou um queixa na polícia. Disse que isso não o preocupava e que Antoniel era um perdedor e que não sabia perder. O assunto morreu por ai. Nunca mais se tocou no assunto de Antoniel...

– Está bem. Estou satisfeito. Não vou tomar mais o seu tempo desnecessariamente.

‘Talvez a senhora só venha a ser ouvida em juízo.

– Então, estou dispensada, doutor? – perguntou ela, mantendo o tom formal em sua voz.

– Sim, e obrigado por sua colaboração. E agradeço a você também Marcos.

Marcos e Elaine deixaram a sala. Luizão com expressão séria no rosto olhava fixamente para o seu chefe, como se estivesse esperando a ordem imediata.

– Então, Luizão? Você e Kenji já sabem o que têm a fazer. Quero o homem aqui. Nem que tenhamos que varar madrugada adentro, vamos ter a resposta. Certo?

– Certo, chefe. Pode deixar. Amanhã, até as sete ou oito da noite o homem vai estar aqui. Prontinho para cantar.

– É isso aí, Luizão. Agora, ao trabalho.

Luizão levantou-se da poltrona e deixou a sala. Quando se viu sozinho, o doutor Geraldo apoiou os dois cotovelos sobre a

mesa e acomodou o rosto sobre as mãos. Rezou para que estivesse tomando a decisão acertada. Não queria pôr a investigação em risco.

CAPÍTULO XXX

Mais alguns minutos e encerrariam as portas de aço. Era sexta-feira. Abririam no sábado e teriam o domingo para o merecido descanso.

– Anto. Pode ir fechando umas das portas. Já está na hora...

– Tá bem - respondeu Antoniel e dirigiu-se para uma das portas de aço puxando-a até o chão; com o auxílio do pé esquerdo forçou-a ainda mais até ficar bem rente ao chão, passou a tranca interna e a trava. Dirigiu-se depois para a outra porta, puxou-a até o meio.

Aguardou, do lado de fora, que Carmem desligasse as luzes... A tarde estava gostosa.

Uma brisa passava por entre as ruas refrescando o entardecer. As meninas já estavam em casa. Antoniel trancou a última porta, certificando-se de estava bem travada e Carmem passou o braço direito pela sua cintura, enquanto ele cruzou o braço esquerdo sobre o ombro dela e, tranqüilos, pegaram o carro seguiram rumo a casa. Estavam cansados, mas a loja estava indo muito bem. Antoniel manobrou o carro, colocando-o de frente para a entrada da garagem. Carmem desceu e foi abrir o portão e entrou enquanto ele manobrou colocando o carro na garagem; ele voltou para fechar o portão.

Seis e vinte da tarde.

O senhor é Antoniel Lima Barreto? – perguntou um homem baixo, de traços orientais. O portão ainda estava entreaberto.

Sou eu mesmo. - respondeu Antoniel, de novo na calçada. - O que o senhor deseja?

Sou investigador de polícia - era Kenji, mostrando sua identificação.

– Pois não? Em que posso ajudá-lo? - prontificou-se Antoniel.

– O senhor está detido. - Disse Kenji, com um tom de voz que fez Antoniel gelar.

– Como detido? Por que? Qual o motivo? - perguntou Antoniel em desespero. Gelado.

– Você deve estar fazendo alguma confusão...

– Não há nenhuma confusão. O senhor é Antoniel. Não é? Então, não há confusão. É o senhor mesmo que devemos levar.

Antoniél deu um passo para trás, como que tentando voltar para dentro de sua casa.

Bateu contra uma massa de músculos que estava às suas costas. Olhou para trás e para cima. Viu a cara amarrada de Luizão e ouviu a sua voz, que não soou nem um pouco agradável: - Olha aqui, cara. Espero que você não dê trabalho. Nós temos que levá-lo detido. Porém, se o senhor reagir, nós lhe damos voz de prisão por desacato e o levamos preso.

– Como assim...? Eu não estou entendendo nada. Estou detido. Estou preso. Mas que está acontecendo...?

– Vou explicar - disse Kenji. - Por enquanto, o senhor está sendo detido para averiguação. Agora, como bem disse meu companheiro, caso queira criar problemas nós seremos obrigados a lhe dar ordem de prisão. Portanto, é melhor que o senhor se acalme e venha conosco.

– Ir com vocês. Para onde? Deixe-me chamar meu advogado. Preciso ao menos falar com minha mulher!... - pediu, desesperado.

Os dois homens se mostraram irredutíveis... Pegaram os braços de Antoniel e começaram a conduzi-lo para o ‘Tempra’ preto que estava estacionado um pouco mais abaixo. Antoniel, vendo-se perdido, sem acreditar no que estava a acontecer, começou a gritar:

– Carmem! Carmem! Venha aqui...!

Carmem ouviu os gritos de Antoniel. Pressentiu que alguma coisa estava errada. A intuição feminina falou mais alto. Aquele não era o tom de voz normal de Antoniel.

Deixou o que estava fazendo e saiu correndo em direção à rua. Pôde ver dois homens levando o marido pelos braços. Correu em direção a eles, e gritou, não menos desesperada do que ele: - Meu Deus! Quem são vocês e o que estão fazendo com meu marido?!

– Nós somos policiais, dona! - respondeu Luizão. - E estamos levando seu marido detido para averiguações.

– Como? Vocês têm que me dar mais explicações. Agora, chegam aqui em minha casa, vão pegando meu marido e levando sem falar nada!... Meu marido é trabalhador. Não fez nada de errado. E para seu controle já deixou de viajar para o Paraguai e não vende mais produtos importados...

– Olha aqui, dona. Esta detenção nada tem a ver com a venda de produtos contrabandeados. Isso é problema da Receita Federal e da Polícia Federal. Nós trabalhamos na Polícia Civil, e estamos levando seu marido por outro motivo... – disse Luizão, já perdendo a calma.

– Mas qual motivo? Pelo amor de Deus? Pelo menos então me diga o motivo e para onde o estão levando...

– Ele está sendo detido como suspeito de ser o mandante do assassinato de Roberto de Souza Aguiar. E vai para a delegacia! - disse Kenji.

– Meu Deus! Meu Deus! - gritou Carmem. - Vocês estão completamente loucos. Meu marido não teve nada a ver com a morte daquele canalha.

– Carmem. Carmem. Acalme-se. Não fique perturbada agora. Preciso de você calma.

Com toda a certeza é engano - disse Antoniel, tentando inutilmente manter calma no tom de voz. E continuou. - Carmem, ligue para o doutor Luiz, ele saberá o que fazer. Fique calma. Tudo vai ser esclarecido.

– Mas Anto. Isso é injusto. Aquele canalha roubou tudo o que tínhamos e nem depois de morto o desgraçado nos deixa em paz?!... Maldito seja. Que queime no fogo do inferno.

Os policiais deram de ombros e fizeram Antoniel entrar para o banco traseiro do carro, ao lado de Kenji, enquanto Luizão fazia o veículo sair dali cantando pneu. Carmem ficou momentaneamente paralisada. Não queria acreditar naquilo. Era um pesadelo. Isto não era real, dizia para si mesma. Não pode ser real. Não podem prender Anto, assim, sem mais nem menos. Ele, mandante de um crime... Ficamos em situação financeira terrível por culpa de Roberto. Como podem pensar que nós teríamos dinheiro para mandar matar. Estão loucos... Sentiu as pernas bambearem. Todo o corpo estava pesado. Parecia que uma tonelada de concreto havia caído sobre si. Todo o corpo doía. Uma dor estranha, irreal, absurda.

– O que foi, mãe? – era a filha Cristina. - O que aconteceu? O que a senhora tem? Onde está papai?

Carmem não conseguia falar. As palavras entalaram em sua garganta, sufocando-a.

Queria gritar, mas nenhum som saía. Olhou para os olhos de sua filha. Abraçou-a fortemente e começou a chorar. As lágrimas corriam, quentes e grossas. O soluço fazia todo o corpo

tremer. Deixou-se conduzir docilmente pela filha até o interior da casa.

Cristina colocou-a sentada no sofá e foi buscar um copo com água. Aguardou com ansiedade a mãe recobrar as forças.

– Cristina. Cristina - começou dizer entre um soluço e outro, entre uma lágrima e outra.

– Acabaram de levar seu pai preso!

– Como, mãe? O que a senhora está dizendo? Prenderam o papai?

– Os policiais falaram que ele estava sendo detido para averiguação. Para mim isso é estar preso. Não sei qual a diferença em deter e prender. Para mim tudo é a mesma coisa e...

– Mãe - interrompeu energeticamente Cristina. - Por que prenderam o papai?

– Eles disseram que o estavam levando para a delegacia por ele ser o suspeito de ter sido o mandante do assassinato de Roberto.

– Meu Deus! Que loucura. Justo agora que tudo ia tão bem... Isto não é possível. O que vamos fazer?

– Seu pai mandou ligar para o doutor Luiz. É o advogado que está cuidando do processo contra o canalha... Recuso-me a falar o nome.

– E onde está o número do telefone dele? Eu mesmo ligo - disse Cristina, tentando aparentar mais calma.

– Está na agenda. Dentro de minha bolsa.

Cristina foi até o quarto da mãe, pegou a bolsa, abriu-a e retirou uma pequena agenda de telefones. Procurou o número do telefone enquanto retornava à sala. Pegou o telefone, discou nervosamente o número e aguardou. Deu o primeiro toque, o segundo, o terceiro, finalmente no sexto toque alguém atendeu. Era uma voz masculina: - Alô?

– É o doutor Luiz?

– Não. Aqui é o filho dele? Quem gostaria de falar?

– O meu nome é Cristina. Meu pai é cliente de seu pai. Gostaria de falar com ele. É urgente.

– Você vai me desculpar, mas meu pai saiu com minha mãe, por volta das cinco da tarde.

– Você pode me dizer a que horas ele volta. É muito urgente.

– Infelizmente, eles só retornam na segunda-feira. Eles foram tirar um final de semana no litoral. Se você tivesse ligado uma hora antes, talvez tivesse pegado ele aqui...

– Está bem. Obrigada - disse Cristina.

Suas pernas bambearam. E agora? Perguntou a si mesma. O que fazer? A quem pedir socorro? Colocou lentamente o telefone no gancho e olhou para a mãe, que estava com a cabeça reclinada para trás e com os olhos fechados. Respirava com dificuldade. Mas a filha teria que lhe dar a péssima notícia. Ela já estava refeita. Colocou as duas mãos sobre o joelho. Olhou para centro da sala e falou: - Cristina, ligue para o tio João. Quem sabe ele pode ajudar...

Cristina pegou o telefone e discou o número do telefone de seu tio. Mentalmente torcia para que ele estivesse lá. Caso contrário, não saberiam a quem recorrer. Os toques pareciam longos demais. Demorados demais. Irritantes. Até que ouviu uma voz do outro lado da linha.

– Alô?

– Alô. Quero falar com meu tio João. É Cristina. Ele está...?

– Oi Cristina. Tudo bem. Olha você deu sorte. João está prontinho para sair. Ele já deveria ter saído, mas uma dor de barriga daquelas impediu que ele saísse no horário - disse a mulher de João. - Olha, só um minutinho, ele já está vindo.

Cristina suspirou aliviada. Tio João, com certeza saberia o que fazer.

– Cristina?

– Oi tio. Tudo bem?

– Tudo. E vocês? Como estão?

– Aqui não está nada bem. Precisamos de sua ajuda. Urgente.

– Mas, o que aconteceu Cristina?! Você parece que está nervosa. Conta minha filha. O que foi?

– Tio. Tio. Levaram meu pai preso. Liguei para o advogado e ele está viajando. Só retorna na segunda-feira. Não sabemos o que fazer?

– Preso... Antoniel preso?! Mas, por quê? O que aconteceu?

– Os policiais disseram que ele é suspeito de ser o mandante da morte de Roberto.

– Filha. Não se desespere. Vou já para aí. Vou ligar para um advogado, conhecido meu e que cuida de algumas coisas para mim. Quero ver se já o levo junto. E sua mãe? Como ela está?

– Ela está aqui. Está sentada no sofá. Quer falar com ela?

– Não. Vou desligar. Fiquem aí e me esperem. Logo, logo, estarei chegando... Um beijo.

O coração de Cristina estava mais aliviado. O tio era o único que poderia ajudá-las.

Restava esperar. Ainda bem que não estava em casa. Só chegaria por volta das nove horas. Talvez até lá já tivessem conseguido resolver aquela situação. Carmem calculou o tempo que seu irmão demoraria em chegar. O percurso do sítio até ali não demorava mais do que cinquenta minutos. Ele deveria chegar por volta das sete e vinte, no máximo sete e trinta da noite. Ele viria rápido. Sabia que era um caso urgente. Até as sete e trinta o horário passou rapidamente. E João nada de aparecer. O desespero foi crescendo. A angústia foi tomando conta. Os ponteiros do relógio tinham parado e os minutos pareciam horas... Resolveram ficar em silêncio. Cristina sentou-se em outro sofá, quase frontal com a mãe. Recostou a cabeça e fechou os olhos. Um silêncio pesado tomou conta de todo o ambiente. Podia-se ouvir o ar entrando e saindo dos pulmões. A respiração de ambas estava compassada. Vez ou outra se ouvia um longo suspiro. A dor que ambas estavam sentindo naquele momento era indescritível.

Por volta das oito e trinta ouviram o ruído de um carro estacionando na frente da casa.

Levantaram-se em sobressalto e correram na direção da porta. Saíram na garagem e viram João já descendo do carro acompanhado por um outro homem. Aí estava a explicação da demora de João: tinha ido atrás do advogado. Como não pensaram nisso antes... João foi entrando e abraçando Carmem. Que voltou a chorar, a soluçar. Teve que ser acalmada novamente pela filha. A presença do irmão já era extremamente reconfortante.

– Carmem – disse ele –, este é o doutor Antônio. É advogado e amigo da gente. Vai nos acompanhar até à delegacia para sabermos por que Antoniel foi preso.

O advogado estendeu a mão para um cumprimento. Tinha uma aparência bem jovem.

Cabelos castanhos claros, bem curtos. Não era nem muito alto e nem muito baixo. Devia ter um metro e setenta, no máximo um metro e setenta e dois. O rosto fino e muito bem barbeado. Vestia um terno cinza claro, com uma camisa da mesma cor, mais

escura, e uma gravata, de tom meio azulado. Tinha uma fala mansa. Devia ter no máximo trinta e cinco anos de idade. Ao apertar a mão de Carmem, foi dizendo: - Dona Carmem, fique tranqüila. Nós vamos cuidar do caso. Seu irmão já me falou o que ocorreu. Vai dar tudo certo.

- Vamos entrar – balbuciou ela o convite.

- Não - respondeu João. - Vamos para a delegacia. Você quer vir com a gente?

- Claro - respondeu. - Deixa-me pegar a minha bolsa. E você, Cristina, fica aqui para atender algum telefonema e também para esperar. Vê se conta o caso para ela com cuidado. Está bem...

Cristina apenas fez um meneio afirmativo com a cabeça.

Ao chegarem na delegacia, Carmem resolveu não descer do veículo mesmo sentindo-se mais segura. Suas pernas tremiam. Os nervos estavam em frangalhos.

- Carmem, você pode ir comigo até lá dentro? – era João, que retornava da delegacia sem o advogado.

- Mas, o que foi João? Que cara é essa? Assim você me deixa mais assustada?

- Carmem, ele não está preso nesta delegacia.

- Como? Eles disseram que iriam levá-lo para a delegacia. Só existe esta delegacia aqui em São Pedro.

- Você viu os homens que pegaram Antoniel?

- Claro que os vi. Até falei com eles. Ou melhor, gritei como uma louca com eles.

Pedindo que deixassem Antoniel livre. Eles me disseram que estavam apenas cumprindo ordens. E que não o estavam prendendo, mas apenas efetuando uma detenção, para averiguação. Foi aí que fiquei sabendo o motivo.

- Vem comigo, então...

Carmem desceu do carro e caminhou lentamente apoiada no braço do irmão. A delegacia estava vazia àquela hora da noite. Apenas um investigador e um escrivão estavam de plantão. O advogado conversava com um dos homens. Quando se aproximaram ele anunciou: - Dona Carmem, este senhor é um dos investigadores de plantão. Ele me disse que não fizeram nenhuma prisão hoje à tarde.

- Os homens que levaram Antoniel disseram que estavam fazendo uma detenção. Eu não sei a diferença. Só sei que o levaram para a delegacia.

– Que carro os homens estavam usando e que como eram eles? - perguntou o investigador.

– Um deles tinha traços orientais e era baixo e forte. O outro devia ter um metro e oitenta, muito mais alto que ele – disse, apontando para o advogado. - Era também extremamente musculoso... Tinham um carro preto da ‘Fiat’. Era um ‘Tempra’ preto, até os vidros eram pretos. Não prestei atenção às placas. Estava muito nervosa e... Ainda estou.

– Olhe, minha senhora. Aqui na delegacia não tem nenhum investigador com esse porte físico e muito menos usamos carros particulares para fazer prisão ou deter alguém – explicou o investigador.

– Mas eles mostraram as carteiras, que pareciam ser da polícia. Ah! Meu Deus! E agora, João? O que vamos fazer?

– Calma. Vou tentar falar com o delegado e ver o que se pode fazer – interrompeu o advogado.

– Olha, doutor. Não sei se o senhor vai conseguir falar com ele hoje. Parece-me que ele está num curso em São Paulo. Vou ligar para a casa dele e ver se ele está lá...

Os três, impacientes, aguardaram, enquanto o investigador enveredava corredor adentro. Enquanto se preparava para ligar, o investigador lembrou-se do carro preto e a descrição correspondia perfeitamente com os dois homens que tinham ficado na cidade por quase uma semana. O Jack, sim, ele ficou com eles... Ele devia saber alguma coisa a respeito, pensou.

– Doutor - disse ele depois de dez minutos e dirigindo-se ao advogado -, foi aquilo mesmo que lhe disse... O doutor Josias está num curso em São Paulo. Ele vai toda quarta e toda sexta à noite. Conversei com esposa e ela me disse que as sextas ele costuma chegar após a uma hora da manhã.

– O senhor sabe me dizer onde mora o juiz da comarca ou o promotor?

– Infelizmente, nem o juiz e nem o promotor moram na cidade. Ao que eu saiba eles moram em São Paulo e viajam todos os dias. É uma cidade pequena e bem próxima da Capital. Por isso, eles preferem viajar todos os dias a residir aqui.

– Mas que droga! - praguejou o doutor Antônio. - Como é que vou saber para onde levaram Antoniel?

– Doutor, vou-lhe fazer uma confidencia. Não sei se o que vou falar vai ajudar. Mas na semana passada eu vi, por diversas vezes, dois homens que correspondem à descrição que a senhora

forneceu. É fácil de lembrar-se, por que ambos fazem uma dupla interessante. Parecem até aqueles personagens do filme 'Irmãos Gêmeos', a única diferença é que o cara baixo não é gordo e nem barrigudo, ao contrário é muito forte. E o investigador Jackson, esteve com esses caras. Vocês podiam tentar falar com ele. Vou pegar o número do telefone para vocês.

– Oh, graças a Deus, apareceu uma luz no fim do túnel... - falou Carmem.

Minutos depois, o investigador entregava para o advogado um pedaço de papel enquanto dizia:

– Aqui está doutor. Esse é telefone do Jack. É assim que ele é conhecido aqui. Ninguém o chama pelo nome completo. Espero que ele possa ajudá-los. Caso contrário, somente amanhã. Aí, vocês vêm até aqui e daqui nós entraremos em contato com o doutor Josias. Infelizmente, não tenho autorização para passar o número do telefone de sua residência. Espero que entendam... Cumpro ordens.

– Entendemos - disse Antônio. - Mesmo assim, muito obrigado por sua atenção. Vamos tentar esse tal de Jack.

Despediram-se e retornaram a casa. Andréia já havia chegado. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Cristina também tinha os olhos vermelhos. Ela tinha sido forte na frente da mãe, segurara as lágrimas, mas com a irmã soltou-se...

O advogado e João foram até onde estava o aparelho telefônico. Antônio sentou-se ao lado do aparelho e fez a ligação. Quando ele começou a falar, toda a atenção voltou-se para ele, mas a expressão do seu rosto e, o tom da voz, não traduzia boas notícias.

Quando terminou a ligação levantou-se e ficou em pé, levantou as mãos, num gesto que dizia que nada mais podia ser feito naquele momento.

– Estamos sem sorte. Esse tal de Jack foi para a cidade de Campinas visitar uns parentes. Só retorna amanhã à tarde. Portanto, senhor João, não nos resta outra alternativa senão a de retornarmos para a casa e voltarmos aqui amanhã pela manhã.

Mãe e filhas abraçaram-se fortemente. A perspectiva era triste e desconfortante. Nada podiam fazer. Estavam literalmente com as mãos atadas. Teriam que esperar. Seria uma longa noite. João decidiu ficar e fazer companhia para as sobrinhas e para a irmã. Não poderia deixá-las sozinhas naquele momento tão difícil. Disse para o advogado ir embora com seu carro, porque o do

advogado tinha ficado no sítio. Antônio não fez objeções e prometeu estar de volta logo pela manhã, por volta das oito horas. - Não adiantava vir mais cedo, não vamos conseguir nada... – insinuou ele do alto da sua experiência. – João voltou para dentro da casa, ligou para a mulher, explicou o caso e disse que dormiria ali aquela noite e pediu que ela mandasse um dos empregados trazer uma muda de roupa. A noite seria longa. Todos sabiam disso. A presença de João servia de conforto. Carmem manifestou o desejo e a necessidade de tomar um banho. João a incentivou. Pediu para Cristina que preparasse um chá, enquanto sua mãe tomasse um bom, quente e relaxante banho. Nada mais podiam fazer, a não ser esperar e orar. João sabia que Carmem iria pedir isso. Preparou também as meninas. Elas também sabiam que a oração, naquele momento, serviria de conforto. Quando Carmem saiu do banho, tomou uma xícara de chá bem doce e reuniram-se na sala para uma oração. De joelhos. Permaneceram assim por mais de uma hora. João, com tato e delicadeza, avisou sobre o adiantado da hora. Uma hora da manhã. Teriam que tentar dormir um pouco e aguardar o dia seguinte.

CAPÍTULO XXXI

O veículo estava em alta velocidade. Devia estar a mais de cento e vinte quilômetros por hora. De onde estava era-lhe impossível ver o velocímetro. Mas, o que importava? Os pensamentos estavam em ebulição. Levemente foi deixando a cabeça inclinar para trás até encontrar o apoio. Fechou os olhos. Deixou os pensamentos fluírem com a velocidade que desejassem, soltos. Não tentou reprimir e nem afastar nenhuma imagem. Uma coisa o incomodava: por que tudo isto...? Forçava-se a crer que vivia um pesadelo. Era apenas e tão-somente um sonho ruim e logo iria despertar e tudo estaria bem novamente. A imagem de Roberto desfilava sorridente em sua mente. Podia ver com perfeita clareza a primeira festa que deram, por ocasião da abertura da segunda unidade.

Depois uma intensa comemoração quando atingiram a meta primária de dez unidades. Não teve festa quando conseguiram a vigésima unidade. Podia ver as imagens de felicidade de Carmem e das meninas quando fizeram a primeira viagem para Europa. Passaram quarenta dias em plena diversão. As imagens alternavam entre boas e ruins. Tudo estava uma verdadeira confusão. Lembrou-se do dia em quebrou quase meia loja e ameaçara matar Roberto. Depois o ameaçara novamente em sua casa... Hum, talvez fosse por isso. Esse era o motivo pelo qual estava sendo levado preso. Nunca teria coragem de matar alguém. Até mesmo Roberto. Confiara nele como se ele fosse um irmão. Um verdadeiro irmão. Sentia um carinho muito grande e amava-o como uma pessoa da família. E agora, estou aqui. Preso. Detido. Sei lá o quê? Por causa do Roberto. Nem morto me poupou... Pode ver o desespero no rosto de Carmem. Podia ouvir seus gritos, quando aqueles homens o puseram dentro do carro. Como será que ela está? E as meninas? Meu Deus, que confusão...! Mas ainda nutria uma esperança de que aquela situação iria ser esclarecida. Logo estariam com o doutor Luiz e ele o faria regressar para casa.

Antoniél só se deu conta de que estava na cidade de São Paulo quando o trânsito ficou caótico e moroso. Eles falaram que estavam me levando para a delegacia. Mas estou em São Paulo. Quem serão estes caras? Indagou-se. Decidiu manter-se em

silêncio. De nada adiantaria falar alguma coisa naquele instante. E também não estava com vontade nenhuma de falar com os seus algozes. Preferia seus pensamentos. Fossem eles bons ou ruins, mas eram seus, de ninguém mais. Era um local onde ninguém poderia interferir. Voltou a fechar os olhos. Podia ouvi-los conversar... Deixou-se levar novamente pelo pensamentos e em poucos minutos já não conseguia entender uma só palavra do que eles falavam. Estava novamente em seu mundo particular.

Foi despertado quando Kenji tocou em seu ombro e disse, com arrogância na voz: - E aí, meu chapa. Vamos acordando. Isso aqui não é táxi, não. E nem você está em uma viagem de férias.

Não respondeu. Saiu do carro e cabisbaixo caminhou pela calçada, sempre no meio dos dois homens. Entraram na delegacia, totalmente iluminada àquela hora. Oito e cinco da noite no relógio da parede. Levaram-no por um corredor e seguiram até quase o final. Abriram uma porta à esquerda, seguiram novamente por um outro corredor. Mais curto. Pararam frente a uma grade de ferro que ia do chão até o teto e de parede a parede. Abriram-na e pararam na primeira porta. Na verdade não era uma porta comum. Era uma porta de ferro, menor que a primeira, mas com ferros da mesma cor e grossos, pintados de cinza chumbo. Uma pintura mal feita e que também demonstrava desleixo: rodas e mais rodas de ferrugem. Abriram a porta de ferro e jogaram-no para dentro. Antoniel ouviu os ferros se chocaram e a chave girar, estava trancafiado naquele cubículo. Depois ouviu os passos dos dois homens que se afastavam pelo corredor. Havia uma lâmpada acesa no teto, uma luz muito fraca. Ainda em pé, no centro da pequena cela, de costas para as grades da porta, correu lentamente com os olhos o local onde estava. Era um cubículo de aproximadamente seis metros quadrados, do seu lado direito ficava uma cama, se é que poderia chamar aquilo de cama... Em alvenaria, parecia sair da parede, sobre ela um colchonete, gasto e fino. À sua frente uma pequena janela com grades. Não dava para ver nada. Começou a sentir um forte odor. Aquilo fedia. O mofo era o dono daquele lugar. Se aquilo não era o inferno, bem que podia ser parte dele. Lentamente, conseguiu mover-se em direção à cama. Sentou-se, sentiu o frio do cimento nas nádegas; o cheiro tornou-se mais forte. Teve náuseas. “Ai! Vou vomitar...” - Pressentiu, mas buscou controlar-se. Não tinha ninguém com quem falar. Ninguém com quem lamentar.

Não era possível nem ao menos saber que horas eram. Tiraram-lhe o cinto, a carteira, o relógio, o anel e até a aliança. Não estava conseguindo coordenar mais seus pensamentos. Queria gritar. Gritar bem alto. Mas a garganta estava seca. Os lábios estavam como que grudados um ao outro. Decidiu ajoelhar-se. Sentiu o frio do cimento invadir, instantaneamente, os joelhos. Afastou o colchonete para um lado. Ele fedia. Apoiou os cotovelos na cama de alvenaria e colocou o rosto entre as mãos. Começou a orar baixinho e depois continuou a oração mentalmente...

Só percebeu a presença dos dois homens quando eles já estavam dentro da cela. Não sabia por quanto tempo estivera de joelhos. Teve dificuldades para se colocar de pé. As pernas estavam dormentes, os braços também. Fizeram todo o caminho de volta.

Reconheceu o primeiro corredor. Tentou verificar que horas eram. O relógio de parede estava fora de seu alcance de visão. Subiram dois lances de escada e novamente caminharam por outro corredor, entraram numa sala. Ao fundo, um homem sentado atrás de uma escrivaninha. Os dois homens sentaram-no numa cadeira de madeira que estava posicionada bem na frente do homem por trás da escrivaninha.

– O senhor sabe o por que está aqui, não é, seu Antoniel?

– Não faço a mínima idéia. Estou querendo saber por que fui preso?

– Eu sou o delegado responsável por essa delegacia. Meu nome é Geraldo de Assis. E o senhor está detido por ser o homem suspeito de ter contratado a morte de seu ex-sócio Roberto de Souza Aguiar. Esse, o senhor conhecia? Não é? - disse, com um tom de ironia na voz.

– Claro, doutor. Eu conhecia Roberto muito bem. Ele me deu um grande golpe. Mas eu não o matei e também não contratei ninguém para matá-lo.

– Isso é o que todos dizem quando chegam aqui. Alguns chegam a ajoelhar e jurar que são inocentes. Agora, no seu caso, temos indícios de prova suficientes para pedir a sua prisão provisória e depois definitiva. Portanto, o senhor não me venha com essa conversinha, que isto não vai melhorar em nada a sua situação.

– Mas, doutor, tenho certeza que tudo isto ficará esclarecido. Eu não tinha dinheiro nem para comprar roupas para

as minhas filhas, como ia ter dinheiro para contratar pistoleiros para matarem Roberto?

– É. Entretanto, temos testemunhas que ouviram, por mais de uma vez, que o senhor iria matar o seu ex-sócio, custasse o que custasse e levasse o tempo que levasse. Ou o senhor não disse isso?

– É que... Eu... Bem... Não sei o que dizer. Pelo que sinto, o senhor já me considera culpado. Então se é assim, tenho o direito de permanecer calado. E assim vou ficar - disse Antoniel, buscando as palavras nas últimas forças que lhe restavam.

– Ah! Espertinho o nosso cara aqui. Né, doutor? Acho que vou jogá-lo em uma daquelas famosas celas e avisar para cuidarem bem dele, pois vamos dizer que ele foi preso em flagrante por estuprar a própria filha de oito anos. Que lhe parece, Antoniel? Já imaginou o que os caras vão fazer com você? Talvez até você goste..., hein! - disse Luizão, intimidativo.

– Pelo amor de Deus. Eu sou inocente. Se vocês cometerem um ato desses, vocês estarão fazendo isso com um inocente! É melhor me matarem do que me fazerem passar por uma humilhação dessas! Por Deus, vocês não têm coração?

– Algumas horas naquela cela e ele cantará como um passarinho... - disse Kenji, entre risadas.

Antoniel sentiu o suor a escorrer pelas axilas, pelas palmas das mãos. Sentiu novamente vontade de vomitar. Estava precisando urgentemente de ir ao banheiro. Sua bexiga estava a ponto de estourar. Uma leve tontura já tomava conta de sua cabeça. O corpo começou a tremer. - Por favor, doutor, eu preciso de um banheiro.

Leve o homem para o banheiro - consentiu o delegado.

– Vamos lá, cara - falou Kenji. - Quer dar uma mijadinha? É. Ou soltou a barriguinha?

É, o medo faz isso mesmo... Mas você ainda não viu nada...

Kenji conduziu Antoniel para o banheiro, ficou do lado de fora. Antoniel correu para o vaso sanitário e acabou por vomitar. Não deu para segurar. Urinou no mesmo vaso, deu a descarga, parou junto da pia, olhou-se no espelho. Quem é este?! - questionou-se Seu rosto estava diferente. O desespero e a angústia estavam estampados ali, como se tivesse sido passado com ferro muito quente. Abriu a torneira, deixou a água fria escorrer entre os dedos e depois nas mãos e pulsos. Juntou as mãos em forma de concha e colocou-as debaixo da torneira, enchendo-as e começou

a jogar no rosto, molhando até os cabelos. O contato com a água fria reanimou-o. Já podia enfrentar os seus algozes. Olhou fixamente para o espelho, aproximou mais o rosto e, em voz baixa, prometeu para si mesmo que suportaria aquelas vezes que a vida lhe estava dando, colocou-se sob a proteção de Deus. Nada mais importava. Nada mais.

O investigador entrou no banheiro, puxou-o pelo braço e foi dizendo: - Vamos lá, meu chapa. Está pensando que aqui é um hotel cinco estrelas? O delegado está te esperando. Vou lhe dar um aviso. Para seu próprio bem é melhor você começar a falar. Senão o bicho vai pegar. Entendeu?

Antoniél apenas fez um meneio afirmativo com a cabeça e deixou-se conduzir pelo investigador. Em minutos estava novamente dentro da sala do delegado.

- E então? Está melhor agora? Pronto para começar a falar?

- Não tenho nada a lhe falar. A única coisa que posso lhe falar é que sou inocente - disse Antoniél com firmeza na voz.

- Leve esse cara de volta - gritou o delegado. - Vamos deixar ele um pouco lá para refletir melhor. Não esqueça que você poderá ir parar na cela que o Luizão disse ser especial. Reflita sobre isso.

Os dois homens levaram-no de volta à cela. Ele já se sentia mais calmo. Começava a pensar com clareza novamente. Eles estão fazendo um jogo sujo comigo, tenho de suportar. Não sou criminoso. Está certo que tive vontade e até motivos para matar Roberto, mas não fui eu. Meu Deus! Quem foi?...

Ajoelhou-se e começou a orar.

CAPÍTULO XXXII

Sete horas da manhã.

Carmem terminava de coar o café. O aroma do café inundou o ambiente, mas não alterou aquele silêncio pesado que ali reinava.

Ninguém conseguira dormir bem aquela noite. Os sinais de uma noite ruim de sono estavam nos rostos de todos. Todos estavam com olheiras e cabisbaixos. Fizeram uma pequena oração e comeram o desjejum em completo silêncio.

– Carmem. Meninas. Temos que reagir – quebrou João o silêncio. - Daqui a pouco Antônio estará aqui e vamos localizar Antoniel. Descobriremos para onde o levaram.

Podem ter a certeza. Ele é um bom profissional e vai dedicar-se ao máximo para encontrar o paradeiro de Antoniel.

Oh! João. Como gostaria de ter essa certeza. Como será que Antoniel passou esta noite? Para onde será que o levaram? Meu Deus! João, agora que tudo estava começando a fluir novamente. Nós estávamos participando da nova loja, o dinheiro começou a entrar novamente, os pedidos crescendo dia-a-dia, Anto tem trabalhado até quase meia-noite para dar conta das encomendas... Até as meninas têm ajudado nas pinturas. E justo agora, esta situação. Será que esse homem, nem mesmo depois de morto e enterrado não vai parar de causar problemas para a gente...? Anto foi muito inocente e confiou plenamente nele. E ele aprontou aquela com ele. E agora, o desgraçado é morto e o Antoniel é preso injustamente. Que droga, João.

– Calma, Carmem. Este é o momento de nos unirmos mais ainda. Sabemos da inocência de Antoniel. Portanto, vamos procurar ficar tranquilos. Olha, mesmo diante deste problema aconselho que a Cristina vá abrir a loja e Andréia fique aqui, para o caso de Antoniel conseguir fazer um telefonema. Vamos deixar os números dos telefones celulares, assim, caso ele entre em contato, você poderá achar-nos.

– Abrir a loja, tio João? - perguntou Cristina. - Nestas condições?

– Ficar bem pior se vocês não abrirem a loja. Muitos curiosos virão fazer perguntas e mais perguntas. Com a loja aberta, ninguém vai ficar questionando. Quando muito, podem

perguntar por Antoniel e você, infelizmente, minha filha, terá que mentir. Pode dizer que ele foi dar um orçamento para um cliente e assim, não terá que ficar dando muita explicação.

– É, seu tio tem toda a razão Cristina.

– Tá bem, mãe. Concordo com o tio João. O duro vai ser agüentar a barra até ter notícias do papai e ter que sorrir para os fregueses...

– O comércio é assim mesmo. Muitas vezes choramos por dentro e abrimos um sorriso por fora. O freguês não está lá para saber dos nossos problemas pessoais - observou João.

– Mas você é jovem e pode suportar. Creio que até à hora do almoço já teremos uma resposta.

O silêncio voltou a reinar. O desespero, a angústia, a ansiedade e a tristeza, tinham invadido, sem pedir licença, aquele lar, aquela família. Mas eles não estavam dispostos a entregar a guerra sem lutar. Iriam lutar e provar a inocência de Antoniel. Aquele sábado seria diferente. Um ruído de carro estacionando e abrindo a porta, chamou a atenção de João. – Deve ser Antônio. Como sempre pontual. Ele é de uma pontualidade britânica, que chega até a irritar, pois, ele cobra essa pontualidade dos seus clientes e até dos amigos... - disse João levantando-se da cadeira e dirigindo-se para a sala. Convidou-o para entrar e tomar uma xícara de café. Ele estava vestido mais à vontade com uma calça de tecido panamá, marrom claro, uma camisa manga longa, em tom bege mais escuro.

Estava sem gravata. Tomou rapidamente o café, pois queria dar continuidade ao seu trabalho de busca. Iriam para a delegacia. Caso não conseguissem o delegado iriam atrás do prefeito da cidade e localizariam a qualquer custo à casa do delegado. Estavam decididos a ir até às últimas conseqüências para encontrar Antoniel.

Já estavam os três na garagem, Carmem passava as últimas instruções para as filhas, quando Andréia disse: - Mãe. A fita...

– Que fita, Andréia? Isso é hora de falar em fita.

Andréia, demonstrando ansiedade, curvou o corpo para frente e com as palmas das duas mãos voltadas para cima, quase gritou: - A fita mãe. A fita que está gravada...

Os três ficaram a olhar, espantados com o comportamento estranho de Andréia.

Carmem demorou alguns segundos para entender o gesto desesperado da filha. Pediu licença para o advogado e seu irmão e entrou para casa, levando Andréia até a cozinha.

– Mas que fita é essa de que você está falando, Andréia?

– Mãe. A senhora e o papai não gravaram uma fita, onde tinha uns homens falando que tinham que receber um dinheiro e depois eles falaram que o serviço já estava pronto e que eles haviam matado um homem?

– Sim é daí? O que isso tem a ver com a prisão de seu pai, menina? Agora você enlouqueceu de vez! Seu pai já está em uma encrenca, você quer que eu leve uma fita que foi gravada na clandestinidade? Isso só vai gerar mais problemas e agora nós estamos é atrás de solução.

– Mas, mãe, a senhora mesma procurou nos jornais se alguém da cidade havia sido assassinado. A senhora só encontrou o nome do Roberto. E depois eu até fiz uma brincadeira de que os homens poderiam estar falando dele. Lembra-se...?

– Sim, Andréia. Eu me lembro muito bem. Só que não estou vendo em que isso pode ajudar.

– Ora. Se os caras estavam falando que cometeram um crime. Tem dois ou três nomes gravados lá. Se não tiver nada a ver com o caso de papai, pelo menos tentamos alguma coisa. Droga. O que eu não quero é ver papai pagando por um crime que ele não cometeu. Isso eu não quero.

– Ninguém quer isso, Andréia. E seu pai não vai pagar por nada. Ele é inocente.

– Por que a senhora não mostra a gravação para o tio João. Veja o que ele fala.

– Mais aí teríamos que mostrar também para o advogado.

– E daí. Advogado não tem que guardar segredos e essas coisas assim?

– Não sei Andréia. Sinceramente, não sei.

João, estranhando tudo aquilo, deslocou-se para a cozinha e chegou a tempo de ouvir a última pergunta de Andréia. – Por que você perguntou a sua mãe se o advogado está obrigado a guardar segredo de coisas a respeito de seu cliente, hein? – quis saber.

– Bem... Tio... Sabe como é... É que...

– Fale de uma vez, Andréia. Fica aí balbuciando e enrolando. O que é que você sabe e que não quer me contar.

Ela olhou para a mãe procurando ajuda. Os olhos de ambas se cruzaram. Passou pela cabeça de Carmem que talvez Andréia

tivesse razão a respeito da fita cassete. Era, no entanto, uma idéia totalmente absurda, ainda mais vindo de uma jovem como ela.

Decidiu contar tudo para João. Que ouviu atentamente. Levantou-se e foi chamar o advogado que, por sua vez, ouviu atentamente toda a história. Quando Carmem terminou de contar, ele estava com o semblante sério e compenetrado. Logo pediu para ouvirem a fita. Foi um corre-corre geral, as três saíram em busca da fita. Não se lembravam onde a tinham guardado. Quinze longos minutos depois, Carmem achou a pequena fita cassete no meio de uma das gavetas onde Antoniel guardava as meias. Colocaram o aparelho no meio da mesa da cozinha e fizeram rodar a fita. Antônio fez questão de ouvi-la por mais uma vez.

– Olhem – disse, finalmente –, se esta fita tiver ligação com o caso, vocês podem chamar isso de um verdadeiro milagre. Pois eu diria que um caso assim ocorre um em um bilhão. Por acaso vocês conhecem algum desses nomes mencionados na fita?

– Não, doutor. Não conhecemos ninguém com esses nomes - respondeu Carmem.

– Mas isso é crime, não é doutor? - perguntou Cristina.

– O que é crime?

– Gravar conversas telefônicas?

– Sim. É crime. Mas entre este crime e o crime de homicídio, este de ouvir conversa telefônica é mais simples. Agora. Se o que está na fita tiver correlação com o crime pelo qual levaram seu Antoniel, podemos até conseguir que esta fita nem sequer apareça no inquérito policial.

– Então isso é possível doutor?... – quis saber Andréia, cheia de esperança.

– Sim. Isso é possível, mas devemos agir com extrema cautela. Vamos levá-la conosco.

Vamos atrás do delegado de polícia.

A delegacia estava completamente vazia naquela manhã de sábado. Como na noite anterior, estavam presentes apenas um escrivão e um investigador de plantão. Tiveram que contar novamente a mesma história. Depois de muita conversa e paciência, Antônio conseguiu convencer o escrivão da necessidade urgente de conversar com o delegado responsável pela delegacia. Isso tomou quase uma hora de conversa. O escrivão sumiu no corredor para retornar dez minutos depois, dizendo: -Acabei de conversar com o doutor Josias. Expliquei o caso e ele me disse

que estará aqui dentro de uma hora ou uma hora e meia para atendê-lo, doutor.

O advogado olhou para Carmem e para João e disse: - Vamos esperar.

Sentou-se nos bancos toscos e gastos e ficaram esperando. Carmem não parava de consultar o relógio. Cada minuto era importante. A ansiedade tomava conta dela, tentando destruir-lhe o último fio de esperança. Pegou-se a orar mentalmente. Isso conseguia acalmá-la nos momentos mais difíceis. Uma hora depois, um homem, com cara de poucos amigos, entrou na delegacia.

- Quem é o doutor Antônio? - logo quis saber.

O advogado levantando-se e respondeu: - Eu sou o doutor Antônio. Bom dia.

- Bom dia - respondeu com segura na voz. - Eu sou o delegado responsável. O que vocês querem?

- O senhor é o doutor Josias? - perguntou Carmem, nervosa.

- Sim, sou eu mesmo. Mas, o que temos de tão importante, doutor? - questionou, dirigindo-se ao advogado e ignorando a presença de João e de Carmem.

- Bem, doutor. O escrivão já deve ter-lhe adiantado o assunto. Porém, gostaria de lhe falar em particular.

- Pois não, doutor, vamos entrar - disse, já abaixando um pouco a guarda.

O delegado entrou pelo corredor acompanhado de perto pelo advogado.

Carmem e João ficaram aguardando. Carmem não voltou ao banco, ficou andando de um lado para o outro. Queria saber o que estava acontecendo lá dentro entre o advogado e o delegado. Mas este lhe pedira que o deixasse conversar primeiro com delegado. "Eu não faço parte do problema, sou o meio para tentar resolvê-lo. Então, fica mais simples eu falar a sós com o delegado...", dissera-lhe Antônio.

Antônio sentou-se em uma cadeira apontada pelo delegado e começou a expor a situação e a forma como se deu a prisão de Antoniel. O delegado sabia muito bem o que estava acontecendo, bem como sabia do paradeiro de Antoniel. Antes de vir à delegacia já havia entrado em contato com o amigo Geraldo. Sabia também que, Antoniel jurava inocência. Mas todos os criminosos, quando pegos, juram inocência. Entretanto, enquanto escutava a

história do advogado pensava numa forma de safar-se daquela situação extremamente delicada. Já pensava em dizer que desconhecia o caso e muito menos a situação de dois homens em um carro da 'Fiat Tempira'...

– Tem mais, doutor – ouviu o advogado dizer -, já tomamos conhecimento de que estes dois homens estiveram várias vezes nesta delegacia e inclusive foram vistos sendo acompanhados por investigador, lotado nesta delegacia, de nome Jackson, que atende por Jack. Portanto, o senhor deve saber alguma coisa a respeito...

O delegado ficou perplexo com a nova situação. Ficou-se perguntando como aquele advogado teria obtido tal informação. Havia pedido sigilo absoluto da operação.

– Como o senhor pode afirmar que estes dois homens estiveram aqui na delegacia!... – não se conteve. – Aqui, o dia inteiro entra e sai pessoas. O senhor sabe disso.

– Acontece que é raro ver uma dupla de homens que chamam a atenção pela suas estaturas e portes físicos. Tanto que a pessoa que me falou me disse que eles lembravam muito os personagens daquele filme 'Os Irmãos Gêmeos', com a diferença que o cara baixo, não era gordo, mas musculoso. Portanto, uma dupla assim ninguém esquece facilmente.

O delegado não conseguiu obter a fonte que havia revelado a presença dos dois investigadores na delegacia, mas sabia que o advogado estava muito bem informado. Decidiu então contar uma parte da história afirmando que estava colaborando com o delegado Geraldo de Assis sobre um crime que ocorreu na Avenida Paulista, cujo suspeito principal era o tal de Antoniel. Que ele, realmente, havia sido levado para averiguações...

– Mas, doutor - disse o advogado -, neste caso o senhor deve saber se ele é o único suspeito ou existem outros?

– Olha. Além dele existem outros dois nomes, que figuram na lista de suspeitos. Existia também a suspeita em relação à viúva. Porém, esta suspeita já foi descartada em virtude das investigações. Restaram três nomes, entres eles o do seu cliente. E ao que tudo indica, existem fortes indícios de que de fato ele tenha sido o mandante.

– Quais são os outros nomes?

– Ao que me consta são dois irmãos, deixe-me verificar - disse o delegado, abrindo uma gaveta e dela retirando alguns

papéis, que passou a examinar para, finalmente, dizer: - Um chama-se Diogo Praxedes e o outro Paulo Praxedes.

- E o senhor sabe onde moram estes dois suspeitos?

- Eles moram aqui mesmo, em São Pedro. Segundo este relatório que Geraldo me passou, eles vieram de Dourados, Mato Grosso do Sul, fixaram residência aqui há dois anos ou um pouco mais.

Os pensamentos de doutor Antônio fluíram com uma velocidade incrível. Não podia crer que tinha ouvido o nome de Paulo. O mesmo nome que constava da fita cassete, gravada por Antoniel. Se isso é verdade será o máximo da coincidência ou um verdadeiro milagre, uma daquelas coisas para as quais não se encontra explicação na lógica e na razão humana... Pensou se deveria mostrar a gravação ao doutor Josias. Será que ele levará isto a sério ou não? Em que isto poderá prejudicar ainda mais a situação de Antoniel. Era muita coincidência. Teria que tentar...

- Doutor Josias, por gentileza, poderia repetir o nome dos suspeitos?

- Diogo e Paulo Praxedes, são irmãos. Mas por quê?

- Olhe, não sei como o senhor vai receber o que vou lhe contar e lhe mostrar. O que o senhor vai ouvir agora, parece brincadeira de criança, mas nós estamos falando da vida de um homem. Esse homem pode ser realmente inocente. O que tenho aqui comigo, merece ser investigado, a fim de que não se cometa mais injustiça.

- Mas o que o senhor tem consigo que possa melhorar a situação de Antoniel?

- Doutor Josias, é clássico que um crime não justifica outro. Mas nesse caso, creio que se pode fugir à regra...Antoniel, depois que perdeu tudo, devido ao golpe que Roberto lhe aplicou, passou a viajar para o Paraguai e comprar mercadorias para revender aqui no Brasil. Foi lá que ele teve contato com um aparelho que faz escutas telefônicas. Este aparelho 'escanea' conversas telefônicas de aparelhos celulares entre si, e de ligações feitas de telefones celulares para convencionais e vice-versa. O aparelho só não 'escanea' conversas telefônicas entre os aparelhos convencionais. Quando Antoniel fez sua última viagem ao Paraguai adquiriu um outro aparelho, com as mesmas características, só que mais potente e mais moderno e com dispositivo específico para gravar conversas. Foi numa das ocasiões em que estava ouvindo a conversa telefônica dos outros

que gravou as conversas que o senhor vai ouvir. Gravaram por gravar, Antoniel queria testar o aparelho. As outras gravações feitas na primeira noite foram apagadas, mas ele deixou a estranha conversa gravada, pois os homens que estavam conversando marcaram outro dia e outro horário. Ele ficou na escuta e conseguiu gravar a conversa novamente. Eu quero que o senhor as ouça.

– Mas como eles conseguem ouvir conversas telefônicas? – o delegado estava aparvalhado.

– É um aparelho que capta as frequências dos celulares. Quando consegue a frequência correta estaciona e é possível ouvir as pessoas conversando.

– Mas o senhor ouviu a fita? E o que ela tem em relação ao crime em si?

– Pode ser pura imaginação. Ou uma tremenda coincidência. Ou até mesmo um grande milagre. Ocorre que o nome de um dos homens da fita é Paulo e outro homem faz menção a uma outra pessoa, dizendo que é irmão desse Paulo.

– Essa fita está com o senhor? – disse ele, completamente incrédulo. - Deixe-me ouvi-la...

– Sim, eu a trouxe. Quero que o senhor a ouça.

O advogado retirou um pequeno gravador do bolso, colocou a pequena fita em seu interior, apertou o botão de *play* e colocou o gravador sobre a mesa. O delegado ouviu atentamente a conversa. A gravação estava excelente. Era perfeitamente audível. Quando terminou, o delegado rebobinou a fita e ouviu novamente. Mais duas vezes depois, concluiu:

– Realmente estamos com um caso sério nas mãos. Devo concordar com senhor. Se esta gravação estiver relacionada com o crime da Avenida Paulista, vai servir para provar a inocência de Antoniel. Mas que é um caso raro, inédito eu diria, ah, isso é. Como eu não acredito em coincidência, diria que é um milagre. A providência divina proporcionou ao Antoniel a prova da sua inocência. Sinceramente é difícil acreditar...

Mas vou lhe dizer uma coisa, doutor Antônio: não vou desprezar esse pequeno facho de luz que desponta da escuridão. Vou pedir que o senhor me faça uma gentileza. Quero ligar para o doutor Geraldo, mas quero fazê-lo sozinho. O senhor não faria questão de me aguardar lá fora?...

– Claro, não tem problema!

Lá fora, encontrou a ansiedade estampada nos rostos de Carmem e de João. Deu as explicações necessárias. Falou da fita e do interesse do delegado. Noticiou que já sabia para qual delegacia Antoniel fora levado. Pediu que esperassem um pouco.

O tempo de espera foi doloroso. Meia hora depois o doutor Josias apareceu na sala de espera e a cara de poucos amigos, da primeira vez tinha ficado para trás. Entrou ali com um leve sorriso no rosto.

– Desculpe-me pela demora, doutor - disse. - Conversei com doutor Geraldo. Fiz com que ele ouvisse a fita. Ficou impressionado. Ele está vindo para cá, juntamente com os dois investigadores e o seu cliente.

Quando Carmem ouviu a última palavra soltou um grito: - Ah! Meu Deus! Ah! Meu Deus. Obrigado! Obrigado! - E depois perguntou: - A que horas eles vão chegar, doutor?

– Devem estar aqui dentro de duas horas e meia. Portanto, eu vou almoçar, pois já é quase uma hora da tarde. Volto às duas e meia da tarde. Neste horário vejo vocês novamente. Até lá - disse doutor Josias.

A solução agora era realmente almoçar. Carmem não estava com fome. Porém, seu irmão e o advogado, com certeza deveriam estar. Passaram primeiramente pela loja.

Carmem pôs a filha ao corrente dos fatos e ela ficou chorando de alívio. Na loja, o movimento foi grande, mas ela tinha dado conta das coisas. Fecharam a loja e correram para a casa onde Andréia os aguardava para saber dos acontecimentos. João decidiu levar as três para um restaurante. Tinham mais do que apenas um fio de esperança.

Antoniel estava de volta. A fita seria ouvida e, por milagre, poderia ser a sua salvação.

As mulheres não conseguiram comer direito. O nervosismo era intenso. Decidiram deixar o restaurante e seguiram a pé para a delegacia. João insistiu que era muito cedo, mas elas não quiseram ouvir. Eram duas horas da tarde e as três já estavam sentadas num pequeno muro próximo ao prédio da delegacia. Uma pequena árvore doava-lhes a sombra refrescante. Ficaram ali em silêncio. Cada uma sabia o que se passava na cabeça da outra. As três estavam rezando. Rezavam em silêncio. Pediam o fim daquela tormenta. Daquelas trevas. Clamavam e suplicavam para que tudo desse certo e tudo não tivesse passado de um grande mal entendido. Viram os doutores Josias chegar no horário

combinado. Logo em seguida viram o carro de João, e o advogado. Permaneceram onde estavam.

Já passavam cinco minutos da três horas da tarde. Já deveriam ter chegado. Por que estavam demorando tanto? - pensava Carmem. Eram três horas e trinta minutos, quando Carmem viu o 'Fiat' preto estacionar na porta da delegacia. Não dava para ver quem estava no interior do veículo. O coração começou a bater mais forte. Dava até a impressão que poderia ser ouvido por alguém que passasse por perto dela naquele momento. Foram se aproximando do carro. Quando estavam a seis ou sete passos viram Antoniel saindo do carro. Seu rosto demonstrava abatimento. Seu olhar estava longe e perdido em algum ponto. Carmem gritou: - Anto! Anto! Você está bem?

Foi quando ele levantou a cabeça e viu a mulher e as filhas. Que correram e pularam em seu pescoço. As três mulheres da sua vida estavam ali, num abraço apertado. As lágrimas teimavam em rolar. Os quatros, parados ao lado do carro, choravam. Não sabiam dizer se o choro era de alegria em vê-lo ou de tristeza pela situação. Mas podiam pegar nele, sentir o seu corpo, ouvir a sua voz, mesmo embargada e prejudicada pelo soluço e pelas lágrimas.

- Sim, Carmem. Eu estou bem. Estou bem. E vocês? Como passaram essa noite?

- Agora nós estamos bem. Meu irmão João trouxe o seu advogado. É aquele ali - disse ela apontado o dedo indicador direito, para onde estava Antônio. - Ele mostrou a gravação para o delegado daqui.

- A gravação, Carmem?! Mas de quem foi essa idéia mais maluca?... - ele não estava acreditando.

- Foi minha, papai - disse Andréia.

A conversa familiar foi interrompida com o doutor Antônio chamando Antoniel e Carmem para dentro da delegacia. Pediu que as meninas ficassem do lado de fora. O casal, acompanhado pelo advogado, entrou na sala do doutor Josias. Lá dentro, já estavam os dois investigadores. Outro homem estava presente. Não havia acomodações para todos. Carmem, Antoniel e os investigadores permaneceram em pé. Sentaram-se os delegados e o advogado. João ficou do lado de fora com as sobrinhas.

- Onde está a fita que eu ouvi, pelo telefone? - perguntou o delegado Geraldo ao colega Josias.

- Está aqui. Vamos ouvi-la..

Josias instalou a fita no gravador para todos ouvirem. Rebobinou e ouviram novamente. Luizão e Kenji olhavam entre si e olhavam para os delegados e também para Carmem e Antoniel. Aquilo parecia incrível. Um conto de ficção. Depois de ouvi-la por três vezes, doutor Geraldo voltou-se para Antoniel perguntou: - Quando vocês gravaram esta conversa?

- Uns vinte dias atrás.

- Vocês já tinham ouvido estas pessoas antes?

- Bem. Dois ou três meses atrás nós ouvimos algumas conversas estranhas.

- Você se lembra o que diziam?

- Eles conversavam a respeito de um trabalho que teria de ser feito. Um falava que isso tinha que ser longe e tinha que ser bem feito. Numa outra conversa ouvimos que eles já tinham tudo cronometrado e que em breve estaria concluído. A outra voz reclamava do atraso no serviço. Depois disso, ouvimos mais algumas coisas, mas não prestamos muita atenção.

- Então, por que você gravou esta conversa em duas etapas?

- Eu havia comprado outro aparelho que permite gravar as conversas. Estava fazendo um teste. No dia em que gravei a primeira conversa eu tinha gravado outras conversas. Já estava preste a desligar quando ouvimos as vozes que estão na gravação. Lembramos das conversas anteriores e deixamos gravando. Como eles marcaram uma nova data eu marquei a frequência do aparelho e no dia que eles combinaram consegui captar a conversa, que é essa que está gravada. Agora eles falaram que vão voltar a conversar dentro de trinta ou quarenta e cinco dias...

- E depois disso, vocês chegaram a ouvir novas conversas?

- Olhe, doutor, depois dessa conversa nós não ouvimos mais nenhuma conversa. Os aparelhos estão desligados há quase quinze dias. Tenho trabalhado até altas horas da noite, na tentativa de recomençar o meu negócio...

- Mas os que vocês faziam com as conversas que ouviam?

- Nós tínhamos isso apenas como diversão.

- Por acaso você achou que essa gravação tinha a ver com o crime da Avenida Paulista?

- Em nenhum momento. Tanto que minha mulher chegou a procurar nos jornais da cidade, voltando na data, para ver se encontrava uma notícia sobre algum assassinato. A única pessoa de minha família, que falou brincando, foi minha filha mais nova,

a Andréia. Ela disse: já pensou se foram esses caras que mataram Roberto? Só isso.

Depois, nem tocamos mais no assunto.

– Bem o problema é confirmar se essa gravação tem algo a ver com caso, não é doutor Josias?

– É. Esse é o problema.

– Ora, com devido respeito. Isso é fácil de investigar - disse o advogado.

– Como fácil, doutor? Só temos dois nomes e nem sabemos se é da mesma pessoa que suspeitamos?

– Os senhores têm o número do telefone do Paulo Praxedes? Sei que com isso, estou correndo o risco de fragilizar até mesmo a defesa de meu cliente... Agora, por outro lado, se confirmar a minha suspeita, podemos sair daqui satisfeitos e o meu cliente estará livre de qualquer suspeita.

– Não vejo onde o senhor quer chegar? Acha que vamos ligar para o tal de Paulo Praxedes e perguntar se ele conhece fulano e sicrano e se foi ele o mandante do crime? Ironizou o doutor Geraldo.

– Doutor, em primeiro lugar, tem o número de telefone desse tal de Paulo?

– Sim tenho, e daí?

– O senhor pede para alguém ligar para ele e gravamos a ligação, faz com que ele fale alguns minutos; a pessoa que ligar dá uma desculpa qualquer. Pode dizer que procurava o Paulo de Souza e que foi uma ligação errada. Aí, confrontam-se as vozes. Simples, não...

Os policiais olharam entre si. Depois todos os olhares convergiram diretamente para o advogado.

– Olha – disse Josias -, creio que pode dar resultado. Porém, se não der, pelo menos tentamos. Que acha, Geraldo?

– Acho que você tem razão.

– Deixe-me tentar - pediu Luizão. - Temos um gravador por aqui que dê para gravar a conversa?

Vinte minutos depois já estava acoplado no telefone um aparelho que permitia a gravação sem que o outro lado pudesse saber que isso estaria ocorrendo. Luizão seguiu a idéia do advogado. Apresentou-se como sendo Tonho e que queria falar com Paulo. Uma voz feminina atendeu. Aguardaram alguns minutos e o Paulo iniciou a conversação.

Luizão conseguiu mantê-lo por quase dois minutos falando, até que Paulo, irritado, desligou o telefone na cara de Luizão. Rebobinaram a fita e ouviram a conversa, concentrando-se na voz de Paulo. Ouviram uma dezena de vezes.

– Geraldo, – disse Josias - não sou especialista nesta área e nem perito, mas eu estou absolutamente convencido de que esse Paulo é o mesmo Paulo da gravação feita por Antoniel.

– É, eu também não tenho dúvidas - observou Kenji, que até aquele momento apenas ouvira o falatório.

– E você, Luizão? O que acha? - perguntou o doutor Geraldo.

– As vozes são bastante semelhantes. Um bom técnico de som poderia resolver o assunto. Eu conheço o Carlinhos. Ele é perito nesse tipo de coisa. Poderíamos levar as fitas para ele e depois de analisá-las poderia dar o seu parecer. É a melhor forma de resolvermos o assunto.

– Bem, doutor, e a respeito de meu cliente? Como é que fica? - perguntou o advogado dirigindo-se ao delegado Geraldo, que até o momento não tinha dado a sua opinião a respeito das vozes.

– Diante destas novas evidências ele está liberado, por hora. Mas vamos ouvi-lo posteriormente.

– Quero saber como fica o caso dele em relação à gravação?

– Doutor Antônio, caso se confirme serem os verdadeiros assassinos os donos das vozes da gravação e o caso da Avenida Paulista seja deslindado, o senhor tem a minha palavra, e falo também pelo doutor Josias... Que nós nunca vimos e nem ouvimos esta fita. Era isso que o senhor queria ouvir?

– Isso mesmo, doutores. Agora, quero uma cópia de ambas as fitas. Podemos fazê-las agora mesmo. Algum inconveniente?

– Por mim, não - respondeu o doutor Josias.

– Nem por mim – concordou o outro delegado.

O advogado manuseou os gravadores, copiou as gravações, tanto a que Antoniel fizera, como a que Luizão fizera, colocando-as numa única fita cassete. Depois de terminada a cópia, rebobinou a fita e colocou-a para ouvir a fim de verificar se a cópia estava perfeita. Confirmada a perfeição da cópia, levantou-se da cadeira, estendeu a mão direita, primeiramente para o doutor Josias e, na seqüência, para o doutor Geraldo e, finalmente, para os investigadores, despediu-se levando o casal para fora da sala.

Quando as filhas viram o pai saindo abraçado com a mãe, voaram em seu pescoço cobrindo-o de beijos e abraços. Subiram todos no carro de João. Ficou um pouco apertado no banco traseiro, tiveram que se ajeitar. Mas o trajeto era pequeno e, o pequeno inconveniente de estarem amontoados no banco traseiro, era o de menor importância. Estavam juntos e felizes. Antoniel queria apagar da mente as horas que passara dentro do cárcere. O advogado deu as últimas instruções e deixou os números de telefones em que poderiam localizá-lo facilmente. Iria também pedir a um técnico de sonorização para verificar as vozes na gravação, mas afirmou que não tinha dúvidas de que a voz, tanto numa como na outra gravação, era a de Paulo. Antoniel foi perguntar o preço dos honorários. João interferiu e impediu que ele falasse qualquer coisa. Entrou na casa, apenas para pegar suas roupas e despediu-se da irmã, das sobrinhas e de Antoniel.

Estava na hora de retornar ao sítio. Eram quase seis horas da tarde. Queria descansar um pouco, e o doutor Antônio teria que retornar para a sua cidade. Os quatro ficaram abraçados na calçada vendo o carro desaparecer do ângulo de visão. Ainda abraçados retornaram para casa. Esperariam o resultado da peritagem nas gravações. Antoniel já estava refeito. Necessitava de um bom banho.

Quando saiu do banho, falou com um grande sorriso: - E aí, pessoal... Vamos comemorar? Que tal uma bela e suculenta pizza?

- É. Boa idéia! - responderam a três, ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XXXIII

Segunda-feira.

Antoniél preparou-se para abrir a loja. Entre eles nenhuma palavra foi dita a respeito do assunto. Preferiam fazer de conta que aquela sexta-feira e aquele sábado não existiram. É melhor assim, pensou. Não queria remover a casca da ferida que já começara a cicatrizar-se, assim, quanto menos falasse sobre o assunto melhor seria.

Tinha muito trabalho a fazer. Preocupar-se-ia com ele e não teria tempo para ficar pensando em bobagem. Só amaldiçoava Roberto. Parecia que seu fantasma estava pairando sobre a sua cabeça. Mas era uma imagem que procurava afastar da mente, não queria que ela se tornasse uma obsessão.

O assunto só voltou à tona na quinta-feira à noite, após o jantar. Foi Carmem quem perguntou: - Anto, você não vai ligar para o doutor Antônio para saber se ele tem alguma novidade?

- Devo confessar que já pensei a respeito. Talvez eu o faça amanhã pela manhã.

- Pergunte se ele tem alguma notícia a respeito das gravações. Nós não podemos ficar neste escuro por mais tempo. Isso está nos matando aos poucos. Eu estou evitando tocar no assunto e percebo que você também. Assim como as meninas. Estamos aqui fingindo que está tudo bem. De certa forma está, mas essa espada quase caindo sobre as nossas cabeças, não me agrada nem um pouco...!

- Você, novamente, tem toda a razão. Vou ligar para o doutor Antônio logo de manhã. Ele deve ter alguma informação a respeito. Por falar nisso, precisamos comprar algumas fitas cassete. Deu-me vontade de colocar o aparelho em funcionamento e deixar gravando todas as conversas. Vai que os caras voltem a ligar. Nem eu e nem você estamos mais ouvindo e se eles ligarem nós não ficaremos sabendo.

- Então, deixe o aparelho ligado e preparado para gravar automaticamente qualquer conversa. Mas vê se deixa na frequência correta. Demos sorte duas vezes, podemos ter sorte outras vezes. Agora, Anto, se de fato as vozes forem dos assassinos daquele crápula, podemos dizer, com toda a certeza: é um milagre.

Decidiram-se ir deitar. Fizeram amor como há muito tempo não faziam.

Antoniél acordou bem cedo, por volta das seis horas da manhã. Resolveu dar uma pequena caminhada pelo bairro e retornou quarenta minutos depois, fez o café, tomou o banho e aguardou Carmem acordar. Tomaram o desjejum juntos. As filhas acordariam mais tarde. Resolveram não acordá-las naquela sexta-feira. Elas estavam trabalhando bastante e naquele dia também não teriam aulas, que dormissem até mais tarde. A loja era sempre religiosamente aberta às oito horas da manhã, mas naquele dia seria aberta mais tarde.

– Alô? Quem fala?

– Alô - respondeu Antoniél. – Bom dia, doutor Antônio. Aqui é Antoniél, de São Pedro...

– Oi, Antoniél. Como está passando? Que grande coincidência, eu iria ligar hoje, mais tarde. E aí? Alguma novidade? - quis saber o advogado.

– Eu é que estou ansioso em saber - disse Antoniél. - Por aqui está tudo em paz. Mas em relação às gravações, o que o senhor me diz?

– Tenho ótimas notícias. As vozes de ambas as gravações são da mesma pessoa.

– Meu Deus! Então, esse Paulo deve ser o mandante do crime?

– Com certeza, Antoniél. Com certeza. Agora eu decidi ligar mais tarde, porque antes de contar essa novidade eu iria entrar em contato com aquele delegado de São Paulo, o doutor Geraldo. Quero saber se ele tem mais informações. Eu fiquei sabendo a respeito da gravação ontem à noite. O amigo com quem deixei para analisá-las, esteve em minha casa por voltas das oito e trinta da noite e saiu quando era mais de meia-noite. Ele achou incrível a coincidência e ficou extremamente interessado em conhecer sua aparelhagem.

E por falar nisso, você ouviu mais alguma coisa?

– Não. Nós paramos de ouvir. Discuti sobre esse assunto ontem à noite com minha mulher. Pensamos em começar a gravar todas as conversas. Pode ser que os caras voltem a ligar. Aí, se dermos sorte, poderemos saber a hora em que eles vão se encontrar e o local.

– Creio que você já devia estar fazendo isso. Pode ser muito importante para tirar de vez a suspeita que ainda pesa sobre

você. Assim, com a prisão dos verdadeiros culpados, você estará totalmente livre. Vou entrar em contato com o delegado e ligo a noite. Combinado?

– Combinado. Ah! e por enquanto, muito obrigado.

Antoniel recolocou o telefone no gancho e levantou-se se despedindo de Carmem, já em direção à porta da sala. Já passara da hora de abrir loja. Explicou rapidamente a conversa que tivera e disse que o advogado estava cuidando de tudo, deu um beijo suave nos lábios e entrou no carro.

A campainha do telefone começou a tocar insistentemente. Luizão pegou o aparelho e disse: - Delegacia de Polícia. Vigésimo Nono DP...

– Gostaria de falar com doutor Geraldo de Assis.

– Quem quer falar?

– Aqui é doutor Antônio. Sou o advogado do Antoniel.

– Só um minuto, doutor.

Aguardou alguns minutos e depois ouviu: - Alô, aqui é o doutor Geraldo? Pois não?

– Doutor, estou ligando para saber a respeito da perícia que o senhor iria fazer nas gravações. Gostaria de saber se o senhor apurou alguma coisa a respeito?

– Olhe, faz exatamente meia-hora que recebi o laudo do perito. Ainda não o li. O senhor quer aguardar na linha ou prefere ligar daqui a pouco?

A ansiedade do advogado não era menor do que a de Antoniel. Só que a dele era uma ansiedade profissional e a do seu cliente era uma ansiedade sobre o que poderia lhe acontecer caso não se confirmasse a suspeita que tinham da voz na gravação. Finalmente disse: - Se não lhe for incomodo eu quero aguardar na linha.

– Claro. Aguarde um pouco.

Os minutos passaram lentamente. O delegado leu as páginas com rapidez. O laudo continha seis páginas. Não era um laudo oficial, havia pedido para um amigo que o fizesse, explicando o motivo. Não se conteve, foi direto para a parte das conclusões finais...

– Doutor Antônio – disse -, a perícia confirmou. As vozes do Paulo são idênticas. São da mesma pessoa. Paulo é, a princípio, o nosso homem!

– Eu também mandei um amigo analisar a gravação e ele confirmou o mesmo que o seu perito. As vozes do homem

chamado Paulo e do Paulo Praxedes são as mesmas. Com certeza, doutor, esse é o homem que está procurando.

– Agora o problema é pegá-lo. Não temos muita coisa. Estou entrando em contato com o senhor Marcos. Quero ver se ele consegue me dar mais detalhes de uma transação comercial que Paulo Praxedes e o seu irmão Diogo realizaram com a vítima.

Dependendo do que ele me trazer, conseguiremos uma ordem judicial para a prisão provisória.

– Bem. Resta também aguardar a nova ligação. Eu pedi para o Antoniel gravar todas as conversas a partir de hoje. Eles tinham marcado uma nova data para ligarem, o que deve ocorrer nesta semana que entra ou na outra. Assim, caso Antoniel consiga gravar a conversa, o senhor poderá saber onde e quando eles irão se encontrar. Pode ser que ocorra um encontro igual ao que soubemos pela segunda gravação. Aí, poderá prender os três de uma vez só.

– Já pensei nisso. Mas é arriscado esperar mais tempo. Porém, essa hipótese não está descartada. Ah! Doutor quero pedir desculpas pela detenção de Antoniel.

– Com o devido respeito, esse pedido deve ser feito ao próprio Antoniel e não a mim.

– O senhor tem razão. No momento oportuno farei isso. O senhor pode me deixar seu número de telefone? Talvez precise comunicar-me com o senhor, isso depois de conversar com o senhor Marcos...

– Está bem. Mas quem é esse Marcos?

– É um amigo da família da vítima. Foi ele que forneceu um relatório a respeito do caso e dos negócios de Roberto. Talvez ele possa ajudar a elucidar o motivo do crime, caso tenha sido esse tal de Paulo.

A conversa entre ambos terminou. O advogado deu-se por satisfeito com a resposta do delegado.

O delegado decidiu ligar para Marcos. Quando Marcos atendeu, ele o colocou a par de toda a situação, das gravações e das coincidências. Marcos ouviu tudo em completo silêncio, parecia não acreditar no que estava ouvindo. Comprometeu-se em vasculhar com mais cuidado as coisas pessoais de Roberto, para ver se descobria alguma coisa de importante e de valor probatório. O delegado instruiu o que de fato deveria procurar, tais como notas, bilhetes, cheques, anotações na agenda pessoal. Qualquer

coisa que pudesse ligar Paulo Praxedes ao crime. Para isso eram necessárias evidências fortes...

Imediatamente após terminarem a ligação. Marcos levantou-se, deixou seu escritório e partiu para o escritório das empresas de Roberto. Elaine estaria lá e precisaria saber o que estava acontecendo; ela o ajudaria a procurar as evidências que o delegado estava necessitando.

Ao chegar na recepção, a secretária lhe sorriu e disse: - Nossa! Doutor Marcos veio fazer-nos uma visita. Faz tempo que o senhor não aparece, hein?

- Que é isso, estive aqui duas semanas atrás. E dona Elaine? Ela está?

- Está. Só um minuto que vou anunciá-lo.

Em poucos minutos Elaine apareceu na porta, sorridente e muito bem vestida. Uma perfeita executiva. Ela estava se dando muito bem à frente dos negócios de Roberto. Parecia que tinha nascido trabalhando naquele serviço. Enfrentara alguns obstáculos, mas estava superando com galhardia cada um deles e tornando-se uma *expert* em negócios.

E ela foi falando: - Marcos. Que surpresa agradável. Mas o que o trás aqui? Vamos para a minha sala... Aceita um café? Um chá? Uma água?

- Água e café. Se isso não for um incômodo.

- Imagine, Marcos. Você não incomoda, ao contrário, fico feliz em vê-lo aqui.

Elaine seguiu à frente, indo em direção à sua sala. A sala que pertencera a Roberto. No caminho, já deu ordens a camareira para servir água e café. Entraram na sala e ele notou que ela não tinha mudado nada de lugar. Tudo permanecia com antes.

- Mas, e aí? O que te trouxe até aqui?

- Elaine, preciso de sua ajuda e sua autorização para vasculhar alguns documentos de Roberto, principalmente os da compra da madeira.

- O que aconteceu?! - estava surpresa.

- O doutor Geraldo tem indícios de que um dos vendedores da madeira pode ser o mandante do crime. A suspeita está sobre o Paulo.

- E o Antoniel?

- Coitado. Ele chegou a ser preso a semana passada. Depois apareceu uma gravação que parece ter ligação com o crime

de Roberto. Estou aqui em busca de documentos e saber exatamente como foi a negociação da madeireira.

– Antoniel, foi preso?!... – Havia na voz dela espanto, incredulidade.

– Ora, você não disse em depoimento que o ouviu dizer que iria matar Roberto. Pois bem, com base no seu depoimento e também na investigação dos policiais, que também ouviram depoimentos de pessoas que o ouviram fazer tal ameaça, o delegado mandou prendê-lo. Ele passou sexta-feira e parte do dia de sábado preso aqui em São Paulo. Agora ele já está solto. E o caso deu uma reviravolta, parece que o tal de Paulo é o principal suspeito.

– Então, não vamos perder mais tempo, Marcos. Vamos começar a procurar. Por onde começamos?

– Você mexeu nas gavetas e nos arquivos pessoais de Roberto?

– Não, ainda não. Apenas dei uma olhada por cima, e procurei alguns documentos que a contabilidade me solicitou e coisinhas assim...

– Pois é por eles que vamos começar.

Foram colocando de lado todos os documentos e papéis com alguma anotação ou alguma correspondência com a madeireira. Depois de quase duas horas tinham um farto material para ser analisado. Marcos, com mais experiência, passou a analisá-los cuidadosamente.

– Elaine! – exclamou ele, minutos depois. - Roberto não comprou a madeireira. Ele...

– Como, não comprou?!

Ele tomou a madeireira dos dois irmãos. Olha aqui – disse, apresentando uns documentos. - Ele começou a emprestar dinheiro para esse tal de Diogo e as quantias foram aumentando significativamente. Essas anotações comprovavam que os empréstimos começaram há mais de um ano, antes da compra efetiva... O que transparece é que os antigos donos da madeireira ficaram enroscados com Roberto e ele deve tê-los pressionado tanto que acabaram entregando a madeireira. Deixe-me somar esses números. Quero ver o que vai dar. Se não estiver errado, esses números estão em dólares.

Marcos pegou uma calculadora e minutos depois de somar e conferir, disse, para uma Elaine cada vez mais espantada: - É isso aí, Elaine. O contrato de compra e venda fala de cem mil

dólares, pagos à vista. Mas olhe aqui o valor que os dois irmãos deviam estar em débito com Roberto... - mostrou os cálculos.

– Oitenta mil dólares. Será que era esse o valor que eles deviam para o Roberto? Quem mais será que sabia dessa transação?

–Com certeza, quem deve conhecer bem a respeito disso é o doutor Ricardo e o diretor financeiro. Será que eles estão na empresa?

Ela comunicou-se com a secretária e, minutos depois, entravam na sala Ricardo e Carlos, o diretor financeiro. Sentaram-se e Elaine começou a interrogá-los a respeito da compra da madeira. O doutor Ricardo abriu o jogo e contou tudo. “Roberto começou a emprestar dinheiro para o Diogo porque ficou sabendo que eles estavam numa situação financeira muito difícil. Então ele viajou para Dourados e foi conhecer a empresa, avaliar o seu potencial. Depois de tomar conhecimento das condições financeiras de Diogo e do irmão Paulo, e avaliar o verdadeiro valor de mercado da empresa, começou por dar em empréstimo pequenos valores. Quando sentia que eles estavam no auge do desespero, Roberto negava o empréstimo, dizendo que estava sem caixa”.Ele sabia que eles voltariam na próxima semana e mais desesperados ainda. “Nessa época eles tinham adquirido o sítio onde residem hoje, pensando em melhorar o negócio, mas começaram a perder mais dinheiro. Então eles, no auge do desespero, ofereceram o sítio para Roberto como garantia de dívida. Roberto, disse que iria pensar, mas na verdade estava conduzindo-os para o fim que ele queria. Que era a madeira. Não demorou muito para que eles fizessem a proposta. Até aí eles já deviam mais de trinta mil dólares, sem contar os juros. Quando eles finalmente fizeram a proposta de dar a madeira como garantia da dívida, Roberto ainda fez corpo duro. Deixou-os mais uma semana na espera. Até que ele pediu que eu preparasse toda a documentação necessária. Continuou emprestando dinheiro, porém, o que eles conseguiam pagar era o mínimo do mínimo. Tinha mês que não conseguiam cobrir nem os juros. Roberto teve paciência e seis meses antes de sua morte, deu o cheque mate nos dois irmãos e ficou com a empresa para ele”.

Elaine não podia acreditar no que estava ouvindo. Aquele Roberto de quem Ricardo falava não era o seu marido. - Meu Deus! - murmurou.

Quanta frieza e ganância existiam em Roberto. Começou a pensar se ele não havia feito o mesmo com Antoniel. Vivera ao lado dele por muitos anos, mas de fato não chegara a conhecê-lo totalmente. Estava vivenciando coisas e vendo coisas que não pareciam ter sido feitas por Roberto.

– Então os senhores tinham conhecimento da negociata que meu marido fez com esses homens, tomando à força a empresa que era deles?

O diretor financeiro olhou para o advogado e os olhares de ambos se cruzaram. Havia uma pergunta nítida no olhar de ambos. A nova patroa não estava aprovando a atitude de ambos. Isso estava muito claro no tom de voz e a forma da pergunta. Carlos respondeu com um tom baixo na voz e evitando encarar Elaine: - Nós conhecíamos. Ele dava as ordens e cumpríamos. Com todo o respeito, o doutor Roberto era assim. Queria as coisas ao seu modo. Era um grande negociante.

O advogado limitou-se a um meneio afirmativo de cabeça. Elaine agradeceu às explicações e solicitou um relatório por escrito, de ambos, a respeito do caso. Quando o advogado ia deixando a sala, ela perguntou: - Doutor, quero saber também a respeito do processo que Antoniel move contra Roberto. Quero cópias do processo e um relatório sucinto do senhor. Se possível quero isso até amanhã à tarde.

Ele balançou a cabeça com um sim e deixou a sala, resmungando algo, que não pôde ser compreendido. Dali mesmo, Marcos ligou para a delegacia e deu a notícia para o delegado. Os motivos estavam ali. Claros e precisos. A madeira valia no mínimo três vezes mais do que dizia o contrato de compra e venda, com a agravante que Roberto havia “comprado”, ao longo de mais de quinze meses, e não com pagamento à vista, conforme constava. Ele foi ao longo desse tempo emprestando dinheiro com o único objetivo de tomar para si a empresa. Conseguiu o seu intento. Os irmãos perderam a empresa que valia aproximadamente quatrocentos mil dólares, a troco de oitenta mil dólares. Não tinham como reivindicar na Justiça. Os documentos elaborados pelo advogado não deixavam nenhuma válvula de escape. Tiveram que abaixar a cabeça e entregar a empresa. Como saber qual foi a forma de coação que Roberto utilizara? Elaine não conseguiu extrair essa informação dos dois homens. Bastava a certeza de que a empresa de madeiras não havia vindo de forma

licita e legal. O negócio fora armado e os dois irmãos caíram na rede como peixinhos fora d'água.

O delegado pediu que Marcos extraísse cópias reprográficas dos documentos, que Luizão iria apanhá-los.

CAPÍTULO XXXIV

O doutor Geraldo estava recebendo as cópias que pedira a Marcos. Analisou-as com extrema cautela. Elas realmente eram fortes indícios contra Paulo e Diogo. Eles haviam perdido muito dinheiro na negociação com Roberto. Mais uma vez, o delegado surpreendia-se com a ganância e a ambição da vítima. Ele havia sido um homem extremamente frio e calculista nos negócios. Sabia esperar a hora certa de dar o bote na presa. No caso do golpe contra Antoniel ele tramou durante quatro anos. No caso da madeireira, quase um ano e meio. Ele parecia conhecer os pontos fracos de suas vítimas e depois de adoçá-las por um tempo aplicava golpes mortais e certo. Com certeza não estava sozinho nesta empreitada. Com certeza, deveria ter outras pessoas que lhe davam orientações. No caso da madeireira, estava claro a presença do advogado e do diretor financeiro. O advogado preparou os documentos de forma a não propiciar qualquer movimento dos irmãos Diogo e Paulo. O mesmo ocorrera com Antoniel. Bem disse Marcos que não queria nenhum negócio com Roberto, pensou o delegado. Ele devia conhecer muito bem o amigo, que não titubearia em lhe passar a perna. Era do feitio de Roberto. Estava inerente na sua personalidade. Por isso fora assassinado. As provas estavam ali. Tinha que trabalhar rápido, fazer o relatório e solicitar a autorização para prender os irmãos Paulo e Diogo provisoriamente. Com esse pensamento na cabeça começou a trabalhar no inquérito. Sabia que isso demandaria um longo tempo. Mas não havia mais nada a fazer. Já pedira o auxílio do doutor Josias, que pôs um homem na cola de Paulo e de Diogo. Eles estavam sob vigilância desde sexta-feira. Tinham, ainda, que descobrir os assassinos. Já tinham os mandantes ou um dos mandantes sob a mira, e era ponto de honra descobrir o homem que puxou o gatilho por duas vezes e matou Roberto.

Antoniél começara a seguir as instruções de doutor Antônio. Já tinha gravado as conversas de sexta-feira, sábado e domingo. Colocava o aparelho para funcionar as cinco horas da tarde e só desligava às onze e trinta ou meia-noite. Depois ouvia às ligações que foram gravadas. Nos três primeiros dias as gravações eram de conversas corriqueiras, mulheres que sem

pudor algum comentavam seus casos amorosos com o marido de outra; marcando encontro com o amante; o homem tentando reatar com a namorada ou mulher; homem cantando homem; mulher cantando mulher; políticos fazendo negociatas; empresários e políticos negociando benefícios próprios... A putaria de sempre. Mas nada de ouvir as vozes de Neco e Paulo. Era isso que interessava. Procurara uma anotação que fizera anteriormente. Sabia que estava próximo o dia de nova ligação.

Durante aquela semana inteira o aparelho iria permanecer ligado. Antoniel deixava a loja por volta das quatro e trinta da tarde ia em casa, ligava o aparelho e retornava para a loja. Antes de ir dormir ouvia as gravações. Na sexta-feira, Antoniel fizera várias entregas no período da tarde. Chegou por volta das nove horas da noite. Estava extremamente cansado. A semana havia sido uma correria. O movimento estava aumentando dia-a-dia.

Entrou na casa e foi direito para o banho. Colocou um conjunto de moletom leve, foi na cozinha e pegou uma lata de cerveja, bem gelada, abriu-a e sorveu o líquido com tranquilidade. Carmem lhe preparou uma refeição. Enquanto ainda comia, abriu outra cerveja. Sentiu-se sonolento. O cansaço e as duas cervejas aumentaram a sonolência, decidiu ir direto para a cama.

– Anto. Você não vai ouvir as gravações hoje?

– Ah! Estou muito cansado. Já fiz isso a semana toda, Carmem. Na verdade já estou com o saco cheio desta porcaria.

– Mas - insistiu ela -, se você ouviu a semana toda, pode muito bem ouvir mais hoje. Quem sabe tem alguma coisa?

– Está bem – disse, meio a contragosto. - Vou ouvir as gravações. Afinal já passa das dez da noite. Se eles tivessem que se falar já o fizeram nesta hora.

Vinte minutos depois, Antoniel entra correndo na cozinha e diz: - Carmem. Carmem. Eles ligaram novamente. Marcaram para amanhã, às nove horas da noite, na rodoviária. No mesmo esquema anterior. O tal de Paulo vai pagar parte do valor. Lembra-se da conversa anterior? Paulo teria que comprar um jornal, colocar o dinheiro dentro e eles se cruzariam e Paulo entregaria o jornal para o tal de Neco. Pois, eles vão se encontrar amanhã...

– Temos que avisar o doutor Antônio, urgente. Assim ele poderá entrar em contato com os delegados.

– Mas há esta hora, Carmem? São quase onze horas da noite?

E daí? É urgente...! - asseverou ela.

Ainda relutante, Antoniel pegou o telefone e discou para a casa do advogado. O telefone chamou até cair a ligação. Resolveu então ligar para o celular, mesmo que ele não atendesse, deixaria recado. No quarto toque, ouviu a voz já familiar do doutor Antônio. Pediu desculpas pelo horário e deu-lhe as informações que acabara de ouvir na gravação. Antônio prontificou-se de contatar com o delegado de São Paulo. Ele, por sua vez, faria contato com o delegado de São Pedro. Aí, a coisa seria com eles...

*

O telefone da casa do doutor Geraldo começou a tocar. Ele consultou o relógio. Já passavam das onze e trinta da noite. Foi atender mal humorado. Quem poderá ser a esta hora da noite? Questionou-se. Ouviu a voz de doutor Antônio. Não a reconheceu imediatamente. O advogado apresentou-se e lhe contou o caso. Doutor Geraldo, que até aquele momento estava meio dormindo e meio acordado, acabou por despertar de vez. Agradeceu a ligação. Iria tomar as providências.

Imediatamente ligou para os investigadores Luizão e Kenji. Deu-lhes a notícia e pediu para estarem em sua casa por volta das dez horas da manhã. Iriam até São Pedro. Ligou para o delegado Josias. Posicionou-o sobre o fato. Foi conseguir dormir depois da duas horas da manhã. O pensamento de prender os assassinos lhe tirou o sono. O pedido que fizera a respeito da prisão temporária, ainda estava sendo analisado pela promotoria e pelo juiz. Não haviam decidido nada a respeito. Mas agora teria os assassinos em suas mãos. Isso seria apenas uma questão de horas. Tinham que preparar todo o esquema. Passou e repassou mentalmente uma forma de prendê-los. Ainda não conhecia a rodoviária. Por isso deveriam ir antes para averiguar o local e tomar posição. Luizão conhecia o Paulo. Isso facilitaria as coisas.

*

Antoniél acabara de atender um cliente. Ainda estava sentado na mesa ao fundo da loja, quando levantou a cabeça para ver o seu cliente saindo. Foi quando viu os quatro homens entrando. Faltava apenas alguns minutos para o meio-dia. De imediato reconheceu os quatro homens. Era o doutor Geraldo,

acompanhado de seus dois gorilas e o doutor Josias. O delegado de São Paulo, apresentou-se mais amistoso, assim como seus acompanhantes, como se isso pudesse ou fosse suficiente para que ele esquecesse as horas de terror que passou sob as ameaças daqueles homens. Doutor Geraldo, abrindo um sorriso, foi estendendo a mão direita aberta para um aperto de mão.

– Bom dia, senhor Antoniel. Em primeiro lugar, quero pessoalmente e, na frente de meus homens, lhe pedir desculpas pelo infortúnio que lhe causei. Poderia até mesmo querer justificar meu ato, mas isso de nada adiantaria. Quero realmente que o senhor me desculpe.

Carmem já se aproximara dos homens. Temia que alguma coisa ruim pudesse acontecer. Chegou a tempo de ouvir o delegado pedir desculpas. O gesto do delegado foi repetido pelos policiais Luizão e Kenji. Este último, por sua vez, virou-se para Carmem e também lhe pediu desculpas. Carmem já estava ao lado de Antoniel. Ambos estavam abraçados e trocaram um olhar significativo...

– Aceitamos – disse ele.

– Então, tudo resolvido, estamos aqui porque o vosso advogado me ligou ontem à noite e me deu a notícia. O senhor está com fita contendo a gravação?

– Não - respondeu Antoniel. - A fita gravada está na minha casa. Se os senhores não se importarem podemos ir até lá.

– Não tem problema algum. O que queremos é ouvir a gravação - disse o delegado.

Antoniél conversou com Carmem, enquanto os homens já seguiam em direção à porta da rua. – Vocês já conhecem o caminho... – ironizou, e entrou no seu carro. O carro dos policiais o seguiram de perto. Antoniel convidou-os para entrar. Todos se acomodaram na sala, ele foi buscar o aparelho e a fita gravada. Logo as conversas gravadas começaram a encher de som a sala e também de surpresa os policiais. Buscou a tecla para avançar a fita e deixá-la no ponto que realmente interessava. Foi impedido pelo doutor Josias, que disse: - Não. Deixe-nos ouvir essa conversa. Está prá lá de interessante. – E ele recuou.

A conversa entre duas mulheres. Uma contava para a outra, com riquezas de detalhes, a transa que tinha tido com um fulano. A outra, do outro lado da linha, com certeza, estava começando a se masturbar só de ouvir a história que a amiga lhe falava. Os homens na sala ficaram boquiabertos diante da situação inusitada.

A conversa chegou ao final e entraram outras conversas corriqueiras. Finalmente chegou a conversa que todos aqueles homens queriam realmente ouvir. Quando terminaram de ouvir, rebobinaram aquele trecho da fita e tornaram a ouvi-la. Não havia dúvidas. Eram os mesmos homens.

Foi quando doutor Josias deixou escapar, dizendo em tom de brincadeira: - Está louco! Eu é que não uso mais meu celular. Já imaginou, quantos aparelhos iguais a este devem estar espalhados por aí?... Agora, quando tiver que falar no meu aparelho celular, só vou tratar de coisas sem grande importância.

- Bem, pelo menos assim o senhor irá gastar menos com a conta telefônica, não é? - brincou o doutor Geraldo.

- É. Mais isso aí não é brincadeira, não. Já pensou quanta porcaria e quanta coisa importante é possível ouvir com um aparelhinho deste tipo? Não quero nem pensar...

- Bem. A conversa está boa. Mas temos que preparar a cama para os nossos meninos. Hoje eles vão ter novidades - disse o doutor Geraldo, já se levantando do sofá e dirigindo-se para a porta de saída.

O seu gesto foi automaticamente acompanhado por Luizão e Kenji. O doutor Josias foi o último a se levantar. Despediram-se e deixaram Antoniel sozinho na sala para guardar o aparelho e retornar à loja. Com certeza, naquela noite o seu tormento teria chegado ao fim. Que ironia do destino - pensou - fui preso como suspeito da morte de Roberto e acabo por ajudar a polícia a chegar aos verdadeiros culpados...

O doutor Josias conduziu os policiais até à rodoviária. Eles queriam conhecer o terreno e examiná-lo para, assim, poderem preparar a prisão dos elementos, sem que isso pudesse causar transtornos às pessoas que deveriam estar no local, naquela hora. A rodoviária era pequena. Um tipo comum de construção. O espaldar alto, para possibilitar a entrada e saída dos ônibus. Servia também como passagem obrigatória de todos os ônibus circulares da cidade. Tinha vaga apenas para cinco ônibus, que faziam o transporte de passageiros intermunicipais. A principal rota dos ônibus era para as cidades de São Paulo, um pela Rodovia Raposo Tavares e outro pela Castelo Branco. Dali também partiam ônibus em direção à cidade de Campinas e outras. Não esperavam que os assassinos fossem pegar algum dos ônibus. Obviamente deveriam estar com carro.

Mas toda a cautela era necessária. Doutor Geraldo observou que só existiam dois pequenos guichês para a venda de passagens, uma pequena lanchonete, algumas pequenas lojas de produtos diversos e a banca de jornal, que ficava afastada, uns quinze metros dos guichês. Ela ficava isolada tanto da lanchonete como dos bancos de espera.

Atrás da barraca de jornal estavam os banheiros públicos. Juntamente com o doutor Josias, levantaram várias hipóteses para um melhor posicionamento dos homens, buscando a todo o custo evitar um confronto armado. Sendo que isso colocaria em risco as pessoas que por ventura estivessem transitando no local. Isso era uma situação que não era possível prever. Tinham que contar com a sorte. Imaginaram a cena por várias vezes e por diversos ângulos. Resolveram noticiar o fato dono da barraca e quanto faltasse uma hora para as nove da noite, um policial disfarçado iria substituí-lo. O policial destacado para se passar por jornaleiro, foi Jack.

Oito horas da noite, a rodoviária estava cercada por uma dezena de policiais. Luizão ficou encarregado de apontar quem era Paulo, que conhecera no bar, próximo ao sítio. Ele ficaria próximo da banca lendo uma revista e o sinal era que quando o Paulo comprasse o jornal e colocasse o dinheiro dentro ele derrubaria a revista no chão. Aí todos os outros deveriam acompanhar atentamente os movimentos de Paulo e com quem ele iria se encontrar.

O horário foi chegando lentamente. Os homens estavam ansiosos por ação. A tensão tomava conta de todos os envolvidos na operação. Tinham ordens restritas. Só deveriam atirar em última instância. Se porventura, algum dos elementos a ser preso, tentasse abrir caminho à bala, aí sim, poderiam usar suas armas. Deveriam estar atentos com as pessoas que transitavam pelo local. Doutor Geraldo agradeceu a Deus. Naquela hora a rodoviária estava tranqüila. Poucas pessoas estavam circulando. A maioria estava na lanchonete e as outras estavam sentadas à espera do ônibus.

Nove horas da noite...

Um homem aproximou-se da banca de jornal, comprou um exemplar qualquer, colocou um envelope pardo no meio e dobrou o jornal.

Luizão deixou cair propositadamente a revista que estivera lendo em pé ao lado da banca.

Todos puderam observar dois homens seguindo em direção a Paulo. Um dos homens era alto, magro, moreno e cabelos curtos. Era exatamente conforme a descrição de uma das testemunhas. O outro era um pouco mais baixo, não muito. Chamava a atenção o seu cabelo, uma cor amarelo escuro. Parecia tingido e chegava a cobrir as orelhas. Era branco e de aparência forte. Ambos trajavam calças jeans e tênis. Chamou a atenção o fato de ambos envergarem blusas de moletom, longas, que cobria até parte das nádegas e bastante esvoaçante. A temperatura do local e da cidade não estava obrigando quem quer que fosse a usar agasalho. Até mesmo o cidadão mais friorento, estaria dispensando uma blusa ou um agasalho qualquer naquela noite.

Era uma noite quente.

Eles foram se aproximando de Paulo, que também vestia uma jaqueta jeans bem larga, com passos curtos e lentos. Paulo, quando os avistou, parou no local. Aguardou a chegada dos dois homens. Ele também demonstrava ansiedade e nervosismo. A ordem do delegado Geraldo era para darem a voz de prisão quando o jornal trocasse de mãos. Esse seria o momento para a prisão.

Quando o homem alto e magro pegou o jornal das mãos de Paulo, doutor Geraldo, com a arma em punho, gritou: - Parados, é a polícia! Todos no chão!

Um deles obedeceu, os outros dois homens sacaram de armas que estavam escondidas sob o moletom e começaram a atirar na direção da voz. Imediatamente os policiais revidaram os tiros... A rodoviária virou um campo de guerra. O desespero tomou conta das pessoas que circulavam por ali, muitas se atiraram no chão em busca de uma proteção mínima.

O tiroteio não passou de um minuto. Os marginais estavam em campo aberto. Pouco depois, três corpos estavam no chão. Os policiais aproximaram-se com cautela. Os três já não ofereciam resistência. Um deles ainda estava gemendo. O que havia obedecido à ordem de deitar, não apresentava ferimentos. Um estava morto. Foi atingido por cinco tiros e dois deles na cabeça, os cabelos amarelados estavam vermelhos de sangue. O outro foi atingido no abdome, nas pernas e no ombro. Iria sobreviver. Paulo ainda

continuava estendido no chão, seu corpo tremia por inteiro. Quando recebeu a ordem de colocar as mãos nas costas, obedeceu instantaneamente. Sentiu o frio da algema lhe apertar os pulsos.

Depois, de joelhos identificou o morto, que se chamava Mané, o que estava ferido era o Neco.

Paulo foi levado para a delegacia e Neco, para o hospital. Na delegacia, Paulo confessou o delito. - Contratei os dois para eliminar Roberto, por que ele me roubou a empresa de madeiras. Meu irmão Diogo não sabia absolutamente nada. A idéia foi totalmente minha. Não poderia deixar Roberto com vida após ele ter roubado a empresa...! – disse. A história de Paulo foi confirmada pelo bandido Neco. Todos os tratos tinham sido feitos apenas com Paulo. Nunca conversara com Diogo e nem o conhecia. Neco já tinha várias passagens pela polícia. Respondia também a outros crimes de homicídio. Contou que perseguiram o carro de Roberto, mais de sessenta dias.

Conhecia todos os locais por onde ele costumava passar e também as ruas por onde ele mais circulava. Sabia todos os horários de Roberto. Desde a hora em que saía da casa, até a hora em que voltava. Os restaurantes que ele freqüentava e até os motéis de sua preferência. Resolveram matar na Avenida Paulista pelo simples fato de que seria uma novidade. Já haviam acompanhado vários casos idênticos, mas esses sempre ocorriam nos jardins e em outros locais onde a incidência desses crimes havia se tornado freqüente. – E escolhemos a Avenida Paulista, naquele ponto, pelo horário, pela facilidade de fuga, que naquele horário o trânsito estaria calmo. Queria que parecesse apenas mais uma tentativa de assalto...- justificou Neco.

Com o caso resolvido e com os elementos presos, o Caso da Avenida Paulista ganhou as manchetes de todos os jornais de grande circulação do Brasil e também das revistas, dos rádios e redes de televisão.

Foi através do noticiário da televisão que Elaine ficou sabendo da prisão dos homens que assassinaram o seu marido e a repórter terminou a matéria, dizendo sobre a grande ironia do destino: “O ex-sócio, que sofrera um grande golpe por parte da vítima foi quem auxiliou na prisão dos bandidos”. Mas a reportagem não deu detalhes de como Antoniel ajudou na captura dos assassinos. Quando a reportagem terminou, ela ligou imediatamente para o Marcos. Ele também tinha ouvido. Finalmente terminara... Os assassinos teriam o que mereciam. E o Roberto que descansasse em paz.

CAPÍTULO XXXV

A paz e a felicidade retornaram a casa de Antoniel.

A manhã estava muito bonita e podia sentir-se o frescor. O sol já estava alto. A brisa soprava acariciando a copas das árvores.

Era domingo. Toda a família levantou-se depois das nove da manhã. Andréia, a mais dorminhoca, ficou na cama até as dez. Cristina, Carmem e Antoniel, tomaram um suculento e delicioso café da manhã. Estavam terminando quando entrou na cozinha, ainda com a cara de sono, Andréia. Foi motivo de gozação. Todos explodiram em uma gostosa gargalhada. Ela emburrou a cara e sentou-se para tomar seu café.

A família permaneceu sentada e conversando. Amenidades, presente e futuro. Não queriam falar do passado. Esse, eles queriam local mais profundo do mar. O passado estaria definitivamente enterrado. Era uma promessa solene realizada entre eles.

A campainha tocou.

Carmem prontificou-se de ir atender. Levantou-se e dirigiu-se para a garagem. Do lado de fora do portão, três pessoas. Dois homens, muito bem vestidos e uma mulher. Ela estava no meio dos dois homens. Da distância em que estava não a reconheceu de imediato. Pensou que fossem religiosos.

Ao dar os primeiros passos, seu coração quase parou de bater. Parou a exatos três passos do portão. Não conseguiu reconhecer nenhum dos homens. Mas a mulher era uma antiga conhecida sua. É certo que já fazia mais de ano que não a via. Ela ainda estava bonita. Vestia um costume bege claro que realçava ainda mais seus cabelos e sua silhueta esbelta. Tentou falar alguma coisa, mas a voz entalou na garganta.

O silêncio constrangedor foi quebrado pela mulher que estava do lado de fora do portão.

– Bom dia, Carmem. Lembra-se de mim? - disse a mulher com um largo sorriso na boca.

Como poderia esquecer... pensou Carmem. Sentiu o sangue subir à cabeça. O que esta mulher quer com a minha família?!... Que ousadia vir bater em nossa casa. Infelizmente não são religiosos... Lembrou-se dos muitos momentos que passaram juntas e dos beijos que trocaram na face. Sentiu repugnância.

– Então, Carmem! – insistiu a bela mulher - Lembra-se de mim? Já faz algum tempo.

Mas eu não mudei tanto.

– Sim - finalmente consegui falar.- Lembro-me muito bem de você. E, sinceramente, não sei o que a trás até aqui. É muita ousadia de sua parte vir aqui, depois de tudo o que aconteceu.

– Eu sinto muito. Gostaria muito de falar com seu marido. O Antoniel está?

– Ele está. Mas não sei se vai querer falar com você - respondeu com segura e, logo virando as costas entrou em casa.

Carmem entrou na cozinha. Seu rosto estava transtornado. Antoniel levou um susto e perguntou: - O que foi, Carmem? Até parece que viu um fantasma...

– Quase isso, Anto. Talvez se tivesse visto um fantasma não teria ficado tão nervosa como estou.

– Mas, por Deus, Carmem. O que foi?

– Sabe quem está aí fora, querendo falar com você?

– Ora, como é que vou saber? Não sou adivinho e nem tenho bola de cristal...

– É a Elaine.

– Elaine?! –disse, assustado. - O que essa mulher quer aqui? Que droga. Não se tem sossego...

– E então. Você vai atendê-la? Vai ver o que ela quer?

Antoniel olhou para a mulher. Estava visível no seu rosto que aquela visita era totalmente inesperada e também desagradável. Cristina falou: - Pó, pai. Acabe logo com essa agonia e vá ver o que essa mulher quer.

– É pai. Vá logo - corroborou Andréia.

Antoniel levantou-se lentamente da cadeira, pegou as chaves do cadeado que abrem o portão, respirou fundo e foi, com a cara de poucos amigos, atender Elaine.

– Bom dia, Antoniel. – cumprimentou. - Você está bem?

– Bom dia Elaine – respondeu ele, seco. Quis dizer que estava bem às suas custas, mas desistiu da idéia.

– Podemos entrar? – perguntou ela. - Mas antes deixe-me apresentar... Este é Marcos, você se lembra dele? E este é o doutor Gerson, meu advogado.

Antoniel estendeu a mão e cumprimentou os dois homens. Conhecia Marcos, mas ele estava um pouco mudado, mais magro talvez e com alguns cabelos brancos começando a aparecer nas laterais da cabeça. Marcos lhe abriu um sorriso, quando

cumprimentou. O advogado nunca tinha visto e nem ao menos ouvira falar. Perguntou a si mesmo que diabos eles estariam fazendo ali, em pleno domingo... Coisa boa que não pode ser. - cogitou. E ela lhe pedia permissão para entrar... A vontade era de expulsá-la dali sem o menor pudor e sem qualquer explicação. Tinha direito a isso. O marido dela fizera isso com ele uma vez. Mais isso era o passado. - refletiu. Haviam combinado que ele estava definitivamente morto. Olhou para as três pessoas e disse: - Pois não. Entrem...

Acomodaram-se nos sofás. Carmem recusou-se a estar presente. As meninas foram, deram uma olhada e retornaram para a cozinha.

- Então Elaine. O que você deseja?

- Antoniel, sei que você sofreu muito com todas essas coisas que ocorreram nos últimos anos. Principalmente há cinquenta dias atrás. Marcos me contou o que aconteceu. Eu não participava dos negócios de Roberto. Você sabe muito bem disso.

Agora quem está à frente dos negócios sou eu. Descobri o que Roberto fez com você e eu não aprovo o mal que ele lhe causou. Você está movendo um processo contra Roberto. Que agora vai fazer parte do inventário.

Ah! Então é por isso que ela está aqui. Vai querer que eu desista do processo. O doutor Luiz diz que vamos perder a causa. Mas que podemos recorrer a tribunal. Com certeza ela não quer que o processo de inventário se atrase... - começou a pensar Antoniel. Já não estava ouvindo mais as explicações de Elaine.

- Então, entendeu Antoniel?

- Ahn! - acordou ele. - Desculpe-me? O que foi?

- Eu perguntei se você entendeu o que pretendo?

- Não. Não entendi absolutamente nada. Parei de ouvir quando você falou do inventário de Roberto. Depois deu um branco e não ouvi mais nada.

- Está bem. Vou dizer novamente. Eu descobri o golpe que Roberto lhe aplicou e como ele fez. Já demiti o diretor financeiro. Lembra-se do Carlos?

- Sim. Lembro-me.

- Então. Eu o mandei embora. Ele era um dos homens que auxiliava Roberto para fazer as maracutaias. O outro que dispensei foi o doutor Ricardo. Ele também era responsável por preparar, juntamente com Carlos e Roberto, as armadilhas para as pessoas que Roberto queria destruir. No lugar do doutor Ricardo, assumiu

o doutor Gerson. Ele é, agora, o advogado responsável por todos os problemas jurídicos que temos que enfrentar nas empresas. E eu fiz questão de vir aqui pessoalmente para colocarmos um ponto final naquele processo e indenizá-lo. Creio que podemos fazer um acordo. Não é, Antoniel?

Antoniel deixou o queixo cair e a boca ficou entreaberta. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Levou algum tempo para absorver o choque. Finalmente, após um respirar profundo e longo, disse:

– Elaine. Tenho que ser sincero com você. Sei que você quer também adiantar o processo de inventário. Meu advogado já havia me falado nisso. Mas também me adiantou que nossa chance de vitória é menos de zero vírgula um por cento. E agora você vem até aqui, para me propor um acordo? Sem dúvida, é difícil entender?

– Olhe, Antoniel - entreviu Marcos - Elaine quer tentar refazer alguma coisa errada que Roberto fez com você. Ela só está tentando consertar as coisas. O advogado anterior foi dispensado do caso, porque se recusou a procurar o seu advogado para propor um acordo. Então ela conversou comigo e contratamos o doutor Gerson, aqui presente, para lhe fazer o acordo. Ela resolveu vir pessoalmente. Mesmo que, tenho que lhe dizer, eu a tivesse aconselhado que não fizesse isso. Mas ela insistiu e estamos aqui. Só espero que você entenda a posição da Elaine e não a confunda, de modo algum, com a pessoa do Roberto.

– Você tem razão, Marcos. Mas por outro lado, você deve entender a minha surpresa e a minha indignação. Sei, agora, que ela e vocês estão aqui me levantado um bandeira de paz. E eu digo que... Aceito.

– Ótimo - disse Elaine. - Era isso que eu queria ouvir de você e ainda quero lhe pedir perdão se, consciente ou inconsciente, eu vim a causar algum mal para você e para a sua família. Vou compreender se você não puder me perdoar agora. Neste momento. Mas ao menos peço que você reflita e quando estiver preparado, me dê o perdão. Agora, que você aceitou, pode ligar para o seu advogado e resolvermos tudo. Tenho pressa. Estou com uma viagem marcada para a Europa. Vou tirar uns dias de férias...

– Mas para isso você não irá precisar de alguma autorização judicial...? Tem menores no meio e isso...

– Já está tudo providenciado, senhor Antoniel - respondeu doutor Gerson. – Dona Elaine pediu-me urgência neste caso, ela gostaria de vê-lo resolvido antes de viajar.

Antoniél pediu licença, foi até a cozinha, levou suas mulheres para o fundo da casa. Fecharam-se os quartos na pequena oficina e deu-lhes a maravilhosa notícia.

– Vê se consegue ficar com a loja aqui de São Pedro! – observou Carmem.

– Foi a primeira coisa que ela me disse, depois que falei que aceitaria um acordo.

Agora vou ligar para o doutor Luiz.

Antoniél retornou para a sala, pegou o telefone e ligou para o doutor Luiz, expôs todo o assunto e pediu a sua presença urgente. Meia-hora depois o doutor Luiz estava na sala, participando da reunião. Acordo fechado. Todos os documentos assinados. Antoniel voltou a assumir a loja de São Pedro, mais cinco lojas que ele ainda iria escolher e a quantia de quatrocentos mil Reais, que seriam pagos em quatro parcelas.

Segunda-feira.

Os transeuntes, os comerciantes vizinhos, funcionários da ‘R. S. Móveis e Eletrodomésticos’, presenciaram no período da tarde, um caminhão estacionar na frente: homens munidos de escadas começaram a retirar a placa luminosa e substituí-la por outra... ‘NARA - MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS’.

A volta de Antoniel à loja foi comemorada pelos funcionários mais antigos com grande emoção. O velho chefe estava de volta aos negócios.